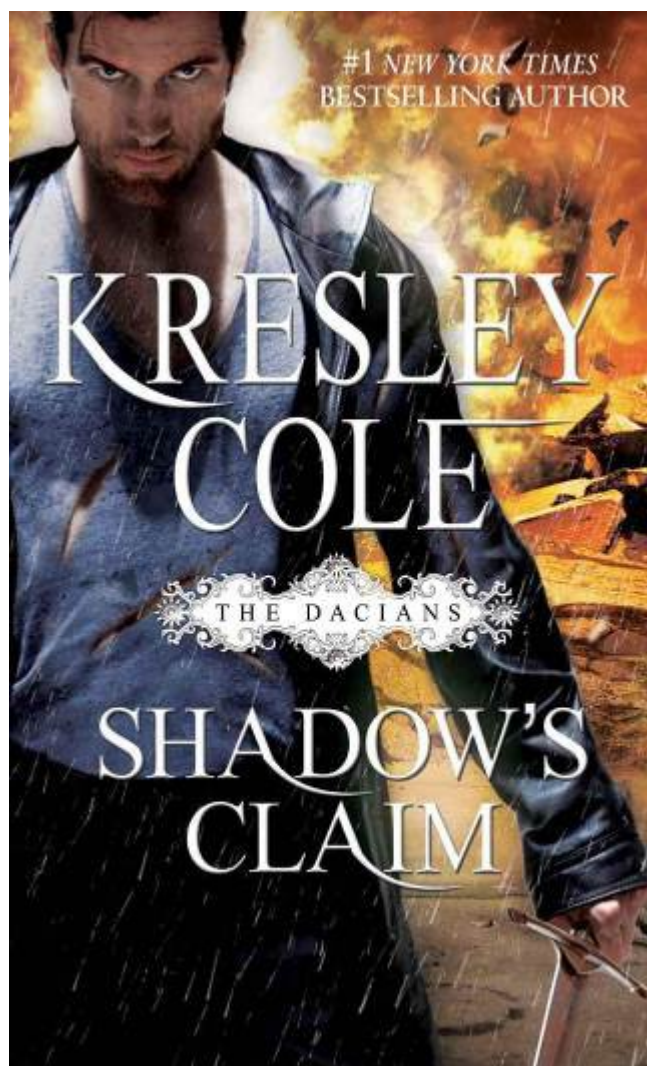




**Kresley Cole - IAD 13 - Os
Dacians 01
Shadow's Claim**



A Reivindicação das Sombras

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Revisão inicial: Tininha, Miriam, Uta, Isabela e Anary

Revisão final e formatação: Fidalga





Comentário da Tininha: Mais um livro surpreendente da Kresley Cole e da série IAD.

Este livro é o 1º da série Dacian, os primos do Inimigo do Antigo, o louco Lothaire, para nós sempre o Lothie, o temível.

Trehan, um vampiro que não bebe da carne se vê envolvido numa caça a um fugitivo de sua Terra das Sombras e acaba nas terras de uma demonarquia. A princesa estava sendo oferecida como prêmio ao vencedor do torneio, valendo tudo... e não é que o doido ao ter um trelelê com a feiticeira, que na verdade era uma mestiça de sorcess com demônio, descobre que ela era A Noiva? Aí que ele endoidou de vez.

Detalhe para o “servo” dela, um fantasma pra lá de irreverente, que dá o ar da graça nos momentos mais impróprios e que, por ser etéreo, torna-se um perfeito voyer. Safadenho...

Pois é, momento tenso o dos presentes. Eu disse que ele era primo do Lothie? Pois é, Lothie deu seu coração negro pra sua Noiva... Adivinhe o que Trehan dá? Ahá, vocês terão que ler para saber. Já contei muito.

Vislumbramos Nix rapidamente e já temos em cena o palco montado de duas possíveis futuras histórias. Família encantadora essa dos Dacians. Pra quem gosta de doido... esse é o livro.

Irresistível e fascinante são as palavras que posso pensar. Verdadeiro presente poder participar desse livro com a equipe que trabalhou nele. Minhas colegas são fantásticas e caprichosas em seu trabalho.

No finalzinho do livro a Kresley nos dá de brinde o comecinho do seu próximo livro, que promete. Bjs

Comentário da Fidalga: Depois da “resenha” que Tininha acabou de fazer, me sobra pouca coisa, ou nada, a dizer(rs).

Bem, a verdade é que quando penso neste livro apenas uma frase, que na minha opinião define com propriedade e exatidão toda a história, me vem à mente. Só que ela não é digamos... apropriada para ser escrita. Mas como NECESSITO deixar aqui o registro de como me senti ao ler este livro, vamos fazer uma brincadeira OK? Lá vai:

] / /// - + \ \ * // # - & \ \ @ } \ \ @ \ \ - / @ @ /// (-) / -
\$ \ \ \ } / - % \ \ \ // - \$ / # /// \ \ \ !!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

(ps-legenda no fim do livro)



GLOSSÁRIO DE TERMOS DO LIVRO VIVO DO LORE...

O Lore

“... E aquelas criaturas sensíveis que não são humanos devem ser unidos em uma só classe, coexistindo — ainda que em segredo — com os homens.”

A maioria é imortal e pode se regenerar de ferimentos, e só podem ser mortos por fogo místico ou decapitados.

Seus olhos mudam para uma cor específica da raça sob forte emoção.

Os Vampiros

“No primeiro caos do Lore, uma irmandade de vampiros dominados por confiar em seu culto da lógica e ausência de misericórdia. Eles surgiram das duras estepes de Dacia e migraram para a Rússia, embora alguns digam que um enclave secreto, o Daci, ainda viva em Dacia”.

Cada vampiro macho adulto procura sua *Noiva*, sua esposa eterna, e caminha como morto vivo até encontrá-la.

A Noiva tornará seu corpo completamente vivo, dando-lhe respiração e fazendo seu coração bater, um processo conhecido como *sangrar*.

Riscar é teletransportar. Um vampiro só pode riscar para um destino onde já esteve antes ou àquele que ele pode ver.

Existem três facções de vampiros: O Exército Forbearer (humanos transformados), a Horda (tomadores de carne) e os Dacians...

Os Dacians

“Sussurra-se terem vastos intelectos e corações de pedra, os vampiros da névoa e da lenda observam o Lore com olhos desapaixonados. Amaldiçoados com intermináveis conflitos até que a Casa do Antigo se erga...”.

O Reino fechado de Dacia, o Reino de Sangue e Névoa, dizem que está escondido dentro da cavidade de uma montanha.

Não bebem sangue direto da carne.

A família real Daciana consiste em cinco braços, cada um com um dever sagrado para o reino.

Após a morte do antigo rei e o desaparecimento de seu legítimo herdeiro, a família se dividiu em casas em guerra.

O Clã de Sorceri



“O Clã sempre busca e deseja os poderes dos outros, desafiando e duelando para aproveitar mais — ou, mais sombriamente, roubando a feitiçaria de outro.”

Nascido com um poder inato, seu poder está enraizado.

Uma das espécies mais fracas fisicamente do Lore, eles usavam armaduras elaboradas para proteger seus corpos. Eventualmente eles possuíam metais — e, especialmente, ouro — sagrado.

As Demonarquias

“Demônios são tão variados quanto os homens...”.

Uma coleção de dinastias de demônios.

A maioria das raças de demônio podem se teletransportar para lugares em que já estiveram.

Um demônio macho deve ter relações sexuais com uma companheira em potencial para averiguar se ela é realmente sua — um processo conhecido como *tentativa*.

Os Demônios Mortais

“Violentos, guerreiros e cruéis, eles anseiam constantemente sua próxima matança — e a força que esta trás...”.

Uma demonarquia localizada no plano de Abaddon, uma vez famoso por seus torneios esportivos de sangue.

Coletam poder com cada morte que cometem.

Os Vrekeners

“A morte desce em suas asas velozes. O julgamento justo do Lore, eles atacam como uma praga dos céus, suas asas bloqueando a luz do sol, lançando a terra em sombras.”

Inimigos mortais do Clã de Sorceri, a quem eles consideram maus e sujos.

Vivem nos territórios aéreos. Sua sede real é em Skye Hall.

A Ascensão

“E um tempo há de acontecer quando todos os seres imortais no Lore, desde Valquírias, vampiros, Lykae e facções de demônios até os espectros, metamorfos, fey, e sereias... devem lutar e destruir uns aos outros.”

Uma espécie de balança mística para uma população cada vez maior de imortais.



Duas principais alianças: A Regra de Pravus e a Liga das Vertas¹.
Ocorrem a cada quinhentos anos. Ou neste exato momento...

“Mulher errada de um assassino — e ele fará você pagar.”

TREHAN CRISTIAN DACIANO,
PRÍNCIPE DE DACIA,
ÚLTIMO DESCENDENTE DA CASA DA SOMBRA

“Pensei que o ouro era a coisa mais bela e preciosa da terra. Até que te encontrei.”

PRINCESA BETTINA DE ABADDON,
DE UM DOS REINOS MORTAIS

Sinopse

A Reivindicação das Sombras apresenta o Príncipe Trehan, um mestre assassino implacável que fará de tudo para possuir Bettina, sua bela companheira sorcess, até mesmo competir por sua mão em um torneio esportivo de sangue — até a morte.

ELE NÃO SERÁ RECUSADO

Trehan Daciano, conhecido como o Príncipe das Sombras, passou sua vida servindo seu povo — golpeando no meio da noite, silenciosamente executando qualquer ameaça ao seu reino. O espadachim friamente disciplinado nunca desejou nada pra si mesmo — até que contemplou Bettina, a protegida refugiada de dois dos mais temidos vilões do Lore.

ELA ESTÁ DESTINADA A OUTRO

Desesperada para ganhar a aprovação de seus guardiões, após um erro de abalar as estruturas, a jovem Bettina não tem nenhuma escolha a não ser casar com qualquer pretendente que prevaleça — apesar de ter perdido seu coração para

¹ Vem de Veritas. Na mitologia romana Veritas era a Deusa da Verdade, filha de Saturno e mãe da Virtude.



outro. No entanto, um competidor letal, um espadachim encapuzado misterioso invade seus sonhos, tentando-a com prazer proibido.

UMA BATALHA PARA SEU CORPO E ALMA

Mesmo se Trehan puder sobreviver aos castigos das disputas para reivindicá-la como sua esposa, a verdadeira batalha para o coração de Bettina ainda está por vir. Desencadear um milênio de necessidade selvagem assustará sua Noiva pra longe — ou vai inflamar os próprios desejos de Bettina que estão a um passo da febre...

Capítulo 1

Um chute violento nas costas da Princesa Bettina de Abaddon quebrou sua espinha.

Uma bênção.

A dor lancinante que esteve arranhando por todo seu ser desvaneceu abaixo de sua cintura para pontos de pressão, então formigamentos, então...

Nada.

Bênção. Ela há muito tempo parou de implorar por sua vida, sabia que nunca deixaria este campo de papoulas viva.

Os quatro monstros alados que a arrastaram até aqui tinham planos para ela: o máximo de agonia antes de sua morte.

Da mesma forma que sua espécie entregou sua mãe feiticeira vinte anos antes.

Embora metade demônio, Bettina tinha o corpo fraco, desesperador numa luta. Ela dependia de seu poder Sorceri para proteção — o que estes Vrekeners desviavam dela tão facilmente enquanto arrancavam as roupas de seu corpo.

Já não podia mais abrir seus olhos inchados. Sua última visão? O líder de pé acima dela brandindo uma foice, seus olhos frenéticos. As garras nas pontas das asas bloqueavam a luz de uma baixa lua amarela. A lâmina da foice não era formada de metal, mas de chama negra...



No entanto, Bettina ainda podia ouvir, ainda estava consciente. Ao longe, uma banda new age tocava em uma arena ao ar livre. Jovens mortais dançavam e cantavam...

A força de um chute a empurrou de barriga no chão. Seu rosto espancado foi enfiado contra as papoulas esmagadas. O líder brincava com ela como um falcão com um rato, devastando a carne de seus ossos. Seus seguidores zombaram dela e a encharcaram com garrafas de bebidas.

Gritos ameaçadores, botas de bico de aço, a picada devastadora do álcool.

Ah, deuses, ela estava *tão* consciente. Tentou desesperadamente se perder nas lembranças de um menino com olhos azuis sorridentes e cabelos beijados pelo sol.

Ele não sabe o quanto eu o amo. Tantas coisas que eu gostaria de ter feito...

A parte superior do seu corpo explodiu com mais dor ainda, como se fosse para compensar a dormência em suas pernas fraturadas. Podia perceber suas costelas quebradas sobressaindo de sua pele. Seus braços mutilados inertes pelo chão onde eles caíram quando ela tentou proteger sua cabeça... a angústia multiplicou.

Ou talvez os golpes dos Vrekeners caíssem mais rapidamente. A morte estava próxima.

Tudo que queria era ir para uma festa com seus amigos mortais de faculdade. Ela estava excitada, feliz por se encaixar com eles ou pelo menos parecer — como mestiça, ela nunca se *encaixou* antes. Mal sabia ela que já tinha atraído seu inimigo com sua magia. Ela nunca usara isto intencionalmente...

Acima de todas as outras dores, ela percebeu o calor daquela foice ardente descendo cada vez mais perto dela. Mais quente, mais quente, *escaldante*.

Álcool em sua pele, a chama negra...

Bettina se engasgou com um soluço. Eles planejavam queimá-la?

De repente ela se sentiu leve. *Isso é o que se sente quando morre?*



Não, ela estava viajando. *Convocada?* Queridos deuses, sim, o demônio nela foi convocado através dos reinos. Nua, impotente, cega, ela deslizou daquele campo no mundo mortal ao seu lar em Abaddon.

Num instante, as papoulas foram substituídas por mármore frio, um bálsamo no que restava de sua pele. A consciência retornou. *Estou deitada no chão da corte do meu castelo, quebrada, vestindo apenas meu sangue e a bebida que os Vrekeners derramaram. Os cortesãos ainda fofocavam e riam. Não podem me ver?*

Tentou gritar por ajuda; o sangue borbulhou de seus lábios. Não pôde gritar, nem se mover. Só podia escutar. Uma conversa entre seu padrinho Raum — o Grã-Duque dos Seres Mortais — e outro que já estava a caminho.

— Agora você conseguiu Raum. — Era Caspion, o Perseguidor. O demônio que ela amava secretamente. — Tina odeia ser convocada com aquele medalhão. — *Não no momento!* — Ela considera isto uma coleira.

Seus guardiões insistiram nisso, uma condição para deixar Abaddon.

— Ha! Provavelmente isso a faz se sentir mais como um demônio. — Raum disse num tom áspero, sabendo que não era verdade. Eles falavam sobre o uso do medalhão místico. — Além disso, ela me disse que estava voltando da faculdade pra casa no fim do mês.

— Você sabe que o tempo se move de forma diferente no reino mortal. — Caspion disse, com diversão atrelada a suas palavras. — E mais, ela me disse que estava muito ocupada, mas tentaria visitar...

Bettina ouviu um arquejo dos cortesãos. *Eles já me viram. Os murmúrios subiram para um furor.*

Da frente da corte, Caspion exigiu.

— O que é isto? — Mais perto ele perguntou: — Quem é esta lamentável criatura? Não, não, esta não é Tina. Não pode ser! — Um toque em sua testa... um ofego entrecortado de reconhecimento... um rugido de pesar. — *Bettina!*

Raum berrou.

— O que aconteceu?



— Tina, acorda!— Caspion ordenou a ela. — Ah, deuses, fique comigo. *Fique.*

Para ele, ela deu um jeito de abrir um olho. Seus cabelos loiros encaracolados pendiam sobre seu rosto atormentado. Seus próprios olhos passaram de azuis da cor da meia-noite para pretos, sinalizando sua emoção. Inclusive começaram a se encherem de lágrimas enquanto passava os olhos por seus ferimentos.

Ela viu um herói de armadura brilhante. Seu amado Cas.

Ele arrancou seu casaco quente, cobrindo-a.

— Um físico! — Ele berrou para a multidão. — *Agora!*

Outros se juntaram ao redor dela. Ouviu Raum pisando duro mais perto.

— Quem fez isto para minha pequena Tina? — Alguma coisa quebrou diretamente. Sem dúvida foi seu punho que fez. — Porra, diga-me! Quem a feriu?

Ela tentou responder separando seus lábios... Sua mandíbula deve ter quebrado.

Outro rugido angustiado. *Oh, Cas.*

Fazendo um visível esforço para se controlar, ele disse.

— *Aguente e fique comigo.*

Não há mais lugar nenhum que eu prefira estar que com você.

— Você vai sair disso, Tina. Eu juro. Você vai ficar bem. — ele disse com sua voz grossa. — Não me deixe.

Bettina sentiu o mais ínfimo raio de esperança, algo por que lutar. Certamente Cas devolvia seus sentimentos, ele a via mais do que a uma irmãzinha.

— Ela viverá? — Raum deixou escapar. — Ela não é resistente como um demônio, não é forte como nós.

Ela não fora um demônio verdadeiro antes. Agora não era mais uma verdadeira feiticeira. *Eles tomaram meu poder elementar. Minha alma.*

Um macho que ela não reconheceu perguntou.

— Ela congelou em sua imortalidade? — O físico?

Cas respondeu.



— Ela estava no auge. Talvez por enquanto...

— Precisamos de um curandeiro Sorceri. Se agirmos depressa, a princesa pode se recuperar. — o físico disse, mas apressadamente retificou sua declaração: — Seu corpo pode se recuperar disso.

— O que isso significa?

Raum ordenou.

— Encontrem a madrinha da Tina! Não retorne ao plano Sorceri sem Morgana! — Entrando na linha de visão de Bettina, Raum gritou para Cas. — Eu nunca deveria tê-la deixado ir! Fui muito indulgente! As coisas mudarão em Abaddon! — Seus olhos estavam cintilando, sua voz ficou embargada. O velho guerreiro rabugento estava perdido. Começou a bater seus chifres contra uma parede de pedra, rugindo para todo mundo. — Prestem atenção às minhas palavras! Voltaremos aos velhos métodos!

Livre do ataque, o corpo de Bettina começou a tentar regenerar, nervos desencadeando vida mais uma vez. A dor irrompeu por ela em ondas devastadoras.

Mesmo no meio de sua agonia e horror persistente em escalada, as palavras *velhos métodos* infundiram medo em seu coração.

O Príncipe Trehan Daciano acordou sobressaltado na metade do dia, arremessando-se na vertical de seu catre de peles.

Olhou ao redor, confuso, vendo seu ambiente habitual — prateleiras de livros, armas, seu aparador com garrafas de hidromel misturados com sangue.

Embora não tivesse experimentado nenhum pesadelo, o sono foi arrebatado dele, substituído por um pronunciado mal estar. A cada instante ele aumentava até o limite, um sentimento como... como se um vazio estivesse sedimentando em seu peito.

Como *pavor*. Tão diferente de seu *entorpecimento* habitual.



Arqueando as sobrancelhas ele se levantou, riscando através do quarto espaçoso até uma das sacadas cobertas com cortinas.

Estes apartamentos grandes um dia foram a biblioteca real. Séculos atrás ele se mudou e nunca mais saiu, assombrando este lugar até que nenhum outro membro da família entrasse.

Tempo e história vazavam destas pedras familiares. Conhecia cada pedregulho e cada ranhura assim como conhecia seu próprio reflexo sombrio. *Como estas pedras, eu silenciosamente resisto às eras.*

Afastando a cortina grossa, ele olhou para fora. Desta altura, Trehan podia inspecionar longe no Reino de Sangue e Névoa, as terras segregadas dos poderosos Dacians.

A cidade real abaixo estava quieta nesta hora. Apenas o som borbulhante das fontes de sangue de Dacia podia ser ouvido.

Em frente a sua residência estava o majestoso castelo de pedra negra, o coração do reino — abandonado sem um rei. Quantos dos seus parentes pereceram tentando ocupar aquela fortaleza? Quanta decepção e assassinato o cercava?

As casas em guerra da família real uma vez ostentaram centenas de membros cada uma — agora se resumiam a um punhado.

Para uma família imortal, eles conheciam a morte muito bem.

Trehan era o último nascido da Casa da Sombra, o braço assassino da família. Apesar de ser um potencial candidato à coroa — junto com quatro de seus primos letais — ele não tinha nenhuma aspiração de ocupá-la. Um solitário, tranquilo por natureza, ele detestava espetáculos e atenção, foi feito para se misturar com as sombras.

Ele só queria cumprir o seu dever. Por quase um milênio, ele foi o executor da lei, um impiedoso assassino.

Como seu falecido pai tanto tempo atrás disse a ele: "Você é a *espada do reino*, Trehan. Dacia será sua família, seu amigo, sua amante, o grande amor da sua vida. Esta é a parte que te cabe, Filho. Não queira nada mais. E você nunca se decepcionará."



Trehan uma vez se entreteve insensatamente com esperanças secretas, mas eventualmente abraçou os ensinamentos de seu pai. Como era lógico.

Eu não quero nada. Esta era a parte que lhe cabia, aguardar aqui na Terra até a Mãe Dacia precisar de sua espada. Para atacar, executar, em seguida retornar.

Então por que esta inquietação inexplicável? Esta súbita... frustração?

Era semelhante àquele sentimento trivial de alguma tarefa esquecida. Exceto que este sentimento tinha dentes roendo em seu peito.

E por que Trehan deveria ter a sensação de que deixou de fazer algo? *Sempre* fazia tudo que era esperado dele. O sempre frio, sempre racional Trehan não podia explicar isto.

O que deixei de fazer? Esfregando a palma da mão em cima do peito, Trehan atravessou até uma das incontáveis estantes de livros. Selecionou uma narrativa do explorador recentemente adquirida, deslocando-se para sua cadeira favorita diante do fogo, planejando se perder em contos de vida fora desta montanha, de emoções que nunca sentiu e interações que nunca experimentou.

Não neste dia.

Depois de reler a mesma página uma dúzia de vezes, fechou o livro olhando fixamente para as chamas enquanto lutava para identificar a dor oca em seu coração dormente.

Seus dedos apertaram o livro se afundando na capa. *Malditos Deuses, o que deixei de fazer?*

Entretanto, apenas o pavor crescia. Então veio uma palavra, um sussurro em sua mente... *Proteger.*

Capítulo 2



O plano de Abaddon *Demonarquia dos Mortais*

TRÊS MESES MAIS TARDE

— Bettina, você não entende. — Caspion murmurou enquanto olhava a noite lá fora. Ele agarrou a balaustrada da sacada com uma mão e uma caneca de prata de cerveja de demônio com a outra. — Fiz algo que não posso desfazer, algo que nem posso botar pra fora.

Bettina ficou de pé ao lado dele na sacada com a bebida na mão também.

— Oh, pelo amor do ouro, o que poderia ser tão ruim?

Ruim foi se recuperar por meses de uma surra selvagem, então retornar aos “velhos costumes”.

Ruim foi ser oferecida como prêmio em um torneio por um de seus padrinhos.

— Você não consegue relaxar, Cas? Aprecie a noite e me diga o que está preocupando você. — Apesar de seus aposentos em uma das grandes torres do Castelo das Runas agora ser um tipo de prisão, a visão não podia ser melhor.

Sua sacada circulava a torre inteira e se elevava acima da névoa que envolvia a cidade medieval de Runa abaixo. Daqui, ela e Caspion podiam ver as copas das árvores gigantes moonraker que se estendiam do pântano até 150 metros no ar. Morcegos revoavam na frente da lua crescente.

O cenário era tão romântico quanto poderia desejar. Movendo-se para mais perto de Cas, deleitou-se com o calor que emanava do corpo do seu enorme guerreiro. Mas ele exalou cansadamente, tomando um gole de sua caneca, seu olhar conturbado fixo lá embaixo.

Como um demônio mortal adulto, Cas podia ver na escuridão, podia até penetrar no infame banco de névoa de Runa. Para o quê ele estava olhando? Por que estava nervoso?



Odiava ver seu em-breve-amante nesta condição. Seus olhos estavam injetados de sangue, seu cabelo dourado desgrenhado. A fadiga estava gravada em seu rosto normalmente impecável.

— Certamente minha situação deve ser pior que a sua. — Ela estava prestes a se casar com o “pretendente” que ganhasse o próximo torneio pela sua mão. *A menos que eu seduza Cas esta noite...* — Você foi pego se deitando com outra filha de nobres? — Ela perguntou, engolindo o ciúme. Caspion era lendário por suas conquistas.

— Se isso fosse tudo. — Ele tomou a cerveja.

Então Bettina esvaziou sua caneca também, tossindo quando terminou. Nunca tomou mais do que alguns goles desta mistura potente antes de hoje a noite, preferindo vinhos Sorceri mais leves. Mas estava em uma missão, faria qualquer coisa para alcançá-la.

— Calma, menina. — disse Cas com uma sombra de seu habitual sorriso de arrebatador corações. — Essa bebida te derruba a cada gota.

Com os olhos lacrimejando, ela forçou um sorriso.

— O gosto é tão... diferente. — *como urina fermentada de ghoul, imagino.*

Bettina sabia que esta cerveja deixava alguém de relativamente sóbrio até um ponto limite cujo resultado era a embriaguez. *Então o chão subiu em sua direção, como seu sarcástico novo servo diria.*

Ei, contanto que Cas estivesse bêbado com ela.

— Eu adoraria um pouco mais, querido. Vamos voltar para dentro. — *De volta ao meus aposentos suavemente iluminados e as confortáveis poltronas duplas.*

— Uma saideira, então. — ele murmurou, girando em direção à sala de estar.

Dentro da torre, todos os doze quartos estavam preenchidos com sedas e antiguidades importadas, adornados com candelabros do mais fino cristal. Tudo era luxuoso e de um polido esplendor.

Bem, tudo exceto o pequeno sino de cobre amassado em sua mesa de café...



Depois de verter outra rodada para eles, Cas afundou na poltrona, passando os dedos por entre seu cabelo encaracolado.

Ela se juntou a ele ali, contemplando o belo semblante e seu tipo musculoso com um suspiro de apreciação.

Tendo mais de 1,98 de altura, ele se elevava acima dos seus 1,67 metros. Seus olhos eram de um azul hipnótico, tornando-se negro tempestuoso com emoções fortes. Os chifres orgulhosos eram do tamanho ideal, curvando-se para trás ao longo de sua cabeça como uma grinalda grega. Ele os mantinha polidos; cintilavam como âmbar à luz das velas da sala.

Ele tinha feições sublimes — um queixo forte, malaras largos, e lábios cheios e beijáveis. Apenas podia *imaginar* como seria incrível sentir aqueles lábios contra os seus. Eles nunca se beijaram, nunca se tocaram além de um abraço.

Ela se apaixonou por Caspion desde o momento em que o viu pela primeira vez dez anos atrás, quando tinha apenas doze anos. Seu amado pai, o Rei Mathar, tinha acabado de morrer, e ela e Raum presidiram a corte real de Abaddon. Ou pelo menos Raum presidiu, relutantemente.

Com apenas três anos a mais que Bettina, Cas entrou caminhando a passos largos na câmara, arrojado em sua armadura. Todas as conversas pararam, a multidão se dividiu quando ele ofereceu um prêmio generoso — um dos inimigos mais temidos do reino.

Não se apresentou a Raum. Mas a ela.

Ela ainda estava nas profundezas do pesar, sentindo-se totalmente sozinha como uma impostora Sorceri sem chifres que jamais pertenceria à corte dos Abaddons. Mas então, um raio de sol pegou Caspion em cheio, destacando aqueles cachos loiros, deixando seus olhos incandescentes. Como um sinal.

E ela soube que sua vida nunca mais seria a mesma.

Além do fato de ambos serem órfãos, tinham pouco em comum. Ela veio da realeza, tratada como uma frágil boneca de porcelana; ele foi encontrado em um beco como uma criança fofa com chifres e cresceu mendigando nas ruas. Ela esteve cheia de dúvidas se perguntando como



uma mestiça peculiar como ela poderia ser rainha; ele foi corajoso e impetuoso, determinado a deixar sua marca, ganhar o respeito dos Abaddons.

E a mais improvável das amizades floresceu. Depois daquele primeiro dia, ela seguiu Caspion a todos os lugares.

Nos anos vindouros, ele se esgueirava furtivamente em seu plano, teleportava-a para o mundo dos mortais, assim podiam descobrir novas terras juntos. Ele eventualmente a levava em suas caçadas de recompensa menos perigosas, enquanto ela se maravilhava com o talento dele em seguir a trilha de sua presa.

Compartilharam segredos: as contínuas escapadas sexuais dele; seus ideais modernos e o medo de assumir a coroa assim que ela atingisse a maioridade e se casasse.

No entanto, depois de tudo que passaram juntos, Cas ainda a considerava a melhor amiga e nada mais. Talvez fosse porque sua aparência não fazia par com a dele — ou demoníaca, pelo menos. Suas feições muito frequentemente eram descritas como “élficas”. Só tinha um problema: ela não era um elfo.

Talvez seus seios fossem muito pequenos. Ela baixou o olhar, olhando brevemente para eles.

Não importa. Apesar de todas as deficiências físicas, hoje à noite ela tentaria mudar sua amizade com Cas, *elevá-la*.

Na preparação, ela apagou todos os candelabros e acendeu algumas velas em todos os quartos. Obteve várias jarras de cerveja de demônio, em seguida dispensou os guardas posicionados do lado de fora de sua porta.

E se vestiu para a ocasião.

— Não vai me dizer o que está acontecendo, meu querido? — Ela perguntou, chegando mais perto. — Você sempre me confia seus segredos. Sabe que os mantereí para sempre.

— Meu problema não lhe diz respeito. — ele disse, distraidamente coçando a garganta. — Nem deve.



— Hmm. Muito bem. — tentaria outra tática. — Você não elogiou minha roupa.— Bettina se acostumou com calça jeans, sandálias e camisetas que vestiu durante sua temporada de dois semestres na faculdade, mas em Abaddon voltou a se vestir com as roupas ultrapassadas que tinha.

Em outras palavras, vestiu-se com roupas provocantes, trançando o cabelo escuro em tranças selvagens e desordenadas, e colocou o máximo de joias de ouro que seu corpo podia carregar.

Como era o costume dos Sorceri, também usava uma máscara. A seda escarlate era uma tira fina ao redor de seus olhos, fazendo a cor se destacar — íris de um castanho-champanhe circulado com um anel negro. Segundo sua madrinha Morgana, os olhos grandes eram sua melhor característica.

Mas agora Cas mal deu um olhar de relance ao corpete de renda vermelha ou a sumária saia preta com fendas até os quadris. As botas até a altura das coxas que encerravam suas pernas em couro macio não evocaram nenhuma reação. Ele não disse nada sobre os braceletes de ouro rodeando cada braço, combinando com o colar em seu pescoço, ou o diadema em sua cabeça.

Uma mestre ourives, Bettina criou cada uma das peças em sua oficina — adicionando uma surpresa e *modificando o desenho*. Estava secretamente orgulhosa de sua habilidade.

— Muito bonita. — ele disse num tom distraído, olhando em sua direção. — Você fica mais bonita a cada ano.

Ela leu em uma revista feminina que um homem que gostasse de você queria olhá-la o tempo todo. Pegaria os olhos dele em cima de você constantemente.

Às vezes Cas nem olhava para ela. Quando fazia, nem parecia enxergá-la.

Não, devo tramar algo pra chamar sua atenção! Um dos dois destinos a aguardava, dependendo do resultado de sua missão hoje à noite.

Se conseguisse seduzir Cas, ela se casaria conforme o desejo do seu coração e estaria para sempre protegida pelo único macho que já amou.



Tornariam-se rei e rainha dos Mortais e viveriam suas vidas eternas juntos.

Se ela falhasse com seu demônio, um torneio teria pela sua mão — e pela coroa de Abaddon. Bettina viu o calibre dos competidores que começaram a se apresentar em Runa.

Lordes demônios que já tinham se esbaldado com dezenas de esposas brutalizadas.

Serpentes como Cerunnos que esperariam que ela alimentasse a prole — com sua carne.

Um troll que não era compatível anatomicamente com ela.

Sabia que nenhum deles a desejava; só queriam o trono. Lembrando-se de suas perspectivas, pousou a mão na coxa de Cas, dizendo num murmúrio ofegante.

— Estive tão solitária sem você aqui nestas últimas semanas. — chegou ainda mais perto. — Ainda não vai confessar para onde foi no Lore quando saiu?

— Não é da sua conta. — disse, mas ela o conhecia tempo suficiente para saber o que ele estava vestindo por baixo.

— Por favor, fale comigo, Cas. — Ela girou as pontas dos laços do seu corpete, tentando chamar a atenção dele para seus pequenos — mas habilmente exibidos — seios. — Afaste minha mente do meu destino.

— E esta é outra preocupação que enfrento. — Ele apertou sua caneca até que a amassou. — Como seus padrinhos puderam fazer isso com você?

Embora Raum e Morgana, a Rainha dos Sorceri, fossem inimigos a vida inteira, eles concordavam em uma coisa: a necessidade de Bettina ter um marido/protetor/rei. Mas já que não puderam concordar com um macho em particular — ou até mesmo uma espécie em particular — decidiram sediar este torneio.

Procurando apenas pelo campeão mais forte do Lore, eles abriram a competição para *todas* as criaturas.



Velhos costumes. Abaddon outrora foi conhecida pelo esporte de sangue dentro do seu notório Anel de Ferro — e pelas virgens oferecidas como prêmios.

Bettina sabia que seus dois guardiães a amavam; eles tinham boas *intenções*. Também sabia o quanto era afortunada por tê-los em sua vida. Mestiços nascidos de duas espécies hostis eram muitas vezes evitados por ambos.

— Concordei com todos os termos, Cas. — Ela lembrou daquela conversa fatídica. Soluçou, dizendo a eles.

— Sim, sim, farei *qualquer coisa*. Só me dêem meu poder de volta! — mesmo podendo ser sinistro e destrutivo.

Cas ridicularizou.

— *Concordou?* Você quer dizer que eles te *manipularam*.

Se Bettina ficasse famosa o suficiente no Lore para ganhar um nome de guerra — como Maksimillia, o Açougueiro ou Lothaire, o Inimigo do Antigo — provavelmente seria Bettina, o Capacho. Talvez Bettina, o Alvo Fácil.

— Eles sempre conseguem o que querem com você!

Nem *sempre*. No ano passado, ela surpreendeu a todos — inclusive a si mesma — e desafiou seus guardiães de modo a poder frequentar uma faculdade humana de Design. Desde nova era obcecada por moda e criação de joias, o amor dos Sorceri por ouro e roupas correndo profundamente dentro dela. Devorou todos os livros sobre o assunto e esteve faminta por aprender mais e aperfeiçoar seu ofício.

Longe dos olhos espreitadores do Castelo Runa, Bettina foi uma Lorean despreocupada, misturando-se com os humanos, apreciando a liberdade, novos amigos, e até seu próprio apartamento com eletricidade e comodidades modernas! Não mais uma aberração mestiça entre os demônios robustos — ela foi uma design nerd, imersa na tribo deles.

Uma noite mudou sua vida inteira. Ela engoliu em seco, sufocando aquela lembrança.

— Eu não estava exatamente em posição de resistir aos meus guardiães novamente.



A primeira — e última — vez que os desafiou, foi punida em cada polegada de sua vida.

Levou dois meses para convalescer; sendo parte Sorceri e no auge da imortalidade, significava que se curou completamente — mas lentamente. A única coisa que conseguiu com isso?

Caspion.

Todo dia ele se sentava ao seu lado na cama, entretendo-a com contos de seus companheiros debochados, um bando excitado de jovens machos demônios.

E a cada noite ele caçava seus atacantes implacavelmente. Sessenta dias mal comendo ou dormindo.

Mas um mês atrás, Raum ordenou a um Cas exausto que não rastreasse, prometendo que um grupo de soldados assumiria dali por diante. Amargamente desapontado Cas desapareceu, retornando somente na noite passada.

Agora ele tomou outro gole.

— Por que em nome dos deuses você não me esperou voltar antes de concordar com algo como este torneio?

Porque meus padrinhos estavam me pressionando muito. Porque me sinto incompleta sem meu poder. Porque eles retiveram os piores detalhes deste fiasco medieval.

— Tive pouco recurso. — E menos ainda agora. De fato, Bettina tinha apenas uma coisa à fazer: seduzir Caspion. Só uma virgem poderia ser oferecida no torneio. — E além disso, não tive a menor ideia de quando você retornaria, já que me deixou sem nenhuma palavra. — Ao longo dos anos, ele desaparecia de vez em quando, seguindo suas caças mais perigosas, ou em farras ou participando de orgias ou qualquer outra coisa que ele e seus amigos selvagens faziam.

— O que não tem remédio, remediado está, Cas. O fato é, a menos que eu apresente um modo de sair deste torneio antes do início amanhã à noite, estarei casada com um estranho até o final da semana que vem.

Sua voz era quase um sussurro quando ele disse.

— Vou estar morto ao final da noite.



Calafrios correram por ela.

— Você não pode dizer algo assim, e depois não explicar. Não somos amigos?

— Tantas coisas que eu queria fazer. — Cas disse, seus olhos distantes. — Tantas coisas que nem sequer comecei.

Ela se sentiu exatamente da mesma maneira no campo de papoulas.

Ele finalmente a encarou.

— Lembra quando íamos viajar pelo resto dos mundos? Ver cada único plano demoníaco no Lore?

— *Ainda* podemos fazer isto.

— Não, Tina. — Ele correu a palma da mão na perna da sua calça preta. — Eu quebrei uma de suas leis. Eles vão *enviá-lo*. Direto do Reino de Sangue e Névoa.

— Quem? — Bettina exigiu. Ela nunca ouviu falar deste reino. — Quem você acha que vai te ferir?

Quem *poderia*? Caspion era um macho demônio adulto, agora completamente imortal. Também era um espadachim talentoso. Ela o observou treinar por horas incontáveis. Inclusive agora sua sempre-presente espada brilhava orgulhosamente da bainha ao seu lado.

Então por que essa expressão tão óbvia de pavor? Nunca viu o valente Cas assim.

De repente, ele aparentou sua idade: um jovem de vinte e cinco anos.

— Eles têm um reino secreto, escondido do Lore...

Oh, sim, ele estava prestes a contar tudo.

— Continue, querido.

— Sua gente raramente sai — e mesmo assim apenas camuflados em névoa, o que os torna invisíveis. Embora a maioria dos "forasteiros" sejam proibidos, eu tinha um amigo poderoso, tipo um patrocinador, então tive permissão para entrar. — Ele fez uma pausa para tomar um longo gole. — Mas uma vez que um forasteiro entra, ele nunca mais pode partir — exceto sob pena de morte. No entanto, eu fiz. Não podia ficar naquele lugar por mais tempo, um lugar tão primitivo quanto Abaddon. Aqui, pelo menos, sou livre para ir aonde eu quiser! E meu patrocinador...



ele mudou. Drasticamente. Então escapei, nunca pensei que seu assassino pudesse me encontrar em nosso plano, mas eu o sinto. Já sinto que ele está em Abaddon.

— Diga-me quem está procurando por você!

Olhando fixamente além dela, ele murmurou.

— O Príncipe da Sombra. O bastardo mais cruel que jamais conheci. Ele vem na névoa, um assassino sem igual. Ser visado por ele é o mesmo que estar morto.

— Não! Vamos lutar com este macho. Vou colocar o exército inteiro em cima dele, colocar uma recompensa pela sua cabeça! Que tipo de Lorean ele é?

— O tipo com quem nosso exército não pode lutar. Ah, Tina, eu não deveria ter saído daqui, nunca deveria ter ido lá, pra começar! Estava tão condenadamente frustrado, depois de falhar uma vez após a outra... Agora a última coisa que verei é uma lua crescente.

— Meu querido, você não está fazendo nenhum sentido. — ela disse, desesperada para deter este assassino. Ela estriparia qualquer inimigo dele com sua nova lâmina — aquela que ela projetou em segredo para deslizar dentro de seu colar de ouro. — Deixe-me retirar toda sua gentileza por mim, Cas. Posso ajudar você agora.

— Sem seu poder?

Ela sentiu calafrios com a facilidade que ele falou sobre isto.

— Então Salem pode ajudar. — Salem, seu novo "servo".

Uma vez um guerreiro fantasma, capaz de solidificar seu corpo à vontade, ele foi amaldiçoado a ser um silfo — um espírito invisível, um elemental do ar. Podia possuir quase qualquer coisa — um corvo, um travesseiro, um relógio. Ela o mandaria ficar de olho neste assassino misterioso.

Em vez de ficar sempre me espionando. Morgana e Raum esperaram realmente que ela acreditasse que Salem era um mero doméstico? Ela mal enxotou o silfo pra fora do seu quarto antes de Cas chegar hoje à noite.

— Salem é surpreendentemente poderoso em telecinese...



— Ninguém pode me ajudar. — Cas ficou de pé instavelmente, desdobrando-se em sua altura total. — Tenho que ir encontrar alguns amigos. Liquidar minhas contas. Não conte a ninguém sobre isto, Tina, ou trairá minha confiança.

Levantando-se de um salto ela gritou.

— Por favor, não vá embora. — Ele poderia estar indo para sua morte!

— Minhas cartas foram dadas. Pelo menos ninguém pode dizer que não paguei o que devia. — Ele deu um risada amarga, como se estivesse rindo de uma piada interna.

Ela agarrou seu braço musculoso.

— Então volte aqui hoje à noite.

Ele deu de ombros.

— Talvez.

— Não, não *talvez*. — Recordando suas muitas conquistas e seu amor pelas mulheres, ela olhou para ele por baixo dos cílios, lambendo os lábios. — Volte pra mim e vou recebê-lo de braços abertos, Caspion.

Ele gemeu.

— Você ainda é virgem e a futura rainha de Abaddon. Eu teria que me casar para me deitar com você.

— Okay! Você seria um rei incrível.

— Sério? Os Abaddons acolherão o órfão indigente como soberano?

Alguns da velha guarda dos Mortais o tinham em baixa estima porque ele foi um enjeitado sem terra nem sobrenome, mas...

— Você tem progredido, Cas.

Só ela sabia o quanto ele ansiava por aceitação. Embora tenha se revelado difícil — ele trabalhou mais duro, acumulando riqueza com cada recompensa.

Ele deu um sorriso triste.

— Você sabe que não posso ter você.

Por meia década, ela se assegurou que ele hesitava por causa da diferença em suas classes sociais. Tudo que ela tinha que fazer era ajudá-lo a ver seu próprio valor.



Ou talvez ele simplesmente precisasse espalhar suas sementes antes de se acomodar.

Afinal, quem poderia adorá-lo mais do que ela? Embora ele deve ter adivinhado seus sentimentos muito antes de agora, ela finalmente confessou na sua cara.

— Mas eu... eu amo você, Cas.

Ele segurou debaixo do seu queixo.

— Eu também te amo.

— Não seja obtuso. — Ela pousou uma mão em peito musculoso. — Estou apaixonada por você. Quero você acima de todos os outros. — Ela tentou esquecê-lo — sua temporada fora do plano não foi apenas pela a faculdade —, mas Caspion permaneceu firme em seu coração.

— Você só se sente deste modo por causa do que a aguarda amanhã. — ele disse. — Está desesperada por uma fuga. Entendo por que está fazendo isto, mas você não é minha companheira.

— Você não pode saber disso com certeza, não até que faça sua "tentativa" comigo. *No auge, você sabe;* não é o que vocês demônios machos dizem?

Ele agarrou a mão dela, tirando-a de seu peito.

— Você não deveria estar meditando sobre tais coisas, Bettina!

Às vezes Cas podia ser tão medieval em seus pensamentos quanto o resto dos habitantes deste plano. Ele poderia admitir suas conquistas para ela — mas retinha todos os detalhes.

— Eu não sou uma criança. Simplesmente entendo biologia.

Um demônio mortal — como os machos de muitas espécies de demônios — não podia produzir sêmen, a menos que estivesse com sua companheira. Ele poderia aproveitar o sexo até então, podia fazer sua tentativa com um grupo de fêmeas e ter sua liberação de um certo modo, mas o prazer não era nada comparado ao que poderia ser encontrado com sua predestinada.

— Tome-me Cas, e vamos descobrir de uma vez por todas.

— Se você não for minha, ainda estaria obrigado pela honra a me casar com você. Você me privaria de minha futura companheira? Eu



odiaría você. — Ele apertou sua testa. — Ah, nada disso importa de qualquer maneira! Já está feito. Trouxe o assassino deles atrás da minha cabeça.

— E *quem é* o assassino? Se você me disser, podemos descobrir um modo de derrotá-lo ou esconder você. Só fale comigo. *Por favor.*

Cas a encarou, colocando sua bochecha entre as palmas das suas mãos calejadas.

— Adeus, Tina.

— Espere!

Ele já riscava pra longe, teleportando-se dos aposentos. Mas ela não podia segui-lo ou procurá-lo. Mesmo que fosse demônio suficiente para riscar, Bettina era incapaz de deixar esta torre amaldiçoada sozinha.

Sua... *condição* tornava isso impossível. Com certeza, seu corpo estava curado.

Mas não o resto de mim.

Ela correu para sua sacada circular. Durante o dia podia ver o mercado central, mas à noite aquela névoa tomava tudo. Ela estreitou os olhos, esforçando-se para espionar Cas; sem chance. Ela tinha a visão dos Sorceri, quase tão ruim quanto dos humanos!

Não pode ir para ele, não pode vigiá-lo.

Apressando-se para dentro, ela gritou.

— Salem! Venha aqui! — Nada.

Com grande relutância, ela agarrou aquele sino de cobre — um que convocaria Salem para ela. *Um medalhão me controla; um sino o controla.*

Ela estava bem ciente de como isso podia ser humilhante, mas não vendo outra escolha, ela o tocou.

Um momento depois, o relógio de seu avô falou com uma voz de barítono profundo:

— Você me chutou pra fora e agora está tocando pra me trazer de volta? Alguém precisa dar um jeito nessa cabeça!

— Salem, quero que você proteja Caspion esta noite.



— O que está fazendo com o demônio? — Ele perguntou com seu forte sotaque — exatamente como um Oliver Twist adulto soaria, Bettina frequentemente pensava.

— Vai seguir minha ordem pelo menos uma vez?

— Deixe-me adivinhar. — Salem começou em um tom mau humorado — Ele foi decepado pelo tipo errado novamente. Estava pegando a cereja da filha de um lorde? Brincando de deslizar o pepino com a esposa do guerreiro?

— Você não deveria seguir cada ordem minha? — Os serviços de Salem foram um presente de melhore-logo de Raum depois do incidente. Claramente, Raum não tinha a menor ideia de que Salem era um malandro cujo passatempo incluía espia-la tomando banho.

— Ceeeerto. — Salem disse a contra-gosto. — Caspion estará em seus lugares habituais?

— Sim. Encontrando com os amigos.

— Então certamente, vou para o mais perto da casa do gato imediatamente. — ele disse, a última palavra soando como se estivesse *de boca cheia*. O ar em torno do relógio pareceu ondular, e então Salem se foi.

Sozinha, ela andava de um lado para o outro. Se alguma coisa acontecesse com Caspion... Não, não, Salem o vigiaria. Não que Caspion precisasse ser vigiado, ela lembrou a si mesma.

E que assassino estrangeiro ousaria alvejar um dos Mortais em Abaddon?

Trinta minutos se passaram.

Uma hora.

Ela roeu as unhas, mas elas continuaram crescendo de novo, sua regeneração imortal finalmente em seu pico. O relógio de seu avô marcava as horas ameaçadoramente.

Oh, por que Cas não voltava? Para lembrar a ele que ela o aguardava, pendurou uma lanterna em sua janela. Não, ela não podia ver a cidade, mas Cas podia ver sua torre. Uma luz persistente poderia avisá-lo.

De repente, uma onda de vertigem acertou Bettina. Sua vista turvou.



Então a ficha caiu.

— Oh, não. — ela sussurrou, sua língua pesada em sua boca.

A cerveja demônio tinha acabado de fazer efeito.

Ela sacudiu a cabeça contra os efeitos, precisando pensar. *Estive tão desesperada com a segurança de Cas... que me esqueci que minha missão para seduzi-lo falhou.*

Um dos dois resultados. *Amanhã estarei condenada.*

Ela se desequilibrou balançando quando mais vertigens se seguiram. Tonta, ela foi tropeçando para o quarto, rastejando enquanto passava pelas cortinas de dossel da cama. Caindo de costas em cima do lençol de seda, fechou os olhos enquanto o quarto girava.

Talvez Cas pudesse voltar esta noite. Se ela apenas pudesse se atirar mais uma vez nele, ela não o deixaria escapar de suas garras tão facilmente. Bettina não era exatamente conhecida como uma lutadora ardente. *Mas tempos desesperados...*

Ela atacaria rápido e duro.

Seu último pensamento antes de desmaiar: Por favor, volte para mim, Caspion.

Capítulo 3

Então é aqui onde o demônio se esconde...

Com a espada no quadril, envolto em uma névoa de sua própria criação, Trehan inspecionou um castelo imponente e a cidade que o circundava. Ambos foram construídos em cima de um platô inundado com a névoa. Em três lados estava a selva pantanosa com pequenos rios bifurcando pra fora. Árvores colossais de seis metros de diâmetro subiam das águas turvas.

Embora Trehan nunca tenha visto uma selva assim, se virou sem interesse, cruzando uma ponte levadiça de aparência antiga para entrar



na cidade. Em um letreiro lia-se: *Bem-vindo a Runa, Sede Real de Abaddon. Comporte-se direito.* As palavras foram esculpidas entre duas cabeças de dragão.

Abaddon. Lembrava vagamente de ouvir falar dela, sabia que era um plano demoníaco atrasado, fechado para a maior parte do Lore. No entanto, Runa estava movimentada neste fim de tarde. Comerciantes apregoavam suas mercadorias ao longo das ruas sinuosas de paralelepípedo. Havia estandartes pendurados nas janelas das lojas. Muitos na multidão perscrutavam ao redor com a aberta curiosidade dos turistas.

Enquanto Trehan se movia invisível pela multidão, ouvia trechos de conversas, captando que um torneio começaria amanhã à noite pela mão da princesa órfã desta demonarquia. O trono deste plano estava em jogo também.

Os competidores de várias espécies já estavam acampados próximos a um grande anel de ferro de combate.

Uma mudança do regime? Apesar de seu interesse na política, Trehan ignorou a faísca de curiosidade, se concentrando na tarefa à mão.

O Príncipe das Sombras tinha uma morte sancionada a cumprir.

Há poucos instantes ele usou o talismã da vidência — um cristal inestimável passado para sua casa por gerações — para localizar seu alvo aqui.

Ele normalmente o usava amarrado numa tira de couro ao redor do pescoço, mas agora o segurava no alto; O cristal multifacetado emitiu uma luz vermelha, lançando uma labareda para indicar a localização da presa desta noite: Caspion, o Perseguidor.

Aquele demônio quebrou as leis de Dacia e agora estava marcado para morrer.

A labareda do cristal incidiu diretamente acima do que parecia ser um bordel, cheio de gargalhadas e música metálica. Não era surpreendente — Caspion era um vagabundo com propensão para beber e se prostituir. Fez muito disso em Dacia.



Um lugar público não era um terreno de caça favorável para Trehan. Ele tinha que permanecer invisível, como era o modo Daciano..

Decidindo ficar à espreita no beco ao lado da taberna, ele amarrou novamente o cristal na tira de couro ao redor do pescoço. *Conhecendo as predileções de Caspion, temo que seja uma longa espera.*

Não haveria leitura diante do fogo em seu quarto nesta noite. Nem polir as armas de sua meticulosa coleção. Resignado, começou a ir em direção ao beco.

Esquadrinhou o entorno, não para admirar ou explorar — mas para estar preparado para qualquer ameaça. Dacianos eram uma raça de observadores, vigilantes da névoa. *Sempre observar, nunca se envolver.*

Apesar de Trehan ter riscado para centenas de planos Lorean diferentes, cada um com suas próprias atrações e maravilhas, ele nunca as aproveitava.

Trehan raramente gostava de alguma coisa. Bebia sangue, mas não o saboreava. Se dormisse, acordava cansado. Exercia seus deveres por Dacia, mas a satisfação que uma vez teve com seu trabalho... diminuiu.

Um dos primos de Trehan, Viktor, recentemente disse a ele:

— Você deve ter sido castigado pelos deuses a viver a existência mais espantosamente chata imaginável. Com a maldição adicional de não poder nem reconhecer o quanto é pesada e sem propósito.

— Eu vivo uma vida de serviço. — Trehan o corrigiu. — E tenho passatempos que gosto. Leio diante do fogo...

— Porque sua única alternativa seria olhar fixa e estupidamente para as chamas.

Faço isto também. Trehan ouvira os rumores sobre ele. Alguns Dacians o comparavam a um fantasma, chamando-o de *sombra* — uma brincadeira ao seu título de Sombra — porque sua vida consistia em nada além do silencioso trabalho duro, destituído de metas ou planos. Conjecturavam que ele *não tinha* desejos, segretos ou de qualquer outro tipo.

Ele foi ensinado desde cedo a não desejar, e certamente não aspirar mais do que servir ao seu reino.



No entanto, três meses atrás um desejo antigo ressurgiu. Um que ele pensou que já tinha se livrado depois de todo este tempo...

Trehan se deteve, todos os sentidos em alerta. Perscrutou ao redor pela névoa. Não viu nenhuma ameaça, mesmo assim sua tensão inexplicável não aliviou.

Então seu olhar foi atraído bem acima dele para uma das meia dúzia de torres do castelo, a mais alta, bem além do alcance da névoa. Em uma região pantanosa como esta, um lugar tão elevado provavelmente continha aposentos reais.

Uma janela em particular prendeu sua atenção. Uma lanterna solitária brilhava ali dentro, como um farol. Por alguma razão, se sentiu quase *compelido* a investigá-la. O que não fazia sentido. Nenhum Dacian racional cortejaria uma exposição desnecessária.

Concentre-se na missão. Um alvo vagava livre; Dacia estava em risco enquanto Caspion vivesse. Porque o demônio conhecia o caminho de volta ao reino de Trehan.

Embora os Dacians escondessem misticamente seu reino, sua camuflagem não era infalível para sempre. Como medida de segurança adicional, eles proibiram qualquer pessoa de sair sem uma isenção especial. Desobedeça, e *morra*.

Era aí que Trehan entrava. Como mestre assassino de Dacia, ele perseguia estes infratores da lei até os confins do Lore, localizando-os com o cristal da vidência e os derrubando antes de poderem levar alguém de volta.

Esse era seu dever sagrado — e o completaria esta noite.

Com uma sacudida determinada de cabeça, arrastou sua vista em direção à labareda do talismã acima da taberna.

No entanto, com a mesma rapidez seu olhar traiçoeiro deslizou de volta para a lanterna. Por que deixar uma lanterna na janela? O que Trehan encontraria dentro daqueles aposentos? Que história estava inclusive agora acontecendo dentro daquelas paredes?

Minha vida é verdadeiramente assombrosa?



Olhando de relance para a labareda... para a lanterna... de volta para a labareda...

Droga, ele era o último Dacian que deveria arriscar uma expulsão. Ninguém amava sua casa mais do que ele.

Quando a lanterna começou a enfraquecer. Ele sibilou uma maldição. *E ainda vou te investigar?*

Embora tal movimento fosse completamente injustificado — e sem precedente — se teletransportou para o balcão do lado de fora dos aposentos. Um feitiço de proteção estava em vigor para impedir sua entrada, uma medida de segurança que ele facilmente contornou.

Ao longo dos anos, quantos se cercaram de feitiços para manter a espada de Trehan longe do pescoço? Quebrar tais magias era um talento especial dele.

Se se transformou em névoa, passando como um fantasma através das portas de vidro entrando em uma sala de estar espaçosa. A câmara agora estava escura como breu, mas ele podia ver perfeitamente — notando a exuberante — e feminina — decoração.

Em vez de peles, tapetes ou tecidos cobriam o piso de pedra. Sedas preciosas em uma miríade de tons de púrpura fluíam acima das janelas e recobriam um canapé.

Púrpura significava realeza. Então que demônio feminino residia aqui? Não estava familiarizado com a linha desta demonarquia. Ela era a princesa prestes a se casar?

Prateleiras de livros consideravelmente gastos enfileiraram uma galeria, volumes sobre design, moda, arte antiga, história das armas, e... Ourivesaria? Todos tinham páginas demarcadas.

Trehan era alguém que venerava armas — e livros; o enfoque específico desta coleção o intrigava.

Mas antes que pudesse explorar as prateleiras, encontrou-se seguindo o aroma de um leve perfume corredor abaixo.

Esboços enfileiravam as paredes, os temas tão incomuns quanto os livros. Uma mão talentosa prestou o funcionamento interno de um relógio antigo. Os mecanismos de várias armadilhas de mola. Um



diagrama tridimensional do ferrolho de uma besta. Todos eram assinados simplesmente como *B.A.*

O nível de detalhe e o estilo único eram fascinantes. Para Trehan, isto era arte incomparável. Queria possuir estas peças, guardá-los consigo em seus aposentos solitários; não seriam os primeiros que ele “liberava” de volta a Dacia.

Somente o som de suaves respirações provenientes do quarto adjacente poderiam arrancar Trehan de sua descoberta. Lá dentro ele espreitou mais perto da cama de dossel, puxando a cortina... para encontrar uma pequena fêmea dormindo.

Tranças brilhantes de cabelo castanho escuro se espalhavam em torno do topo de da cabeça dela como um leque, enquanto o resto de sua juba estava solta sobre os ombros esbeltos. Parecia como se ela tivesse caído de costas na cama e desde então não se moveu.

Ele inclinou a cabeça, apreciando a aparência delicada. Esta não era nenhuma fêmea demônio — não tinha garras nem chifres.

Era esguia, com uma cintura minúscula. Parecia jovem.

A maioria dos Loreans eram congelados em sua imortalidade quando eram fisicamente mais fortes, nunca envelhecendo além daquele ponto. Ela não poderia ter mais do que vinte anos quando fez a transição. Ele se transformou com trinta e um. Exatamente como acontece com todos os vampiros, seu coração gradualmente parou de bater e seus pulmões cessaram de tomar ar. Seu desejo sexual — e capacidade sexual — desapareceu.

Isso foi quase um milênio atrás...

Sobre aquela extensão sem fim, Trehan fez um estudo das várias espécies do Lore e reconhecia cada uma pela roupa. Ela estava vestida como uma feiticeira mais velha com uma roupa projetada para revelar o máximo de pele possível, várias joias de ouro e uma máscara vermelha.

Uma das Sorceri. Aqui em Abaddon?

Ela estava longe, muito longe de casa. Talvez fosse uma companheira da princesa demônio que logo estaria longe.



Ele se perguntou qual era o seu poder. Ouviu falar que os Sorceri podiam mover montanhas e ferver oceanos.

Sua máscara era fina o suficiente para que pudesse ver a maior parte das feições élficas: maçãs do rosto altas e definidas, uma elegante mandíbula e um queixo graciosamente pontudo.

No entanto, seus lábios carnudos vermelhos pareciam fora de lugar no rosto de ossatura fina, mais adequado a uma sereia.

Não podia dizer se ela seria uma beleza incomparável, não até que abrisse os olhos e removesse a máscara. Não importa. Para um macho que apreciava pouco, estava gostando *muito* desta inspeção.

Seu olhar caiu para a ondulação deleitável de seus seios naquele corpete revelador, e ali ficou. Notou que suas mãos estavam abrindo e fechando por sua conta própria, como se estivesse se imaginando acariciando aqueles pequenos montículos.

Tocando-a? Uma carranca enrugou sua testa. Ele não deveria estar reagindo assim. Ele era um que não sangrou. Um morto vivo — até que encontrasse sua predestinada noiva.

Naquele momento, seu corpo despertaria para ela.

Durante séculos Trehan aguardou uma filha de Dacia pra si mesmo. Como seu pai disse a ele: "Se tiver de ser, a Mãe Dacia dará a você uma Noiva. Dentro de nossas fronteiras de pedra, você vai encontrá-la. Até que aconteça, não deseje nada e abrace as sombras".

Trehan fez isto. *Extinguiu todas as esperanças tolas.* Fez tudo, mas tirou a Noiva da cabeça.

Então por que seu olhar estava extasiado nos seios desta forasteira...?

Devo deixar este lugar, completar minha matança. Trehan nunca perdeu um alvo. Além disso, se ela despertasse e o visse ele não poderia retornar para casa — a menos que a despachasse. Ele tinha permissão para partir e retornar, mas só se não fosse visto *por qualquer um que ele deixasse viver.*

Havia uma exceção à regra, mas era tão ridícula que nem merecia consideração.



Mesmo enquanto ponderava essas coisas, avançou mais perto da cama. Antes, pensou que a lanterna na janela o atraía; agora se perguntou se esta fêmea de alguma forma era o chamariz.

Lembre-se da missão! Finalmente desviou seu olhar para longe, só para perceber que esteve tão fascinado por ela que permitiu que sua névoa desaparecesse. O descuido! Com uma labareda de mal estar, ele voltou...

Os olhos dela cintilaram abertos, encontrando os seus.

Eu sou... visto. Mas isso significa, meus deuses, que olhos ela possuía! As íris eram do mais leve marrom, rodeadas de um negro gritante. Poderia olhar fixamente dentro deles por eras.

De onde este pensamento veio?

Ela piscou suas negras pestanas espessas para ele.

— Oh! Você me assustou. — ela murmurou em inglês.

Visto. Por que não desapareceu antes dela acordar? Por que não permaneceu invisível para ela? Agora seria forçado a matá-la ou então nunca mais voltaria para casa.

— Você veio afinal. — Os lábios se curvaram num sorriso que teria roubado sua respiração. Se ainda respirasse. Ela levantou os braços acima da cabeça, estendendo-se sensualmente.

Afinal? Quem ela pensava que ele era? Ela olhou como se eles se conhecessem. Olhou para ele... com desejo.

De uma só vez, entendeu por que não desapareceu, por que deixou sua névoa desvanecer.

Porque lá no fundo, *queria* que esta criatura o visse.

Quando ela subiu para a posição sentada, as tranças exóticas e o cabelo lustroso e ondulado cascadearam acima dos ombros. Seus cachos eram castanhos escuros, entrelaçados com mechas negras, as cores complementando seus olhos distintos.

Ela se estendeu para ele, corajosamente colocando as mãos em seu tórax. Quando vislumbrou o calor de suas palmas, estremeceu como um vampiro jovem, ignorante com as mulheres...

Bum!... Bum!... Bum!



O chão pareceu tremer debaixo dos pés, as paredes sacudindo com tremores ensurdecedores.

No entanto, Trehan sabia o que realmente estava acontecendo. O som, era seu coração despertando para ela, um tambor começando a trovejar em seu peito.

Batendo de novo, de novo, mais rápido, *mais forte*.

Esta criatura etérea despertou seu corpo! Logo seus pulmões encheriam com ar, seu eixo com sangue.

Uma forasteira pertence a mim? Uma feiticeira? Ouviu falar de pares piores. Considerando onde a encontrou, ela poderia ter sido uma fêmea demônio.

Então se lembrou de um fato importante. Para retornar para casa, Trehan tinha que eliminar todos que o testemunhassem — *exceto* sua Noiva. A brecha inverossímil que era muito ridícula para considerar aconteceu hoje à noite!

Pensamentos de testemunhas e leis antigas desapareceram, substituídos por um instintivo protetor.

Ela poderia sentir a mesma atração em relação a ele? Ela nasceu de uma espécie diferente. Das histórias que ouviu falar de Noivas forasteiras, sabia que ela não iria querê-lo automaticamente com a mesma ferocidade com que ele a desejasse.

— Estou tão feliz que você veio para mim. — ela sussurrou em um tom arrastado, olhando para ele com um olhar tão proprietário que ficou surpreso. — Para minha cama. — Ela estava procurando a morte em seu rosto, mas agindo como se eles se conhecessem antes.

Então a compreensão o atingiu. Ela era dos Sorceri; era provável que ela — ou um da sua espécie — previra seu companheiro. É claro!

— Estive esperando por você, querido.

Ao ouvir suas palavras, a excitação disparou dentro dele. Uma sombra com uma existência espantosamente chata? Não mais.

Simplesmente precisava completar este *sangramento*, em seguida levar sua nova Noiva de volta ao reino subterrâneo. Seu alvo poderia esperar até que ela estivesse em segurança abrigada em Dacia.



Então esta feiticeira delicada enfeitaria sua casa — e sua cama — por toda a eternidade.

Ele conhecia outros machos que sentiram pânico nesta realização; Trehan só experimentou satisfação. Desejos secretos ressurgiram afinal para serem satisfeitos.

Estou pronto para ela.

Naquele momento seus pulmões começaram a se expandir. Ele inalou profundamente, até que eles pareceram grandes demais para seu tórax. Sangue correu para o seu eixo, endurecendo-o. Ele gemeu quando se expandiu contra o tecido confinante de sua calça.

O olhar passeou dos seios atrevidos até a cintura, caindo para a saia excitante que mal cobria os quadris suavemente deslumbrantes e as pernas longas e bem torneadas.

Os adornos Sorceri — o colar ao redor do pescoço e o ouro subindo pelos braços pálidos — agora lhe pareciam insuportavelmente eróticos.

Uma sexy e delicada feiticeira. Aparentemente estive esperando por você também.

A unidade há muito tempo adormecida voltou com força total à vida — acasalar, reivindicar, *morder*? Depois de eras, *tinha fome*.

Não, *não é fome*! Dacians não perfuravam a carne dos outros. Ele queria apenas possuir e dominá-la.

Mas primeiro, tinha perguntas. *Qual o nome da minha bela Noiva? Por que você está tão bêbada? Qual sua conexão com este reino demônio?*

Ele passou a maior parte de um milênio sem se deitar com uma fêmea. *Poderá perdoar o quanto estou fora de prática com tudo isso?*

Ela olhou para ele por baixo dos cílios.

— Não vou desapontá-lo, juro.

Desapontá-lo?

— Eu sou...

Ela levantou as pontas dos dedos para cobrir seus lábios.

— Shh. Não diga nenhuma palavra. Por favor. Você está no meu quarto por uma razão. Deixe-me mostrar a você o quanto estava certo



em vir aqui. — Ela começou a desamarrar o corpete, contorcendo-se no material. Com um sorriso tímido, ela o lançou de lado para desnudar os pequenos e mais espetaculares seios que ele já viu.

Ao ver os mamilos rosados enrijecendo diante dos olhos, a mente poderosa e racional de Trehan ficou em branco, suas perguntas esquecidas.

Capítulo 4

Bettina acordou em um quarto escuro.

Todas as velas se queimaram, mas sentiu a presença de um macho, uma consciência que fez a pele formigar. Mal podia discernir o contorno de sua forma.

Cas! Ele retornou. *Como fazer para ele ficar?* Ela pensou em meio a um pânico bêbado. *Como colocá-lo em minha cama?*

Então tirou seu corpete. Sua resposta: uma inalação de ar aguda. O que lhe disse que ele gostou da visão — ou que estava somente surpreso pela ousadia dela.

Fale com ele; não o deixe ir embora!

— Vou fazer você tão feliz por ter vindo a mim, querido. — Disse, mas podia se ouvir balbuciando. *Você tem um único tiro aqui, um tiro contra um futuro que vale a pena ter!*

Atacar rápido e duro? Ela ainda o seduziria. Quando amontoou seu cabelo no alto da cabeça e arqueou as costas num convite, ele deu um grunhido não-tão-sutil. Um grunhido de apreciação? Ou frustração por que não podia ter o que queria?

Ela mordeu o lábio inferior com aflição, deixando o cabelo cair. Mas assim que os cachos esconderam seus seios, sentiu duas lufadas de ar quando ele rapidamente varreu o cabelo por cima dos ombros.

Quando ela o *sentiu* olhando fixamente mais uma vez, Bettina não pôde suprimir um sentimento de realização.



Isto realmente estava acontecendo. Caspion. Aqui no seu quarto. Admirando seus seios. Estava finalmente *olhando* para ela — porque a queria!

Cas seria seu esta noite, e então entenderia o que ela sempre soube. Ela era *dele* também. Seus destinos estariam entrelaçados. Não haveria nenhum torneio para a Bettina “impura”.

Ela estava tonta — e bêbada, mas principalmente tonta. Ela se imaginou caminhando de mãos dadas com Caspion, o Perseguidor, anunciando seu noivado para todos.

No entanto, ele ainda não a acariciou nem beijou. Com outra pontada de alarme, ela levantou, oscilando até que suas mãos calejadas agarraram seus ombros para estabilizá-la. Ah, contato!

Uma vida inteira no manejo da espada deixou suas palmas ásperas. *Porque meu Cas é um guerreiro, não há ninguém melhor, ninguém mais corajoso...*

Ela colocou as mãos em seu tórax, suas pálpebras cada vez mais pesadas ao sentir o corpo poderoso. Mas isto foi só provocação; precisava traçar sua pele, explorá-lo.

Agarrou o casaco, tirando-o dos músculos protuberantes do ombro. Ele os encolheu para ajudar, e o ouviu colocar o pé em cima da cama.

Durante anos foi atacada pela curiosidade sobre sexo, sobre a forma masculina. Porém, nunca tocou num macho antes. Será que suas noites de fantasias finalmente se concretizariam?

Quando tentou o botão superior da camisa dele, seus dedos normalmente ágeis estavam desajeitados. Ela fez um som de frustração.

— Estou impaciente para tocar você...

O tecido da camisa desapareceu com um único rasgo, juntando-se ao casaco.

— Obrigada. Eu-eu só preciso sentir você pela primeira vez. — Bettina trabalhava com metal todos os dias, gravando, forjando, fundindo. Para verificar as menores imperfeições, costumava fechar os olhos e traçar com as pontas sensíveis dos dedos sobre o trabalho, como se os estivesse vendo com eles.



Agora alisava com as pontas dos dedos por cima do torso nu de Cas, prendendo a respiração...

A realidade era muito melhor do que a fantasia!

— Meus deuses, adoro seu corpo.

Suas palavras o fizeram gemer. Leves arranhões acima dos planos e duros músculos peitorais o deixaram tenso por ela, fizeram seu coração bater mais alto. E oh, como os mamilos endureceram. Quando ela arrastou os dedos indicadores por eles, ele chiou entredentes.

Ela mergulhou as mãos, saboreando cada subida e descida dos músculos do estômago rígido quando ele os contraía. Seu corpo era forjado como ferro inflexível, sua pele impecável.

Inicialmente ele se sentiu bem, equilibrado, mas agora estava quente como uma fornalha.

Qualquer timidez que ela pudesse ter sentido desapareceu. Cada carícia aprofundava o desejo, até mesmo seus seios pareciam pesados. O perfume dele a invadiu — normalmente agradável, agora ficou *inebriante*.

Por dentro ela se sentia como ouro derretido... latente, aguardando uma chance de se tornar inteira.

Os mamilos endureceram tanto que doíam e ele deve ter notado; as mãos dele apertaram seus ombros, como se não confiasse em si mesmo para tocar em qualquer outra parte de seu corpo.

Ele era um guerreiro demônio implacável e ainda estava sendo paciente com ela, deixando-a explorá-lo.

Ele era paciente *também*? Neste momento já deveria tê-la lançado na cama! Por que não a estava beijando?

Talvez estivesse reconsiderando.

Leve-o até a linha de chegada, Bettina!

Confusão o aturdiu.



Trehan podia apenas olhar fixamente, fascinado pelos seios atrevidos de sua Noiva e seus mamilos enrijecidos, saboreando cada pincelada em sua pele. Quanto tempo ele ficou sem um único toque!

Esta criatura pertence a mim, disse a si mesmo novamente. *Só pra mim...*

A feiticeira pegou suas mãos, puxando-as para os seios macios.

O contato o despertou de seu fascínio. Com um gemido estrangulado, cobriu a carne com as palmas das suas mãos, moldando-os.

Por que os outros vampiros sempre o advertiram dos obstáculos inerentes ao acasalamento com uma forasteira? A companheira do Trehan estava exigindo que ele acariciasse seus seios, aqueles que ela esteve ansiosa que ele visse.

Quando ele os apertou de maneira reverente, ela gemeu baixinho. Sua reação o fez estremecer, uma névoa sensual nublando sua mente mais uma vez.

E então ela varreu as mãos seu peito abaixo, mais abaixo... mais abaixo em direção àquela parte tão dolorida e ingurgitada dele. Conforme passava as unhas junto à cintura bem acima do cinto da espada, o eixo latejante endureceu pelo toque.

Finalmente encontrou sua voz.

— Você é tão adorável.

Ela rapidamente se acalmou perante as palavras, inclinando a cabeça. O cérebro estragado pela luxúria determinou duas coisas: ela realmente não queria que ele conversasse e *nada* poderia interromper este *sangramento*.

Então resolveu não dizer mais nada, determinado a fazer o que fosse preciso para gozar dentro dela. Ao pensar em prender debaixo dele seu corpo retorcendo para se consumir profundamente ali dentro, fez a necessidade surgir como se uma represa tivesse sido rompida.

Ele apertou a parte de cima dos braços dela, riscando-os para a cama. Ela ofegou quando ele se posicionou sobre ela, mas então sussurrou.

— Sim, sim.



O cabelo se espalhou atrás dela como um pano de fundo em ondas brilhantes. Seu cheiro o estava drogando. Ela arqueou as costas, chamando toda atenção de volta aos seus seios, para aqueles mamilos salientes. Será que eles palpitavam tanto quanto seu eixo? Eram aqueles bicos endurecidos que o estavam deixando louco?

Esfregou os dedos polegares sobre eles, deu a cada um leves beliscões enquanto observava a reação dela.

— Oh, deuses. — Ela lambeu os lábios, olhando fixamente para ele com olhos mortiços. Quando as íris começaram a reluzir por causa da paixão, ela sussurrou.

— Beije-me. Por favor, me beije.

Qualquer coisa! Ele abaixou a cabeça, inclinando a boca sobre a dela, saboreando seu grito. Seus lábios vermelhos eram suaves, doando-se inimaginavelmente. Deslizou a língua entre eles e ela foi ao seu encontro.

Quando ela lambeu suavemente, a cabeça de Trehan naufragou. Sua boca tinha gosto de mel picante.

Ele a beijou com toda a paixão reprimida que lhe foi negada durante toda sua existência. Com cada movimento circular da língua, roçava os dedos indicadores firmemente em cima dos mamilos, até que ela estava ondulando embaixo dele.

Quando ele arrancou sua boca pra longe para correr seus lábios pela coluna esguia do pescoço, ela suspirou.

— Eu precisava disto. Precisava de você. — Ela soou tão encantada — *e aliviada?*

Ele ansiava por alívio também. Neste momento a pressão em seu pênis estava se transformando em dor. Ele se levantou de joelhos, desafivelando o cinto da espada, lançando-o ao chão.

— Você sabe que pode fazer qualquer coisa comigo. — ela murmurou. — Sou sua... sempre serei.

Ele gemeu. *Não desejava nada?* Não mais. Seu desejo por esta fêmea era primitivo, inegável, bordeando com... selvagem. Baixou a cabeça para o seio, beijando ao redor de um mamilo, saboreando a pele deliciosa.



— Sim! — Ela afundou as unhas em suas costas. — *Mais.* Por favor! Co-coloque a boca aí.

Com um grunhido, ele obedeceu. Quando fechou os lábios sobre um bico e enrugou a ponta da língua, ela ofegou. Quando a sacudiu, ela gemeu.

— Isso é tão bom.

Sua Noiva era tão sensível, soube que poderia fazê-la gozar apenas com isso. Em outra noite ele a atormentaria até que implorasse pela liberação.

Ela enfiou os dedos através do cabelo dele, segurando-o no lugar quando começou a chupar.

O gosto dela era celestial — seus gritos, o perfume do cabelo escuro, o modo como gemia com cada redemoinho de sua língua.

Que presente lhe foi dado com esta feiticeira!

Os impulsos guerreavam. Queria chupá-la por horas, lambe seu sexo e saborear os orgasmos que arrancaria dela. Queria as mãos pálidas segurando seu pau, os lábios vermelhos selados ao redor dele enquanto empurrava.

Afundar seu comprimento dentro dela... centímetro por centímetro.

Torpor. Perdendo o controle. Grunhiu contra seu peito, incrementando a sucção enquanto afastava a cabeça. Então, para o outro mamilo. *Como seria perfurar aquele bico firme com uma presa? Sangue da pequena fonte mais doce.*

De onde veio este pensamento perturbador? Sua espécie considerava morder outra pessoa um tabu selvagem. Suas presas estavam começando a doer? *Ignore-as.*

Enquanto chupava, apalpava os seios com as mãos ávidas, agarrando-a possessivamente. Quando os braços dela caíram inertes acima da cabeça — *deixando-me fazer o que eu quiser* — sua preocupação desapareceu. Afastou-se e contemplou sua mulher com orgulho disparando dentro dele.



Respirações arquejantes por entre seus lábios carnudos e vermelhos. Quadris rebolando com necessidade. Mamilos molhados e inchados pela minha língua. Seu coração trovejava para ela. Eternamente para ela.

Ela é deslumbrante.

Tudo que precisava era de sua mordida estampada na pele. Não, ignore estes pensamentos proibidos! Pense só em acasalar. Podia sentir o cheiro do desejo. *Ela precisava acasalar.*

Com aquela ideia em mente, ele tirou a saia, deixando-a apenas com a máscara, as joias e aquelas botas de couro.

— Oh! P-por favor, vá com calma. — Ela engoliu em seco audivelmente. — Isto é o mais longe que já fui antes.

Uma virgem! As dúvidas surgiram. O quanto ela *era* jovem?

No entanto, não tentou se cobrir. As dúvidas ainda existentes diminuíram quando ela deu um gemido necessitado, estimulando-o.

Deve preparar seu corpo. Uma virgem precisaria de cuidados extras. Ele supunha. Nunca esteve com uma. Não conseguia se lembrar de preliminares antes dela, parecia ter esquecido qualquer coisa que aprendeu em sua juventude.

Mergulhou uma das mãos, olhando para a palma sobre a coxa maleável.

— Sim — ela suspirou —, oh sim. Você faz com que eu sinta *dor* aqui. — Seus joelhos caíram um de cada lado a escancarando para ele, espalhando as dobras rosadas e escorregadias, e um pensamento surgiu: *Ela é a parceira, um tesouro. Meu tesouro.*

Logo estaria enterrado até o cabo dentro daquele calor exuberante. Seu pau pulsava em prontidão. Pré-ejaculação gotejava na coroa, umedecendo a frente de sua calça.

Mais uma vez os dedos deslizaram rapidamente pela cintura dele, de um lado para outro antes de correr mais abaixo do material. Justamente quando ele alcançou entre as pernas dela, ela trabalhava a mão dentro de sua calça.

A palma suave o agarrou e ele espalmou a mão em seu sexo quente.



Ele deu um grito curto e chocado, quase gozando espontaneamente, gemendo com abandono.

Mesmo quando se deleitava na umidade dela, seu toque o sacudiu — dedos ágeis agarrando o eixo, arrastando delicadamente. A sensação estranha levou seus quadris mais para frente.

Ele podia sentir o pequeno clitóris inchado brotando embaixo da parte macia da palma da mão; o cheiro atordoante o *enlouquecendo* para saboreá-la ali.

Então a mão dela começou a se mover sobre ele.

— Isso é tão... *incrível*. — ela disse num tom repleto de admiração.

Ela nem sequer tocou em um pau antes? Em meio a toda a agitação que sentia, ternura surgiu pela sua companheira docemente inocente.

Mas aí então ela o apertou, murmurando.

— Meu querido, preciso tanto disso dentro de mim.

Foi demais! Sua semente subiu até que a pressão ficou agonizante. Estava prestes a gozar, jamais duraria enquanto afundava seu comprimento dentro dela e tomava sua virgindade.

— Me acaricie. — ele ordenou. Tiraria isto do caminho, então teria prazer à noite toda. Ele a reivindicaria repetidamente.

Ela hesitou, então timidamente esfregou o eixo do punho até a ponta, e novamente. Conforme ele acariciava a carne trêmula dela, ficava mais descuidado, incapaz de se impedir de foder sua mão com o bombear curtos dos quadris.

Os testículos enrijeceram. A cabeça do pau inchou. Ele soube que tinha apenas um segundo antes de ejacular pela primeira vez em séculos. Duas escolhas. Abaixar as calças — ou levantar os dedos molhados pelo sexo dela até os lábios.

O último ganhou. Enquanto chupava o creme dos dedos, gemeu ao redor deles, começando a derramar em sua mão.



Capítulo 5

Bettina se perdeu nesta experiência, inundada em cada sensação e sons desconhecidos.

Cas gemia cada vez mais desesperado. O calor da pele dele enquanto escorregava pelo suor. As punhaladas controladas dando lugar ao frenesi, até que estava martelando contra seu punho.

Então algo jorrou em sua mão. Quente. Líquido. Os olhos dela flamejaram abrindo.

Sémen?

Cas soltou um berro profundo, o corpo poderoso se sacudindo enquanto um jato após o outro de sua semente entrou em erupção. Como isto era *possível?*

Como posso tirar isso dele? A breve chama de felicidade foi ofuscada pela confusão. Não, ele não podia produzi-lo, não até que fizesse sexo com sua companheira. Certamente não no *exterior* dela.

Teria já encontrado sua fêmea e quebrado a tradição, apenas para ser infiel à sua predestinada? Mentiu para Bettina?

Assim que se esvaziou, que os violentos tremores acalmaram, ele desmoronou sobre ela com um grunhido satisfeito, aninhando o nariz em seu pescoço. Quando ela puxou a mão úmida de suas calças, ele agarrou a camisa rasgada, usando a bainha para enxugar sua semente, antes de jogar a roupa fora.

Como ela deveria agir?

Então os dedos dele retornaram para o vão entre suas pernas. Ela ofegou quando o polegar dele circulou o clitóris, os outros dedos provocando sua abertura. Quando sentiu a ereção crescendo novamente contra seu quadril, aquele desejo ardente escalando ainda mais forte do que antes, momentaneamente apagou todas as dúvidas.

Passou a vida inteira sem este tipo de prazer; por que parecia tão importante para ela agora? Seu corpo relaxou, suas pernas impotentes se espalharam para receber mais carícias dele.



— Ah, minha feiticeirinha devassa. — as palavras acaloradas ventilaram na sua orelha, fazendo os mamilos enrugarem contra o tórax úmido. — Você é um tesouro. — Ainda preguiçosamente a acariciando, ele começou a beijar o corpo abaixo, roçando os lábios acima de sua clavícula, em seguida entre seus seios. — Agora me deixe atender você.

Inclusive enquanto tremia de prazer, ela se perguntou por que a voz de Cas soou tão rouca. Era apenas pela excitação? E ele estava falando sobre lambê-la ali embaixo? A ideia excitou Bettina — mas por que não a reivindicaria?

— Você não quer fazer amor comigo agora?

Linha de chegada... tão perto.

— Logo. Mas tive uma amostra de seu gosto, *dragã mea*², está me enlouquecendo. Primeiro vou me banquetear...

Isso não soava como Cas...

Mas a respiração quente em cima do umbigo era tão boa, que fez com que tremesse com ansiedade.

— C-Cas?

O macho ficou tenso, amaldiçoando em uma língua que ela nunca ouvira.

— *O que você disse?* — Ele levantou de cima dela e apertou forte seu queixo.

Ela começou a ficar sóbria quando o pânico a atravessou.

— Você não é Caspion! — Ela gritou, empurrando seu tórax.

Bandeiras vermelhas surgiram antes, mas ela foi escrava dos seus sentidos, do prazer que irradiava de cada beijo dele, de cada carícia. Ela se assegurou que sua voz estava áspera pelo desejo ou de que ela estivesse simplesmente bêbada.

— Caspion? — Ele disse áspero entredentes. — Então é isto? Você acreditou que eu era outro quando se entregou tão livremente! — Ele capturou seus pulsos em um punho.

² Dragã mea é Meu amor em romeno.



— Solte-me! — Ela ordenou enquanto lutava para se libertar. — Quem é você? — Ela não conseguia ver, mas podia *sentir* a tensão rolando dele, podia ouvir a raiva em sua voz. A violência viria a seguir.

Exatamente como antes.

Confusão a balançou, aquele terror familiar surgindo. Ela aprendeu muito bem o quanto seu corpo era vulnerável a um ataque!

Por que isto continua acontecendo comigo? Lágrimas rolaram. Ela sussurrou.

— N-não novamente. — Mas ele não estava escutando.

Entre dentes apertados, disse.

— Eu sou o Príncipe Trehan Cristian Daciano. E você é minha mulher. — Fixando os braços dela acima da cabeça, ele fez um juramento. — Depois de hoje à noite, Noivinha, você nunca mais vai me confundir com outro novamente...

Instinto cru queimava dentro de Trehan, a agressão o subjugava. A necessidade de marcar sua companheira ficava irresistível, não necessariamente por sangue, mas para *dominar*.

Para possuir. *Ela é minha.*

Morder simplesmente não acontecia — mas seu controle vacilou. Aferroado além do limite por ciúme, ele sabia que responderia ao chamado.

Ela quer outro. Minha fêmea deseja outro macho em sua cama.

— Noiva? *V-vampiro?* — Ela gritou, lutando contra o aperto em seus pulsos. — Espere, espere!

Ele viu o pulso vibrando em seu pescoço. Suas presas afiadas para pressionar neste ponto — nunca estiveram fora de controle, nunca *pulsaram* para perfurar carne. Nenhum vampiro poderia resistir a esta tentação.

Mas seria esperado de um Dacian. Comparada a fome que pensava que era muito tênue para ser atendida. Ele se debruçou, separando os



lábios para lambar o pescoço, instintivamente a preparando para a mordida. Bem abaixo da garganta, pele suave e rosada acenava para ele.

— Eu sinto sua pulsação contra minha língua. Ah, sua carne... tem um gosto tão *doce*.

Se sua pele tinha um gosto assim, seu sangue seria como o céu. Quente e rico, o céu correndo garganta abaixo.

Acabou. Sua contenção se foi...

— Não me morda! — Ela implorou. — Não me machuque!

Machucá-la?

— Eu não quero machucar você... não posso parar isto.

— P-por favor, não faça.

Você vai mesmo mordê-la? Como um vampiro selvagem? Você é um maldito Dacian!

— Se você tiver alguma defesa, feiticeira... use-a... contra mim agora! *Detenha-me*.

Ele ouviu um soluço e sentiu a umidade em seu rosto. Lágrimas? Ela estava *chorando*?

Seu corpinho tremia contra o dele enquanto sussurrava.

— E-eu *não posso* d-detê-lo.

Pensar nela em tal aflição cortou seu frenesi. De alguma maneira se forçou a recuar, para não afundar as presas gotejantes nela.

Por trás da máscara, seus olhos cintilantes faiscavam. Faiscavam cegamente? Ele acenou com a mão diante do rosto dela. Nada.

Então ele se lembrou — os sentidos Sorceri eram quase tão pequenos quanto os humanos.

A razão sussurrou, *Sua Noivinha está apavorada, não pode ver na escuridão, não tem nenhuma ideia de quem está na sua cama.*

O instinto gritava, *Marque-a! Então outro macho não poderá tomar o que é seu!*

Com toda a força de vontade que possuía, ele a soltou, entregando seu prêmio.



Ela se sacudiu se levantando, lutando para atravessar a cama pra longe dele, agarrando a colcha junto ao peito, seus olhos ainda dardejando.

Ela não podia ver Trehan, de qualquer modo. Ela realmente acreditou que fosse Caspion.

Então o que ela pensará de mim quando me ver pela primeira vez? Talvez não devesse estar ajoelhado ali com o peito nu, com sua semente secando nas calças, como impressão inicial. Levantou-se puxando o casaco e lançando sua espada ao redor dos quadris. A camisa rasgada estava arruinada, sem chance de conserto.

— P-por que você faria isso comigo? — Ela sussurrou. Sua máscara estava torta no rosto. — Não conheço você. — Ela deixou o rosto cair nas mãos.

Esforçou-se para não tocá-la, confortá-la. *Mas sou eu quem ela teme...*

Ele assustou sua Noiva. *Porque não sou Caspion.* Mais outro motivo para matá-lo.

Como Trehan ficou feliz por encontrá-la, quanto ficou otimista — mas isso tudo foi uma ilusão, suas respostas sensuais destinadas a outro.

Cada uma das coisas que ele tanto gostou nela agora estava manchada. Quando ela acariciou o eixo de Trehan para ele gozar, acreditou que era aquele demônio. Quando sussurrou: *"Você sabe que pode fazer qualquer coisa comigo. Sou sua... sempre serei."*

Aquele pensamento fez sua raiva disparar vertiginosamente mais uma vez, as presas afiando novamente. Trehan queria que ela dissesse a ele aquelas mesmas palavras carregadas, sussurrando-as em seu ouvido.

Com um palavrão infame ele pegou uma vela.

O golpe da partida fez Bettina saltar. Conforme a vela atenuava a escuridão, ela viu que o vampiro virou, afastando-se dela, inclinando-se



com uma mão contra a parede. Estava com a cabeça baixa, as costas largas subindo e descendo com suas respirações.

Ele cravou os dedos na pedra enquanto claramente lutava para se controlar.

— Você o esperava esta noite?— Ele deixou escapar, lançando o outro punho contra a parede, enviando fragmentos de pedra voando.

Ela deu um grito, abaixando-se rapidamente debaixo da coberta.

Ao ouvir aquele som, ele ficou ainda mais tenso.

— Você tem medo de mim. Não *deveria*. Nunca vou te machucar. — disse com voz áspera. — Os deuses sabem se eu ainda tenho...

— P-porque sou sua Noiva. — Ela mal podia compreender tudo isto.

— Sim.

— Você é um vampiro nascido? — Os vampiros nascidos não podiam mentir.

— O que você realmente quer saber é se posso falar mentiras. Não posso. Não faria isso, de qualquer maneira. — Sua voz era profunda, suas palavras marcadas por um sotaque que ela não reconheceu. — A mentira não produz nada bom e é ilógica.

— Oh. — Ela viu que as lágrimas secaram. O medo que tantas vezes dominou sua vida retrocedeu — e ela não sabia por que. Talvez porque este vampiro de alguma maneira se impediu de mordê-la, embora ela o tivesse sangrado — e o enfurecido. Sua contenção a tranquilizou um pouco.

Em vez disso, outras emoções surgiram. Ela estava humilhada e ainda bêbada, e seu corpo parecia como de uma estranha.

Ah, deuses, ela acabou com um vampiro estrangeiro chamado Trehan Daciano. Não com seu amado.

Este macho a tocou como ninguém fez antes.

— Mas você queria me morder? Não é isso o que os do seu tipo fazem?

— Eu nunca mordi outra pessoa.



Isso foi difícil de acreditar. Todos os vampiros que ela já conheceu — e foram muitos, desde que sua demonarquia se aliou com a Horda no passado — tinham olhos vermelhos de sede de sangue.

Quando ele virou, ela captou um vislumbre de seus olhos antes dela desviar os seus. *Limpos de sangue?*

— Olhe pra mim, então. Conheça o homem ao qual você pertence.

Ela voltou a olhar cautelosamente.

Era bonito, ela supôs. Com uma raiva incubada, de certa forma. Tinha as maçãs do rosto cinzeladas e um queixo forte. Seu maxilar largo e masculino estava barbeado. O cabelo era cheio e preto, suas íris como ônix pelas emoções. Ela se perguntou de que cor elas seriam normalmente.

Individualmente, suas feições eram agradáveis. Juntas, pareciam muito severas, sua expressão dura.

Com o corpo esbelto, ele era tão alto e os músculos tão definidos quanto os de Cas. *Confundi-los agora lhe parecia até mais plausível*, sua embriaguez fundamentava.

Mas no geral, ele não era tão glorioso quanto Caspion — o padrão pelo qual julgava todos os machos.

Apesar do vampiro ter lhe ordenado que o olhasse, ele aparentava estar desconfortável com seu franco olhar fixo. Ela supôs que era rude ficar embasbacada assim, mas nunca viu um vampiro sem camisa antes. E eles *acabaram* de ter intimidade.

Seu olhar desceu para o peito musculoso. Que cristal estranho ele usava...

— Diga-me seu nome, fêmea.

Sua cabeça se levantou de um estalo.

— Sou a Princesa Bettina.

— Bettina. — disse ele com aquele sotaque incomum. — *Bettina.* — ele repetiu em uma voz mais rouca, como se gostasse do modo como seu nome rolava em sua língua.

Sua língua extremamente talentosa. Ela quase estremeceu, recordando como ele a usou em seus seios — lambendo os mamilos,



sacudindo-os perversamente. Debaixo da coberta, eles endureceram mais uma vez.

— E de que reino você é princesa?

— Por que eu deveria te dizer alguma coisa? — Então suas palavras anteriores afundaram dentro dela. — *Pertenço a você?* Você realmente disse isto? Eu nem o conheço! V-você se aproveitou de meu... estado, permitindo-me acreditar que era outro. Ficou em silêncio só para continuar sua artimanha!

Quando a expressão dele escureceu ainda mais, qualquer um em sua consciência teria medo. No entanto, seu oh-tão-familiar medo estava ausente. *Porque ele não podia ferir sua Noiva.* Além disso, tentáculos de luz solar começaram a se infiltrar no quarto iluminado por velas. Com certeza ele teria que ir embora daqui a pouco.

— Eu não uso *artifícios*, feiticeira.

— Então por que estava em silêncio?

— Eu atendi *seu* pedido de silêncio!

Oh. Ela o mandou calar a boca, não foi? Como a noite pode ter saído tão errada?

Este vampiro encontrou sua Noiva — ela — e agiu por instinto. Bettina era a única envolvida em um ardil — sedução.

— Sabe que eu disse aquelas coisas porque pensei que você fosse outra pessoa.

Um músculo tremeu naquele maxilar largo dele.

— E eu reagi como fiz porque estava ansioso para ver que prazeres você pretendia. Interessado em saber "como eu estava certo em vir até você". Seus olhos estavam prometendo coisas irresistíveis.

Ela ofegou.

— A perda é sua, fêmea; você *entregou*. Parece que eu saboreei os deleites designados a outro.

Agora ela olhou pra ele.

— Você está incrível!

— Partes de mim, pelo menos.



Suas bochechas coraram quando se lembrou do comentário reverente quando tocou em sua ereção primeira vez. Lutando para ter compostura, ela disse.

— Como conseguiu passar pelo meu feitiço de proteção?

— Com facilidade.

Macho arrogante!

— Por que você está aqui? — Certamente ele não era um dos competidores. — Você é o primeiro vampiro da Horda de olhos claros?

Parecendo lutar com seu temperamento, ele disse.

— Eu não sou da Horda.

— Bom, e daí? Por que está em Abaddon... ? — Ela foi diminuindo, seu olhar fixo na espada dele, no punho transversal para uma melhor aderência. O metal forjado era distintamente arredondado...

— Uma meia lua? — Ela gritou. — Oh, deuses, você é aquele sobre quem Cas falou, o Príncipe da Sombra! É o assassino do Reino de Sangue e Névoa e veio para matá-lo!

O vampiro não negou.

— Ele quebrou as leis do meu povo. Deve pagar.

Agora tudo que Cas disse a ela começou a fazer sentido. *Um assassino sem igual... A última coisa que vou ver é uma lua crescente.*

— Por favor, não o machuque! Ele não sabia que fez algo errado.

— Entenda-me, Bettina, a única coisa que ele não sabia era que eu podia encontrá-lo aqui. Vou despachá-lo como fiz milhares de vezes antes.

Ele não disse isso de forma arrogante — era mais como se somente declarasse uma verdade inevitável.

Embora Caspion fosse um guerreiro poderoso, tudo neste macho a convencia de que Cas tinha razão para temer por sua vida. Havia uma letalidade arrepiante sobre o vampiro, uma confiança em seu próprio sangue frio.

— E qual seu interesse em um vagabundo como ele? — Ele exigiu. — Além do fato de você, obviamente, ter a intenção de dar pra ele.

— Ele não é vagabundo! Se você o ferir, *nunca* vou te perdoar!



Mostrando as presas, ele disse asperamente.

— Resolveremos na volta pra minha casa.

— O que dá a você o direito de me abordar desse modo para tentar me raptar?

— Disse a você quem sou. Já te disse o que você é. Você me sangrou. Eu não escolhi que isto acontecesse com você. O destino decidiu. E agora devemos nos curvar aos seus desígnios.

— Você *não pode* me riscar de Runa! — *Velhos métodos*. Ela estava presa neste plano — até se casar. Raum usou aquele maldito medalhão da convocação para impedi-la de partir.

— Não posso? — O vampiro a alcançou, seu olhar cheio de intenções.

Capítulo 6

Quando Trehan puxou o corpo dela nu para seu peito e se levantou para riscar para casa, duas coisas aconteceram: ele não a moveu; e dor atravessou sua mão.

Ele soltou-a, olhando para as três feridas profundas em sua mão.

— *Que diabos é isso?* — Rugiu enquanto ela se escondeu de volta sob o lençol. — Onde está a arma? — envolvendo a palma da mão sangrando com a manga da camisa rasgada, viu o que causou a lesão. Quando agarrou o braço dela, a faixa de ouro ejetou *espinhos*.

Agarrando o lençol sobre o peito, ela suspirou.

— *Funcionou*.

Ele detectou o orgulho em sua expressão antes que baixasse o olhar, mais uma vez, brincando com o bracelete. Com o toque de um botão escondido, os espinhos retraíram.

Então, ele entendeu — que isto era *sua* coleção de livros. Aqueles eram os seus desenhos. Armas, ourivesaria, projeto...

— *Você fez isso?* — Ela encolheu os ombros.



Pequena feiticeira inteligente. *Como foi que ela criou um sensor de pressão...* Não! Com uma sacudida afiada de sua cabeça, lembrou-se de que tinha problemas maiores para lidar. Ou seja, como levá-la de volta para sua casa.

— Você está sob um encantamento? — Ele começou a caminhar com frustração, incapaz de aproveitar a noiva que pouco antes era dele.

Sangue ainda corria de sua palma. *Deveria tê-la possuído!*

Poderia esta noite, possivelmente, piorar ainda mais?

— Por que sou incapaz de riscar você?

Ela apertou os lábios, seu olhar dizendo que não iria responder a nenhuma pergunta.

Como um vampiro nato, Trehan era de fato, fisicamente incapaz de mentir. Se ao menos tentasse, as palavras deixariam sua garganta como fogo. Então, o que poderia fazê-la prometer cooperar com ele?

— Bettina, se você respondesse minhas perguntas, nós poderíamos ir embora juntos e talvez eu não precise nunca mais voltar para Caspion. — É claro que ele iria voltar.

Estar marcado para morrer por Trehan Daciano era quase tão bom quanto estar morto.

Seus olhos se arregalaram.

— Eu não vou te dizer nada!

Qualquer coisa para salvar aquele bastardo. Trehan realmente pensou que era inteligente? E ela não percebia que favorecendo Caspion — ainda estaria marcado.

Minha noiva, a dona da casa lendária da Sombra, é uma Sorceri, bêbada, insensata. Seus ancestrais devem estar riscando em seus túmulos agora.

— Como posso levá-la daqui?

— Meu padrinho tem um medalhão de convocação, ao qual estou presa. Ele é usado para garantir que eu permaneça neste reino até que o torneio termine.

Trehan ouviu falar desses tipos de medalhões, sabia que era um meio arcaico de controlar... demônios.



— Você é parte demônio? — *Sim, a noite poderia piorar ainda mais.*

Não, não, ela não tinha nem chifres, nem presas. Ela parecia um mortal frágil, ou algo assim. Dificilmente um demônio forte.

— Minha mãe era uma Sorceri, meu pai é o rei deste reino demônio — ela disse com um toque de presunção, mas Trehan não estava de forma nenhuma impressionado com a realeza.

Minha Noiva é uma mestiça bêbada insensata. De todas as potenciais combinações do Lore, esta criatura era o produto de duas das espécies imortais mais opostas.

Tão longe de ser uma orgulhosa, lógica fêmea Dacian. Ele exalou. Não importa. Bettina ainda era *dele*.

— Como faço para adquirir o medalhão?

— Ele está sendo oferecido como um prêmio — ela disse em um tom amortecido. — Em um torneio.

— Você é a princesa órfã. Você é o troféu? — *Piorou ainda mais.*

Ela deu de ombros.

— Há um convite em meu armário.

Ele olhou ao redor, então riscou para recuperar o pergaminho à moda antiga.

RAUM, O GRANDE DUQUE DOS ÚNICOS MORTAIS E MORGANA, A RAINHA DE TODAS AS SORCERI, PEDEM O PRAZER DE SUA PARTICIPAÇÃO EM UM TORNEIO PELA MÃO DE SUA AFILHADA, A PRINCESA BETTINA DE ABADDON.

LOCAL: O ANEL DE FERRO; RUNE, ABADDON.

QUANDO: AOS NOVE DIAS ANTES DA LUA SANGUINE

COMO: LUTAS ATÉ A MORTE

PRÊMIO: A COROA DOS ÚNICOS MORTAIS E O MEDALHÃO DE INVOCAÇÃO DE BETTINA



Em letras menores na parte inferior:

A CERIMÔNIA DE CASAMENTO DA LUA CHEIA ACONTECERÁ NA RODADA FINAL DO TORNEIO. TODOS OS PARTICIPANTES TÊM PROTEÇÃO MÍSTICA GARANTIDA FORA DO RINGUE.

— Guardiões? — Trehan quase amassou o pergaminho. — Quantos anos você tem?

— Vinte e dois.

Sua mandíbula diminuiu.

— Tão jovem? — Ele acumulou séculos de méritos de força, poderia tê-la prejudicado seriamente esta noite. — Um reino inteiro está em jogo. Você sabe quais os tipos de homens que irão entrar nesta disputa?

— Trehan viu uma amostra deles perto do anel de combate.

— Eu concordei com o torneio.

— Por que em nomes dos deuses você faria isso? E por que você alguma vez renderia seu sangue por um medalhão de convocação? — Talismãs como esse eram bastante comuns no Lore. Mas o demônio tinha que dar o sangue voluntariamente para que ele funcionasse.

Ela murmurou — *Eles queriam isto.* — Antes que ele pudesse perguntar o que queria dizer, ela tentou uma atitude enérgica. — Uma vez que a competição comece, estarei completamente preparada para me casar com quem conseguir vencer. — No entanto, sua voz falhou um pouco no final.

Completamente preparada — *e aterrorizada.*

— Mas você está lamentando a sua decisão agora? É isso? — A percepção acertou-o. Se Caspion se deitou com ela na véspera, o torneio seria cancelado. — É por isso que você estava tentando seduzir o demônio! — Seu alívio foi profundo. — Então ele te salvaria. — *E agora eu vou salvar você.*



— Eu estava tentando seduzir Caspion porque eu o amo. Eu sempre amei, e sempre o amarei.

Trehan sentiu como se suas presas tivessem nocauteado sua garganta. De todos os homens do mundo. Esse demônio da morte era notoriamente popular com fêmeas de todas as espécies, transou com metade das criadas de Dacia, antes de fugir durante a noite.

Minha noiva está apaixonada por meu alvo.

Se a companheira de Tehan tivesse tido outro vampiro, ela sentiria a mesma urgência e necessidade por ele. Mas quando um vampiro estava sangrado por uma fêmea de outra espécie, essa noiva de raça diferente poderia não sentir nada por ele.

Esta não sentia nada.

— E se eu decidir simplesmente roubar o medalhão — e você?

— Ele está protegido.

— Eu vou quebrar o feitiço tão facilmente como fiz com sua barreira mágica.

— O medalhão é mantido em uma caixa de vidro que foi protegido por Morgana, usando toda a força de suas magias. Ele não pode ser levado, apenas conquistado pelo meu futuro marido.

Trehan sabia sobre Morgana, sabia que era uma das feiticeiras mais poderosas que já viveram — porque ela controlava as habilidades de *todos os outros Sorceri*. Embora Trehan fosse um sábio Dacian, não era egoísta o suficiente para acreditar que poderia facilmente contornar suas magias.

— Você deve saber de uma maneira de consegui-lo.

Ela balançou a cabeça.

— Não sei. Eu lhe diria se soubesse.

— Você me diria, mas apenas para salvar seu precioso Caspion. — Mais uma vez ele lutou com seu temperamento, com um ciúme tão cru que nunca experimentou nada parecido. — E o que ele vai fazer para *salvá-la*? Será que entrará no torneio?

Em resposta, ela olhou para a colcha.



— Não? Então, está me querendo esta noite ou qualquer um entre os machos se alinhando abaixo? Acho que você deveria ser mais receptiva a mim. Certamente tenho uma alternativa melhor.

— Pelo menos nenhum deles quer matar o homem que amo.

Mal controlando sua raiva, ele ignorou a dor na palma de sua mão e agarrou o punho da espada, algo que nunca fez.

— O homem que você *ama* está em um bordel agora, eu estou aqui com você. — Suas palavras bateram no fundo, fazendo-a estremecer, mas ele não sentiu nenhuma satisfação nisso. — Para uma virgem, você tem alguma habilidade em seduzir. Você seria sábia usando-a agora. — Ele mal conseguia acreditar que disse isso a ela. No passado, falou somente após cuidadosa consideração de suas palavras.

Parecia que este ciúme estava corroendo sua razão, o controle de seus impulsos. Trehan, um Dacian, quase a *mordeu*.

Ela encontrou seu olhar.

— Sinto muito que seja eu a sua noiva — começou, claramente tentando decidir exatamente a coisa certa a dizer. Uma dificuldade em sua condição. — Sinto por coração já ter dono. Mas se você prejudicá-lo irá me *destruir*. — As lágrimas brotaram de seus olhos mais uma vez. — Por favor... *não*.

Para proteger seu reino, Trehan deveria eliminar esse demônio, sua noiva nunca iria perdoar o assassinato.

Ele precisava pensar. Para abordar isto racionalmente. O que era impossível quando as lágrimas em seus olhos o afetavam fisicamente, e quando a memória de seu pulso contra sua língua ainda o fazia ansiar pelo proibido.

— Já lhe disse tudo o que sei — ela murmurou. — Estou implorando para ir embora de Abaddon.

Implorando-me para deixá-la.

Ele não precisava disso! Deveria ser grato pelo aumento do poder que seu sangramento lhe trouxe — e da realização que roubou com Bettina — então seguir em frente com suas funções.



Ele poderia desfrutar de outras mulheres, agora que ela trouxe seu corpo de volta à vida. Ainda poderia ter herdeiros, poderia repovoar sua casa. Até onde sabia, ele era o primeiro de seus primos a ser sangrado, o que significava que acabou de se tornar o mais forte.

Anseios antigos ainda poderiam ser realizados. *Eu poderia ter uma fêmea, e descendentes — e a força necessária para proteger a todos.*

Trehan estaria condenado se competisse pelo afeto de Bettina, especialmente contra alguém tão indigno como Caspion. Quando o sol começou a entrar no quarto, ele disse: — Adeus Bettina de Abaddon.

— Você está indo embora?

A esperança em seu tom enciumou sua decisão.

— Estou.

No entanto, em seguida, seu rosto caiu.

— Para tentar roubar meu medalhão?

— Retorno à minha casa.

Seus olhos se arregalaram.

— E você vai poupar Cas?

— Nem um pouco. Eu não tenho planos de voltar por você. Mas, definitivamente, vou por ele. Isto está feito, Bettina. Conforme-se.

— Por favor, não! Eu farei *qualquer coisa*. — Seu rosto ardia quando perguntou — Você não precisa... me reclamar?

Sim! A tentação de afundar em seu corpo virgem — perder-se na umidade sedosa que tocou. Que *saboreou* — quase o fez chegar até ela mais uma vez.

Engolindo nervosamente, deixou cair o lençol até a cintura.

— P-prometa não machucá-lo, e serei sua.

Seu olhar fixou-se em seus seios, sobre seus insultantes mamilos. *Ela dormiria comigo para salvá-lo.* Deuses, o prazer seria inimaginável. Seu pênis endureceu, se contorcendo dentro de sua calça molhada. Mais uma vez, suas presas afiaram.

Mas ele se recusou a forçar-se em uma mulher que não o queria.

— Você está em uma situação impossível, garota. Quanto mais você implorar pelo demônio, menos estou inclinado a querê-la. — Quanto mais



ela pedia, menos ele a *queria*. — A próxima fêmea que levar para a minha cama vai estar lá, porque ela deseja o que somente eu posso dar a ela.

Quando os incendiários raios de sol se derramaram no quarto, ele deu uma última olhada para ela, e depois desapareceu.

Capítulo 7

Depois de Bettina vestir um robe e arrancar a máscara, ela praticamente pulou sobre a campainha de Salem, tocando-a freneticamente.

— Que diabos há de errado com você, pirralha? — Exigiu o jarro quase vazio em sua mesa de café.

— Você tem vigiado Cas?

— Sim. Eu me juntei ao teto bem em cima da cama da meretriz que ele vem estocando por horas. Está fazendo coisas com ela que você não acreditaria. Vou desaparecer agora e voltar ao meu posto.

— Espere. — Bettina cerrou os dentes, lembrando-se que não era como se ela e Cas tivessem algum compromisso.

E não é como se eu não tivesse estado com outra pessoa esta noite.

— Volte para o quarto da *meretriz* — disse entre dentes — e diga a Caspion que me encontrei com o vampiro designado para assassiná-lo.

O ar estremeceu em volta dela, o único indicador das emoções de Salem. Ele não estava mais na jarra. Ela o sentiu ocupando um cacho do seu cabelo.

Bem à sua orelha, ele gritou.

— *Um assassino esteve no seu apartamento? Por que diabos não me chamou?*

Bettina deu um salto.

— Só vá buscar Cas! Vou explicar tudo para vocês dois.

— Eu deveria ter ficado aqui com você. E se esse sanguessuga voltar? Falarei com Raum...



— Não! Não acredito que haja perigo agora que o sol está nascendo. Agora vá!

Três minutos depois, tanto Salem quanto Cas voltaram ao seu quarto. Cas estava meio vestido, fedendo a perfume, seus chifres e boca manchados de batom. Sua camisa desabotoada, revelando uma pele bronzeada e sem defeitos e mais batom desaparecendo debaixo do umbigo.

Que mulher sem rosto usufruiu do corpo de Cas a noite inteira? Deuses, o ciúme doía! Às vezes Bettina ficava feliz por não possuir mais seus poderes Sorceri. Não conseguia nem imaginar o que poderia ficar tentada a fazer em um surto de raiva.

Baixou os olhos para os seus dedos esticados; mesmo depois de todo esse tempo, esperava que o poder e a luz entrassem em ebulição em suas palmas. Ao invés disso, um vazio ressoava dentro dela.

Um vazio que nada podia aliviar...

— Você o viu? — exigiu Cas calçando uma bota. — Ele esteve aqui?

— Sim. Em carne e osso. — *E na minha cama.*

— Como ainda está viva? — Meio vestido, Cas colocou as mãos ásperas nos seus ombros, da mesma forma que o vampiro fez. — Ele nunca deixa ninguém vivo! É proibido que seja visto pelos forasteiros!

Ela engoliu em seco.

— Eu... bem, acho que sou uma exceção.

Salem atravessou a sala, possuindo uma das mãos de Cas, mas o demônio estremeceu, sacudindo os dedos com desprezo.

Salem saiu, voltando ao seu cabelo.

— Divida conosco, princesa.

— A questão é que... sou a Noiva dele.

Quando Cas ofegou, Salem disse.

— Então o demônio irritou alguns vampiros e eles contrataram um assassino que a reconhece como companheira? Oh, isso fica cada vez melhor.

— É verdade.



Cas abriu a boca para falar, fechou-a e então tentou mais uma vez antes de dizer.

— Você o fez *sangrar*?

— Por que isso soa *tão* impossível assim? — Ela apertou a faixa do seu robe com movimentos bruscos. — Alguns homens de fato me acham atraente, Caspion.

— Eu sei, eu sei. Mas...

— E não faça parecer como se isso fosse culpa *minha*! Eu estava dormindo na minha cama, tratando da minha vida quando ele apareceu no quarto.

— Porque estava me procurando! — Cas se afastou dela, passando as costas da mão pela boca manchada de batom. — Eu a coloquei em perigo, coloquei-a nas vistas daquele bastardo. — Então ele franziu o cenho. — Por que o vampiro não está aqui tentando roubá-la?

Que vergonhoso. Ela fitou o chão quando admitiu.

— Eu acho que ele me deixou... porque contei a ele meus sentimentos por você. Ele ficou com raiva. — Mas não no final. No fim ele pareceu distante, não estava afetado pelo o que aconteceu entre eles.

— O maldito Príncipe das Sombras. — disse Cas com raiva. — O que eu fiz?

— Como ele atravessou meu feitiço em primeiro lugar? — Ela ficou completamente vulnerável. E se ele tivesse más intenções? Colocou a mão na garganta. Os Vrekeners poderiam entrar quando quisessem? Aquele feitiço vinha funcionando desde que o castelo foi construído — estava perdendo a eficácia?

— O vampiro se transformou em névoa. — disse Cas distraidamente. — Ele tem séculos de experiência em atravessar barreiras. Tinha certeza que poderia chegar até mim.

— Névoa! Vampiros! — exclamou Salem. — Vocês dois estão falando sobre um *Dacian*?

— Ele me disse que o seu nome era Daciano. — disse Bettina. — O que exatamente é um Dacian? Achei que eles eram o bicho-papão da Horda. Super vampiros de lendas.



Cas murmurou um palavrão grosseiro.

— Eles são um *segredo*. Qualquer um que saiba a respeito deles morre! Eu não falarei disso na frente de Salem.

— Como se não pudesse descobrir tudo rápido de qualquer forma. — disse Salem. — Sou um *fantasma*. Bem, um silfo. Vocês dois não entendem que não há como esconder segredos de Salem? Ninguém pode. — Ele se dirigiu à Bettina. — Como quando a princesa tomou alucinógenos ano passado em uma... como os mortais chamam... *rave*.

Como ele podia saber disso?

Para Cas ele disse.

— Ou o que você fez com aquelas duas irmãs Lykae na lua cheia? Quase perdeu uma mão naquela noite, não foi?

Cas engoliu saliva desconfortavelmente, parecendo envergonhado. — *O que aconteceu com as lobisomens fêmeas?*

— Tudo bem. Você sabe das coisas. — disse Cas. — Mas como podemos ter certeza que não vem contando tudo isso para Raum?

— Por que Raum tem duas maneiras de funcionar: alegre ou furioso... abraço forte ou machado na cabeça. Ele não consegue esconder as reações. Agora, vocês dois, decidam: Salem como aliado ou inimigo?

Ela estreitou os olhos.

— Por que quer se envolver nas nossas vidas se não for pra contar a Raum tudo que descobrir?

— Porque não posso lutar, comer, beber, dormir, nem bater uma. É difícil dar uma trepada quando você *não tem o necessário*! Eu quero a intriga! Agora, demônio, o que você fez?

Bettina afundou no sofá.

— Oh, pelo amor de Deus, Cas, diga logo a ele.

Com um som brusco de irritação, ele disse.

—Eu *fui embora*. Uma vez que se entra em Dacia, não se pode ir embora sem permissão especial. Isso é concedido muito raramente para nativos Daci — e *jamaís* para os recém-chegados ao reino.

— Ninguém te falou dessas regras? — perguntou ela.



— Achei que poderia contorná-las ou que meu padrinho acalmaria as coisas por lá. Na pior das hipóteses, acreditava que teria abrigo aqui. Eu nunca disse a eles que era de Abaddon, ainda não sei como o assassino me alcançou aqui tão rápido. Ele não pode ter estado aqui antes. — Cas esfregou a palma no rosto. — E como, em nome dos deuses, ele a encontrou?

— Não faço ideia. Apenas acordei e ele estava aqui.

Cas a olhou com uma expressão confusa.

— Como ele pôde ir embora se o sangrar não foi completado?

Quando Bettina estudou as mãos no colo uma tensão exalou dele, tão forte que ela levantou os olhos outra vez. Nunca o viu tão furioso. Até Salem começou a nublar o ar com sua raiva.

— Ele a forçou? — explodiu Cas. — Vou estripá-lo antes que tenha a chance de sequer me atacar!

— Não! Não foi assim.

Salem disparou.

— Então *como* foi?

Respirando fundo, ela disse.

— Eu estava bêbada. Achei que era Cas. — Suas bochechas pareciam pegar fogo. — Eu fui... receptiva.

Cas endireitou os ombros.

— Não conseguiu ver que era outra pessoa? — exigiu. Claramente ofendido.

— O quarto estava escuro! E nós não... conversamos muito. Mas não ocorreu nenhum dano permanente. Ainda sou virgem. Só talvez um pouco mais *informada*.

Cas estendeu os braços, levantando seu colar de ouro.

— Pelo menos ele não te mordeu.

Ela lembrou de como Daciano lutou para não mordê-la. *Eu nunca machucarei você...*

— Ele parou quando viu que fiquei angustiada.

— Uma atitude de *muita* sorte para nós. Ser mordido por um vampiro é... transformador. — Ele desviou os olhos brevemente antes de encará-



la mais uma vez. — Acharei um jeito de protegê-la dele. De alguma maneira. Ele pode ser ancião e habilidoso com uma espada, mas vou descobrir um jeito. Quando ele voltar, vou agir.

Ela não compartilhava o otimismo de Cas. *Aquela letalidade arrepiante...*

— Espere, você disse ancião?

— Pelo menos nove séculos.

Como era... *velho*. Ela não sabia como se sentia a respeito disso. Mas para Caspion era desastroso. O tempo trazia força para os imortais.

— Ele disse que não tinha planos de voltar por mim, mas definitivamente voltará por você, Cas. Acha mesmo que pode derrotar um assassino profissional? Um Dacian de vida longa? — Certamente não achava antes. — Estava convencido que ele acabaria com você.

— Isso foi antes de você ser envolvida. Agora tenho que achar um jeito.

Salem disse.

— Esse é o problema com um assassino — com cada morte, ele arrisca capturar a sua própria. Com um assassino de longa vida significa que ele ganha *sempre*.

Cas esfregou a garganta de novo.

Bettina usou sua vantagem.

— Só há uma solução. Entre para o torneio. Raum e Morgana garantem a segurança de cada participante fora do anel. O vampiro não poderia tocá-lo. E você sabe que pode derrotar qualquer um que entrar.

Embora ele não estivesse tão poderoso quanto queria — demônios da morte acumulavam força com cada morte e o trabalho dele era localizar, não *executar* — Cas era um excelente espadachim e conseguia achar o que quisesse.

Uma chama de esperança cresceu nos olhos dele. Então sacudiu a cabeça.

— E se eu ganhar? E então? Vamos dizer que eu elimine esse assassino e depois case com você. Você privaria a minha companheira destinada do seu homem? Eu tornaria a minha vida e a sua infeliz.



Sua mente gritava, *Eu posso ser sua companheira.*

— Não tem como saber que não sou eu. E sou livre para amar quem eu quiser. — Ao contrário de muitas espécies do Lore, Sorceri não tinham um companheiro místico destinado para si. Mas se casavam sim, e formavam vínculos por toda a vida.

— Desculpe Bettina. — Sua expressão parecia genuinamente cheia de remorso, suas sobrancelhas loiras baixas. — Não posso entrar.

A decepção ameaçava sufocá-la, mas lutou para manter um tom calmo.

— Entendo. Eu poderia pedir ajuda a Morgana contra o vampiro. — A avó de Bettina era como uma irmã mais velha.

Uma irmã mais velha que nunca, nunca, *nunca* desejaria irritar.

Ainda assim, Bettina se desesperou mais uma vez.

— Ela não chega até esta noite... não ficará neste 'desprezível plano demoníaco' além do necessário, mas eu poderia pedir quando chegasse.

Morgana ofendia todos os demônios, ainda não conseguia acreditar que sua melhor amiga, Eleara — a recém-falecida mãe de Bettina — tivesse se casado com um. Mas a feiticeira poderia de fato concordar em ajudar Cas, nem que fosse só para frustrar o vampiro.

Morgana interpretaria as ações de Trehan Daciano com Bettina como um *truque*, e os Sorceri deveriam ser os que aplicavam os truques — não os que sofriam com eles. A grande rainha poderia matar o vampiro somente por isso.

Cas pegou nos seus ombros de novo.

— Não pode contar isso a mais ninguém! Ninguém deve saber que os Dacians existem. Muitos já estão sabendo. Eu estaria traindo Mirceo ainda mais.

Mirceo?

— Mas Morgana pode ajudar.

— Prometa, Tina. Você arriscaria os Sorceri e se colocaria mais ainda em perigo!

Quando ele a olhava daquele jeito, com seus olhos azuis brilhando com sentimento, não conseguia lhe negar nada. Resmungou



— Eu prometo.

— Está tudo bem— disse Salem — em se preocupar com Caspion. Mas você tem coisas *demais* com o que se preocupar. Nem toda fêmea no bordel teve sorte o bastante em ser servida por ele. Vi outros competidores lá dentro. Um trio de Ajatars de duas cabeças. Cerunnos. Até um demônio de pus... Oh, perdão. Um Excretorian — estava lá.

Ajatars tinham dentes de metal e sopravam fogo. Cerunnos eram humanoides parecidos com cobras. Excretorians vazavam pus de todos os poros. Ela se virou para Cas.

— Por favor, não me abandone a esse destino. Eles cancelarão o torneio completamente se eu não for virgem. Você não pode simplesmente... seria tão ruim assim...?

— Bettina — ele começou sério — tem algo que você deveria saber.

Capítulo 8

— Revele-se — exigiu Trethan dos seus aposentos aparentemente vazios. Sentia o perigo se aproximando. Um fato comum em Dacia.

Seu olhar foi para os cantos cheios de sombras da sala de estar, e depois subiu para checar o teto abobadado. Deu um olhar rápido para os dois corredores adjuntos. Um levava para seu quarto; o outro dava em uma ala com infinitas prateleiras de livros.

Quando apenas o silêncio respondeu, voltou à sua tarefa: pesquisar.

Assegurou a sua recém-encontrada Noiva que não tinha planos de voltar por ela. *Era verdade no momento. Mas agora...*

A ideia de nunca mais vê-la de novo o deixava louco.

Tinha lhe perguntado.

— O que quer de mim?

Ele queria voltar no tempo e responder:

—Tudo! Tudo que é meu por direito!



Mas fez a coisa racional, e a deixou. Nunca se arrependeu de tomar uma decisão racional.

Posso me arrepender agora?

Disse a si mesmo que simplesmente não tinha informação suficiente para tomar qualquer decisão com relação a ela. Precisava contemplar aquilo de uma forma lógica, reunir fatos.

Então se voltou para seus livros, juntando um volume sobre fisiologia vampírica, o pesadíssimo *Livro do Lore*, e uma história publicada recentemente sobre várias demonarquias. Colocando os livros de um lado de sua larga mesa, dispôs o convite para o torneio na outra.

No manual fisiológico, Tretahn confirmou as cruas realidades de sua situação. A menos que um vampiro reivindicasse completamente sua Noiva, ficaria cheio de agressividade, ciúme irracional, e urgências sexuais incontroláveis.

Talvez Tretanh devesse ter concordado com sua oferta e a tomado. Agressividade? Ok. Ciúme irracional? Quando pensava em Bettina agindo com tanto abandono com Caspion, Trethan ficava de pé, lutando contra uma fúria homicida. Ok. Urgências sexuais incontroláveis? Ao voltar para casa para tomar um banho e trocar de roupa, ficou dolorosamente duro só de ver a evidência de seu orgasmo na calça. Afinal, não viu nem sentiu o cheiro de seu gozo por mais de um milênio.

O livro também falava que um vampiro tinha que penetrar sua companheira com as presas. Como os demônios e os Lykae faziam. *O que ele considerava barbárico.*

Mas aquele livro, no geral, falava sobre vampiros. Dacians eram diferentes, superiores a outras facções como os Horde e os Forbearers. Assegurou a si mesmo disso, mesmo ao lembrar-se de como desejou mordê-la.

Domínio...

Com um solavanco interno, voltou-se para o livro da história dos demônios, para o capítulo da destruição.

Muito bem nomeado, os Primeiros Mortais adquiriam força com cada morte que cometiam, então historicamente participaram



frequentemente de guerras. O plano deles era manter um reino isolado, sem importância, com uma variação de tempo típica do além-mundo.

O tempo, assim como a vida, movia-se devagar em Abaddon...

A princesa Bettina era a primeira filha nascida em gerações, descrita como um "duende" pela aparência. Embora mestiça, não herdou nenhum traço exterior demoníaco, mesmo assim diziam que possuía um notável — mas não revelado — poder Sorceri.

Fascinante. Uma pequena e delicada feiticeira nascida em um mundo demônio violento e arcaico.

Seus parentes ancestrais lutaram bravamente e morreram em várias batalhas, mais frequentemente com outras demonarquias. Apenas há uma década atrás, seu pai, Mathar, foi ao auxílio dos aliados Pravus, perecendo na linha de frente.

Aparentemente a rainha feiticeira, Eleara, foi assassinada por Vrekeners logo após o nascimento de Bettina. Aquelas criaturas aladas eram inimigas mortais dos Sept de Sorceri, considerando-se a marca da maldade dos Sorceri.

Trehan não encontrou mais histórias do lado de Eleara, então leu no *Livro do Lore* sobre os Sorceri em geral. Parentes distantes das bruxas, cada um nascia com uma habilidade nata que consideravam similar a uma alma.

Sua espécie era uma das mais fracas de todos os imortais — ao menos em relação à força física e capacidade de cura —. Por isso, enfeitavam os corpos com metais de proteção, especialmente ouro.

Não possuíam garras, então usavam garras de metal. As máscaras que usavam perturbavam os inimigos.

Eram ao mesmo tempo alegres bebedores de vinho que veneravam ouro, e temidos magos, vivendo com medo constante de ceder seus poderes para outros.

Qual era o poder de Bettina? Por que não usou contra ele quando esteve à ponto de morder seu pescoço?

Com aqueles três livros, estabeleceu três fatos.

Sua necessidade física não era somente irritante. Era perigosa.



Embora a ascendência dela fosse parcialmente demoníaca, ela era orgulhosa e de valor.

A feiticeirazinha estaria sob constante ameaça e também precisaria dele.

Mas algumas coisas não podiam ser descobertas em livros, e Trehan tinha mais perguntas do que respostas com relação à sua Noiva. Perguntava-se como era a personalidade dela? Qual era a sua cor favorita? Quais eram seus hobbies? O que lhe fazia rir?

Considerou o que *realmente* sabia sobre ela.

Ela bravamente — mesmo que erroneamente — se sacrificaria pelo macho que amava. Era sensual e curiosa sobre sexo; nenhuma Noiva era fria por natureza. Ainda assim, lembrava daquele sorriso tímido quando ela expôs os seios. Não era naturalmente ousada, mas quando sentia prazer, ficava belamente fogosa.

Julgando pela coleção de livros, tinha fixação pela arte. Trehan era obcecado por armas como qualquer Dacian. Provavelmente mais. Observou todas as suas armas exibidas em caixas de ouro pensado, *Ela cria armas; eu as empunho.*

Olhou para a mão machucada. *Ah, mas ela empunhou uma também.* Aquela seria a primeira coisa que teriam em comum?

Os ferimentos estavam desaparecendo; viu que não queria que desaparecessem. Não. Não afundou as presas em sua carne, mas ela deu sua própria mordida. Quando lembrou do sangue jorrando de sua mão e do seu momento de orgulho, por alguma razão ficou excitado mais uma vez.

Olhando do convite... para os livros... de novo para o convite — Aço frio foi pressionado no pescoço de Trehan.

Deve ser Viktor. Imaginou se o primo iria finalmente lhe dar um golpe mortal. Tentaram matar um ao outro por centenas de anos.

— Me deixou pegá-lo de surpresa? — rangeu Viktor. — O que ocupa seus pensamentos tão completamente?

— Não completamente. — Trehan cutucou Viktor com a lâmina que conseguiu tirar do cinto, agora pressionada no saco de Viktor.



Viktor riu no ouvido de Trehan.

— Posso perder temporariamente minhas bolas, velho, mas você vai perder a vida.

— Já fui castrado. A regeneração é tão dolorosa que vai achar o meu destino preferível. — disse, amaldiçoando sua distração. Aquela noite estava cheia de primeiras vezes para Trehan: permitir que Viktor o pegasse de surpresa, deixar um alvo vivo, seu sangramento — até a rejeição por uma fêmea.

Viktor hesitou e então se afastou.

— Não será divertido acabar com você sem uma briga. — Não amava nada mais do que uma boa briga. Não era de se surpreender — era a última prole da Casa da Guerra, *a fúria do reino*. — Desembainhe sua espada primo.

Com uma exalação cansada, Trehan guardou a faca e tirou a espada. A arma era uma das posses com que realmente se importava. Foi dada por seu pai com as inscrições "*Seja um exemplo, Filho*".

Ignorando a pontada na mão machucada, Trehan se aproximou para encarar Viktor. Embora seus temperamentos fossem diretamente opostos — um frio e metódico, o outro, inclinado à guerra e impulsivo — suas aparências eram tão parecidas que poderiam ser irmãos.

Viktor estreitou seus olhos verdes para Trehan.

— Você está ainda mais pensativo que o de costume. Problemas com o seu alvo?

Você não tem ideia, pensou Trehan quando deferiu o primeiro golpe.

Viktor desviou, e choque de aço ecoou na espaçosa biblioteca.

— Era aquele novo demônio, certo? — perguntou Viktor quando avançou. Trehan desviou com segurança da espada. Séculos de batalhas constantes entre eles os tornou esgrimistas incríveis. — Caspion, o Rastreador, aquele que todas as fêmeas amam?

Todas as fêmeas. Inclusive a minha.

Viktor simulou um ataque pela esquerda, dando um golpe curto pela direita; Trehan arqueou as costas, escapando por pouco da ponta afiada.



— O grande Trehan realmente deixou um alvo com vida? Não, não, porque não teria voltado aqui. — outro golpe.

Trehan desviou.

— Eu não o atraí — respondeu um pouco tentado a contar tudo para seu primo. Se não confiasse em Viktor, em quem poderia confiar?

Em ninguém.

O relacionamento dos dois era complicado, para resumir. Como últimos membros de suas respectivas casas, vinham tentando matar um ao outro pela maior parte de suas vidas, ainda assim não havia ninguém mais que Trehan iria querer ao seu lado se lutassem contra um inimigo mútuo. Viktor também guardava os segredos do primo, recusando-se a manchar a si mesmo e a Trehan com as políticas da corte, preferindo resolver seus problemas em combate.

Trehan balançou; Viktor bloqueou. Suas espadas se tocaram, tremendo nas mãos.

— Está forte esta noite — observou Viktor com aprovação. Venerava força e saboreava violência.

Viktor estava perpetuamente desapontado por seu reino oculto não lhe dar chances de um confronto aberto. Como já disse uma vez depois de alguns copos, sou o general do exército mais perfeito e orgulhoso do mundo, um que *jamaís* irá guerrear.

Golpe; desvio. Ataque; rechaço.

— O que é isso que estou ouvindo? — exclamou de repente Viktor. — Ah, Trehan, seu coração bate! É dele que vem essa nova força.

Um vampiro ganhava força com a idade, com sangue Dacian, tomado diretamente da carne, e quando sangrava — o que era seu caso —. Ele não sabia se Viktor havia sangrado. Seu primo utilizava uma velha bruxaria para camuflar se o coração batia ou não.

Trehan tinha uma teoria a respeito...

— Onde está sua Noiva? — Viktor arriscou um olhar além de Trehan. — Por que estava *lendo* quando o surpreendi? — Uma expressão de confusão se seguiu. — Por que não está copulando com ela neste



instante? Talvez a encontre deitada em sua cama com um saco de gelo entre as pernas?

— Você é grosseiro. — Outro golpe de espada. — Está falando da minha Noiva!

Outro desvio.

— Então, onde ela está?

— Havia *desafios* inerentes a ela. — Se afastou do golpe de Viktor, aparecendo a um metro de distância; a lâmina cortou o ar onde Trehan acabou de estar.

— Conte tudo, primo!

— Isso não importa. Ela não seria apropriada para mim. — Bettina tinha seu próprio reino para governar. Dificilmente poderia esperar que vivesse no submundo com ele.

Ela está apaixonada por outro.

— Você a reivindicou? — perguntou Viktor.

Uma sacudida forte com a cabeça.

— E foi melhor. Assim que eu assumir o trono...

— Tão certo de que será rei?

Ataque. Desvio.

— Infelizmente, sim. Sabe que sou a escolha lógica.

Ele era o mais qualificado para governar. Mas para ser justo, cada um dos candidatos ao trono tinha forças. Trehan cultivou uma ordem de assassinos treinados. Viktor controlava o exército. O primo deles, Stelian, decidia sobre quem entrava e saía de Dacia. O primo mais novo, Mirceo, era o mais amado pelo povo e tinha uma leal aliada em sua irmã, Kosmina.

Contudo, Trehan era o mais "Dacian" da realeza, acreditando naquele reino como uma religião.

— Ah, aquela louvada lógica Daciana — Viktor disse com desprezo, simulando uma investida para a direita, e golpeando à esquerda. Com um bloqueio bem a tempo, Trehan evitou o ataque, mas a perna de Viktor levantou, atingindo-o no estômago.

Se Viktor queria lutar sujo...



Entre inspirações, Trehan rangeu.

— Talvez não se ressentisse dessas qualidades nos outros... se não fosse o mais *ilógico* da família. — Como um borrão, caiu, dando uma rasteira e tirando as pernas de Viktor do chão.

Bem antes das costas de Viktor encontrar o chão, ele ficou de pé.

— Rei Trehan? Nunca enquanto eu viver.

Confrontaram-se diretamente mais uma vez.

— Você é hostil e impulsivo — disse Trehan. — Mirceo é egocêntrico e hedonista demais, sem mencionar jovem. E Stelian está sempre bêbado e mal consegue lidar com as responsabilidades como guardião.

— E *você* é frio demais.

Não esta noite. Fitando os olhos de Bettina, observando-os brilhar de necessidade, Trehan se encheu de emoção. Não foi frio quando gozou na mão macia de sua Noiva...

Distraído mais uma vez, mal conseguiu desviar do golpe seguinte de Viktor.

— As pessoas iriam definhar ante seu governo sufocante, Trehan. Você é a espada do reino, uma lâmina fria e sem sentimentos.

— Isso é uma discussão para outra noite.

— Então que seja. Voltando à sua Noiva sumida... — Ele se interrompeu, o olhar parando na mesa de Trehan. No convite. Antes de Trehan conseguir alcançar o pergaminho, Viktor o pegou rapidamente e leu seu conteúdo. — Abaddon? Já estive lá! Costumava ir assistir as brigas. A névoa se mistura tão discretamente com aquela bruma, sabe. Espere. É ela não é? 'Desafios inerentes'? Devo concordar. Ela é um maldito troféu de um torneio!

— Já chega primo.

— Não estou nem perto de acabar! Por que está brigando por essa coroa quando pode ter outra?

— Não tenho interesse algum naquele reino — apenas na garota.

— A que por acaso está sob a proteção de um dos Primeiros Mortais e da feiticeira mais poderosa que já viveu? Tentou roubá-la deles esta noite?



- Sim — admitiu Trehan. — Mas ela está presa àquele plano.
- Espere, ela é uma... uma demônio? Outra vez, por que não está na cama com ela agora?
- Para sua informação, ela é meio feiticeira. E conhece meu alvo. Eles são... próximos. Ela me odiará eternamente se matá-lo.
- Você não tem escolha.
- E por que não?
- Viktor rolou os olhos.
- Porque você é um escravo do seu dever, de sua casa.
- Pelo último milênio, Trehan sacrificou *tudo* pelo bem de Dacia. Pela primeira vez em sua vida, teria o que *e/le* desejava?
- E se eu... não fosse?
- Viktor deu um passo para trás, incerto do que fazer com aquilo.
- O perfeito e abnegado Trehan Daciano com pensamentos egoístas? Tenho que investigar isso. Trégua por uma noite?
- Trehan exalou.
- Sirva o hidromel. — Assim que embainhou com cuidado a espada, Viktor também o fez.
- Me fale sobre ela. — Viktor foi até o bufê, selecionando uma garrafa de cristal cheia de sangue misturado a hidromel.
- Ela é jovem. Adorável. — *Talentosa, criativa, naturalmente sensual. Com a pele mais doce que eu já imaginei existir.*
- Quão jovem? — Viktor lhe passou uma taça cheia de líquido vermelho.
- Depois de hesitar, Trehan disse.
- Da idade de Kosmina. — Mierceo e Kosmina eram muito mais jovens do que os primos e os chamavam de "tios".
- Os lábios de Viktor se abriram.
- Está brincando.
- De modo algum. — Ele tomou um gole, mas achou o sangue sem gosto. Outra vez imaginou como seria o gosto de Bettina.
- O observador Viktor estreitou os olhos.
- Você a *mordeu*?



Estive tão perto. Lembrou-se de como suas presas doeram de vontade de perfura-la, completamente fora de seu controle. Como uma ereção desgovernada.

Seria capaz de se impedir de sentir o gosto do sangue dela se tivesse uma segunda chance? Como os outros machos Dacian se controlavam?

Tem algo... errado comigo?

— Você mordeu! — Viktor levantou a taça. — Que coisa depravada de sua parte, Trey! Marcou a pele dela? Levou as memórias dela consigo?

— Não seja absurdo. — Uma das razões dos Dacians condenarem beber da carne era por causa do *cosasad* — a habilidade de ler memórias através do sangue. Quando um *cosasad* bebia sangue diretamente da carne, ele absorvia as memórias da presa em sua própria consciência, mesmo com uma mera passada de língua. Os frios e racionais Dacians acreditavam que isso era uma profanação, uma intrusão às suas mentes puras.

Se tivesse absorvido as lembranças de Bettina, o que teria testemunhado? — Provavelmente cenas dela morrendo de tesão por Caspion. Trehan se conteve de esmagar sua taça.

— Pensando nisso agora? — disse Viktor. — Não acredito que usou suas presas nela — Trehan, o Perfeito, é na verdade perverso!

— Eu não a mordi. — Levantou os olhos. — Parece desapontado. Tão ávido para me ver cair?

— Mas você quis.

Fantasiarei com isso pelo resto da vida.

— Se quis, jamais admitiria algo tão vergonhoso para você.

Viktor desviou os olhos.

— Nunca é demais tentar. — Bebeu um grande gole. — Voltando ao assunto. Quais são suas opções com a garota?

— Matar Caspion. Esquecê-la e seguir com a vida. — Quando disse as palavras, elas queimaram como uma mentira. Esquecê-la não era uma opção. Ele poderia seguir com sua vida?



Havia tantas questões em volta dela, tanto para descobrir. Sentia como se tivesse lido a primeira página do livro mais interessante que já havia aberto, só para alguém fechá-lo em sua cara.

— Segunda opção: matar Caspion, encontrar um modo de roubar o medalhão da garota, então sequestra-la. — Ela o odiaria para sempre? Com certeza em algumas décadas superaria seu descontentamento.

Viktor sacudiu a cabeça com decisão.

— As magias de Morgana não serão logradas, nem mesmo por você. Não temos um mago para ajuda-lo, muito menos um que possa subjugar-la. *Logicamente*, sabe que roubar o medalhão não é uma opção. Uma disputa como essa estaria condenada ao fracasso. — Ele baixou a taça, ficando muito sério com relação ao assunto.

Isso poderia ser porque Viktor descobriu um inimigo em Morgana, um que estava frustrando os desejos de um companheiro Dacian. Ou talvez estivesse pressentindo uma violência iminente e esperando fazer parte disso. Talvez Viktor quisesse ajudar porque buscava arruinar as chances de Trehan ao trono.

Provavelmente pelos três motivos.

Por um breve momento, Trehan considerou que Viktor pudesse estar movido a ajuda-lo porque uma vez, há muito, muito tempo, eles foram amigos. Então descartou a ideia. Tinha história demais entre eles.

Trehan disse.

— Eu contemplaria apelar para os padrinhos dela antes do torneio começar. Mas como exatamente apresentaria o meu caso? Deveria dizer, 'Não posso dizer quem sou, de que família real descendo, de onde procedo, nem quais *são* as minhas propriedades. Mas me dê seu prêmio mesmo assim?'

— Que tal roubá-la depois do torneio? — mas antes do casamento da lua cheia.

— De volta ao chamado do medalhão. Quem quer que ganhe o torneio controlará seus movimentos.

— Se entrar no torneio, terá que deixar de ser névoa? Quer ser visto por todos?



Trehan conteve um arrepio.

— Sim. Por todos.

— Você seria banido e eu não teria que mata-lo — disse Viktor de forma convencida. — Ao menos não com urgência.

Trehan lhe deu o olhar que o comentário merecia.

— Apenas pense, você pelo menos seria rei.

— Isso, de fato, é um ponto negativo para mim. Governar um plano que é um pântano chuvoso e cheio de florestas repletas de Primeiros Mortais? O que sei sobre governar demônios? Ou sobre chuva, para ser claro? — Acenou para indicar o céu de pedra de Dacia. — E por que eles aceitariam um vampiro sem nome governando-os? Claramente, o torneio não é uma opção. Nunca poderia dar as costas ao meu reino e abandonar minha casa. Não quando os Dacians precisam de um rei.

— Há outro que pode nos governar.

Trehan bebeu bastante, ávido para sentir os efeitos da bebida.

— Lotharie outra vez? — Lotharie Daciano, o Inimigo dos Anciões, era um vampiro de três mil anos que ficou com os olhos vermelhos e louco de sede de sangue — um exemplo perfeito do por que Dacians se recusavam a beber o sangue de outros.

Lothaire era meio Horde, meio Dacian. *Completamente pirado.*

Ele tinha direito ao trono? Sem dúvida. Sua própria casa sempre reinou.

O que lhe faltava era uma noção da realidade. Embora os primos tivessem esporadicamente ficado de olho nele, nunca se revelaram para ele.

— Você realmente aceitaria um rei de olhos vermelhos? — Vampiros Horde esvaziavam suas presas rapidamente, tornando-se viciados ao poder e à loucura que esse ato causava. Diziam que Lothaire possuía incontáveis memórias ocupando grande parte de sua cabeça.

De fato, diziam que ele usava o *cosasad* em seu benefício, bebendo de vítimas escolhidas *apenas* para conseguir seus segredos.

— Talvez eu o admire — disse Viktor. — Sua barganha é magistral. Ele traria seu famoso livro de dívidas para o reino como um dote.



O livro de Lothaire também era lendário. Por um milênio, ele colocou Loreans em situações de vida ou morte, oferecendo-se para salvá-los, por um preço. Os rumores diziam que seus devedores juraram fazer *qualquer coisa* que ele pedisse quando cobrasse a dívida, e que ele registrava suas barganhas meticulosamente.

— Ele provavelmente é o vampiro mais forte vivo — continuou Viktor.
— poderíamos ter um rei pior. Além do mais, achei que gostaria disso, já que é ávido por encerrar toda animosidade entre a nossa família.

— Não se cansa disso?

— Com quem está falando Trehan? Eu vivo para a animosidade.

E Viktor tinha muitos motivos para isso. O próprio pai de Trehan matou o de Viktor. Claro, a mãe de Viktor assassinou a de Trehan. Acrescente os pais de Stelian e de Mirceo, e todos acabaram mortos, eventualmente.

As vinganças de sangue das casas Dacians eram legiões, herdadas dos ancestrais, com cada geração acrescentando as suas.

— Então por que consideraria Lothaire?

— Talvez também não deseje ser rei — disse Viktor. — Talvez lute apenas porque sei que seria melhor nisso do que qualquer um de vocês. Me dê um vampiro que é de fato mais poderoso que eu, e o ajudarei a guia-lo enquanto reina.

Do que Trehan ouviu — e viu — de Lothaire, o macho não se provaria fácil de “guiar”.

Viktor observou o convite novamente, desta vez com uma expressão de luxúria no rosto. — *Zei mea. — Meus deuses.* — Lutas. Até a morte. — ele de fato grunhiu. — Poderia estar nesse círculo. E com os seus olhos claros, todos pensariam que é um Forbearer. — Um entre um exército de humanos transformados que não bebiam da carne. Viktor sorriu maldosamente. — Eles acharão que é *fraco*, não tendo ideia do que realmente é. Já é uma vantagem.

O olhar de Trehan desceu até bebida, perdido em pensamento. A luta não influenciava em sua decisão de forma alguma. Se escolhesse entrar no torneio, ganharia. Ponto final.



Ao invés disso, seus pensamentos se centraram em outra batalha. *Poderia ganhar a afeição de Bettina?* Sobre aquilo, tinha muito menos certeza.

— Vamos primo, tem mais que não está me contando.

Trehan levantou os olhos rapidamente, as palavras caindo de seus lábios.

— Ela está apaixonada por outro. Por... Caspion.

Maldição, o que ela via naquele demônio? Se aqueles dois tiveram algum tipo de relacionamento, então Caspion não foi fiel a ela, estando em um bordel naquela mesma noite.

Viktor fez uma careta.

— Que azar, Trey. — Ele soava genuinamente pesaroso por Trehan. E mesmo assim amanhã Viktor planejaria mata-lo de novo.

A menos que eu não esteja aqui.

— Ele precisa morrer — disse Viktor. — Até Mirceo aceitou isso.

Mirceo foi padrinho de Caspion no reino, usando toda sua influência para lutar pela aceitação do demônio. Mirceo nunca esperou que Caspion fugisse, algo que nunca aconteceu com o charmoso Dacian.

— Você tem outros assassinos sob o seu comando — assinalou Viktor.

— Arrume outra pessoa para matar o demônio.

Trehan esfregou a testa.

— Pela minha mão ou pela minha ordem não fará diferença para ela.

— O demônio está no torneio? Aí poderia mata-lo em combate.

— Ainda não abdiquei de Dacia primo. Se eu decidir entrar...

— Você vai entrar.

— ... então terei passado minha vida inteira a serviço do reino, só para abandoná-lo no momento em que mais precisa de mim, por uma fêmea que nem ao menos me quer!

— Faz sentido que ela prefira Caspion — disse Viktor em um tom pensativo. — Aparentemente ele é irresistível para fêmeas e para muitos machos. Há uma razão para o primo Mirceo ter petitionado em favor de sua entrada em Dacia. Infelizmente, o demônio é muito mais bonito que você meu velho.



Trehan fechou a cara.

— Ele tem quase a minha idade.

— Disse que sua Noiva era jovem. Ela provavelmente ainda não se conhece. Seus sentimentos por Caspion podem não ser nada mais do que uma paixão adolescente por um forte demônio.

Bettinha infelizmente *era* jovem, e obviamente foi superprotegida. Talvez simplesmente não tenha convivido com outros machos? Poderia ter se encantado com o único que tinha mais acesso a ela. Ou estava apenas sendo inutilmente otimista? Sabia que a sua aparência não se comparava com a do demônio — admitia que Caspion... não tinha defeitos físicos — mas ele tinha outras qualidades louváveis.

Sou um ótimo assassino. Um talentoso pesquisador. Porra. Como ela poderia resistir?

Então por que o destino a escolheu para mim?

Bettina, Princesa de Abaddon, era a única fêmea viva — e em todos os tempos, passado e futuro — que provou ser sua Noiva...

Lembrou-se que ela correspondeu a ele. Sorveu profundamente o cheiro de sua pele, gemendo em reação. Umedeceu os lábios da cor de sangue enquanto o explorava com as pontas dos dedos macias. Murmurou com uma voz rouca, "*Meus deuses, eu amo o seu corpo.*"

Gostou de me tocar.

Se pudesse seduzi-la em uma situação familiar, poderia fazê-la entender quem despertou aquelas sensações nela.

Tinha que acreditar que, se tivesse a oportunidade, poderia fazê-la desejar-lo de novo.

Mas aquele era o x da questão: a mera *chance* custaria muito. Sua casa pereceria para sempre, seu dever — e honra — com ela.

Competir naquele torneio me custará tudo.

— Obviamente está mal velho — disse Viktor. — A garota fez um buraco no seu cérebro, não fez?

Trehan recordou como ela esteve louca de paixão — seus olhos brilhando e implorando por mais de seu toque — e murmurando, "*Uma*



flecha em chamas passando pelo templo do sexo". Ela estremeceu em sua mão, tão perto de gozar por sua causa...

— O que vai fazer?

— O que qualquer macho lógico faria.

Viktor levantou as sobrancelhas.

— Então *eu* não tenho ideia do que seja. Me esclareça.

Trehan disse

— Vou conseguir mais informações a respeito dela antes de chegar a uma decisão.

Capítulo 9

Morgana chegaria em minutos, mesmo assim Bettina estava sentada na banheira com água fria atordoada, incapaz de manifestar ultraje por Salem estar lhe observando se banhar outra vez.

A interação com o vampiro a deixou se sentindo abalada — sem mencionar a confissão de Caspion naquela manhã.

Quando praticamente implorou que fizesse amor com ele, disse.

— Você é a minha melhor amiga, e eu te amo com uma irmã. Tina, isso não seria correto. E depois da noite que tive, é... que passei, não sei sequer se... consigo.

Quando ela se balançou como se tivesse lhe dado um tapa, Salem disse com desprezo.

— E montar uma prostituta por horas é correto? Talvez o homem das putas só funcione com putas? Talvez Cas Junior não consiga levantar numa ocasião diferente não é?

As bochechas vermelhas de Caspion confirmaram o deboche de Salem.

Não precisava de outra indireta... Cas não sentia atração física por ela. Ponto final. Por que estava forçando aquilo com ele?



Mas toda vez que se perguntava quando se tornou *aquela* garota — a que corria atrás de um cara que nunca a amaria — lembrava-se de todos os seus anos juntos.

Quando ficou órfã após a morte de seu pai, foi de passar as noites chorando até cair no sono, sentindo-se completamente sozinha — sem nenhum amigo no mundo — a acordar todas as manhãs cheia de expectativa em ver o rosto risonho de Cas.

Ele foi uma tábua de salvação.

Sempre que se repreendia por alimentar falsas esperanças, lembrava-se da reação dele quando viu seus ferimentos pela primeira vez. Com os olhos cheios d'água, berrou ordens para que lhe conseguissem ajuda, apelando — *Continue comigo Tina*. — Quando começaram a endireitar seus ossos, nenhum tônico demoníaco lhe anestesava. Ele berrou enquanto gritava.

Mais tarde ficou sabendo que destruiu sua casa, culpando-se por não protegê-la, urrando de frustração. Aquela era a reação de um irmão mais velho? Não achava que fosse. Claro, não tinha irmãos para poder comparar.

Por sessenta noites, tentou vinga-la, mas falhou. *Ninguém* poderia vinga-la...

Agora, quando o sol começava a se pôr, seu nervosismo aumentava gradualmente. O vampiro poderia vir atrás de Caspion em breve; o torneio definitivamente estava prestes a começar.

Não havia mais como adiar. Ela saiu da enorme piscina em sua câmara de banho. Aquela sala era tão medieval quanto tudo mais em Abaddon, mas graças a feitos milagrosos de engenharia — e o trabalho de bastidores dos ogros — conseguiu ter água quente e corrente em sua torre.

Vestindo um robe, perguntou a Salem.

— Deu uma boa espiada de novo, não foi? — A vida com um silfo como companheiro de quarto — o fantasma que a vigiava — acabou com sua modéstia.



— Claro — respondeu Salem do espelho enevoado sobre a pia. — Como você sempre sabe?

Os cinco sentidos de Bettina podiam ser parecidos com os dos humanos, mas o sexto sentido era forte. Bem, exceto quando bebia a bebida fermentada de demônio. E além do mais...

— Eu sei por que você *sempre* me espia.

Ela passou a manga no espelho, então estudou o reflexo. Não estava melhor do que antes do banho. Ainda parecia de ressaca e exausta. Quando finalmente conseguiu adormecer naquela manhã, os pesadelos costumeiros a atormentaram.

— Não entendo por que você me espiona — disse. — Não é como se você tivesse um corpo. — Uma maldição de servidão, por algum crime misterioso, o impedia de se tornar corpóreo.

— Eu não serei assim para sempre. Bem, um dia terei um corpo de verdade! E isso me dá muito material para me masturbar no futuro.

Ela revirou os olhos, esperando que estivesse brincando. Quando chegou ali, três meses atrás, cometeu o erro de imaginá-lo um espírito inofensivo parecido com um gênio, bem como Raum ainda pensava que era.

A primeira vez que Bettina sentiu Salem espiando, entendeu que, se ele queria dar uma olhada em seios pequenos e zero quadril... *que ficasse à vontade.*

Depois descobriu mais sobre o "notório" Salem via Morgana e seu círculo, que o conheceram antes da maldição. Aparentemente, Salem foi um guerreiro implacável que "exalava sex appeal".

O banho inocente com o espírito adquiriu uma desconfortável nova dinâmica.

— Você está péssima moça. — disse, enviando uma bugiganga enfeitada em sua direção.

Morgana deu a ela para que ocultasse todos os ferimentos depois do acidente, mas ainda restou alguma mágica. Bettina deveria fazer uma camuflagem superficial para que sua madrinha não visse nada fora de lugar?



Morgana já era altamente crítica sobre a aparência de Bettina, achando-a desprovida de beleza em comparação com sua mãe, Eleara.

Bettina se lembrou de uma de suas visitas anteriores à Morgana:

— *Oh, pelo amor do ouro, você é uma coisinha tão pequena e estranha, não é?* — disse fazendo cara feia. — *Suas feições não conseguem se decidir se querem ser travessas como as de uma cria de demônio ou espantosas como as de Eleara. Hum! Bem, mostrenga, anime-se, pois isso só pode piorar...*

Ante a lembrança, Bettina colocou o encanto de lado. Ela *queria* que sua madrinha soubesse que havia algo errado. *Nada menos que a minha vida inteira.*

— Ainda tendo o pesadelo? — perguntou Salem.

— Infelizmente. — Naquela tarde, Bettina pulou na cama, no meio de um dos seus ataques de pânico. Desde que foi surrada, vinha sendo atormentada por eles. Seu corpo ficou tenso e rijo, a pele coberta de suor. Os pulmões como se fossem apertados por um tornilho.

Olhou em volta do quarto, assegurando-se, *Estou em minha casa. Esses inimigos não estão aqui. Nenhum Vreneker viria para Abaddon...*

Bettina tinha dois objetivos na vida. Um deles era se sentir segura de novo. Podia se lembrar como era *não* ter o medo constantemente lhe invadindo. Lembrava-se de sua vida sem os debilitantes ataques que sofreu.

Costumava ser capaz de andar pela cidade sem receio, acostumada a visitar a floresta tropical sozinha. Agora não conseguia deixar o castelo sem escolta, mal conseguia andar pelo interior sozinha.

Os episódios pareciam piorar. E a revelação de ontem à noite foi um golpe sério em sua recuperação. Apesar de um feitiço de proteção, o vampiro entrou em seu quarto “com facilidade”.

— Devia falar com alguém sobre isso — sugeriu Salem. — Tirar isso do peito.

Ela esfregou as têmporas doloridas.

— Está se oferecendo para mim?



— Só se quiser ouvir seu espelho roncar. Pelo que deu para entender, ficaria altamente entediado.

Ela o olhou com raiva, incapaz de dizer se estava brincando.

— Então por que ainda está aqui?

— Descobri muito a respeito do nosso misterioso assassino. Desenterrei um pouco, cobreí favores de alguns fantasmas bem velhos. Ninguém sabe segredos como fantasmas.

— Me conte! — disse rapidamente, mais do que curiosa sobre o vampiro Daciano.

— Dizem que o seu povo vive dentro de montanhas ocas enormes. Ninguém no Lore pode provar que existem, nem mesmo os espiões fantasmas mais habilidosos. Caspion pode ser o único de fora que já viu e viveu em Dacia. Eles remediarão isso muito em breve.

As mãos de Bettina voaram à sua garganta. Por que Caspion não concordava em entrar para o torneio? Ele preferia a morte por um assassino a ela? Ele estava tão avesso assim, a sequer explorar a *possibilidade* de que era sua?

Salem continuou.

— A espécie deles é orgulhosa, poderosa, mas *nunca* se metem com os demais. Se um Daciano é visto fora do seu reino por um forasteiro — é assim que eles nos chamam — então ele é misticamente proibido de retornar. Exceto no seu caso. De acordo com as minhas fontes, a Noiva de um Daciano é uma Daciana, no modo deles pensarem. Então ele poderia voltar para casa. Mas não depois de vir atrás de você esta noite, na frente de todos os presentes.

— Ele não está interessado em mim. Lembra? Ele disse com todas as palavras que não tinha planos de voltar por minha causa, e ele não pode mentir.

Naturalmente, Bettina estava encantada com a ideia dele nunca mais voltar — se isso queria dizer que Cas estava a salvo. Ainda assim uma pequena parte dela também se perguntava por que os machos achavam tão fácil dispensá-la. Nunca ouviu falar de um vampiro abandonar sua Noiva. Nunca.



— Não consegue ver, mas estou dando de ombros. — Em um tom contemplativo, ele disse.

— Pode imaginar viver em Dacia? Aprender tudo sobre o Reino de Sangue e Névoa? Eu ficaria totalmente invisível por uma chance dessas.

— Viver debaixo da terra, dentro de uma montanha? Sem florestas? Sem nunca sentir o sol no rosto? — *Ótimo lugar para se visitar, mas...* — Vamos apenas dizer que estou feliz por não ter de que preocupar com a volta do Daciano.

— Estou lhe dizendo, ele voltará. E se você for para Dacia, estou indo junto. — Salem lhe garantiu. — Oh, e a propósito, sua Patrocinadora nos contatou. Quer uma nova peça. Algo 'sedutoramente letal'.

Outra comissão? Bettina experimentou uma onda de excitação. Embora vendesse joias há anos, nunca fez pela compensação; seus pais lhe deixaram bastante riquezas, que Raul continuava a aumentar em seu favor.

Se o primeiro objetivo da vida de Bettina era se sentir segura, o segundo era andar por uma rua movimentada e ver alguém usando suas criações. Sonhou acordada com isso, imaginando como reagiria.

Depois do incidente, tinha mudado seu foco, criando adornos com um propósito duplo: joias que também era armas.

Criou à mão, velhos padrões — como anéis com compartimentos para veneno — como também joia para o corpo: tops intrincados que podiam suportar um golpe de espada, broches que perfuravam armaduras, colares com lâminas ocultas.

Sorceri cobiçavam esses acessórios, mas peças de alta qualidade eram frequentemente difíceis de conseguir.

Bettina gostava de chamar seu trabalho de "luxo letal" ou "ouro de sangue". Salem irrisoriamente as considerava "massacre chique", declarando que "Fatal era o novo preto".

Sempre que a ansiedade ameaçava chegar ou que ficava remoendo sua tragédia no reino mortal, dirigia-se à sua oficina de trabalho e criava em um frenesi.

Quando Salem a viu assim pela primeira vez, zombou.



— Olhe para o elfo Keebler com as suas pequenas ferramentas! — Então ficou intrigado com as criações, garantindo a primeira cliente — em troca de uma pesada comissão, é claro.

— Aqui vem a parte ruim — ele disse. — Patrocinadora a quer em duas semanas.

— Tão rápido? — Bettina se apressou para a oficina, procurando o banco de joalheiro. Tinha orgulho de sua oficina como tinha das peças produzidas lá.

Reuniu um majestoso arsenal de cortadores, polidores, brocas e tachas. Em uma mesa, blocos de moldes antigos e eixos ficavam ao lado de instrumentos atuais de solda a propano e pinceis de vapor.

Em outra mesa, tinha rascunhos de desenhos e um mural cheio de aros de correntes de ouro. Havia manequins por todo o lugar.

Para animá-la depois do incidente, Salem ocasionalmente os fazia dançar.

— Duas semanas? O que vou fazer?

Salem respondeu.

— Dê-lhe o bracelete que já foi testado, se conseguir tirar o fedor de vampiro dele. Ainda não acredito que conseguiu que o mecanismo de mola funcionasse.

Bettina disse a ele como o bracelete perfurou com sucesso a mão do Daciano.

— Quero ficar com ele. — Embora Patrocinadora fosse uma ditadora de estilo — e uma fêmea temida — Bettina não conseguia abrir mão do bracelete. Ele simbolizava uma pequena vitória, a primeira desde o ataque.

— Você que sabe. Mas se fosse você, eu ficaria mais temeroso de desapontar sua Patrocinadora do que sua madrinha. Falando nela...

— Eu também a sinto.

— Eu deixarei você e as damas para que a enfeitem toda. — Com um "Até mais, pombinha," Salem desapareceu, abandonando Bettina.

Ela saiu às pressas da oficina justo quando as portas principais de sua torre se abriram.



A única coisa maior do que a influência do lar de Trehan era sua curiosidade sobre sua Noiva. Sim, decidiu voltar para Rune, mas apenas para descobrir alguns fatos.

Ou assim continuava dizendo a si mesmo. *Mesmo assim eu fiz uma mala?*

Quando Trehan correu os dedos pelas lombadas dos livros inestimáveis, imaginou se sua mente estava lhe pregando truques, lembrando-o de forma incorreta como foi o tempo que passou com Bettina.

Aqueles momentos de prazer não poderiam ter sido tão sublimes quanto pensava que foram. Sua arma inteligente e seus desenhos não poderiam ser tão fascinantes.

Contudo, se preparou para qualquer eventualidade, trazendo roupas e outros itens essenciais. Dentro de seu casaco, carregava um estandarte antigo de seda vermelha e cinza, símbolos de sangue e de névoa — do reino que amava mais do que tudo.

Mesmo assim vasculhou os aposentos. Se escolhesse Bettina, estaria deixando para trás o equivalente a um milênio de acumulação — uma fortuna em ouro, sua extensiva coleção de armas, obras de arte, cerca de duzentos mil livros.

Estaria deixando para trás sua história, sua própria identidade.

Depois de tanto tempo sem dormir, Trehan ainda vacilava. De uma coisa tinha certeza. *Eu mataria para senti-la de novo em meus braços.*

O instinto o comandava sem descanso, uma posição desconfortável para um Daciano lógico estar — porque instinto raramente tinha lógica.

Sim, seu pai lhe disse para ser um exemplo. Trehan seriamente duvidava que seu pai desejasse que fosse um exemplo do que *não* fazer.

— Tio Trehan? — uma voz suave chamou.

Rastreou o som, encontrando sua "sobrinha" Kosmina ao lado de sua mala, uma expressão perturbada no rosto.

Ela e seu irmão, Mirceo, eram os últimos da Casa de Castellan, o castelo-guarda. *O coração do reino.*



Kosmina era uma completa contradição. Era completamente inocente em assuntos de amor e dolorosamente tímida. Suas vestimentas eram sempre recatadas — hoje ela usava uma túnica tradicional, à altura do chão com a gola quase alcançando seu queixo. Contudo, ao mesmo tempo era uma maestra com as armas — e uma assassina impiedosa.

Trehan a ajudou a treinar com as armas. Suspeitava que cada um dos primos secretamente ajudou a cria-la. *Eu tenho tanta coisa mais para ensiná-la.* Mas depois de hoje poderia nunca mais vê-la de novo; embora os primos homens viajassem para fora de Dacia, Kosmina nunca passou de suas fronteiras de pedra.

— Tio Viktor disse que estava partindo. — Ela o olhou com timidez por debaixo das franjas loiras.

— Fique tranquila. Posso voltar rapidamente. Vou apenas observar, como faço com frequência. — Franziu o cenho. — Mirceo não suspeita que veio aqui? — Dacianos normalmente não se encontravam em particular. A não ser que uma luta fosse iminente. A última coisa que precisava era Mirceo aparecendo, com a espada na mão, para defender a vida de sua irmã.

Como seu eu alguma vez fosse machuca-la. Trehan apertou a base do nariz. Desconfiança e medo marcavam a família deles, bem como uma maldição.

Se ao menos fosse tão fácil quanto isso. *Maldições podem ser quebradas.*

— Eu vivo dizendo a ele que você não me machucaria — disse Kosmina. — Stelian é o único membro da realeza que você mataria.

— É mesmo? — Trehan perguntou com uma pitada de divertimento ante sua convicção.

Ela seguiu um padrão do tapete com a ponta da bota.

— Encontrou sua Noiva?

— Sim.

— Terá herdeiros agora? Eu gostaria de ser tia.



Ele exalou uma rajada de ar. *Herdeiros*. Quando era mais novo, esperou tanto por sua Noiva, para ter uma família própria. Quando eras foram passando, perdeu a esperança.

Agora poderia se emparelhar com outra fêmea e gerar uma prole. Mas filhos com Bettina...

Nunca veriam Dacia. Nunca enriqueceriam a Casa da Sombra.

— Eu não sei Kosmina. Minha Noiva não liga para mim no momento.

Ela levantou os olhos, as sobrancelhas se juntando.

— Então ela não *conhece* você.

— Eu aprecio sua confiança. — Ainda não conseguia acreditar que sua Noiva e sua sobrinha tinham praticamente a mesma idade.

Se algum homem centenário, lascivo, desejasse Kosmina, Trehan o estriparia bem lentamente.

E mesmo assim eu vou a Rune?

— Mantereí sua casa e sua coleção como as deixou, Tio, de qualquer maneira. Mas espero que faça uma vida lá fora. — Seus olhos azuis claros ficaram sonhadores. — Todos os dias imagino deixar este lugar.

Ela era proibida de deixar o reino. Nisso, concordava com seus primos; era perigoso demais.

— Imagino que será como despertar, como sair de um caixão e voltar à vida.

— Caixão Sobrinha? — Ela descrevia como se estivesse morta. — Vamos lá, não é tão ruim assim. A vida é boa aqui. Está a salvo da praga.

— Afligindo somente as fêmeas de sua espécie, a doença era fatal mesmo para vampiros mortais. *Fatal ou pior.*

— Bom? Aqui? — perguntou baixinho. Apontou para sua cadeira favorita. — Então imagine sentar ali, lendo os mesmos livros. Por mais mil anos.

A ideia o fez se sentir um pouco nauseado, entendendo o que queria dizer. Para alguém tão infantil em várias maneiras, ela era anormalmente observadora.

Conseguiu manter um tom firme quando disse.



— Imagine a alternativa: nunca ver meu lar outra vez. Permitir que minha casa pereça quando tantos morreram por ela. — Anos desperdiçados, esperando por algo que nunca aconteceria? Anos passando lutando, só para abandonar aquelas vinganças?

Essas vinganças o definiam. Seu dever o definia.

Sem essas coisas... *Eu não seria o que sou.*

— Estamos todos apodrecendo lentamente aqui em baixo — disse Kosmina — como se estivéssemos morrendo, apenas esperando pelo golpe final. Ao menos será livre agora.

— Morrendo? — zombou. Ela exagerava.

— Mirceo disse que toda a realeza — exceto ele — estavam “estagnados”.

Trehan pegou o convite do bolso do casaco. *Estou estagnado? Se sim, nada poderia endireitar sua inteira existência como aquele torneio.*

Uma cerimônia de casamento. Disputas mortais em um estádio. A coroa de Abaddons.

Eu, um rei demônio?

Quando voltou a olhar para Kosmina, viu que seus olhos estavam cheios d'água.

— O que é isso, sobrinha? — Ele a acariciou debaixo do queixo. — Provavelmente voltarei em breve.

Como se não tivesse falado nada, ela disse.

— Sentirei sua falta.

Ele pegou a mala, e deu uma última olhada ao redor. *Última olhada?*

— Tio Trehan?

— Sim?

— Quer ouvir uma coisa triste? — Ele ergueu as sobrancelhas. — A sua partida é a coisa mais excitante que já aconteceu na minha vida...

Capítulo 10



Morgana estava na entrada com toda sua furiosa majestade.

— Não está vestida ainda e eu não estou *contente* — disparou quando percorreu o olhar por Bettina, ainda vestida com o robe. Três escravas Sorceri sem poderes, conhecidas como Inferi vinham atrás da feiticeira, com malas cheias de cosméticos e acessórios. — Ah, vem trabalhando nas suas bugigangas, sim? Mas que... adorável hobby.

— Elas não são bugigangas. — Bettina endireitou os ombros. — Elas são arte; eu sou uma artista. E não é um hobby, vendo mais do que consigo criar.

— Claro que sim querida mostrenga. — Então franziu o cenho. — Onde está seu fantasma? O notório Salem? Não o sinto.

— Ele saiu para me deixar me aprontar.

Quando sua madrinha fez uma careta de descontentamento seguida por suas Inferi, Bettina perguntou.

— Em que exatamente Salem é notório?

— Por que não pergunta a ele? — A atenção de Morgana já estava no guarda-roupa de Bettina. — Agora, temos tempo limitado! Raum, amaldiçoada seja sua alma demoníaca, estará aqui ao pôr do sol para escolta-la. — Mexeu a mão e várias vestes voaram do armário de Bettina, parando em um divã. Então, se voltou para Bettina. — Vamos ver o que podemos fazer. — Morgana a empurrou para frente de um espelho enorme, parando atrás dela.

A diferença entre as duas mulheres era evidente. A voluptuosa Morgana usava uma saia escarlate transparente, um top intrinsecamente trabalhado em ouro que ocultava os seios — muitíssimo pouco — e um colar combinando, cravado em pedras preciosas.

O cabelo loiro pálido estava trançado pelo seu ornato de ouro. A peça era substancial, espalhando-se atrás dela como um farpado pôr-do-sol, tão largo que quase abrangia toda a largura da porta.

A máscara era negra com ônix encrustado, acentuando seus olhos lustrosos, suas íris quase negras.

Morgana era resplandecente; Bettina era... Bettina.



Quase que todos os dias de sua vida, era lembrada de sua própria mediocridade. O macho que amava lhe considerava nada mais do que uma obrigação destemida — fraternal. Sua madrinha, uma bela famosa, considerava-lhe a desajeitada cria de sua falecida mãe.

Estranhamente, o Daciano fitou Bettina como se ela fosse a criatura mais bonita do mundo. De todas as fêmeas que o vampiro já conheceu, *ela* foi a única que pôde trazê-lo de volta à vida.

E as coisas que lhe disse! Para ele, os olhos de Bettina não prometiam coisas boas, nem mesmo sedutoras, mas coisas *irresistíveis*. Não tinha meramente encontrado prazer com ela, saboreou seus “deleites” porque ela que os “entregou”. Não tinha simplesmente apreciado seu gosto; seu gosto o *enlouqueceu*.

Só de pensar no tom rouco quando articulou essas coisas chocantes fazia seu rosto e peito ruborizarem

— Você parece exausta — disse Morgana com um olho crítico. — Isso não pode ser. Precisa ter a melhor aparência possível quando for apresentada esta noite.

— Acredito que queira dizer *exibida*.

As três Inferi de Morgana congelaram no que estavam fazendo, chocadas por Bettina contradizer a grande rainha.

Ira brilhou no olhar insondável de Morgana.

— Preciso lembra-la que concordou com esse torneio?

— Só porque não entendia o que ele realmente seria. Você fez soar como algo nobre, cheio de romance e esplendor. — Bettina imaginou belos pretendentes de demonarquias aliadas batalhando ferozmente pelo direito de chama-la de esposa.

— Perdoarei essa insolência, atribuindo o seu comportamento ao nervosismo. — Os olhos de Morgana brilharam em aviso, pontinhos prateados enchendo sua íris escura — o latido antes da mordida.

Imediatamente mudando de ideia, Bettina disse.

— Nervosismo, sim, claro. — Podia *sentir* o poder de Morgana beirando a superfície. O que lhe fazia se perguntar, *Por que jurei não*



contar a ela sobre a situação de Caspion? Sua madrinha poderia eliminar o vampiro assassino com um movimento da mão.

A desavença esquecida, Morgana dirigiu suas Inferi para que começassem a trabalhar em Bettina. — Cabelo, vestido, maquiagem, joias, máscara. — *Clap, clap.* — Queremos a princesa parecendo *aprimorada!* Mas não necessariamente *ostensiva*. Embora nunca vá conseguir roubar os holofotes de mim, não quero que pareça estar tentando.

Bettina suspirou e cooperou, obedientemente levantando os braços, fechando os olhos, enrugando os lábios. Resistir a Morgana era impossível — e para outros, *mortal*.

Raum uma vez perguntou a Bettina.

— Como pode saber que sua madrinha te ama?

— Um, porque Morgana continua vindo me visitar em um reino que odeia. Dois, porque sigo sobrevivendo às suas visitas...

Em minutos, Bettina foi transformada. Usava um top intrincado em ouro separado e sem mangas, com uma teia de ouro levemente mais espessa para cobrir os seios. Sua saia combinava, com fendas nas laterais, para mostrar a cinta-liga em joias e a sedosa meia.

Sua máscara era feita de penas grandes de um verde jade que se projetavam como pequenas asas bem além de sua cabeça. O volumoso cabelo foi preso em volta do diadema que o mantinha no lugar.

— Bem? — perguntou Bettina.

— Você é pensativa, e isso afeta sua aparência. De qualquer maneira não é exatamente uma grande beleza. Boca larga demais, maçãs do rosto muito afiadas. Fica bem melhor quando sorri.

Ontem à noite, no escuro, seu sorriso prendeu a respiração do vampiro. *Por que eu continuo pensando nele? Ele não vai voltar.*

Então as palavras de Morgana penetraram.

— Realmente *preciso* parecer o melhor possível? — Bettina ousou perguntar. — Os competidores não estão aqui por minha causa. — Morgana abriu a boca para discutir, e então Bettina disse. — Oh, deve



haver alguns que estão atraídos por mim. Mas na melhor das hipóteses, eu sou um... um *bônus*.

— Bônus? Você realmente se *importa* com o que eles estão pensando antes ou depois? — Fez um som de desaprovação com a língua, examinando suas garras. — Devia estar agradecendo seus padrinhos por essa oportunidade. Você nos disse que queria se sentir protegida. No modo arcaico de pensar de Raum, isso significa um *protetor*. De qualquer maneira, isso é para o seu próprio bem. Ou já esqueceu aquela noite?

— Como se alguma vez pudesse. — *Como se você alguma vez me permitisse*. A humilhação da corte, seus gritos covardes ecoando daquela torre enquanto eles colocavam seus ossos no lugar...

— Lembra o que me disse quando estávamos colocando suas costelas de volta ao seu torso como bebezinhos debaixo do cobertor?

Bettina quase vomitou.

— Eu-eu me lembro. — Tinha prometido tudo a eles.

— Todos no reino ouviram você berrando como um banshee — continuou. — Então *eu* cheguei. Para abrandar sua angústia.

Morgana a arranhou com uma garra de metal cheia de toxinas e o mundo abençoadamente apagou.

Antes que um ataque pudesse acometê-la, Bettina se apressou para a varanda, respirando fundo o ar do anoitecer. Espiou o que havia embaixo, uma parte sua esperando sentir o vento de asas a qualquer momento. Se não podia confiar na barreira de seu feitiço...

Bem quando começou a se afastar do parapeito, Morgana se juntou a ela. — Ainda com medo deles virem aqui atrás de você?

— Ocasionalmente. — *Sempre*.

— Isso não é racional. Nunca houve um Vrekener em Abaddon. Por que iriam persegui-la?

— Vrekeners nunca abandonam sua caça. — Sim, uma vez foi um rato debaixo da garra de um falcão, e escapou. Mas sabia que o falcão nunca descansaria até que tivesse recapturado sua presa.



— Como eles poderiam sequer alcançar esse plano? — perguntou Morgana. — Não podem rastrear nem criar portais. Simplesmente não conseguem voar *tão, tão* rapidamente.

Eu sei disso.

— Houve rumores que os anciões do clã Vrekener juraram acabar com as mortes depois de Eleara — disse Morgana em um tom inescrutável. — Não me disse que os seus agressores eram de um grupo ramificado, agindo contra as ordens?

Bettina fitou suas mãos estremecidas.

— Eu acreditei que sim. — Embora Vrekeners condenassem espíritos, os quatro que a vitimaram estavam bêbados e a violência deles pareceu... pessoal. *Estávamos de olho em você, Princesa.* — E-eu não posso ter certeza.

— Talvez se Raum conseguisse eliminá-los de fato, você se sentiria mais segura.

Para a participação voluntária de Bettina no torneio, seus padrinhos lhe fizeram promessas. Raum enviaria um grupo de demônios para caçar e secretamente assassinar todos os agressores alados de Bettina — por enquanto, aqueles Vrekeners continuavam intocáveis. Morgana poderia localizar e retornar o poder de Bettina para ela. A feiticeira permanecia misteriosa se faria isso ou não.

— Me sentirei mais segura assim que recuperar meu poder. — Bettina uma vez foi uma *Rainha* — não uma real — mas uma mística. Uma Rainha era alguém que tinha mais domínio sobre um elemento ou força do que qualquer outro. Foi a Rainha de Corações.

— Seus poderes não lhe ajudaram da primeira vez.

— Não. Mas eu aprenderia a controlá-los mais, praticaria mais. Você os localizou?

Morgana arqueou uma misteriosa sobrancelha loira.

— Não se preocupe. Você os terá antes do seu casamento.

Bettina suspirou, voltando sua atenção para a floresta tropical fora da cidade. Bem fundo, dentro daquelas gigantes árvores moon-raker,



fechado por vinhas, foi o que costumava ser seu lugar favorito em Rune. Mas desde o ataque, tinha evitado qualquer lugar com árvores.

Parecia pior que sempre pudesse avistar a floresta dali, sempre fora de alcance.

Trouxe seu olhar para baixo. Milhares de demônios e outros Loreans se aglomeravam nas ruas, atirando confetes na procissão de combatentes.

Pavilhões e tendas de cores vibrantes circulavam o famoso Círculo de Ferro de Abaddon — um enorme estádio com uma arena fechada. Uma arquibancada cedia uma vista panorâmica de tudo. Ousados estandartes se penduravam sem movimento na cidade úmida e sem vento.

Bettina observou a procissão, estremecendo ao ver vários dos "pretendentes". O demônio de pus usava botas de borracha e luvas para afastarem a gosma nojenta que vazava de sua pele. Um par de Cerunnos deslizava pelas ruas calçadas, deixando trilhas sinuosas nos confetes. Um shifter crocodilae veio sem camisa, para melhor expor sua pele em alto relevo.

— Olhe os machos lá em baixo. — *Aquilo estava mesmo acontecendo.* Tinha desejado se sentir segura; aqueles participantes eram assustadores. — Eles são repulsivos.

— Nem *todos*. Eu namorei um Cerunno uma vez — eles não são tão ruins quanto se pensa. — Morgana bateu a garra de seu dedo no lábio inferior. — Infelizmente, não é esperado que nenhum Sorceri entre. Mesmo com a garantia do meu envolvimento, todos pensam que essa competição está comprada. Ou que vai acabar sendo uma competição por simples força bruta.

Se os Lykae eram as espécies mais fortes de Lorean, os Sorceri estavam entre as mais fracas.

Morgana franziu o cenho, e então disse.

— Claro, eu poderia forçar a questão — se achasse que um campeão dos nossos pudesse realmente sobreviver.

Como a Rainha dos Sorceri — tanto real quanto mística — tinha domínio total sobre os seus súditos e todos os poderes individuais. Podia



ordenar qualquer membro de sua espécie a fazer qualquer coisa, e eles ficariam compelidos a obedecer. Ou podia simplesmente roubar seus poderes.

Morgana não era uma governante amada, mas estava contente em ser temida. — Infelizmente, venenos não são bem quistos nessas disputas. — Os Sorceri eram famosos toxicólogos. Não fabricavam necessariamente os venenos, mas certamente os usavam.

— Eu não acho que tenha finalmente roubado o poder de ver o futuro e visto um bom final para isso.

— Ver o futuro? — troçou Morgana. — Nunca. Oráculos ficam loucos. Eu fico com meus devotos aliados e com a minha sanidade.

— Certamente vai dirigir o curso disso?

— Eu não posso, por pensamento, ação ou proeza afetar o resultado deste torneio. Mas realmente negocie com Raum para que você tenha alguma influência na competição — disse Morgana. — Haverá espaço para a escolha da dama. Considere isso uma cláusula de segurança. Não pergunte o que ela envolve, porque não direi nada mais sobre o assunto.

A pergunta de Bettina morreu em seus lábios. *Odeio quando ela faz isso.*

— Há algum competidor aqui que você aceitaria como marido? — perguntou de forma inocente.

— Pelo amor do ouro, Bettina, sabe que nunca me casarei. — Ela estalou os dedos em um gesto desdenhoso. — Estou surpresa que aquele demônio vadio que chama de amigo não tenha entrado. Raum tinha certeza que entraria.

Sério? *Espere, por que todos vivem chamando Cas de vadio?* Ninguém via além do extravagante mulherengo? Ele capturou seu primeiro prêmio aos catorze anos e arriscou a vida para conseguir mais desde então. Cas estava determinado a ganhar respeito em seu reino, um demônio morto por vez.

Oh, onde ele estava? Bettina pensou que estaria ali para vê-la descer. Não o avistou lá em baixo, também.



Talvez tivesse fugido de Rune para escapar do Daciano? Ela nunca mais veria Caspion? Então engoliu em seco. Ou o vampiro já havia retornado?

Com certeza o Daciano não voltaria até a noite ter caído completamente.

— Me disse que daria qualquer coisa para se sentir segura de novo — disse Morgana. — Esses competidores são temidos campeões.

— Muitos deles são uma ameaça a *mim*!

— Quem quer que ganhe é o que está destinado a você. — disse Morgana alegremente.

Bettina fechou a cara.

— Os Sorceri não acreditam em destino.

— Irei esclarecer: Quem quer que ganhe será o mais forte, mais perspicaz, mais poderoso competidor. Potencialmente tudo isso. *Isso* é o que terá como marido.

Um problema. Um Cerunno poderia ser todas essas coisas.

Morgana suspirou.

— Se você não aprovar seu novo esposo, e realmente, Bettina, quando ficou tão detalhista? Fique viúva. Bettina, a Viúva Negra! Então irá governar sozinha sem nenhum macho irritante para influenciá-la. Assim como eu.

Bettina abriu os lábios. Parte dela suspeitava que Morgana *desejava* um monstro em sua torre, só para que Bettina tivesse que mata-lo. Morgana queria endurece-la — afinal, a filha de Eleara veio chorando o caminho inteiro até sua casa. Uma execução na noite do casamento seria perfeito!

Bettina certamente perderia sua reputação de ingênua.

— E Abaddons? — Bettina lhe perguntou. — Por que iriam tolerar um Cerunno como rei?

— *Tolerar?* — As inúmeras tranças de Morgana se ergueram ao redor de sua cabeça como se um vento invisível tivesse soprado, e as peças de ouro em seu corpo vibraram — sua raiva manifesta. — Está prestes a ser a rainha deles. Eles irão *tolerar* o que quer que escolha



lhes dar. Sempre se lembre disso. — Ajeitando o cabelo e inalando para ficar calma, ela disse — Além do mais, sabe que esses demônios glorificam força e todo resto. Eles aceitarão quem quer que vença.

Uma batida soou na porta. Bettina voltou à sala de estar.

— Oh! Que surpresa. Falou Morgana com desprezo, seguindo-a. — Raum chegou bem na hora.

Seu padrinho entrou, vestido em sua armadura cerimonial, os chifres escuros polidos. Seu peitoral se curvava para cobrir o tórax de barril. A barba preta ia quase até seu esterno e estava belamente trançada.

Enquanto que Morgana quase não entrava pela porta com seu enorme penteado, Raum mal passava pelos seus dois metros de comprimento. Nem o vampiro era tão alto.

Pare de pensar nele!

— Como vai a minha garota? — Raum lhe deu uma piscada. — Sei no que está pensando. Raum é lindo que nem o diabo, hã?

Bettina sorriu pra ele com afeto. Embora seu pai tenha sido bondoso, alguma parte dele sempre pareceu... distante. Raum a mimou, compensando a falta. Mas ele não era perfeito; foi criado em uma era feudal, e tratava Bettina como uma donzela que vivia continuamente em apuros. Via-lhe como uma boneca frágil entre os demônios, uma rara flor de estufa.

Ainda assim, foi flexível em alguns aspectos — bem, até antes de ser atacada.

Depois de olhar com a cara fechada para Morgana, como esperado, Raum estendeu o braço para Bettina.

— Você está adorável. Está pronta para descer? — Com óbvia relutância, ofereceu o outro braço a Morgana. — Devo transportar as duas?

— Só se desejar que eu me divirta com os seus intestinos — respondeu Morgana docemente. Nunca se permitia ser teleportada, sempre viajando via portal.



Bettina não se importava com isso. Infelizmente, sua metade demônio não lhe permitia se teletransportar sozinha, então ela sempre se sentia um fracasso quando que alguém o fazia com tanta facilidade.

Será que nada em mim é demoníaco?

— Mas pode acompanhar. — Morgana aceitou o braço de Raum, "acidentalmente" batendo nele com seu afiado penteado.

Peças com duplos propósitos...

Os três foram para o elevador — operado por ogros — até o térreo, então se dirigiram ao Anel de Ferro na extremidade da cidade, próximo ao grande pântano.

A cada passo, a tensão entre os guardiões crescia e seu próprio humor se deteriorava ainda mais.

Sinto-me como um sacrifício — alguém prestes a ser empurrada dentro de um vulcão. E mesmo assim sentia mais medo por Cas do que por si mesma. Pense em outras coisas...

O som das trombetas lhe distraíam a um certo grau. O torneio era uma ocasião formal, com os Abaddons vestindo seus melhores trajes. Muitos demônios machos furaram seus chifres com argolas de ouro, enquanto fêmeas pintaram os seus, que eram muito menores, de vermelho.

Demônios mais velhos tagarelavam ao redor usando armaduras antigas, as peças rangendo pela falta de uso, mas os detalhes e desenhos eram mais elaborados do que as modernas. Bettina estudou as pinturas e o bordado em revelô com interesse.

Finalmente, eles alcançaram o círculo. Aproximadamente um acre em tamanho, a arena era cercada por arquibancadas e completamente isolada por grades de ferro. Lanças irregulares apontavam para a área interna em cada grade. A bruma se enroscava em volta da estrutura macabra, mantidas afastadas pelas chamas azuis e laranjas dançando nas enormes tochas.

Nos finais opostos do anel havia arquibancadas e a entrada para os aposentos particulares dos guerreiros. Uma série de túneis no estilo de



catacumbas. Indo fundo sob o círculo, os aposentos eram como currais subterrâneos onde os competidores aguardavam sua vez.

A arquibancada era um palco largo e coberto, envolto com sedas preciosas. A sensibilidade Sorceri de Bettina não conseguiu evitar de se emocionar com a explosão viva de cores. Às vezes Rune podia ser... insossa.

Duas enormes mesas de banquete se espalhavam de cada lado. Uma mesa estava cheia de lordes demônios e damas que se curvaram e se levantaram para Raum. *Não o mesmo para mim.*

Todos estavam cientes que foi atacada e fisicamente derrotada. Ainda assim também era a única descendente do grande Mathar. Seus súditos não sabiam exatamente o que fazer com ela.

Apropriado. Pessoal, também não sei o que fazer comigo.

A outra mesa estava povoada com dignitários Sorceri mascarados que sorriram com afetação para Morgana.

De novo, nada para mim. Todos sabiam que teve seu poder tomado. Quando Morgana não estava olhando, tratavam-na como uma Inferi.

Nem um demônio de verdade, nem uma feiticeira de verdade. Impostora...

No centro havia outro palco e uma mesa para Bettina, Morgana e Raum. Diretamente abaixo deles havia um posto de registro, com pesados pergaminhos empilhados como troncos. Aqueles contratos eram maiores que os braços musculosos de Raum, enumerando o que deveriam ser milhares de regras.

Conforme cada participante — com sua comitiva de escudeiros e delegados — terminava sua procissão, ele viria até esse posto para assinar um pergaminho, ingressando em um pacto inviolável.

Ao lado dos pergaminhos havia uma pena de escrever e uma adaga, porque os competidores assinavam os pactos com sangue. Bettina conhecia algumas regras, mas sabia que a única forma de sair do torneio era vencer — ou morrer.

Era tudo tão indignamente... medieval. A maioria dos demônios do Lore era.



Ela pegou uma programação de eventos do lugar onde estava sentada. A primeira disputa da noite estava para ser anunciada. As próximas noites envolveriam ataques individuais dentro do Círculo de Ferro. A sétima noite era de fato escolha da dama — uma disputa *misteriosa. Até mesmo para a dama...*

As semifinais ocorreriam na oitava noite, com a disputa final e o casamento ocorrendo na nona noite.

Bettina espiou a multidão, procurando em vão por Cas, querendo que estivesse ali com ela. Ao invés disso estava com Morgana flanqueando seu lado direito e Raum seu esquerdo, como muralhas.

Conforme a prolongada procissão se aproximava, sua ansiedade aumentava. Virou-se para Raum.

— Por que tantas criaturas estão entrando? Abaddon é rica, mas não tanto assim. É difícil se acostumar ao nosso clima.

Ele enterrou o rosto brevemente em uma caneca gigante de bebida fermentada, então disse.

— Porque a sua delicadeza é legendária.

— Raum. Por favor.

Ele fez um som grosseiro, e disse.

— Alguns são fanáticos por glória, mas na maior parte é o Acession. A guerra expulsou muitos Loreans de seus lares. Outros são campeões de espécies inteiras, que esperam ganhar o trono e dar ao seu povo um local para viver. Alguns são um tipo de mensageiro, procurando uma aliança para os seus reinos. Outros ainda são peões, controlados por poderosos mestres, que meramente cederão a coroa se ganharem.

— Deixaria um peão me ganhar?

— Não podemos provar de fato quem é um peão até depois do torneio.

Bettina estreitou os olhos.

— Tem mais que não está me dizendo.

— Há uma última classe de competidor... — ele a consolou dando tapinhas em sua mão. — Os condenados.

— Como é?



— Esses foram sentenciados à morte por vários crimes em seus planos natais. A única opção deles é competir aqui, ganhar, e então entregar a coroa a quem estiver no comando.

Bettina estava horrorizada.

— Tudo isso não importa nada! — Raum lhe assegurou com um gentil tapinha em seu ombro — *quando já tinha surrado outro*. — Ainda tenho esperanças que Caspion entrará e derrotará todos eles.

Esperança? Ele e Morgana pareciam colocar todas as suas esperanças em, bem, na *esperança*. Bettina queria algo mais concreto, muitíssimo obrigada. Além do mais, Caspion não tinha intenção alguma de ingressar.

— Já vi o jeito como o olha — disse Raum. — Aquele rapaz é quem você deseja, não é?

Ele não me deseja também.

Baixinho, ele disse.

— Morgana brigou comigo a respeito, disse que a viu com alguém 'mais exótico'. Mas se Caspion entrar, não vai poder dizer nada. — Raum olhou em volta. — Onde ele está falando nisso?

— Não o vi o dia inteiro.

— Ainda restam algumas horas até o prazo final.

Morgana a cutucou com o ombro.

— Ali vem o primeiro competidor. Agora se lembre, não baixe muito a cabeça. Mesmo que seus súditos sejam meros demônios, ainda possui sangue real...

Um por um, escudeiros e delegados introduziram seus campeões. Morgana fornecia contínuo — e fatal — comentário, como era de se esperar.

A maioria era de representantes das várias demonarquias, o que agradou Raum. Vários demônios de tempestade, gelo, pedra, fúria e fogo estavam presentes. Até um demônio alado Volar ingressou. Sem mencionar o Excretorian, que deixou uma trilha de pus na mesa ao assinar.



Alguns competidores se destacavam. Um Lykae raivoso, com sua camisa rasgada e olhos lunáticos, definitivamente era um peão. Seus três “escudeiros” usavam capas e o arrastaram até o posto, depois o levando embora pelo colarinho.

— Aqueles três são magos. — murmurou Morgana. — De uma ordem antiga chamada Aqueles que Devem ser Esquecidos. — Ela e Raum trocaram um olhar. — Classe A — disse ela em um tom que berrava *isso!*

Raum, contudo, parecia desconfortável, como um adolescente cuja festa ilícita saiu de controle e chegou aos ouvidos do pai.

Morgana adicionou alegremente.

— E bem antes da Ascensão! — Aquela guerra imortal brutal — quando todas as facções eram forçadas a lutar por supremacia. A cada dia, as alianças bélicas entre Pravus e Vertas se fortaleciam...

Depois, dois belos centauros se aproximaram, com seus cascos afiados tinindo no calçamento. Com os arcos amarrados nos peitos nus, o par deu a Bettina uma lisonjeira amostra de atenção.

Depois deles, um lorde vampiro Horde se curvou com cortesia, mas seu olhar vermelho-sangue era impaciente — tão diferente do Daciano. Assim que o lorde assinou, chiou para o Lykae, seu inimigo natural.

O único Troll na procissão era enorme, seus ombros quase tão largos quando seu tamanho. Pelos grossos manchavam seu corpo, cobrindo a comprida cauda. Em uma mão imunda a criatura levava um porrete cravado de pregos maior que o corpo de Bettina.

Ela murmurou para Morgana.

— Agora, isso é ridículo.

Morgana deu de ombros.

— O torneio é aberto a todos.

Havia o povo do fogo: um Chimaero com a pele que virava chamas e três Ajatars, *shifters* com duas cabeças de dragão. Então vieram os competidores parecidos com cobras: dois Cerunnos — príncipes das Terras de Serpentes — e Meduso, filho de Medusa.



— Aquele ali tem uma língua venenosa. — forneceu Morgana em um tom divertido. — Não ouviu? Quando experimenta uma cobra não quer mais nada.

Bettina suspirou. *Sinto-me como se estivesse na Terra dos Desajustados.*

Durante uma trégua na procissão — o demônio seguinte parecia estar caindo de bêbado — Bettina esfregou a mão na nuca, pressentindo algo errado. *Mais do que o que está obviamente errado?*

Naturalmente, a maioria das pessoas presentes a observava, mas por alguma razão, seu sexto sentido estava gritando uma presença...

Capítulo 11

Escondido na névoa, Trehan se teletransportou para Rune, de volta à ponte levadiça que atravessou pouco tempo atrás. Guardou seus pertences debaixo dela, e então foi em direção ao Círculo de Ferro.

Embora o prazo para ingresso fosse iminente, Trehan ainda não tinha tomado nenhuma decisão. Provavelmente porque ainda não tinha colocado os olhos em sua Noiva.

Ao invés disso, deslizou pela periferia da multidão, estudando a grande arena e os massivos assentos como num estádio, lotados de espectadores.

Tentou imaginar como seria matar na frente deles. Por tanto tempo escondeu sua habilidade — para agora exibi-la na frente de centenas de pessoas?

Logo a tribuna principal apareceria. *Ela* apareceria.

Sempre frio, sempre lógico, Trehan não tomava decisões impulsivas. Sempre que alguém tentava criar uma sensação de urgência para colocá-lo em ação, manteve-se firme, preferindo a falta absoluta deste tipo de impulso.



Mas temia que uma vez que a visse, a necessidade que sentia desde a noite passada iria dobrar, seu controle iria falhar.

Sem cessar, pensava *Sua noiva ou sua casa? Sua fêmea ou seu reino?*

Sem mais protelação. Ergueu o olhar para o palco...

Lá estava ela.

Sob as intensas chamas da arena, seu duende de olhos escuros parecia o sonho mais febril em suas joias e sedas reveladoras. O cabelo escuro estava repleto de tranças brilhantes ao redor do rosto. Sua máscara verde-jade acentuava os olhos brilhantes.

Primeiro pensamento: *Foda-se o reino.*

Uma sacudida rápida da cabeça. *Cuidado, Trehan. Seja racional, investigue.*

Ao lado dela havia um demônio macho e uma feiticeira — devem ser, o demônio duque e a Rainha dos Sorceri.

Embora Bettina parecesse inconsciente de todos os olhos de admiração nela, ele *não* gostava que a maior parte de seu corpo estivesse exposta para uma multidão de cobiçosos olhares masculinos.

É a minha Noiva que eles cobiçam.

Apesar da inclinação em expor o corpo, seu rosto estava novamente oculto por uma máscara. *Eu ainda não vi o rosto dela por inteiro, e ainda considero isso.* Mas mesmo quando a ideia surgiu, ele percebeu que não importava. O físico era apenas uma parte do que o atraía.

Ainda oculto, Trehan se teletransportou até uma fileira de competidores demônios, prestando atenção nas conversas.

Um jovem demônio animus admitiu para outro.

— Eu não tenho escolha. Ou entro ou meu pai me mata.

Um demônio pathos disse.

— Claro que quero a coroa. O que não significa que não irei emprenha-la com três crias por ano.

Um demônio de fúria disse.

— A feiticeira é metade duende, metade demônio da luxúria. Eu lutaria por uma única noite com uma criatura dessas, muito mais por uma eternidade. O lugar dela é debaixo de mim.



Os últimos dois comentários fizeram a visão de Trehan borrar de raiva, suas presas afiando incontrolavelmente. *Não. Seja razoável. Esse não é você — Razoável?* Quando tudo que queria era arrancar suas artérias com os dentes?

Bettina poderia ouvir algumas dessas conversas? Ela se mantinha bem quieta, muito regidamente — uma bela indiferente. Tão diferente da tímida sedutora da noite passada.

Mas então, só por um instante, viu um vislumbre de medo em seus olhos. Seu olhar predador detectou o pulso acelerado em seu pescoço.

Trehan podia ter resistido à sua necessidade crescente de reivindicá-la, podia ter resistido ao chamado de seu sangue. Ainda assim seu medo era intolerável para ele.

A examinou mais de perto. Agora que sabia o que procurar, podia ver que estava tremendo. E por que não estaria? Aquilo não era um torneio por sua mão — era o sacrifício de uma virgem, um espetáculo.

A necessidade instintiva de esmagar o que fosse que a ameaçasse o martelou. A necessidade de fazer seus inimigos morrerem sangrando...

Quando o último da fila de aproximadamente duzentos e trinta pretendentes foi apresentado à Bettina, ela voltou a se sentar, esfregando a testa. Morgana estendeu o braço e beliscou seu queixo, virando seu rosto da esquerda para a direita. Com uma carranca, mandou a levarem embora. Uma breve prorrogação?

Trehan se teletransportou detrás de Bettina, secretamente seguindo-a quando ela se retirou para uma alcova aos fundos de um jardim.

Deuses, gostava do jeito como andava, gostava do jeito que as pontas dos cabelos balançavam para frente e para trás bem acima do traseiro firme. Com cada passo, uma coxa pálida, com meias de liga saía de debaixo da saia justa.

A rápida ereção nem ao menos lhe surpreendeu. Nem os pensamentos obscenos. *Deuses, fêmea, as coisas que faria com você... Arrancaria essas ligas com as presas, a calcinha também. Então abriria suas pernas longas e esbeltas e enterraria minha língua entre elas.*



Para reivindicar o beijo que ansiava na noite passada...

Tudo sobre aquela mulher excitava Trehan, literalmente, além da razão. Uma flecha ardente no templo? *Me recuperarei algum dia daquilo?*

Depois de sentar em um banco, ela se virou para falar com uma... *planta?*

— Algum sinal dele?

— Não. Procurei pelas últimas duas horas, chequei duas vezes cada prostíbulo.

Ela olhou com raiva para a planta, então murmurou.

— Viu o jeito que aqueles participantes me olharam? Estou surpresa que não tenham exigido checar os meus dentes.

A planta respondeu.

— Na verdade, um deles planeja remover todos os seus dentes, para que aguente a grossura de seu "falo". Palavras dele, não minhas.

Quem diabos disse aquilo? *Alguém que morreria em breve.* Entrar no torneio garantiria a oportunidade a Trehan.

— Já chega! — declarou ela visivelmente abalada, os grandes olhos cheios de aflição.

Trehan queria matar aquela planta falante. *Então a colocaria nos braços e lhe diria que tudo vai ficar bem.* Viu-se aproximando mais dela.

— Eu sei o que planejam para mim — disse ela. — Oh, por que Cas não vem?

Sempre pensando naquele maldito demônio.

Bem antes de Caspion alcançar Bettina, ele apareceu ao seu lado, a poucos passos de se materializar bem em cima de Trehan!

— Tina — murmurou o demônio, estendendo os braços para ela.

Ela levantou, o rosto enrugando enquanto se lançava nos braços de Caspion.

Não é certo abraça-la. Ela é minha! Só séculos de afiada autodisciplina impediu que Trehan os separasse. Investigue, Trehan. Aprofunde-se. Você sabe tão pouco a respeito dela...



Caspion sussurrou algo em seu ouvido, algo que Trehan não pôde ouvir. Ela lhe deu um sorriso vacilante, levantando os olhos para o demônio com uma adoração explícita. Ouvir sobre sua afeição por Caspion era uma coisa, ver era outra.

Mate-o. A mão de Trehan caiu em sua espada, mas antes que pudesse agir, Caspion se teletransportou junto com Bettina.

Para onde aquele bastardo a levou? O olhar de Trehan vasculhou tudo. Quando os dois apareceram no palco, exalou de alívio.

Só para ficar tenso novamente — Caspion estava indo em direção à *mesa de ingresso*? Quando o demônio ergueu a pena e a adaga, a multidão gritou.

Aquele filho da puta! Trehan se lembrou do convite. Todos os competidores eram protegidos misticamente. Com um corte da lâmina e um rabisco da pena, Caspion entrou na lista — saindo do alcance de Trehan.

Ao menos até o torneio acabar.

Posso esperar até lá para mata-lo. Caspion pode nem passar pela primeira fase. Outro pode fazer o trabalho de Trehan por ele.

Ou eu poderia entrar. Dois pássaros com uma pedra. Não teria escolha a não ser matar Caspion.

E Bettina teria que me perdoar...

Raum, o aparente mestre de cerimônias, fez um gesto para que a multidão se calasse.

— Notícias para o Abaddons, a mais feroz de todas as demonarquias!
— Mais aclamações. — E também para aqueles de fora deste plano que se reúnem aqui para o nosso — humilde — pequeno torneio. — Risadas soaram. — Junto à minha companheira na introdução das cerimônias, a toda-poderosa Morgana, nós lhe damos as boas-vindas.

Quando ele a indicou com uma sacudida do queixo, ela se levantou. Sem um aceno ou gesto de qualquer espécie, ela varreu a multidão com o olhar como se menosprezasse cada presente.



Só quando a multidão ficou completamente calada ela sentou novamente. Sussurrou algo para Bettina, algo que fez a garota assentir com cautela.

— Agora, os perigos dessa competição são altos. Cada fase é até a morte, embora uma não tenha luta alguma. Talvez um jogo de inteligência? Ah, mas nunca um de sorte! É preciso *merecer* a mão da Princesa Bettina, provando-se digno de sua linhagem.

Raum levantou uma caixa de ouro — a que continha o medalhão que controlava Bettina?

— Sim, os riscos são altos, mas as recompensas são proporcionais. O vencedor ganhará o domínio da bela princesa!

Domínio. Trehan quase rugiu.

O rosto de Bettina ficou quente, seus punhos se fechando. Ela claramente estava descontente com as circunstâncias; então por que tinha se permitido ser oferecida? Ontem à noite, ela disse.

— *Eles determinaram isso.*

Então Raum levantou uma coroa.

— E o direito de governar os Seres Mortais.

Um demônio tempestade usando uma armadura — de uma demonarquia famosa por seus haréns — gritou.

— Eu já sou um rei. Só estou aqui para semear a princesa!

Gargalhadas soaram. Bettina estremeceu como se tivesse sido golpeada. Bem quando Trehan ficou tenso para atacar o macho, Morgana se ergueu mais uma vez, com as tranças balançando como chicotes. Em uma voz clara e estridente, disparou.

— *Respeito-não-é-opcional.* — Ondas de bruxaria radiavam dela.

Raum deu a Morgana um olhar para que tivesse calma, então perguntou à multidão.

— Agora, os competidores já foram computados? O prazo está se esgotando.

Sua fêmea ou seu reino? Trehan fitou firmemente sua Noiva, compelido para estar próximo dela, para tocá-la naquele mesmo instante.



Bem aí, ela baixou os olhos para os dedos entrelaçados. Quando os levantou de novo, eles estavam cheios d'água, sua pequena máscara torta.

Eu deveria protegê-la, mesmo se não deseja minha proteção?

— Temos duzentos e vinte e sete? — disse Raum.

Às palavras do demônio, os pensamentos de Trehan começaram a correr. *A entrada está prestes a ser encerrada. Pronto para alguns milhares de olhos em suas costas, Trehan? Pense! Entre, e não será quem foi. O que pode ser bom. Eu só deixo o caixão para matar.*

Estive apodrecendo? Estive praticamente morto?

Era um solitário por natureza, com um dever sagrado de matar, ensinado pela experiência de não confiar em ninguém. Somado a isso, vivia em uma sociedade secreta e isolada que venerava a razão e que acreditava no controle absoluto das emoções.

Cercado agora por todos aqueles novos cheiros, visões, sons — por toda aquela vida — ele descobriu a resposta.

Trehan foi uma sombra. Mas como os mortos, foi o último a saber disso. *Não é de se admirar que matar é tão fácil para mim. Estou a meio caminho da cova eu mesmo.*

Sim, ele foi enterrado na terra como uma coisa adomercida — uma máquina incapaz de sentir. O que o esperaria se decidisse acordar?

Permanecer adormecido era confortável. Sem emoções dolorosas, sem necessidades incontroláveis.

Nenhum arrependimento por tantos anos já passados naquele estado estático.

Pense, Trehan! Aspirar Bettina significaria abandonar tudo o que já amou e abraçar tudo que já o havia desafiado.

Seu reino? Ou aquela que o despertou...?

Capítulo 12



Raum olhou em volta para a multidão.

— Então as listas serão consideradas completas...

— *Espere demônio* — um macho chamou da parte de trás. — Você tem um concorrente final.

Bettina teria reconhecido a voz profunda e acentuada em qualquer lugar.

Ela fechou os olhos. O vampiro estava *aqui*, em algum lugar no meio da multidão. E ele planejava competir?

Apenas quando achou que a noite não poderia ficar pior.

Anteriormente, quando Cas lhe disse que iria entrar, com os ombros para trás com um suspiro digno de herói antigo, seu coração saltou. Então, na entrada do balcão, ele qualificou suas ações: — Não, Tina. Se eu estou marcado para morrer de qualquer maneira, posso muito bem tentar salvar minha melhor amiga de um casamento horrível. — *E agora isso?*

— Este é outro vampiro? — Morgana murmurou em um tom intrigado.

Bettina abriu os olhos e respirou chocada.

Lá estava o Daciano, caminhando em direção a ela, seu rosto sombrio com determinação. A luz das grandes tochas refletindo em seu cabelo negro.

Hoje à noite sua roupa estava mais regia, as linhas finas e os tecidos parecendo que custavam muitos quilates. Ele também usava um casaco de corpo inteiro de couro preto, que se ajustava perfeitamente sobre os ombros largos e quadris estreitos.

A névoa parecia parte dele, a multidão certamente. Mesmo entre os machos robustos Abaddonenses, seu corpo imponente se destacava. Ele poderia ter riscado, mas escolheu andar, aumentando o suspense.

Ontem à noite, ela perguntou-se, *Que assassino estrangeiro ousaria alvejar Uma Mortal em seu plano de Abaddon?*

Este. Trehan Daciano. Um assassino profissional.



Isso não está acontecendo. Por que deuses, ele retornaria? E por que participar? Por que não esperar para terminar sua missão depois do torneio?

Seu olhar deslizou para Caspion, de pé e de queixo caído fora do ringue.

Então ele lembrou-se: uma vez visto assim, um Daciano nunca poderia retornar para casa.

Não é de se admirar que Cas estivesse atordoado!

O vampiro não lhe dispensou um olhar, sua atenção apenas em Bettina. Inicialmente os olhos do Dacian estavam um verde profundo. No entanto, quando seu olhar fixou-se sobre ela, eles inundaram com preto.

Como na noite passada.

Enquanto ele chegava cada vez mais perto, a consciência pinicava seus sentidos — o calor das chamas, o cheiro da sua taça de vinho, a forma como o ar da noite úmida agarrava-se a seus braços nus.

Tudo o que podia pensar mais e mais: *Esse vampiro esteve na minha cama, tocando-me como nenhum outro antes.*

Enquanto ele fechava a distância, ela se sentia cada vez mais fraca e sem fôlego, como se um flash de febre se apossasse dela.

Como poderia simplesmente o olhar de alguém fazê-la reagir *fisicamente*? Uma palavra surgiu em sua consciência. *Dalit*. Em Demonish, significava *relâmpago* — além de outro exótico antigo significado.

— Quem é esse *lindo* homem? — Morgana perguntou.

Bettina nunca tinha ouvido-a tão interessada em um estranho.

O vampiro não era lindo para Bettina, mas ele era... impressionante.

— Oh, pelo ouro! Ele é um Forbearer? — Morgana perguntou.

Com os olhos claros, o Daciano parecia um. Ninguém poderia imaginar que era do reino das fábulas de Sangue e Névoa.

Uma vez que se aproximava da arquibancada inferior, Bettina sutilmente balançou a cabeça, advertindo-o, mas ele não quebrou o ritmo.



Anteriormente, quando Caspion abordou a entrada da banca, a multidão aplaudiu como um dos seus próprios. Quando o vampiro se aproximou, todos ficaram em silêncio.

Grilos. Um cachorro latiu à distância. Um filhote de demônio deu um grito.

— Seu nome? — Raum perguntou, intrigado.

— Eu sou chamado o Príncipe das Sombras — Daciano respondeu com aquela voz ressonante.

— De onde você saúda? Qual é o seu padrão?

— Venho de nenhum lugar que conheça. — O vampiro pegou uma bonita bandeira de aparência antiga vermelha e cinza de seu casaco, entregando-a Raum.

— Este é meu padrão. Eu entro pela mão de Bettina.

Ele não poderia mentir? Então não estava aqui apenas para matar Cas? Ele quer casar comigo? Ela simplesmente parou de abanar o rosto.

Por que não posso recuperar o fôlego?

Seu padrinho lançou-lhe um estudado olhar. Raum não poderia barrar a entrada do vampiro, mas com certeza iria exigir mais informações.

Em vez disso Raum examinou o padrão, então retornou, oferecendo ao Daciano a lâmina e a pena.

— Bem, Príncipe de Lugar Nenhum. Assine seu nome.

Ainda segurando seu olhar, o vampiro arrastou a lâmina em sua palma, o sangue jorrando. Sem hesitar, ele assinou, nunca olhando para o contrato, sem tirar os olhos penetrantes de cima dela.

Bettina poderia dizer que Morgana estava olhando do vampiro para ela, e para trás, mas não reconheceu a curiosidade de sua madrinha.

Uma vez que a entrada do Daciano estava completa, Raum anunciou:

— As listas estão completas! O torneio começou oficialmente.

Uma torcida soou dos espectadores, antes que Raum acalmasse-os mais uma vez.

— Agora, na primeira noite do torneio, teremos um corpo a corpo. Todos os competidores iram desarmados, correndo para chegar até as armas estrategicamente colocadas, em seguida, matando à vontade.



— Oh, eu sempre gostei de um espirituoso corpo a corpo! — Morgana disse, como se estivesse falando de uma corrida de saco. Então, olhou para trás para Bettina, seus olhos brilhando com aprovação — sem dúvida cobiçando o vampiro.

Quando Bettina se recusou a olhar para ele, Morgana tocou seu queixo com uma garra de metal.

— Você não parece ser uma reflexão tardia dele, querida mostrenga. Você parece ser o único pensamento.

Eu fiz isto então. Trehan levantou-se na frente de milhares de Loreans boquiabertos, comprometendo-se a ganhar Bettina. Saiu de suas confortáveis sombras diretamente para a ribalta, sob o peso esmagador do escrutínio da multidão.

Não mais sendo o responsável pela aplicação das leis de Dacia. Não mais vivendo entre livros, unicamente *lendo* sobre as interações sociais. Ele não era apenas um observador, estava presente e envolvido, com um propósito inabalável: *Eu vou possuí-la*.

Ele deixou para trás tudo o que amava, mas também saiu de sua existência amortecida. E neste momento, a emoção sobre o futuro superou seu pesar do passado.

Tão perto de Bettina, ele podia sentir o cheiro do perfume leve e doce de sua pele, podia ouvir suas inspirações rasas, enquanto cuidadosamente o ignorava.

Sim, eu vou possuí-la — e faria muito pior do que isto para ter o privilégio.

Ele quase parecia adiante lutando por seus favores. Matar era o que fazia, era tudo o que sabia. E Caspion? Ele era um obstáculo simples de ser resolvido, quando chegasse a hora.

De alguma forma Trehan iria encontrar uma maneira de seduzi-la mais uma vez. *Estou apostando tudo, que ela vai responder novamente.*



Talvez ele devesse fazer como o louco do Lothaire fez, e negociar com ela?

Antes do início do torneio amanhã à noite, Trehan estaria preparando-se, empanturrando-se de sangue e talvez, dormiria por uma ou duas horas. Muitos dos senhores demônios iriam beber nesta véspera. Já estavam bêbados. Amanhã, estariam comprometidos. Trehan teria outra vantagem. *Não que eu vá precisar dela...*

— Mas há um porém — Raum anunciou. —. A primeira noite... começa em cinco minutos.

Suspiros soaram. Aqueles senhores bêbados estalaram seus protestos.

— Duzentos e vinte e oito entrarão no Anel de Ferro antes do portão se fechar — Raum disse, sua voz cresceu em definição. — Vocês irão matar até tocarem os chifres. Apesar de muitos de nossos competidores jamais conseguirem ouvir...

Capítulo 13

Quando os concorrentes apresentaram-se no anel, Bettina mordeu uma unha, os dedos da outra mão batendo.

Há poucos momentos depois do anúncio de Raum, Caspion riscou para o lado dela, alisou uma trança atrás da orelha, então bravamente partiu para o santuário dos guerreiros.

Daciano se afastou, assim ele ainda permanecia fora do ringue. Esperando por alguma coisa dela?

— Então Raum, quem você acha que vai ser o favorito entre os competidores? — Morgana perguntou.

Raum afastou o rosto de sua caneca.

— Nenhum Abaddon apostaria contra um dos seus.



Cas, meu demônio, está prestes a ser trancado dentro desta jaula!
Bettina começou outra unha.

Morgana bateu sua mão para baixo.

— Acredito que vou colocar quilates sobre o vampiro de olhos claros.

O olhar de Bettina disparou para o Daciano. Seu comportamento estava completamente *entediado*. Mas ela podia ver seu olhar astuto, ocupado em seus inimigos. Ela suspeitava que estivesse prestes a testemunhar a letalidade que ela apenas sentiu antes.

Será que ele iria atingir Cas imediatamente.

Virando-se para Bettina, Morgana disse:

— Acredito que o Príncipe das Sombras está particularmente motivado. Ele aparenta como se seu coração estivesse nisto. Seu coração *batendo*.

Bettina abafou um suspiro. É claro que Morgana descobriu que era a noiva de Daciano. Mas Bettina não podia pensar nisso agora.

— O sanguessuga esta sangrado, então? — Raum perguntou, tomando outro gole de sua caneca. — Gostaria de saber o que sua noiva tem a dizer sobre isso?

Ela ficou puta! E aterrorizada por Caspion.

— Se Cas pudesse riscar, ficaria seguro lá dentro, certo?

Morgana bufou. Raum inquieto puxou a gola de sua couraça.

— Ele não poderia simplesmente teletransportar-se continuamente em torno do anel se quisesse? — Bettina perguntou. — Ou ele se machucaria?

— Se ele não fosse capturado rápido por um adversário mais forte, então sim — Raum disse —. Mas o riscar não deixa de ter seus perigos. Para atacar com um golpe preciso, você tem que se materializar completamente em uma fração de segundo. E sempre que desaparece, você corre o risco de perder de vista seu adversário, algo que nenhum guerreiro está disposto a fazer.

Morgana acrescentou:

— Além disso, você corre o risco de que alguém vá prever onde irá reaparecer e estar à espera, digamos com uma espada mística levantada.



Eu matei o meu último demônio dessa forma. — Ela fez sua voz soar como de uma menina inocente e então disse — Oh não, por favor, pare com seu riscado! Isto confunde minha mente fraca de fêmea! — Ela abruptamente fez um movimento de talhar contra a mesa. — Então Slash.

Raum parecia impressionado com suas encenações.

— É tão fisicamente desgastante, especialmente para os feridos. A capacidade é uma grande vantagem, mas também traz grandes riscos.

Falando em torno de outra unha, Bettina perguntou:

— Se um competidor se mete em problemas, o que o impede de se teletransportar de volta para casa ou algo assim?

— O pacto de sangue que assinaram.

Então Cas estava profunda e verdadeiramente preso? Se ele... morresse, ela não sabia como iria se recuperar.

Os pontos altos de sua história com ele passaram por sua mente. Todas as coisas que ele fez para ganhar seu coração. Cas levando-a para seu primeiro jogo de beisebol e, pacientemente, explicando as regras. Ensinando-a a dirigir um carro mortal. Escoltando nos desfiles de moda e exposições de arte, mesmo quando estava tão entediado que mal conseguia ficar acordado.

Ele era jovem, e às vezes podia fazer coisas estúpidas, mas era magnânimo. Ela recentemente descobriu que ele esteve secretamente dando comida e roupas para algumas crianças abandonadas, usando um pouco de sua influência recém-conquistada para criar estágios para os órfãos mais velhos.

Todo mundo sempre esteve tão deslumbrado com sua beleza, que nunca percebeu que ele tinha substância — e *lealdade*. Ela sabia que ele daria sua vida para protegê-la...

O devaneio de Bettina foi interrompido quando um dos Inferi de Morgana se apressou até a rainha com uma mensagem escrita. A feiticeira retrucou:

— Mas que diabos é isso? — Então rasgou o selo preto.



Em uma completa tentativa contrária de ser suave, Bettina esticou os braços, inclinando-se para trás para dar uma olhada na página. Ela pegou algumas poucas palavras — “presságios”, “Um Dourado”, “Ascensão” e “Adesão” — antes de Morgana enrolar o papel com dificuldade, com as garras metálicas cavando em sua palma.

Um Dourado era A Dourada. Rainha do mal e inimiga de Morgana, que pensava estar morta.

Com uma maldição, Morgana levantou-se, empurrando a cadeira para trás com um aceno de sua mão.

Bettina se atreveu a perguntar.

— A Dourada está ascendendo?

Em um tom distraído, Morgana respondeu.

— Com licença. Alguém tem que morrer. — Sobre seu ombro, ela disse a Raum — Na minha ausência, mantenha este torneio... interessante.

— Ausência? — ele gaguejou. — Você não pode sair! Você é a co-anfitriã! — Ele saltou e seguiu-a, argumentando, enquanto ela e seu trem de Inferis se apressavam em direção ao portal de viagens.

Tão logo Bettina ficou sozinha, o vampiro riscou ao lado dela e agarrou sua mão.

Ciente dos espectadores observando, ela tentou parecer calma enquanto sussurrava.

— Liberte-me! — Entre os dentes cerrados.

Ele não o fez. Sua mão estava quente, engolindo a dela.

Ela inalou o aroma tonificante, e as lembranças da noite anterior sobrecarregaram-na — o que a enfureceu.

— Você disse que não iria voltar para mim!

— Eu disse que não *planejava* voltar para você. Tendo visto que mudei de ideia. — Seus olhos estavam verdes agora, seu olhar estreitou com intento. — Ouça-me, fêmea. Seu Caspion vai viver ou morrer nesta tarde com base em minhas ações.

Ela levantou o queixo.



— Então certamente você vai derrotá-lo? Não estou convencida. E se você atacá-lo, eu o odiarei para sempre.

— Então, entenda isso. Irei influenciar os outros, dizendo-lhes que Caspion, o Riscador, é um dos favoritos do amplo reino, que deve ser eliminado cedo. A menos...

— A menos o quê?

— Que você se comprometa a me conceder um benefício. Um a ser determinado mais tarde. — Ele falou sobre ela crepitando: — E não vou apenas poupá-lo, vou despachar qualquer concorrente que você escolher.

— Você está me chantageando?

— Considere isto... uma barganha.

— Por que deveria confiar em você?

— Você sabe que não minto. — Inclinando-se, ele murmurou em seu ouvido — Dê-me um objetivo, ou diga adeus a Caspion.

Ela rapidamente disse:

— Quem sou eu para escolher? Quero que todos eles saiam!

— Então me prometa mais alguns favores. Me aceite como seu campeão, e vou livrar todo o anel de vida.

Após a procissão humilhante desta noite, ela ficou tentada — com exceção de Cas, é claro. Mas até que determinasse que tipo de "favor" o Daciano poderia exigir, ela limitaria a exposição.

Por *um*. Bettina encontrou os serpenteantes concorrentes. Os piores. O simples pensamento de acasalar com um deles fazia com que ela vomitasse. Sem mencionar a ideia de colocar ovos.

— Tudo bem. Eu prometo pelo Lore lhe conceder um benefício, se poupar Cas e despachar o maior Cerunno.

O Daciano deu-lhe uma reverência formal.

— Como você quiser. — Então ele tirou o casaco e entregou a ela. — Segure isso, Noiva. — Esse pedido trivial, fez com que parecesse que já estavam juntos. — Naturalmente, se tiver uma oportunidade no ringue, poderia expandir nosso acordo... ?

— Por mais desses benefícios? Esqueça.



— Saiba que vou matar a Horda dos vampiros de graça. — Com a carranca dela, ele explicou — Exijo sua tenda enquanto durar. — E então ele se foi.

Trehan estava de pé dentro do Anel de Ferro, cercado por tímidos Loreans de pé, mas ele concentrou sua mente sobre o que estava em jogo.

Ela. Bettina.

Agora, como tantas vezes no passado, tinha uma morte sancionada a cumprir. Ele marcou sua presa — O Cerunno que sua noiva temia acima de todos os outros.

Trehan deu um olhar superficial sobre as armas disponíveis: lanças e variedades de dardos, machados de guerra, clavas, espadas, e dois tipos diferentes de chicotes. Um era enrolado com arame farpado, o outro revestido com uma camada viscosa de óleo — um chicote de fogo. Ele era um mestre em tudo isso.

Ele observou que muitos dos concorrentes estavam estudando a colocação das armas, decidindo o que iria servir melhor as suas próprias forças. Mas poucos estavam estudando seus adversários. Tolos. A escolha da arma dependia do adversário.

Tente derrubar um Cerunno com um dardo e verá onde isso deixará você...

Além disso, dentro de instantes, seriam muito mais armas do que vivos para usá-las.

Trehan fez cálculos rápidos. Os machos mais suscetíveis que lhe dariam qualquer tipo de competição que fosse: os Cerunnos incrivelmente rápidos, o outro vampiro, os três Ajatars, o violento — portanto, imprevisível — Lykae. Os dois grandes demônios de pedra



também. Eles poderiam deixar seus músculos tão rígidos com a pancada iriam impelir como se fossem de pedra.

O vampiro da Horda olhava fixamente para Trehan, sem dúvida tentando avaliar seus pontos fortes. Ele acreditava que Trehan fosse um fraco Forbearer, um humano transformado.

Ah, mas aquele Lykae voraz, mal conseguia abster-se de atacar o vampiro de olhos vermelhos, mesmo agora. Ele daria conta de manter esse lorde da Horda ocupado?

E os Cerunnos? Trehan os perseguiu no passado, observando-os na batalha. Ele sabia como distraiam sua atenção com seu trabalho de espada, enquanto as caudas deslizavam por trás de você...

Quando Raum voltou, aparentemente de discutir com Morgana, sinalizou para que os guardas demônios fechassem o enorme portão de ferro. Os músculos dos outros concorrentes estavam tensos. Os de Trehan estavam relaxados.

Preparei-me, minha vida inteira para este torneio, mesmo se não a tivesse conhecido...

Ele sentiu uma vibração sob seus pés. Então outra. Passos. Alguma coisa estava chegando, algo com massa. Um último competidor?

Pouco antes dos portões fecharem totalmente, um ser emergiu do nevoeiro, indo para o ringue.

Trehan ergueu as sobrancelhas quando esticou o pescoço para cima. E para cima...

As coisas que faço por minha Noiva.

Capítulo 14

— O que-é-isso? — Bettina murmurou quando uma criatura gigantesca demoníaca entrou no ringue.



Ele tinha quase três metros de altura, com a pele verde de cascalho parecida com a de um sapo. Tinha não um, não dois, mas três pares de chifres. Subindo por cima de sua testa estavam dois viscosos amarelos que combinavam com a cor de seus olhos semicerrados, mais dois, tampando seus ombros musculosos, um terceiro par projetava-se da parte de trás de seus cotovelos.

Presas se projetavam de sua linha inferior de dentes. Uma linha de presas manchadas projetava-se abaixo de seu queixo, como uma barba óssea salpicada. Compridas correntes atravessavam seu peito nu de ponta a ponta, segurando uma meia-túnica de couro como suspensórios do inferno.

A cada passo, a terra cheia de barro tremia sob suas botas.

Raum rogou uma maldição.

— Goürlav.

Murmúrios soaram no meio da multidão.

— Aquele é o Pai de Terrors.

— Ele é um pré-demônio, um *primordial*...

— Se uma gota de seu sangue atingir o solo, um monstro surgirá...

Olhando furioso, Raum disse.

— Pela primeira vez, os rumores estão certos.

— Eu não entendo? O que vai acontecer?

— Se alguém sequer fizer algum corte em uma de suas veias, ele vai gerar novas criaturas horrendas, empenhadas em aniquilar qualquer um que pense em prejudicar seu "pai".

Cas estava prestes a ser enjaulado — com aquele ser horripilante? — Não podemos chutar o primordial para fora? Por que ele não estava na procissão?—

— A procissão era apenas uma formalidade. Alguém assinou um contrato de procuração para que ele entrasse. Não há nenhuma maneira de expulsá-lo, não existe restrição de entrada alguma para o Lorean.

A testa escarpada de Raum franziu, enviando um calafrio de desconforto através de Bettina. Este foi o primeiro olhar de arrependimento que evidenciou ao longo do torneio.



Ele esteve tão positivo que este era o caminho certo — bom para o comércio, “bom para mostrar aos outros Loreans que somos um reino livre e aberto”. Ele agitou para longe todas as suas preocupações e as preocupações do povo; Bettina ouviu-o assegurar a seus comparsas que um demônio de qualquer tipo teria que prevalecer.

Eles certamente não esperavam nunca um demônio primordial variedade.

Quando os portões se fecharam por atrás de Goürlav, o estômago de Bettina deu uma guinada. Havia tanto perigo para Cas. Por todos os seus anos juntos, ele foi um salva-vidas, um mentor, um guia e um protetor. Agora Bettina queria *protegê-lo*.

Mas não podia. Nenhuma luz âmbar fervia de suas palmas, nem feitiçaria destrutiva.

Ela lembrou-se de como Cas era qualificado, rápido. *Ele está salvo do Daciano...*

— Pode muito bem acabar com isso — resmungou Raum. Ele deu o sinal.

Mais uma vez, o grande chifre soou. O rugido da multidão cresceu ensurdecedor.

Muitos competidores cobraram por armas, e em poucos segundos o som estridente de aço soou.

Então veio... o caos.

Sangue espirrou como se viessem de fontes; ossos rachando. Gritos de agonia carregados sobre o tambor da multidão.

O demônio Volar voou pelo alto, em seguida, mergulhou para atacar um demônio de fogo, suas garras afiadas cortando a carne. *Então, lembrou-se dos Vrekeners...* Ela se encolheu e olhou para longe.

O pequeno Cerunno usou sua cauda substancial para espiralar até a parte superior da gaiola, enrolando em torno das barras para suspender seu corpo de cabeça para baixo. Balançando como um pêndulo grotesco, que arrebatou um inimigo desprevenido até a sua morte.



Caspion apreendeu um chicote navalha, usando-o para laçar o pescoço de um centauro. Embora a criatura chutasse e levantasse, Cas usou toda sua considerável força para apertar aquele laço.

— Vamos lá, Cas! — Bettina gritou.

Mais apertado, mais apertado...

De repente a cabeça do centauro pulou fora, o pescoço jorrando sangue arterial. O Abaddon gritou com prazer.

E com este morto, Cas acabava de se tornar mais poderoso, um demônio da morte coletando forças.

O Lykae chicoteou e atacou, mordendo o pescoço de seu oponente até a cabeça e o corpo não estarem conectados. O Pyromasters arremessou bolas de fogo; os competidores gritaram quando suas peles chiaram.

O cheiro de carne assada aumentou as náuseas de Bettina. Um nevoeiro persistente na área evaporando no calor.

O outro vampiro parecia ter Daciano em sua mira, mas o Lykae começou a perseguir o lorde de olhos vermelhos, mantendo-o em uma perseguição.

Goürlav? Ele se agachou perto de um lado da jaula, segurando uma faca sob suas garras, casualmente limpando-as. Todo mundo deu-lhe um amplo espaço.

Com frios movimentos precisos, Daciano metodicamente cortou seu caminho em direção ao maior Cerunno, que estava enrolando um shifter crocodilo em sua cauda tortuosa. Embora o shifter tentasse soltar seu corpo em um rolo mortal, não conseguia ficar livre.

O Cerunno ampliou suas mandíbulas e golpeou. Presas do tamanho de lâminas afundaram no espesso shifter se ocultando mais e mais, perfurando o pescoço até o Cerunno simplesmente puxar a cabeça da criatura livre, como um pedaço de carne macia.

Ele deu um assobio curto de vitória para o céu. Um erro. Daciano usou aquele breve segundo para riscar para trás dele.

A espada do vampiro brilhou tão rápido que, Bettina não chegou a ver a lâmina cortando o ar.



A criatura virou-se para atacar o Daciano.

Mas o movimento fez sua cabeça deslizar de seu pescoço cortado, caindo para o chão encharcado de sangue. O corte da espada de Daciano estava tão limpo como uma incisão a laser.

Raum tocou seu ombro, assustando-a.

— Aí está minha garota, isto deve fazer você se sentir melhor! Um Cerunno caiu. Veja, eu disse que isso iria funcionar. E olhe Caspion. — Cas estava facilmente vencendo uma batalha corpo-a-corpo com outro demônio, e realmente parecia estar... se divertindo?

Seu olhar deslizou para Daciano novamente. Revestido de sua espada, o vampiro riscou mais uma vez, esquivando-se de um soco lançado por trás, em seguida, atacou um dos demônios da tempestade, aquele que dito aquelas coisas vis antes.

Com o que parecia ser uma manobra praticada, Daciano agarrou os chifres, o macho armado gritou e se debateu.

Para capturar o guerreiro em seu agarre... Seus lábios se separaram. A força do vampiro era inimaginável.

Então Daciano lançou-lhe um olhar firme e questionador, *como se estivesse pedindo um benefício para se livrar deste também?*

Seu temperamento levou a melhor sobre ela quando recordou as palavras nojentas do demônio. *Eu só estou aqui para foder á princesa!* Não sentindo nem um pinga de arrependimento, ela deu um aceno de cabeça.

Com os braços musculosos arqueando debaixo da camisa, o Daciano mudou seu aperto. Sem nenhum som — ou mesmo uma mudança de expressão — ele torceu a cabeça do demônio em seu pescoço. Uma rotação. Um segundo. Então a arrancou fora *com as próprias mãos*.

Antes que a cabeça do demônio tivesse saltado para o lado de seu corpo caído, o vampiro já havia agarrado um segundo demônio competidor. Outro olhar interrogativo para ela.

Então foi isso que ele quis dizer sobre expandir seu acordo!

Bettina mordeu o lábio, olhando ao redor. O quanto ruim poderia ser esses benefícios? O Daciano não iria machucá-la; ele provou isso na



noite passada. Ela era sua Noiva, então ele queria apenas o que fosse melhor para ela, certo?

E ele poderia morrer amanhã em um ataque, ou mesmo imediatamente! Quantos benefícios ele poderia cobrar antes que fosse morto?

Ou talvez simplesmente ela estivesse embevecida com este poder?

Outro aceno e um instante depois, o homem estava morto.

Enquanto ela observava Daciano lutar — não, luta não era a palavra certa, enquanto o observava executar impiedosamente seus adversários, ela compreendeu totalmente por que Caspion tinha certeza que iria morrer.

A especialidade de Trehan Daciano era matar. E ele era um mestre em seu ofício.

No entanto, enquanto estava fazendo-a negociar, ele era como uma extensão dela — uma arma para ser utilizada. Ah, sim, o poder!

Daciano agarrou o repulsivo purulento demônio — que realmente fez uma matança — e lançou-lhe uma expressão que dizia, *então?*

Ela ficou gananciosa. Outro aceno para o vampiro... depois outro.

Antes que percebesse o quão profundo estava, ela concordou com cinco benefícios. *Eu não vou concordar com mais nenhum. É isso!*

Mas então ela viu Caspion cercado por inimigos, se unindo para atacá-lo. Presumindo que ele fosse um dos favoritos do amplo reino. Daciano não precisava apontar isso afinal.

Um Ajatar amarrou a perna de Caspion com um chicote, impedindo-o de riscar. Um segundo levantou um punhado de fogo, preparando-se para bombardear Cas com isto.

Ela virou-se para seu padrinho, implorando baixinho — Raum, o chifre!

— Caspion vai sair dessa. Ele precisa! Se eu terminar agora, todo mundo irá saber, o porquê. Ele vai perder o respeito que ganhou.

— Por favor! Ele pode *morrer*.

Raum não poderia ser comovido.

— O poder cria o direito, Bettina.



Só uma coisa poderia salvar Cas agora. *Ajude-o Daciano!* Interiormente ela chorou. Deuses, ela faria qualquer coisa, iria concordar com qualquer número de benefícios para salvar Cas.

Como se tivesse ouvido, Daciano olhou com cara feia, então para Cas e de volta. Ele levantou cinco dedos.

Ela assentiu imediatamente, nem mesmo fazendo uma pausa para considerar o que isso significaria no futuro.

Imediatamente, Daciano riscou na frente de Caspion, sua espada cortando com uma velocidade de tirar o fôlego. Com um balanço, ele clivou através das cinturas dos Ajatars e do chicote que segurava Cas. Outro balanço e a espada sangrenta de Daciano arrancou um par de quatro cabeças.

Cas cambaleou para trás na confusão, sem dúvida perguntando por que o Daciano não o matou também. Só então Raum deu o sinal para acabar com o tumulto.

Assim, quando o grande chifre começou a soar, Daciano desapareceu, reaparecendo mais uma vez diante do vampiro da Horda.

Slash.

A cabeça do vampiro de olhos vermelhos desabou enquanto o sopro do chifre desvanecia...

Pelo menos três dezenas de outros caíram, embora o corpo a corpo durasse *menos de dez minutos*. Mesmo a multidão sedenta de sangue estava calma, boquiaberta com a carnificina.

Aos poucos, os restantes dos concorrentes largaram suas armas, se afastando um do outro. A maioria começou a mancar em direção à entrada do santuário. Seus olhos ardiam com emoção — raiva, medo, até mesmo excitação — pelo inferno que acabaram de suportar.

Mas não Daciano. Seus olhos estavam em uma constante, o envolvente verde travado em cima dela.

Raum contou os caídos em seguida, anunciou:

— Assim, termina a primeira noite! Parabéns para os cento e noventa e dois sobreviventes. Amanhã terá início o um-a-um, as lutas sorteadas aleatoriamente. Cada concorrente poderá trazer uma arma fria para



dentro do anel — uma espada, uma lança, uma clava, um bastão, e assim por diante. Os ataques começam ao pôr do sol. Boa Noite!

Um grupo de alegres jovens Abaddons, já estavam cercando Cas, mas o Daciano permaneceu entre os corpos, sangue espalhado sobre sua roupa, filetes correndo por seu rosto sombrio, quando olhou para ela.

Ele matou tão cruelmente, ainda assim... calmamente. Bettina nunca viu ninguém como ele.

E ela devia a este macho perigoso seus *favores*.

Ele matou cinco competidores apenas por ela, e salvou Cas. Mas não por muito tempo. *Se Cas enfrentasse o Daciano, ele estaria certamente morto.* Um pequeno soluço escapou de seus lábios.

Daciano simplesmente olhou para ela, como se não houvesse mais nada na terra que valesse a pena contemplar.

Capítulo 15

Trehan estava até os tornozelos com sangue, vísceras e corpos contorcidos.

Corpos recém-mortos de todas as espécies, muitas ainda se contorcendo, mais cadáveres imortais e partes de corpos agarrados tenazmente à vida. Mãos decepadas ainda fechavam e se abriam. Bocas abertas em gritos sem som. Os rostos de cabeças decepadas mudavam de expressões antes de congelar em caretas de dor.

Ele supunha que era apropriado que Bettina o visse assim, sem sombras para escondê-lo, sua verdadeira natureza exposta. *Isto é o que trago para você.*

Se você precisa de um protetor, isso é o que ofereço.



Seus lábios estavam entreabertos, os olhos arregalados por trás de sua máscara. Ele inclinou a cabeça para ela, reconhecendo por quem lutou.

Hoje à noite ele foi o campeão de Bettina Abaddon. E *zeii mea*, sentiu-se bem em matar por ela!

Quando ele partiu para ela, ela suspirou, virando-se para Raum, que agora estava emboscado por delegados indignados, cada um exigindo a libertação de seu campeão do contrato de sangue.

— Nunca teria inscrito meu filho se soubesse que Goürlav estaria nas listas.

— Sem mencionar o vampiro restante! Quem é ele? Qual é a sua linhagem?

— A palavra concurso indica uma chance de lutar, demônio!

Aparentemente, esses idiotas não perceberam que Raum não iria receber ordens a respeito. O peito do grão-duque inclinou ainda mais, os seus chifres estiraram-se com hostilidade.

Bettina sabiamente retirou-se deste grupo sem uma palavra. Ela olhou para Caspion, que estava cercado por uma multidão de admiradoras demonesses, que claramente a irritou.

Aquele perdulário que tinha uma mulher como Bettina desejando-o. Mas era muito estúpido para ver o que havia diante dele.

Sua perda. *Se isto for à última coisa que eu fizer, vou estar certa disso.*

O vampiro estava vindo para ela. Então, naturalmente, Bettina escolheu fugir.

Claro que o tempo que esperou pela intromissão de Morgana em sua vida, se alguém poderia conceber uma maneira de sair de uma barganha



seria a feiticeira astuta — sua guardiã saiu. Raum estava ocupado, Salem longe de ser encontrado.

Cas estava... ocupado.

Bettina olhou por cima do ombro. *Vampiro ainda se aproximando*. Ela olhou ao redor procurando *alguém* para conversar, mas suspeitava que o Daciano não fosse parado de qualquer maneira.

Quando riscou na frente dela, ela aconchegou-se. Enlaçando-se.

— Temos dez favores entre nós — ele rangeu, pegando de volta o casaco que ela esqueceu que ainda segurava. — Você está preparada para pagar o que deve?

Ela abriu os lábios para responder, apenas para cair em silêncio, enquanto olhava para ele.

— Seus olhos estavam verdes o tempo todo.

— Por que isso é digno de atenção?

— Todas aquelas mortes e sangue, todos os gritos e as chamas, e você não está afetado. — De certa forma, ele lembrava-a de... de ouro — um nobre metal que não reagia à maioria dos outros elementos.

— Estou acostumado à morte e todas as suas faces. Mas quando penso sobre a noite passada, fico totalmente afetado. — Desta vez, seus olhos inundaram de preto.

Por sua vez, ela ficou sem fôlego, ruborizada, esta memória redobrando. Quanto mais tentava não pensar sobre a noite passada, mais imagens surgiam na mente... A mão grande entre suas pernas, a boca quente em seus mamilos.

Com a voz rouca, ele murmurou.

— Sua íris cresceu suavemente fêmea. Eu não sou o único que gostou do que aconteceu entre nós.

Ela engoliu em seco.

— Porque pensei que você fosse outro. — Ela olhou para Cas. Uma horda de mulheres arrulhava sobre seus ferimentos leves, disputando para acariciar seus músculos. Bettina se perguntou se ela tinha algum lugar em seus pensamentos.

Daciano agarrou seu braço, chamando sua atenção de volta.



— Pergunto a você novamente. Irá pagar o que me deve?

Ela levantou o queixo.

— Até certo ponto.

— Certo ponto? Isto não estava nos termos do acordo.

— Eu ainda sou uma dama. Uma princesa! Espero ser tratada como tal. E ainda estou envolvida neste torneio. Assim que esta farsa começou, sabia que tinha que manter certos... padrões. — Pela antiga lei, Bettina poderia ser apedrejada até a morte por violar os termos do contrato. — Eu não vou comprometer minha vida dormindo com você.

— Encontre-me em minha tenda à meia-noite, e prometo a você — ele disse. Sua voz caindo ainda mais baixa — que vou tratá-la *como uma dama*. — Tais palavras eram inócuas, mas a maneira como disse...

— E se não puder esgueirar-me, hoje à noite? Não vou estar sozinha. — Salem certamente diria a Raum se soubesse disso. E seu padrinho se deslocaria em um segundo com o machado de batalha inclinado e cravado no cérebro dele.

O Que provavelmente não aconteceria só se Raum fosse morto pelo vampiro ameaçador.

— Então vou até você.

— Isso não é possível — ela retrucou. — Vou pensar em alguma coisa. — Ela pensou que poderia conseguir tirar os guardas de sua porta na noite de folga, mas se Salem se recusasse? — Isso vai contar como... cinco benefícios.

— Um.

— Três — ela respondeu. Quando ele inclinou a cabeça em concordância, ela perguntou: — Qual é a sua tenda?

— Os alojamentos do vampiro assassinado. Olhe para o meu padrão.

Então, ele desapareceu.

Ela cedeu ansiosa para a privacidade de seus aposentos. Agora que não tinha mais as responsabilidades reais, nada a impedia de retornar. Nada, exceto ela mesma.



A dissolução da nebulosa faixa para o castelo foi uma curta caminhada cheia de seres, mas para ela, isto rolava adiante... e adiante... e adiante...

Ela poderia chamar os guardas para escoltá-la, mas seu reino era um lugar seguro. Seria enviar uma mensagem errada. Além disso, não queria que outros soubessem de seu medo. No Lore, o medo igualava-se a fraqueza. Fraqueza eventualmente igualava-se a morte, mesmo para um imortal.

Havia multidões por todos os lados, disse a si mesma, nada pode me pegar. Mas então, ela estava ao alcance da multidão quando os quatro a atacaram.

Bettina lembrou-se de exibir-se para os amigos antes de sair naquela noite. Ela pensou *um delírio para fora em um campo de papoulas — o que poderia dar errado...?*

Apesar de seus ossos estarem curados de maneira integrada, em momentos como este ela poderia jurar que ainda sentia as fraturas doloridas.

Esfregando os braços, deu alguns passos hesitantes, respirando suavemente, a ansiedade subindo em seu peito. Ansiedade e *raiva* — pelos Vrekeners que a moeram. De si mesma por se tornar uma concha da antiga Bettina.

Ela uma vez foi corajosa (até demais) e rápida em rir, geralmente feliz. Nunca imaginou que acabaria assim — uma tímida, incapacitada bagunça.

Simplesmente se renderia a mais alguns passos. Mas quando passou em frente a uma loja bem iluminada, ela congelou colada à sua segurança como se soldada ali.

Alguém logo viria caminhar com ela. Certamente. *Por hora, pense em outras coisas.*

Enquanto fingia interesse em uma prateleira de estatuetas à venda, seus pensamentos se voltaram para o Daciano. Ele entrou pela mão dela — não porque era um cão de caça ou porque foi condenado no plano onde vivia.



Não, aparentemente, ele renunciou a sua casa para sempre.

E uma vez que o torneio começou, esse vampiro foi o único que a viu. Reconhecia que ele lutou por ela. Ninguém mais sequer olhou para ela. Nem mesmo Caspion.

Cas ficou impotente respondendo a essas tietes de batalha que o rodeavam. Especialmente as demonesses voluptuosas. *Meus quadris nunca serão tão arredondados, os meus seios tão cheios.* A única coisa ruim sobre o congelamento na imortalidade? Se estivesse descontente com sua aparência, você estaria eternamente ferrada.

No entanto, mesmo as magras demonesses tinham um sorriso de indução a sedução para Cas. Na verdade, parecia que havia somente uma fêmea que ele não respondia.

Eu.

Cinco minutos se passaram. Dez. Ela começou a vaguear através da loja, pegando uma estatueta aqui, um vaso lá. Mas logo, o lojista começou a insistir que Bettina levasse todos como presentes, recusando quaisquer ofertas de pagamento.

— Não, por favor. Estou apenas descansando um pouco dentro de sua linda loja. Eu não posso aceitar mais. — E lá se foi mais um vaso em uma sacola.

Bettina não foi capaz de sair, e igualmente incapaz de recusar a mercadoria sem insultar o gentil lojista.

Eu nem gosto de bugigangas! Morgana nunca teria esse problema. A matriarca mortal que Bettina não seria. Essas fêmeas Sorceri sempre conseguiam o que queriam.

Por que não posso?

Quando o lojista começou a procurar um saco maior, Bettina interiormente gemeu.

Por fim, ela aceitou todas as ofertas com um sorriso tenso, então se forçou a voltar-se para a saída.

Lá fora, as construções pareceram mais altas, os becos retorcendo mais estreitos e escuros. Quando ela olhou para cima com cautela, aquele familiar incômodo de ansiedade começou a ferver em seu peito —



um que não parava de crescer até que estava coberta de suor, tremendo de medo, tentando recuperar o fôlego.

Ela estava presa, de pé no limiar como um idiota, segurando o saco como um salva-vidas.

Odeio isso! Quando me tornei essa garota? — bobalhona com medo de sua própria sombra.

Sabia que seu medo era irracional. Nunca houve um Vrekener em Abaddon. Se um conseguisse entrar neste plano, a guarda em torno de Abaddons nunca deixaria machucar sua princesa.

Os demônios riscavam no ar e atacavam, fazendo perguntas depois. Ela *sabia* disso.

Então, por que seu corpo não ouviu sua mente?

— Bettina!— Caspion? Ele deixou suas admiradoras por ela? — Eu estava procurando por você! — Ele correu até ela, ainda sujo de sangue seco da luta. Ele olhou em volta, baixando a voz. — Você está sozinha aqui? Não esta com medo?

Salem e Cas eram os únicos que sabiam de sua fobia.

— Não está tão ruim está noite. — Não era uma mentira, ela não teve um ataque desencadeando ainda.

Ele não parecia ter acreditado.

— Vou levá-la de volta. — Pegou sua bolsa com o cenho franzido, sabia que ela não era um tipo de pessoa de bugigangas, então, ofereceu-lhe o braço. Quando eles começaram a ir em direção ao castelo, o alívio transpassou através dela. As formas das construções voltaram ao normal, os becos abriram-se como autoestradas mortais.

— Você lutou muito bem esta noite, Cas. Estou tão orgulhosa.

— Você viu o que o Daciano fez?— Antes que ela pudesse responder, ele disse — O bastardo musculoso entrou em minha batalha apenas para ter a chance de me matar! Eu estava prestes a me livrar do chicote, mesmo sem a sua interferência.

Não era verdade — e Bettina estava feliz que não foi dessa maneira. *Caso contrário, eu apostei cinco benefícios por nada.*

— O vampiro retornou por você.



Ela deu um leve aceno de cabeça.

— Mal pude acreditar.

— Fiquei em Dacia apenas por um curto tempo. Mas pelo que ouvi, Trehan é como o *Sr. Dacia*. Ele ama seu reino mais do que qualquer um deles. Vocês dois devem ter tido, uh, uma noite. — Ele parecia estar olhando para ela com uma nova atenção, que a perturbou.

— O que você está fazendo aqui, Cas? Achei que iria trazer outra fêmea — ou duas, ou três — para casa com você. Os machos geralmente não ficam ardentes depois de uma batalha?

Ele deu de ombros. Em um tom firme disse.

— Não há nenhuma outra para mim, Tina.

Com um sorriso trêmulo, ela murmurou.

— Sério?

— As pessoas falam. Eu nunca a insultaria assim.

Seu sorriso desapareceu.

—recio sua consideração. — As pessoas falam. Ela foi objeto de pena, a mostrenga apaixonada por um demônio forte.

— Agora que entrei tudo mudou.

— Como assim?

— Vou descobrir uma maneira de derrotar o Daciano. De alguma forma. E vou ganhar você. Nós vamos governar juntos, e isto vai ser bom. Vou me esforçar para ser sempre fiel a você. Eu nos considero comprometidos, desde que assinei o meu nome para entrar.

— Esforçar. — ela disse suavemente. — Será que vai ser tão difícil?

— Não é exatamente a minha natureza. E você não é minha companheira. — Ele tirou os cachos loiros de sua testa. — Eu *a avisei*, Tina. Você tem que ser paciente comigo.

Ela suspirou. Ele estava tentando.

— Eu sei. Erecio tudo o que você está fazendo. Mas por que está tão certo que vai derrotar o vampiro? O Daciano parece formidável — *imbatível* — no ringue.

— Vou estudá-lo, descobrir suas fraquezas.

Se fosse tão simples assim.



— E o que dizer de Goürlav?

— Vou descobrir um jeito. Não se preocupe comigo.

É *claro* que iria se preocupar com ele. Vinha fazendo isso há quase uma década.

Cas acompanhou-a secretamente até a entrada do castelo, mas não a seguiu para dentro.

— Você não vai entrar? — ela perguntou, embora quisesse trabalhar de qualquer maneira.

— Nós não podemos mais fazer isso. As pessoas vão falar se eu for para sua torre.

Ela levantou as sobrancelhas.

— A maioria dos combatentes estará em um bordel esta noite, mas esperam que eu vá para a minha cama sozinha?

— Essa é a forma deste mundo, receio — Sua expressão escureceu —. Estou preocupado com o retorno do Daciano aos seus aposentos. Ele *não pode* ter acesso a você, Bettina.

— Pensei que um vampiro nunca pudesse ferir sua Noiva.

— Não estou preocupado que ele fira você. Estou preocupado que pressione sua reivindicação, tentando levar você para a cama plenamente.

— Salem vai arrancar qualquer visitante indesejado.

Depois de um momento, Cas assentiu.

— Amanhã ao pôr do sol, vou acompanhá-la a partir daqui e levá-la de volta depois da minha luta. Considere isso um encontro — disse com um sorriso carinhoso.

Certamente ele sabia o efeito que tinha este olhar sobre ela.

— Um encontro.

— Você tem tido orgulho de me chamar de amigo, Tina. Eu vou fazer você se sentir orgulhosa de me chamar de marido. Prometo isto.

E lá se foi seu coração.

— Se precisar deixar esta torre, você deve entrar em contato comigo primeiro.



— Você sabe que estou com muito medo de sair sozinha. — *Será que estarei está noite?*

— Verdade. — Ele deu-lhe um beijo breve em sua testa, em seguida, riscou para longe.

Enquanto ela subia no elevador, considerou o que Cas disse sobre descobrir as fraquezas do vampiro. Ele não poderia chegar perto o suficiente do Daciano para aprender algo significativo.

Mas eu posso.

Dentro de sua suíte, ela tirou a capa e a máscara, gritando.

— Estou de volta.

Em um tom distraído, Salem respondeu.

— Você está. Grande noite, então? Muitas explorações.

Flutuando perto dela, ele disse.

— Eu disse que o vampiro iria voltar. O que ele estava falando com você no tablado?

— Nada importante.

— Seu pequeno queixo sacudindo para ele foi tema de muita discussão. Ele era todo proprietário com você. Como se você o conhecesse há algum tempo.

— Eu nunca o vi antes de ontem à noite. Você sabe disso.

— Você segurou as coisas dele, enquanto ele lutava. — Salem apontou.

— Porque ele impingiu seu casaco em mim!

— A percepção é uma realidade, criança. O astuto sanguessuga quer que os outros pensem que você é dele.

Criança? Ela era uma princesa! Por que todo mundo se esquecia disso?

Porque você os deixa... Ela lembrou o que Morgana uma vez lhe disse.

— Com suas ações você treina os outros como tratá-la.

— Eu não quero falar sobre o vampiro. — ela disse. — Tenho trabalho a fazer. — Ela virou-se para a oficina, plantando-se em sua mesa de criação.



Mais e mais, ela tentou esboçar uma nova peça, mas estava perplexa. Precisava de um design único, algo que a Patrocinadora nunca tivesse visto.

Bateu o lápis contra o lábio inferior, seus pensamentos voltando para esta noite. Mesmo que decidisse ir, como faria para ir do ponto A, ao ponto B, sozinha sem um motivo?

Para passar despercebida, tinha que escolher o caminho mais deserto. Uma receita para o desastre.

O que seria mais forte? Um ataque de pânico ou seu voto para dar ao vampiro o que ele pediu?

Bettina se levantou, esticou-se em um esforço inútil para aliviar a tensão nos ombros, em seguida, começou a vagar sem rumo, ainda debatendo o que fazer.

Ela encontrou Salem na sala de estar, excepcionalmente calmo, usando a telecinese para folhear suas revistas de celebridades — luxos importados do reino mortal.

Ela andava de um lado e para outro, e ele virava uma página. Repetindo.

Eles continuaram assim, até o relógio de seu avô badalar... Em direção à meia-noite, ela sabia que tinha que se livrar dele logo. Mas como?

— Princesa. — Salem de repente ocupou a porta. — Irei a um lugar.

— O quê? — Sim, ela queria se livrar dele, mas se realmente precisasse de sua proteção? — Você está me deixando? E se tiver medo que o vampiro possa voltar?

— Hoje eu estou em uma *missão*.

— Que tipo de missão?

— O tipo que tem precedência sobre protegê-la de um vampiro que nunca irá machucá-la.

— Diga-me do que você está falando.

— Estou indo para espionar Goürlav, tentar decifrar uma maneira de matá-lo — sem trazer ruína sobre o reino. Caso contrário, você se tornará noiva dele esta noite.



Ela estremeceu com o pensamento. Antes que pudesse perguntar mais, ele disse.

— Até mais.

Sozinha. Um empecilho a menos para evitar o encontro da meia-noite.

Bettina derramou um copo de vinho com a mão trêmula. Temendo a curta distância do campo de tendas, misturadas com um tipo diferente de ansiedade. Quais favores o Daciano iria querer dela? O que ele poderia exigir? Talvez pedisse uma repetição do que aconteceu na noite passada.

Mais beijos, mais toques.

Ela estava tão *curiosa* sobre ele, sobre suas reações por ela — sobre os machos em geral.

Se ela pudesse lembrar sua primeira experiência sexual mais claramente. Embora tudo estivesse nebuloso, três coisas ficaram gravadas em sua mente: o prazer da boca em seus seios, a sensação nova e maravilhosa de seu eixo, e do calor escaldante de sua semente.

A face ruborizou, bebeu profundamente. Ela pensava sobre sexo tanto quanto os vinte e poucos anos que passaram e os que viriam, e o Daciano deu a Bettina seu primeiro gosto da verdadeira paixão.

Por sua vez, ela o sangrou, dando-lhe a primeira liberação desde que seu coração parou de bater, isto era tudo o que ele esperava?

Como poderia ter sido? Ela não era experiente em sexo. Adicione "sexualmente ignorante" em sua lista de deficiências.

Porra, como poderia estar insegura sobre isso. Ela não pediu para ele se meter em sua cama!

Ok, digamos que eu vá... Sim, ela prometeu dar-lhe benefícios. Mas não jurou realizá-los cegamente. Ela necessariamente definiria parâmetros esta noite. Então continuaria a aprender tudo o que podia sobre ele para ajudar Cas.

Salem vai decifrar Goürlav, e eu vou lidar com o vampiro.

Esta preocupação pode ser toda em vão. O mais provável é que congelaria na entrada do castelo, incapaz de se aventurar. Ou será que seu voto a obrigaria a escapular pelas ruas escuras, — sozinha, impotente



— exatamente o tipo de lugar onde os inimigos estavam acostumados a se esconder?

Ela respirou fundo lutando para bloquear fora de sua mente essas memórias. Sem sucesso.

Nós estamos vendo você, Princesa. Aqueles demônios ainda viviam, poderiam muito bem estar observando-a agora.

Um rato pode escapar de um falcão, mas nunca por muito tempo.

Ela jogou o copo contra a parede, odiando seu medo. Odiando-se.

Capítulo 16

Trehan muitas vezes esperava seus alvos. Ele ficava abaixado em cima dos telhados durante a noite, encostado nas chaminés. Pairava sobre eles, tal como a luz, como a névoa. Sempre os estudava antes de atacar.

Agora estava de pé na chuva fina, no meio do nevoeiro em cima de um telhado fora do Castelo em Runa, aguardando Bettina — para vigiá-la. Depois da forma como os participantes bêbados falaram dela, nunca permitiria que percorresse o acampamento sozinha.

Mais cedo, ele recolheu a bolsa de roupas e armas debaixo da ponte — supôs que uma parte dele sempre soube que entraria no torneio — então riscou para a tenda do vampiro caído.

Lá dentro encontrou uma mesa ornamentada e uma cadeira, um sofá, taças de ouro, garrafas de sangue e uma cama de peles no chão, ao estilo dos vampiros. Conforto e luxo para a tomada. A Horda sempre foi rica.

Então desempacotou seus poucos pertences. Na pressa, foi forçado a deixar muita coisa para trás. Mas tinha os dois itens que realmente entesourava: a espada de seu pai e o cristal da vidência. O primeiro era sentimental, o último era inestimável.



Depois de pendurar seu estandarte do lado de fora da tenda se sentiu em casa, porque essa era a coisa mais próxima que possuía de um lar agora.

Uma breve conversa com o escudeiro do vampiro competidor morto fez Trehan ganhar um novo servo também.

Agora nas ruas abaixo dele, a louca disputa de representantes e competidores espionando uns aos outros começou. Logo ele mesmo teria que realizar uma missão de investigação. Mas, por enquanto, seu foco era Bettina.

Através do nevoeiro viu movimento na base do castelo. Uma porta oculta estava abrindo, revelando-a no limiar. Ela usava uma capa que cobria seu cabelo e a maior parte do corpo, bem como uma máscara. Mas ele ainda podia ver que estava ofegante, seus dedos cobertos com luvas cravavam no umbral da porta...

Ela parecia como se fosse um vampiro prestes a verificar o tempo — com um relógio solar...

Com os olhos faiscando por trás da máscara, ela deu um passo para fora, parou, e depois outro. No momento que alcançou o edifício mais próximo, parou e inclinou seu corpo esguio contra uma parede para se equilibrar, como se estivesse hiperventilando.

Ela tem medo de me encontrar tanto assim?

E por que não teria? Forçou uma superprotegida, virginal — e muito jovem — fêmea a se esgueirar para sua tenda para uma atribuição. Na cabeça dela ele era quase um estranho, e ela não tinha nenhuma ideia do que ele poderia exigir.

Sem dúvida ela imaginava o pior, e agora seus nervos estavam abalados. A culpa o marcou.

Mas, então, um kobold de limpeza, uma espécie de gnomo de aparência réptil, derrubou uma cesta perto dela, rastejando para longe. Ela pulou se afastando do barulho com um grito e se espermendo contra a parede. Entoando algo entre as respirações, pressionou uma mão na testa enquanto se balançava.



Certamente isto era mais do que nervos, mais do que receios virginais. Estava totalmente apavorada.

Seu tremor trouxe à mente os momentos da noite passada, quando lutou para não mordê-la. Embora estivesse quase cego nas garras de seu sangramento, agora se lembrava das duas palavras que ela sussurrou "não novamente".

Pensou que ele estava prestes a machucá-la, claramente alguém já o fez. Outro vampiro? Trehan achava que não — ela não mostrou nenhuma reação a mais para esse vampiro da Horda no torneio do que a qualquer outro competidor. Então, quem?

Ela era como o livro mais interessante que ele já encontrou. Como virar a página?

De repente aquela frustração estranha e inexplicável de meses atrás retornou o medo que o acordara. Esfregou o peito. O que o incomodou tão drasticamente então? Deve ter sido algo relacionado a ela.

Proteger.

Trehan riscou por trás dela, envolvendo-a secretamente dentro da névoa. Como sua fêmea de sangue, ela era de sua espécie — mesmo que não aceitasse isso ainda — e a névoa era uma parte de todos eles.

Ela logo se acalmou, não completamente, mas o suficiente para tranquilizar a respiração e continuar até a tenda.

Tinha que descobrir o que sua Noiva temia. Assim poderia destruí-lo.

Claro, ele era a última pessoa em quem ela confiaria. Mas havia outras maneiras de aprender sobre ela. Seu olhar caiu para o pescoço, para o pulso batendo descontroladamente.

Usando uma das táticas que Lothaire trouxe sobre este encontro. Talvez se esta barganha com Bettina desse certo, Trehan empregaria outro truque do Inimigo do Antigo...

Consegui! De alguma forma Bettina andou — sozinha à noite — todo o caminho até a tenda do vampiro.



Ela olhou ao redor do espaço vazio. Então onde ele estava?

— Bettina. — ele entooou atrás dela.

Ela se virou com um grito.

— V-você me assustou.

O vampiro a estava estudando com um olhar interrogativo. Agora seus olhos eram de um estável verde escuro. Eram bonitos.

Ele era bonito?

Usava calça de couro preta, o corte mais antiquado, mas ficava bom em suas pernas musculosas. Sua camisa branca sob medida foi feita de um material leve, que não fazia nada para disfarçar a força latente de seu peito, os bíceps grossos e os ombros largos.

A visão a fez franzir o cenho. Teve o controle desse corpo na noite passada — mas desperdiçou a chance de satisfazer sua curiosidade. Ótimo. Arrastou seu olhar para longe dele.

Quando não usava uma carranca, seu rosto se tornava... agradável. Ele certamente se limpou muito bem depois do corpo a corpo.

Sentiu-se mais segura com ele do que na rua, inclusive sentindo a tensão deixando seus ombros, membros e mandíbula. No lugar disso, a consciência aquecida retornou, trazendo com ela a irritação. Estava realmente atraída por esse vampiro?

Toda vez que estava perto dela, esses sentimentos de se fundirem voltavam — ela fervia por dentro, não com raiva, mas com alguma outra coisa.

— Por favor, sente-se. — ele disse, encaminhando-a para um divã. — Posso pegar seu manto?

Parâmetros, Bettina.

— Olha Daciano, vim aqui para pagar minhas dívidas, mas não concordo com favores sem limites. Quero definir um limite de tempo para este encontro. Sugiro vinte minutos.

— Você vai ficar até o amanhecer. — Seu tom não admitia discussão. — Seu manto? — Ele perguntou de novo, como se ela não tivesse falado nada.



Lá se foi o plano. Com um ar ofendido, ela o retirou, entregando a ele. Ou tentando.

Por um longo momento carregado, ele ficou ali de pé, apenas olhando fixamente para seu corpo com os olhos ardendo.

Ela deliberadamente usou uma roupa mais modesta, uma que sua madrinha consideraria "deselegante". O corpete de Bettina era trançado com fios de ouro mal moldados para seus seios, seu sarong de seda jade tinha uma fenda até em cima, mas apenas em uma coxa. Acessórios: uma máscara preta, uma tiara pequena e uma luva preta até os cotovelos que deixava os dedos de fora. Nada de ligas glamourosas ou até as coxas.

Tudo somado estava recatada pelos padrões Sorceri. Vira Morgana participar de um jantar de estado com nada mais do que um microvestido e gloriosos adesivos nos mamilos.

Ela delicadamente pigarreou e ele exalou uma rajada de ar, finalmente encontrando seu olhar e tirando a capa.

— Deslumbrante, Bettina. — ele disse numa voz áspera. — Literalmente.

Bettina era uma estilista nerd, uma virgem que não conseguiu seduzir o macho que estava mais próximo. Agora esse vampiro estava olhando para ela como se fosse uma mulher fatal. E por um momento louco, ele meio que a fez se sentir uma.

— Gostaria de uma bebida?

— Aceito. — Desesperadamente. — Vinho doce, se você tiver.

— Nenhuma cerveja de demônio?

— Nunca mais. A única vez que tentei, um vampiro apareceu na minha cama.

Com as sobrancelhas levantadas, ele riscou para verter em um copo. Ela pensou que ouviu outra exalação. Será que balançou o vampiro de séculos?

Tomando um assento, ela examinou a tenda apropriada. Um fogo queimava em um poço de cobre, a fumaça saía através de uma abertura protegida na lona. Ainda que uma leve chuva começasse do lado de fora, o interior era confortável e quente.



O piso era uma plataforma de madeira coberta por tapetes luxuosos. Uma mesa e uma cadeira ocupavam um lado da tenda, com aquele rolo de papel cheio de regras no chão ao lado dele.

Uma banheira funda estava em um canto, enquanto um extenso palete de peles estava diretamente estendido em cima da plataforma em outra. Nenhuma cama elevada para ele — porque vampiros dormiam o mais perto possível do chão.

Enquanto ele se servia de uma taça de sangue de uma garrafa aquecida, ela disse:

— Posso ver porque você queria esta tenda. Ela grita vampiro. Uma leve carranca.

— Você e eu não somos tão diferentes, Bettina.

— Nós somos totalmente diferentes.

— Nem tanto que não possamos encontrar um denominador comum.

— Oh? É por isso que estou aqui? — Ela perguntou, acrescentando secamente. — Para procurar um "denominador comum"?

Ele simplesmente disse:

— Sim. — Oferecendo o vinho, perguntou: — Estava preocupada por alguém vê-la no caminho para cá?

Ela aceitou o vinho.

— Eu queria evitar isso, sim.

— Você parecia... no limite andando até aqui sozinha.

— Você me espionou?

— Eu observei você. — ele corrigiu, sentando ao seu lado. — Nunca deixaria você caminhar sozinha a essa hora da noite.

Bettina supôs que isso deveria irritá-la, que ela deveria soltar os cachorros nele por ser um perseguidor e odiá-lo ainda mais.

Em vez disso, a percepção de que tinha um protetor letal olhando por ela o caminho todo era... reconfortante.

— Aquela névoa era sua. Você me rodeava. — Ela percebera o abraço frio e reconfortante dela, mas não sabia o que era. Isso anulou seu ataque de pânico.

Não estava sozinha então.



— Então você realmente pode se transformar em vapor?

Ele inclinou a cabeça.

— Todos os Dacians podem. Um talento nato de um tempo antes de chegarmos ao nosso reino na montanha, quando a luz era muito forte e as sombras muito poucas.

Antes que ela pudesse perguntar mais sobre isso, ele disse:

— Você estava tão nervosa por se encontrar comigo? Ou seria algo mais?

Mais, muito mais!

— Não tenho ideia do que você procura. — E ainda assim ela não estava com medo do que ele poderia fazer. Novamente ela não sentia apreensão quando ele estava preocupado.

Ele olhou para longe, parecendo perturbado.

— Eu disse que nunca te machucaria. Se a deixarem partir, eu não faria nada além de protegê-la.

Ele viu a reação dela lá fora, ela não queria que ele pensasse que era o responsável por isso. Não por se preocupar por ele. Simplesmente não queria que o vampiro pensasse que a intimidava.

— Olha, só não gosto de andar sozinha à noite. Eu poderia ter... problemas, uns sobre os quais não quero falar.

Naturalmente Trehan não descansaria até que estivesse plenamente versado nesses problemas.

— Seu reino é seguro. A maioria dos seres se acovarda diante de seus guardiões. Sem mencionar que você é uma feiticeira. Que problemas você poderia ter?

Seus olhos se estreitaram com irritação.

— Nós não somos amigos, Daciano. Não somos confidentes. Por que deveria te dizer alguma coisa sobre mim? Você é uma ameaça para mim. Você me chantageou hoje.



— Lamentável, mas necessário. — Ele se inclinou pra frente na borda do divã, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Agora, voltando ao assunto. Você sussurrou "não novamente" quando pensou que eu estava a ponto de machucá-la ontem à noite.

Ela desviou o olhar, claramente tentando lembrar o que disse.

— Algum outro vampiro tocou em você?

— Não!

— Um feiticeiro, então? — Ele perguntou rapidamente, afastando sua taça. — Li que os Sorceri constantemente batalham por poderes. Os seus foram roubados?

— Outro assunto que não quero falar!

Trehan sentiu que estava perto da verdade, então continuou sem piedade.

— Também li que o seu tipo considera uma habilidade enraizada semelhante à sua alma?

Ela olhou firme pra dentro do copo. Ele balançava em sua mão. Sua expressão era uma mistura de frustração, tristeza e... vergonha.

Esta criatura frágil foi violada assim? Alguém ousou roubar seu poder.

Ele foi inundado com pura raiva — uma emoção pouco familiar para ele. Dê-me nomes, a mínima direção! No entanto, nivelou o tom quando perguntou:

— Qual era o seu poder enraizado?

Com uma voz pouco acima de um sussurro, ela disse.

— Eu era uma... rainha. A Rainha dos Corações.

— O que você podia fazer?

— Eu poderia fazer o coração de um ser parar. Para todo o sempre. Eu poderia fazer o peito de um inimigo explodir.

— Você o empunhou para se defender?

Olhando além de Trehan, ela murmurou.

— Não tive tempo. Eles caíram de... e-eu nunca os vi.

— Eles? — Mais de um? Mal conseguindo conter sua fúria, ele soltou.

— Vou me dirigir a estes ladrões e vou matá-los.



Ela levantou o olhar para ele, claramente assustada com seu tom.
— Ninguém rouba de nós, Draga mea.

Capítulo 17

Bettina se sentia exposta. Trehan Daciano agora sabia um segredo que pouquíssimas pessoas tinham conhecimento. Como fez isso? E por que estava tão determinado a vinga-la?

— Não existe um *nós*, vampiro. Repito, estou aqui à força.

— Me diga quem a machucou.

— Me conhece há vinte e quatro horas. Ainda assim está disposto a correr perigo, arriscar sua vida para me vingar?

— Sim.

— Eu não sou uma vampira. Não posso entender essa oferta de proteção espontânea.

— Nesse caso não é muito diferente do que ocorre com um demônio e sua companheira.

Aparentemente, também não entendo isso.

— Vinte e dois anos atrás, minha Noiva nasceu. Por duas décadas ela vive sem a minha proteção. Do que eu pude reunir, esse período lhe foi traiçoeiro. Resumindo: alguém a machucou — preciso que essa criatura *sofra* de maneiras inenarráveis.

A força e a determinação do Daciano eram quase palpáveis, uma combinação poderosa. Finalmente entendeu por que algumas mulheres ficavam totalmente atraídas por homens perigosos. Não que *ela* estivesse. Mas podia entender aquilo.

— Seu poder pode ser devolvido?

— Morgana me prometeu exatamente isso pouco antes de me casar.

— Uma condição deste torneio? Mas ela não está preocupada com quem pode ser o vencedor?



— Ela não vê os assustadores como... assustadores. Eu apenas sei que esse torneio é muito importante para ela. — Bettina começava a suspeitar que houvesse mais em torno daquele evento do que poderia imaginar. Era um jogo de poder Lore, um desvio da grande Acessão?

Eram todos eles peças de uma engrenagem? E se fosse o caso, quem estava girando a manivela?

— Sua madrinha possui seu poder no momento?

Estou perdendo a esperança que o encontrarei. Bettina encolheu os ombros.

— Então a resposta é não. E se *eu* devolvê-lo a você? — perguntou ele, os olhos mudando de verdes para um ônix outra vez. Aparentemente, ele gostava da ideia. — E então eu poderia punir aqueles que foram tolos o bastante para lhe fazerem mal. Dê-me uma direção, e eles serão aniquilados.

Aniquilados. Que *tentador*. Imaginava cada um daqueles Vrekeners se debatendo no chão em seu próprio sangue, a voz rouca de tanto gritar. Eles implorarão por misericórdia como fez?

Mas ela não tinha nomes e nenhuma direção para dar ao Daciano. Além do mais, nunca contaria ao vampiro o que lhe aconteceu. Não era assunto dele — e era humilhante.

— Não posso falar... Não *falarei* sobre isso.

— Apenas me responda. Foi um feiticeiro quem te atacou?

— Eu estou sob a proteção de *Morgana*; nenhum Sorceri ousaria. E se um feiticeiro tivesse roubado meu poder, então eu seria uma *Inferi*, uma escrava. — Por causa da linhagem maternal de Bettina, era possível que fosse tanto uma rainha demônio, quanto uma escrava Sorceri.

— Vrekeners caçam seu povo.

— Eles caçam. Sempre caçaram... — murmurou. Seus pensamentos voltando para aquela noite.

No início do ataque, o líder usou aquela gadanha de chamas negras para sugar seu poder. Recordou-se de pensar, *Ao menos não estão planejando me matar, ou não teriam se dado a esse trabalho.*



Então se lembrou: eles roubariam sua magia só para impedir que ela reencarnasse em uma Sorceri recém-nascida após a morte.

Assim que o líder terminou de arrancar seu poder, ele urrou.

— Seu povo matou o meu pai, aleijou o meu irmão para sempre! — enquanto arremessava a bota em seu rosto.

Estremeceu agora, e Daciano notou.

— Você bem que poderia me dizer, Bettina. Eventualmente eu descobrirei.

Recusando-se a ter mais do seu passado exposto, ela inalou para se acalmar, e então tentou levar a conversa de volta ao torneio.

— Crê que ficará vivo por tanto tempo? Poderia se encontrar com Goürlav amanhã. Ouvi falar que o sangue dele gera monstros.

O vampiro lhe deu um olhar complacente.

— Lidarei com Goürlav quando chegar a hora.

— Como pode ser tão confiante? Você não é invencível — disse, esperando que soasse natural. Se tinha que tolerar o interrogatório de Daciano, também poderia ajudar Cas. — Não é isento de fraquezas.

— Não, não sou. Nem estou inclinado a discutir alguma com você para que possa passa-las diretamente a Caspion.

Ela corou com culpa.

— Bettina, não precisa revelar detalhes. Só me diga onde procurar.

Um lugar escondido nos céus aonde nenhum demônio — ou vampiro — jamais chegou! Um lugar protegido de toda feitiçaria! Bettina se firmou. *Já chega disso.* Colocou seu copo na mesa, e então se dirigiu à porta.

— Espere mulher. — Ele materializou-se na frente dela, bloqueando sua saída.

— Eu não quero mais ficar aqui. Não quero ficar com você. E você não para de se intrometer.

— Ao menos me diga se ainda está correndo perigo.

— Isso é mais bisbilhotice!

Ele inalou profundamente.

— Eu me encontro em uma posição que nunca estive antes. Estou sendo controlado pelo... instinto. E você é o foco disso.



— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que *preciso* matar. Por anos sem fim, eu não fui mais que morte, sem julgamentos, só sob o dever. Mas agora...

— *Mas agora* já acabamos de falar do meu passado, ou vou embora.

Ele abriu os lábios para dizer algo, pensou melhor, então disse.

— Muito bem. — Apressou-a de volta ao divã, entregando a bebida dela e reclamando a sua. — Sobre o que gostaria de conversar? Farei sua vontade.

— Você sabe mais sobre mim do que eu pensava. Sei muito pouco de você e sua espécie.

Outro leve franzir de cenho.

— Não estou acostumado a explicar o que sou. A não ser que seja para alguém que estou prestes a matar. E o que tenho sido pelos últimos novecentos e tantos anos mudou drasticamente nas ultimas vinte e quatro horas.

Cas disse que Daciano tinha pelo menos oitocentos anos. Mas ouvir aquilo dos lábios do dito vampiro...

— Você tem mais que *quarenta* vezes a minha idade?

Um rubor coloriu suas maçãs do rosto.

— Mais ou menos.

— Você tinha — mais ou menos — oitocentos e oitenta anos quando eu nasci!

Com a voz baixa, ele disse.

— Então agora sabe o quanto esperei para que viesse a esse mundo.

Agora ela sentiu as *próprias* bochechas corarem.

— Você disse que era um príncipe. Seu pai é o rei dos Dacians?

— Meu pai está morto há muito tempo. Eu sou um de vários candidatos ao trono. — Ele olhou para sua taça. — Ou era.

— Não pode realmente voltar?

— Não.

Ela quase sentiu culpa ante sua perda. Então se lembrou de que nunca tinha pedido a ele que desistisse de seu reino.

— Mas agora pretende ser o rei de Abaddon?



— Não tenho absolutamente nenhuma aspiração a respeito disso. Embora eu entenda que co-reinar esse reino seja esperado de mim, se pretendo passar minha vida com você.

O vampiro fazia aquilo soar como se a coroa — que todos os pretendentes cobiçavam — fosse um mal necessário que ele aguentaria para ficar com ela. Até mesmo Cas devia desejar o trono, ao menos o título.

Perturbada, ela mexeu na máscara. A indicação de quando ficava nervosa. O olhar dele se fixou em sua mão.

— Que armas têm esta noite? — perguntou, apontando para os quatro anéis em sua mão direita. — Deve haver mais neles do que aparenta.

Era de se admirar que os seus desenhos de joias tivessem se tornado tão... sinistros? Às vezes achava que poderia ter enlouquecido sem aquela válvula de escape.

E por alguma razão, aquele vampiro estava intrigado com isso.

Seus guardiões consideravam sua arte aviltante. Caspion coçava a cabeça, incapaz de entender sua compulsão por criar.

Lembrou-se do dia que havia convocado uma reunião com Raum e Morgana para discutir sua educação.

— Quero aprender mais sobre desenhos. E os mortais são surpreendentemente bons nisso. Eles usam computadores e ferramentas com os quais só posso sonhar daqui.

— O que faria com esse conhecimento? — Raum tinha perguntado. — Continuar com o seu hobby?

— Não é um hobby. Venho vendendo minhas peças aqui e ali para conhecidos. Mas estou pensando mais alto. Quero vendê-las... Quero vendê-las a todos!

Eles a olharam como se tivesse lhe nascido duas cabeças.

— Quer se tornar um comerciante? — criticou Morgana.

Bettina a corrigiu na época.

— *Uma* comerciante...

Agora, em um tom atraente, o vampiro disse.



— Vamos, Bett, me mostre que arma encontrarei esta noite se desagradá-la. — Havia uma nota de sorriso naqueles lábios nefastos dele?

— Tudo bem. — Ela demonstrou como os anéis se uniam formando um soco inglês de metal.

Ele pegou nas pontas dos seus dedos com delicadeza, segurando a mão para examinar os anéis a fundo. Com o contato, algum tipo de corrente elétrica passou por ela, como uma explosão de... *antecipação*.

Ele também deve ter sentido algo. Sua voz estava mais rouca quando perguntou.

— Desenvolveu isso sozinha?

— Sim. — Ficou rígida, puxando a mão da dele. — Tudo com as minhas mãozinhas. — Por que os outros ficavam tão surpresos com isso?

— É inteligente.

Com o queixo erguido, disse.

— Consigo ver o problema e visualizar uma solução.

— Em que peça está trabalhando agora?

— Uma peça encomendada.

— Vende o seu trabalho?

Enfureceu-se.

— Para quê deseja saber?

— Tenho uma sobrinha que é obcecada por armas. Ela adoraria algo assim.

— Quer *encomendar* uma peça?

— Absolutamente. E então insistiria em vê-la trabalhar.

Bettina piscou os olhos.

— Está mesmo interessado?

— Sou um mestre em armas. Você cria armas. Acho isso fascinante.

— Não vê problema com sua Noiva no comércio? Não é exatamente decoroso. Achava que um vampiro antiquado como você iria querer que parasse.

— Embora seja avesso à ideia de permitir que deixe a nossa cama por qualquer razão, nunca tentaria proibir algo que gosta de fazer.



Outro ajuste espasmódico da máscara. *Deixar-me sair da cama?*

— E quanto ao estigma do comércio, vivi minha vida obedecendo regras, *garantindo* que elas fossem cumpridas. Joguei fora essa existência rígida para ficar ao seu lado. Talvez a beleza de ser uma rainha é que você possa fazer o que quiser.

— Não sou ingênua. — *Posso ser ingênua.* — Sei que não é assim que o mundo funciona.

— Então mude o mundo.

O mundo? Ela mal conseguia mudar de assunto.

— Por hora, vamos discutir a encomenda.

— Como conseguiria entregar o presente a sua sobrinha?

— Não facilmente. Ela nunca deixa o reino, então eu teria que enviá-lo por outro membro de minha família. Não sou evitado por todos. Bem, não exatamente. Vamos apenas dizer que suspeito não ter resolvido todas as minhas pendências com os Dacianos.

Parecia haver uma rica emoção naquela declaração, mas ela não conseguia decifrá-la; Alívio? Pesar?

— Quando terminará a peça em que está trabalhando agora?

Resmungou.

— Provavelmente algum tempo depois de começar. O que deve ocorrer depois de descobrir o que criar.

Aquela nota de riso provocou mais uma vez os lábios dele.

— Minha cliente é muito meticulosa, e eu lhe entrego arma após arma. Ela quer uma coisa nova.

— A peça que usa agora está apenas a algumas modificações de ser um *bagh nakh*. — As articulações dos dedos de metal com garras se projetando.

Agora *ela* teve que sorrir. Poucas pessoas falavam aquele termo.

— Já fiz um para ela.

— Com os espinhos curvados na palma ou saindo das articulações?

— Saindo. — Admitiu — Nunca vi um na palma. — Isso seria uma grande vantagem. O tapa de indignação de uma dama jamais seria o mesmo.



— Já ouviu falar de um *bichawa bagh nakh*? — Quando ela sacudiu a cabeça, ele disse — Queria poder mostra-la. Eu tinha uma coleção que você não acreditaria. — Suas sobrancelhas escuras se juntaram. Aquelas lembranças do que desistiu deviam doer.

Sua aparência a incomodou, e não conseguiu entender por que. *Você fez sua cama, vampiro.*

E ainda assim viu-se dizendo.

— Talvez consiga desenhar uma? — Ela foi até a mesa, fuçando nas gavetas até encontrar papel e pena.

Com um aceno, ele se materializou no assento, recolhendo o papel. Ele começou a desenhar a placa de base e as garras curvadas da arma básica, seu traço surpreendentemente competente. Havia algo que não podia fazer?

Do lado de fora, a tempestade aumentava, mas o fogo preguiçoso fornecia calor suficiente. Viu-se relaxando, bebendo o vinho enquanto observava o desenho tomar forma.

Ainda assim continuou ficando distraída com ele. Os olhos foram ao seu cabelo. Era grosso e liso, refletindo a luz do fogo. Tinha passado os dedos nele ontem à noite?

Ela notou a largura dos ombros debaixo da camisa feita sob medida e sua grande altura — sentado, ele era quase tão alto quanto ela de pé. Então o olhar se demorou em seu rosto. Suas feições masculinas formavam uma expressão de intensa concentração.

Os olhos eram de uma tonalidade impressionante de verde. Viu aquela cor antes. Nos confins das florestas de Abaddon.

Talvez Morgana estivesse certa em sua avaliação.

Olhar para os lábios do Daciano lhe trazia à mente seus beijos ardentes da noite passada. Sempre que imaginava beijar Cas, viu suspiros mútuos, mãos dadas e risos.

Mas agora, com aquele vampiro, seus pensamentos não eram tão inocentes. Com certeza isso era porque realmente havia beijado o Daciano. Claro que suas *fantasias* seriam diferentes; a *realidade* era uma intrusa!



Rompendo seu olhar, ele disse.

— O modelo básico seria ótimo para se usar contra um humano. Mas para um imortal vai precisar de mais dilaceração de tecido.

Dilaceração de tecido. Deuses, ele estava usando uma linguagem de Armas com ela.

Estava verdadeiramente se divertindo. Sentou-se à mesa, baixando a cabeça para vê-lo trabalhar.

Ele fez uma pausa, o olhar deslizando para a fenda em sua saia. Ela cruzou as pernas; ele quebrou a pena.

Que... emocionante. Nunca exerceu um efeito desses nos homens. Quase podia se sentir uma feiticeira outra vez, encantando um guerreiro vampiro.

Isso não significava que precisasse brincar com fogo. Passou pra ele outra pena.

— O desenho, Daciano.

Sua larga mandíbula apertou, ele deu um aceno sutil, e então continuou. Seus dedos eram hábeis. Lembrou-se mais vividamente como ele segurou seus seios em suas mãos possessivas enquanto os sugava. Lembrou-se de como aqueles dedos engenhosos desceram pelo seu torso antes de acaricia-la entre as pernas.

Lentamente, com carinho, com ardor.

Certamente foi habilidoso, com uma arte completamente própria.

Não precisava estar pensando nisso no momento! Se ficasse excitada, ele saberia, provavelmente até podia ouvir seu coração batendo mais rápido agora mesmo.

Naquele momento, um dos movimentos com a pena foi errático. Ele pausou, parecendo recuperar o fôlego antes da pena voltar a se mover.

Quando voltou a olhar para o desenho, ele trançou uma lâmina saindo de uma extremidade da placa de base.

— Isso é uma lâmina estática? — perguntou. — Fica sempre estendida?

Com a voz rouca, ele disse.



— Sim, mas se consegue descobrir como ejetar espinhos de um bracelete, certamente pode fazer com que um canivete seja ejetado da placa de base.

— Então pareceria como se estivesse tirando a adaga da base do punho?

— Precisamente.

Então aquela era a modificação. A Patrocinadora iria adorar aquilo. Talvez Bettina e o Daciano *realmente* tivessem algo em comum.

Com os olhos em todos os lugares menos nela, o vampiro virou a página.

Se a fêmea de Trehan pudesse adivinhar pelo menos metade dos seus pensamentos naquele momento, sairia correndo e gritando da tenda.

Com ela tão acessível na mesa, poderia puxá-la para frente de sua cadeira e agarras seus joelhos, abrindo as pernas.

Comparou Bettina a um livro antes; agora sonhava em abri-la e devorá-la, saboreando-a como sonhou o dia inteiro. O membro inchou dolorosamente quando a fantasia passou em sua mente.

Não deixaria que fosse embora até que gozasse uma meia dúzia de vezes para ele. Contra sua língua, o sexo dela banhado em líquido iria estremecer, faminto para que seu membro o enchesse.

Controle-se, Trehan!

Fácil de dizer... Quando ela sentou-se à mesa, com a coxa nua a poucos centímetros de sua mão, se perguntou se ela era uma provocadora — ou se realmente não tinha ideia do quanto o afetava.

Suspeitava do último. Também suspeitava que a entendeu, e que estava *apreciando* a descoberta recente dos seus truques femininos.

Que os Deuses me ajudem.

O seu maneirismo já tinha o enfeitado: o modo como lambia o vinho dos lábios sem notar. O modo como ajustava a máscara quando estava



nervosa. O modo como o olhava por debaixo dos cílios cheios, avaliando-o com aqueles olhos intensos.

Quando inclinou a cabeça para analisar o desenho, seu cabelo cheio havia deslizado por cima do ombro, inundando-o com o seu cheiro.

E, *zeii*, seu sorriso. Pouco antes, quando percebeu que estava se divertindo, os lábios se curvaram, o sorriso vindo facilmente. Imediatamente, a mente se voltou para outras formas em que conseguiria provocar outro nela.

Tudo nela fazia com que quisesse esmagá-la em um abraço ou prender seu quadril enquanto arremetia entre suas pernas.

O pior? Ele tinha certeza que ela também estava ficando excitada.

Mas controlaria suas necessidades. Sabia o quanto aquele interlúdio era importante. Era o começo dos dois. Uma eternidade de prazer se estendia à frente deles se sua campanha com ela se provasse vitoriosa.

Estava construindo confiança, demonstrando as coisas que tinham em comum. Suas ações seguiam uma fórmula, e o método parecia estar funcionando.

Em seguida, desdobraria a segunda fase de seu plano, usando os desejos dela em sua vantagem. Ficou de pé e se posicionou na frente dela, obviamente não vendo a hora de fazer isso.

Ela levantou aqueles olhos fascinantes. O sucesso a traria para os seus braços, os gemidos em seus ouvidos.

O fracasso? A deixaria com as mãos completamente molhadas...

Capítulo 18

Parecendo como que estivesse prestes a beijá-la, o vampiro se aproximou até que conseguiu perceber o calor emanando de seu corpo.

Os lábios abertos, cenho franzido, estendeu a mão para tocar o rosto, puxando-a para perto.



Empurrou o peito dele.

— Pare! Não é por isso que estou aqui.

Ele eventualmente a soltou, os olhos estreitos.

Analisando-me. Sabia que vampiros eram uma espécie inerentemente lógica, mas nunca conheceu um que exibisse essa característica. Suas mentes estavam cheias de sede de sangue, suas íris — e até o branco dos seus olhos — vermelhos por isso.

Nunca conheceu um vampiro de olhos limpos antes, e agora era o objeto de estudo daquele.

— Uma dádiva, então — por um beijo.

Deu a ele um olhar desapontado.

— Quer que os meus favores sejam, bem, sexuais? É por isso que me manipulou nesta barganha? Dificilmente está jogando de forma justa.

Dobrando o dedo debaixo de seu queixo, ele disse.

— realmente acha que jogaria justo quando o prêmio é tão desejado?

— Com a outra mão, pegou sua máscara, gentilmente desatando-a para remover a peça de seda. Parecendo cativado pelo rosto, ele disparou.

— *Zei me*, bela, vem falar em jogar justo comigo? Você me venceu com apenas um golpe.

As bochechas esquentaram com fúria. Por que sentia tanta emoção com cada um dos seus elogios? Porque os elogios dos outros eram muito raros?

Lembrou-se que ele era um assassino de sangue frio, claramente um manipulador. Era tão mais velho, com mais vida de experiência que ela.

— Disse que não voltaria por mim. Parecia perfeitamente bem com a ideia de nunca mais me ver novamente. Agora isso? Quero saber o que mudou.

— *Eu.* Por séculos, vivi uma vida de serviço, nunca desejando nada para mim mesmo. E agora eu desejo. — Aproximou-se mais. — Bettina, te desejo muito além da razão.

Seu cheiro e calor permeavam os sentidos. Todos os vampiros cheiravam daquele jeito tão bom de dar água na boca? Talvez fosse uma



ferramenta do predador para atrair a caça, ou seja, ela? Bem, estava *funcionando*.

Outra vez, ela se sentiu fraca e sem fôlego, a febre repentina retornando. Parecia que seu corpo estava tão ocupado lutando para recuperar o equilíbrio que seu processo de raciocínio sofria.

— E-eu acho difícil acreditar que você deixaria sua casa, uma casa que tanto preza.

No ouvido dela, ele sussurrou.

— Para amar você.

Ele podia ser sutil, admitiria isso. Mas então lembrou que ele planejava matar Caspion.

Afastou a cabeça.

— Por quê? Não sabe nada sobre mim. O sangramento o deixa atraído por mim. Seu *desejo* na verdade é apenas um acaso do destino.

— O sangramento me afeta? Sim. Eu *preciso* protegê-la, reivindicá-la — ele se interrompeu — preciso... possuí-la de todas as formas.

O que exatamente isso significava? O que ele esteve *prestes* a dizer?

— Mas você também me fascina. Suas criações me intrigam.

— Você é um bajulador.

— Jamais. Sou alguém que só diz verdades.

— Pode me dizer todas as verdades que quiser vampiro, mas mesmo assim não vou beijá-lo. Nem esta noite. Nem nunca.

— Entendo. Muito bem, Bettina.

Engraçado. Pensou que ele lutaria mais. De repente seus braços a envolveram, névoa enchendo sua visão. Um dos dedos pressionou seus lábios.

Uma fração de segundo depois, outro vampiro se materializou na tenda, um escudeiro mais jovem que parecia nervoso, agitado — e com medo de Daciano.

Ah, puta que pariu, fui vista!

Mas o escudeiro rapidamente cumpriu seus deveres, prestando nenhuma atenção a ela.



Apertou os olhos como se isso fosse ocultá-la de suas vistas.

Depois de alguns momentos, ele perguntou.

— Algo mais... My lord? — Sua voz vacilou no meio da sentença.

Abriu os olhos de leve. O vampiro jovem nem havia olhado para ela. Estava *oculta* na névoa do Daciano? Isso era ao menos possível?

— Isso é tudo — disse Daciano. — Não retorne até o anoitecer de amanhã.

Quando o escudeiro desapareceu, Bettina disse.

— Ele não pôde me ver?

— Você é minha Noiva. Posso escondê-la.

— Essa foi por pouco! — Empurrou o peito de Daciano, mas ele não a soltou. — Isso foi uma péssima ideia. — só um segundo. Por que aquele escudeiro *aprontou a banheira*?

— Você me disse mais cedo hoje que esperava ser tratada como uma dama.

— Sim, e daí?

Os olhos dele perfuraram os seus.

— Uma dama cuida do banho de seu lorde.

— Do que está... — Interrompeu-se. — Você não é meu lorde! — Deu nele outro empurrão que pareceu nem sentir.

— Uma vantagem diz que sou por esta noite.

— Isso foi uma armadilha muito bem orquestrada! Planejou tudo isso, me manipulando!

— Sim.

Quando ele simplesmente admitia coisas desse tipo, enfraquecia seriamente seu ultraje.

— Você é louco.

— Talvez todos esses favores irredimíveis me subiram à cabeça.

— Não está nem precisando de um banho.

— Um banho pode ter outros propósitos. Aqui estão as suas escolhas: cuide do meu banho ou eu cuido do seu.

O olhar dele dizia que estava mais inclinado em realizar a alternativa.



Ter aquele macho passando sabão por todo o seu corpo nu...? Como seria isso?

Com o olhar caindo em seu pescoço, ele disse.

— Poderia exigir algo bem pior que isso.

Como uma sugada? Era aquilo que queria dizer quando disse, “possuí-la de todas as formas”?

— Bettina, você não tinha que concordar com a nossa barganha.

— Claro que tinha. Teria feiro qualquer coisa para salvar Caspion.

Uma emoção obscura, primitiva brilhou em seu rosto, e seus braços apertaram em volta dela.

— Tenha cuidado feiticeira. Está andando em um terreno perigoso.

Engoliu com medo. Estranhamente, não por si mesma, apenas por Caspion.

— Você ainda o quer morto. Então por que salvá-lo mais cedo? Isso só aumenta a probabilidade de que *você* terá que mata-lo.

— Se formos competir um contra o outro, não terei escolha a não ser derrotá-lo, então ficará mais propensa a me perdoar. Se não o tivesse salvado hoje, essa seria uma escolha que você poderia *não* perdoar. Além do mais, esses favores me ajudarão a ganhar sua afeição por mérito meu. Não apenas porque meu concorrente não existe mais.

— Então é isso que o motiva? A competição com Cas?

Ele deu uma risada sem graça.

— Em breve descobrirá que não há competição alguma com aquele demônio. O que me motiva é o adorável prêmio que possuirei. — Ele a afastou para começar a desabotoar a camisa. — E não vai mais protelar.

— Seu olhar passou pelo corpo inteiro dela quando começou a expor o dele. Outra vez, ela lutou contra a necessidade de se abanar.

Quando Daciano tirou a camisa, ela virou de costas, mas não antes de dar uma olhada em seu peitoral musculoso à luz da fogueira.

Sua pele era macia e completamente sem cicatrizes. No círculo, ficou saturado de sangue. Mas só dos outros?



Também vislumbrou aquele cristal em volta do pescoço. Seu estilo de se vestir era simples e despojado; imaginava porque usava aquela corrente.

Ele está retirando as botas?

Manter-se de costas para ele enquanto se despia era mais difícil do que pensou. Que mulher não ansiaria para ver o corpo do vampiro, especialmente depois de tocá-lo no escuro na noite anterior?

Mas para Bettina, era ainda pior. Tinha um olho de artista, e no momento, aquela sensibilidade estava clamando que visse aquele macho despido. *Como um modelo. Nada mais.*

A calça dele caiu em uma cadeira à sua direita. Engoliu em seco. *Está nu nesta tenda comigo.*

Quando ele entrou na água, ela disparou.

— Não vou fazer isso — ainda que pensasse, *devia ter dado uma espiada.*

— Então se prepare para o pior.

Seus pensamentos viraram um turbilhão. Esfregar suas costas era preferível a milhares de outras coisas que poderia exigir.

— Mas eu nunca dei banho em alguém.

— Tenho confiança de que vai conseguir.

Olhou com raiva para o teto. Oh, quão ruim um banho poderia ser? Recusava-se a lavar qualquer parte da cintura para baixo. *Não vou me deixar envolver como fiz ontem à noite.*

Porque desta vez sabia que ele não era Cas.

— Isso vale como cinco favores. — disse. Então só teria mais dois depois daquele, e sua visão ávida poderia ser um pouco satisfeita. Suas costas já eram o *bastante* para começo de conversa.

— Três. — reagiu ele.

— Quatro.

— De acordo. — disse.

Ok, só três restantes. Com os ombros erguidos, virou-se em direção a banheira. *Posso fazer isso.* Conforme se aproximou, percebeu que a



água estava cheia de espuma e exalava vapor, escondendo seu corpo bem abaixo daqueles músculos peitorais bem desenvolvidos.

O que era uma coisa boa. *Era* uma coisa boa.

Ajoelhou-se atrás dele, começando a remover uma luva.

Ele virou rapidamente, entortando-se para observá-la, como se não quisesse perder nem aquela mínima despida.

Perturbada de novo. Quando começou a rolá-la no braço, *realmente* sentia como se estivesse se despindo, para ele. Na segunda luva, os olhos estavam brilhando. Outra corrente pareceu passar entre eles. Ele levantou os olhos de forma rápida, como se para avaliar se ela também sentiu.

O que quer que viu pareceu satisfazê-lo. Após bastante tempo ele lhe deu as costas.

No vapor, algumas mechas de cabelo ficaram desgrenhadas perto do pescoço. Cabelo negro. Negro que brilhava que nem azeviche. Sua corrente de couro chamou a atenção.

— Não quer retirar o cristal?

— Nunca. — foi tudo o que ele disse.

Imaginava onde o conseguiu. Uma ex-amante tinha lhe dado? — Tudo bem. — Assumiu um comportamento profissional, não disposta a deixá-lo saber o quanto aquela possibilidade alternadamente a empolgava e a desgostava. Ensaboando o pano, ela o esfregou pela pele firme e macia, ao mesmo tempo de um dos ombros ao outro.

Repita. Ele não era o único que podia ser metódico. De um ombro ao outro. Repita.

Aquele movimento foi um pouco mais lento? Talvez. Os músculos flexionaram em resposta.

Matou com aqueles músculos. Matou *por* ela.

Um tremor interno. Outra passada do pano.

— Você sempre tem fêmeas dispostas a banhá-lo?

— Você é a primeira em muitos aspectos. — Sem aviso, tirou o pano de sua mão. — Continue sem ele.

— Por quê? — Por que a *sua* voz soava tão sem fôlego?



— Você gostou de me tocar ontem à noite. — ele esticou os longos braços dos lados da banheira. — Tenho a esperança de que gostará outra vez.

— Era esse seu plano? Acha que vai me seduzir assim?

— Sim.

Como podia uma palavra carregar tanta confiança? Engoliu com dificuldade, mas continuou a correr as palmas pelos seus ombros e pescoço.

Sim, sempre possuiu os olhos de uma artista. Olhava para as coisas em termos de relevo e sombras, cor e contraste. Por causa da natureza de seu trabalho, prestava atenção à forma e à função.

E agora podia ver as formas que só havia sentido. Podia demorar registrando aquele completo poder de seu corpo.

Os músculos elevados ao redor dos ombros. O entalho acima de cada um dos enormes bíceps. Os dedos fortes agora apertando as laterais da banheira.

Não conseguia decidir a qual dos seus sentidos Daciano apelava mais. Tato? Visão? Sem mencionar o aroma de vampiro. Sequer ficou surpresa de ver suas palmas ensaboadas deslizando mais abaixo nas costas, explorando-o.

Do lado de fora, a chuva começou a cair, o vento uivar. Dentro era somente um calor opressivo e uma fogueira ardendo. Suas pálpebras fecharam pela metade, e então completamente enquanto se perdeu na sensação, na textura da pele dele sob as pontas sensíveis dos dedos, a forma inflexível das costas esculpidas, o calor subindo da água, do corpo dele.

Em seu trabalho, ela afiava e ajustava, repetição após repetição, até que encontrasse a criação sem nenhuma falha.

Não mudaria um centímetro do corpo dele. Nem mesmo um centímetro.

Enquanto se perguntava se ficaria viciada naquela... naquela *exploração*, massageou o pescoço. Ele exalou de forma relaxada, afundando em suas mãos.



Ela ficou de joelhos para alcançar mais além, e possivelmente dar uma espiada. Mas a água ainda o ocultava. Tudo o que conseguia ver era uma forma sombreada em sua virilha, aquela forma *enorme* altamente tentadora que acariciou. Ela pulsava na água?

Que excitante. Daria quilates de ouro para vê-la.

Tarde demais, percebeu que afundou as palmas por cima dos ombros, mais abaixo das clavículas. Estava oficialmente tratando da "frente".

Não mais relaxado, ele ficou tenso como a linha de um arco, até mesmo quando os joelhos se abriram mais.

Ao invés de alarme, uma empolgação fluiu dentro dela. Suas mãos desceram mais.

As articulações dos dedos dele ficaram brancas quando apertou as laterais da banheira. O metal começou a ceder sob a pressão...

Capítulo 19

Não a puxe para dentro d'água... Não force suas mãos a descerem.

Ontem à noite, Trehan se conteve — mal se controlando — e foi recompensado com o desejo dela. Esta noite devia fazer o mesmo.

Bettina não era imune a ele, e estava a um passo mais perto de seduzi-la. O que significava que precisava negar seu instinto mais uma vez, e usar a *mente* para ganha-la. *Lembre-se do plano!*

Mais uma vez, mais fácil falar...

Agora mesmo as delicadas mãos deslizavam por sua clavícula, os graciosos braços pendurados levemente em cima de seus ombros.

Agora mesmo a respiração dela soprava em sua orelha molhada. Cada exalação fazia seu pênis sacudir de maneira faminta debaixo da água.

Sua Noiva estava lhe ensinando mais sobre si mesmo naquela noite, despertando-o ainda mais. Nunca soube o quanto suas orelhas eram sensíveis. Nem seus ombros. Nem sua nuca...



Quando ela começou a massagear os músculos, percebeu que o plano havia funcionado muito bem.

Uma feiticeirazinha sensual. Sua Noiva era *o comoara*. Um tesouro.
Comoara mea. Meu tesouro.

Estava se inclinando para frente para dar uma olhada no seu membro? O sentiu; agora deve querer ver. Embora não fosse com frequência um objeto de escrutínio, estava prestes a ser.

Zeii, eu quero mostra-lo a ela. A ideia o excitou de uma forma insuportável; seu quadril começou a balançar. *O dele seria o primeiro que já viu duro?* Definitivamente seria o último.

Deveria pegá-lo na mão e apresenta-lo...? A noção desapareceu quando ela esfregou as palmas ainda mais abaixo.

Aquele era o *seu* plano. Sua sedução. Agora, mal conseguia pensar.
Meu peito sempre foi sensível assim?

Ela passou raspando nos mamilos; ele chiou, curvando as costas por mais, apertando os punhos na banheira.

Quando os dedos cavaram fendas no ferro que rangia, ela ficou imóvel.

Tinha lhe assustado, arruinado aquele momento.

Raspou-os outra vez.

— Bettina! — rugiu, levantando o quadril incontrolavelmente. Por um breve segundo, o ar frio encontrou o pênis.

Ela ofegou em sua orelha, fazendo-o estremecer. O vislumbrou. Como reagiria? O que faria em seguida?

Ela se inclinou mais, até o lado do rosto encostar-se ao dele. *Seu adorável rosto sem máscara*. Pele com pele. Ofegando, ela se inclinou ainda mais. Quando os cantos dos seus lábios se encostaram ele abriu o seu em surpresa.

Embora fosse uma tortura, ficou imóvel. *O que ela fará agora?*

Prendeu o ar. O pênis doía como nunca antes. Seu corpo começou a tremer. Então veio um leve arremesso da pequena língua... O mais leve dos toques no canto de sua boca, bem dentro dos lábios abertos.

O pensamento voou.



Com um rugido, ele se materializou de pé para receber seu prêmio.

As mãos do vampiro a procuraram.

— *Espera!* — Bettina gritou quando caiu de joelhos ao lado do quadril. Ele congelou. Gradualmente, se levantou. Entre inspirações entrecortadas, disse — Eu nunca a machucaria, Bett. *Nunca.*

Ela franziu o cenho. Aquela ideia não tinha passado por sua cabeça. Se o temesse, então não estaria tentando provocar sua distração para que levantasse o quadril e mostrasse a ereção outra vez.

Seu único vislumbre quando ela irrompeu a superfície da água a deixou cheia de curiosidade. *De desejo.*

Em vez levantar o quadril, ele ficar de pé, completamente nu à sua frente também funcionaria.

Oh, meu ouro, como funciona.

Ele deve ter percebido que não tinha medo dele, porque colocou os ombros para trás, deve ter percebido que ela ansiava por aquela visão porque levantou o queixo.

— Deseja ver seu homem? — ele falou. Orgulho masculino enchendo seu tom.

— Meu homem? — *Um homem. Este homem.*

Estou encarando um vampiro nu e totalmente excitado. Sangrado e em seu auge.

Sentiu-se tonta, tão bêbada quanto havia estado durante seu primeiro encontro. A visão dele daquele jeito não só a excitava, a deliciava.

O fogo estava à direita, iluminando a pele resplandecente. Sombras e luz em exibição. Sob o seu olhar, cada musculo se contraía, ondoando. Correntes de água lambiam cada poderosa saliência, cada descida rígida.



Gotas jorravam do peito até o umbigo, encontrando-se naquela escura trilha de pelo que ia abaixo, *mais* abaixo.

Quando seu olhar seguiu, ele disse em uma voz grave.

— É isso que faz comigo, Bett. — Seu sotaque estava mais forte do que já havia ouvido.

Estava hipnotizada pela ereção. Outra vez, uma *tonta*. Sua espiada foi a ponta do iceberg. *Em um modo de falar*. Com o pensamento, uma risada escapou.

O que o fez fechar a cara e cruzar os braços.

Ela realmente tentou se convencer que o veria como um objeto de estudo?

Ow-ow. Por minha arte.

Não conseguia nem *pensar* nisso com o rosto sério.

— Feiticeirazinha estranha. — ele murmurou de repente em um tom sonhador. — Você está... feliz.

Ela assentiu perdida em pensamento e começou a adoravelmente catalogar cada detalhe da sua masculinidade.

Pelo negro e encaracolado circulava a base. Bem abaixo, o pesado saco se expandia diante de seus olhos. O membro era cheio de veias, a pele tão repuxada. A grande cabeça apontava para ela, como que em direção aos seus lábios entreabertos.

Como seria sentir aquela firme coroa na boca, como uma ameixa aquecida pelo sol? Passou os dedos por cima dos lábios enquanto imaginava. O vampiro estremeceria e grunhiria se pressionasse a língua nele, ali?

— Ah, Bettina, seus olhos brilham. — sussurrou. — Já viu o suficiente? — As pernas dele estavam tremendo?

O suficiente? Não. De modo algum.

Planos, texturas, cores? Proporção! Seu corpo inteiro era um quadro vivo de perfeição. Uma obra de arte que precisava apreciar mais inteiramente.

Uma que a estava deixando mais molhada do que já havia ficado em toda sua vida.



Ele inalou profundamente, e seu corpo ficou ainda mais firme com a tensão. Ele conseguia saber o quanto a afetava? Claro, sentiria seu cheiro.

O que faria em seguida? Queria ter mais experiência com essas coisas.

— O jeito como você me olha, mulher... Eu poderia gozar na frente desses olhos brilhantes. Aposto que a minha alegre feiticeira gostaria de ver isso.

Ela só o sentiu gozar em sua mão. Forma e função. Empolgava-se em ver suas criações funcionarem, atuar como deveriam. Queria *ver* aquela parte dele... gozar.

— Agora que mencionou.

Ele a levantou. Em um instante, não possuía mais peso, sendo materializada em sua cama.

— Oh! O que vai fazer?

Com as palavras como um rosnado, respondeu.

— Te dar prazer. — Cobriu-a com seu enorme corpo molhado, passando os braços musculosos em volta dela quando seu quadril desceu ao dela.

E a sensação foi *deliciosa*.

Desta vez não o afastou, não o negou. Quando ele tocou a língua na beira dos seus lábios, ela os abriu, deixando-o prova-la.

Sabia que havia uma razão para que não devesse estar em sua cama, beijando um vampiro nu, mas seus pensamentos ainda estavam confusos com a visão dele.

Contra seus lábios, ele disse.

— *Zeii*, eu ansiei pelo seu beijo, durante todo esse longo dia. Ansiei por mais do que encontrei em sua cama.

— Ontem à noite foi mesmo a primeira vez que você...?

— *Gozei?* — ele grunhiu a palavra. — Primeira vez em séculos.

— E foi... foi bom? — *Eu fui muito desajeitada? Muito inexperiente?*

— Ah, puta que pariu, mulher, foi bom *demais*. — Ele lambeu os lábios. — Sua palminha macia me secou. Não posso nem olhar para as



suas mãos sem ficar duro. — Com isso, ele tomou sua boca totalmente, aqueles lábios firmes reivindicando os dela. Carícias sensuais da língua dele a persuadiram para que a sua o encontrasse.

Ela o fez avidamente, mas ele manteve o beijo lento, feroz, devastador. Como ele podia ser tão bom naquilo com tanto tempo sem praticar?

Cada carícia da língua perversa alavancava seu ardor, deixando-a louca por ele. Trouxe o corpo mais perto do dele, do seu calor e palpável força.

As mãos dele estavam ocupadas na sua cintura? Ah, seu sarongue. *Oh, lá se foi!*

Seus beijos calaram quaisquer protestos desanimados que poderia ter feito. Ele acabou de encaixar o quadril entre suas coxas?

Sim! Aquele membro glorioso pressionado em sua calcinha, seu comprimento como uma espada, de seu montículo até mais além de seu umbigo.

Mais beijos, mais movimento. Seus braços estavam acima da cabeça. Os punhos presos nas mãos dele? Um sussurro de sensação em seus seios.

Havia retirado seu top? Sim, ar frio fazia cócegas em seus mamilos. Até a pele quente e escorregadia do peito dele ser empurrada contra seus seios nus. Ela gemeu dentro do beijo.

Quando ele colocou um dedo na alça de sua tanga, ela compreendeu que aquela era a única barreira que restava entre eles. Jogou a cabeça para trás. Com uma voz estrangulada, disse.

— Vampiro, minha calcinha!

— Ela saiu! — *Sim, dragã...*

— Não, ela fica!

Com um som ruidoso de desapontamento, ele flexionou o quadril. Sua ereção roçava em cima da seda sobre seu monte de Vênus, deixando um prazer absoluto pelo caminho.

— Não importa. Eu ainda vou fazer você gozar, mulher. — Investiu de novo e esfregou bem em cima do clitóris. Quando ela gritou, ele disse.



— E quando gozar quero que sussurre o *meu* nome.

Sua voz grossa e palavras em tom de ordem eram como uma carícia em cada parte dela. A quente pressão do membro era forte em seu clitóris. Ela se esfregou contra ele por mais calor, mais fricção.

Mais *qualquer coisa*. Desesperada, ondulou o quadril — exatamente quando ele arqueava as costas. Seu pênis desceu para tocar bem na entrada, *contido apenas pela seda*.

Ele levantou a cabeça, o olhar encontrando seus olhos arregalados.

— Espere! — Virou-se um pouco, até que a cabeça do pênis não estivesse alojada em sua fenda. — R-rápido demais! Sabe que não posso fazer sexo!

Com a testa na dela, sussurrou.

— Quero entrar em você, Bett. Mais do que já desejei algo em toda minha existência. — Apertando sua cintura, ele a trouxe de volta para debaixo de si. — Mas eu sei que temos que esperar.

— Estou confiando em você, e não dou minha confiança facilmente.

— No fim desse torneio, arrancarei suas sedas e enterrarei meu pau bem fundo dentro de você. Por enquanto, nada de sexo. Só prazer. É a vez da minha mulher...

Ele agarrou seu traseiro com os dedos abertos, angulando o quadril, posicionando a base de sua ereção diretamente no clitóris. Então apertou os braços à sua volta, apertando-a até que cada pedacinho deles parecia se tocar.

Seu peso em cima dela era arrebatador, seu calor derramando. Os dedos dele prendiam as curvas do seu traseiro, mantendo-a imóvel, mantendo sua ereção exatamente onde ansiava. Não conseguia se mexer contra ele, nem precisava.

Estava tão pressionada nele que podia sentir o membro latejar, podia sentir o coração batendo descontroladamente contra seus seios pulsantes.

Estava tão agarrada a ele que, quando ele se mexia, eles se mexiam como se fossem apenas um.



Ele trouxe os lábios para os seus mais uma vez. Desta vez o beijo foi mais poderoso, mais profundo, como se ele quisesse lhe marcar com os lábios.

Quando ela gemeu em sua boca, as línguas dançaram e suas respirações ficaram em sincronia. Estavam quase emoldurados e ainda queria o corpo dele mais perto. Por que não estava mais perto?

Mais gemidos, os grunhidos roucos dele. O pênis parecia que tinha inchado ainda mais. A fricção aumentou, até que ficou tão perto. Seu primeiro orgasmo com outra pessoa...

Ele rompeu o beijo.

— Deuses, mulher! Já estou quase lá. Minhas presas estão mais afiadas.

— Um, ok. — Certamente ele não estava querendo dizer que devessem acabar com o que estavam fazendo. *Tão perto.*

Com uma voz instável, ele disse.

— Sabe o que isso significa, Bett.

Significa que ele está excitado, perdendo o controle. Como ela.

— Contando que não transemos.

— *Ah, dragã...* — Ele tomou sua boca com outra pressão forte dos lábios, mais carícias ousadas da língua. Encontrou cada uma delas.

Estava estremecendo, o corpo ficando tenso, preparando-se para o orgasmo. À beira da benção molhada.

Veio o gosto forte de... sangue.

Capítulo 20

Choques sacudiam o corpo de Trehan de cima a baixo, da cabeça aos pés, antes de se reunirem em seu membro.

Ele arranhou a língua dela. *Zeei mea*, seu sangue direto da carne. Se o beijo lembrava o hidromel, seu sangue era uma pequena prova do paraíso.

Uma injeção de um prazer perfeito queimou suas veias.



Estremeceu, urrando em seus lábios. A ponta de sua língua faminta lambeu a dela por mais, caçando aquele pequeno corte.

De modo turvo, lembrou-se do quanto aquilo era um tabu, mesmo enquanto procurava por mais. *Uma perversão?*

Não, conexão! Compartilhar a sua essência era... puro.

— *Dulced!* — grunhiu entre beijos. — *Tão doce.* — Como isso poderia ser errado? O sentimento de união era quase como o de uma relação sexual.

Mas ela se afastou.

— V-você provou o meu sangue?

Uma gota vermelha manchava seu lábio inferior, provocando-o. Seus olhos se prenderam nela, seu pênis endurecendo ainda mais.

— Olhe para mim Daciano! Tomou meu sangue?

Ele se forçou para encontrar seu olhar. Pelo jeito que olhava para os seus olhos ele sabia que deveriam estar completamente negros de sede.

— Sim.

Em um tom cheio de pânico, ela disse.

— Não consegue ver as memórias de uma pessoa?

Sua ansiedade pareceu perfura-lo, enchendo-o de dor.

— Nunca tomei o sangue de outra pessoa.

— Responda a pergunta!

— Acredito que possuo essa habilidade.

— Me solte! — Ela se debateu contra ele até que a libertasse.

Outra vez, eu cedo o meu prêmio.

Ficando sentada, ela colocou um braço por cima dos seios, tirando as tranças do rosto com a outra mão. — *Verá as minhas!* — Estava olhando para ele com desprezo.

Desprezo merecido. Qualquer um de seus conhecidos faria o mesmo. Trehan supôs que não era muito diferente de um vil vampiro Horde. Ou de Lothaire, o mais rebaixado dos Dacianos.

E ainda assim Trehan sabia que não descansaria até que a provasse outra vez.

Desta noite em diante, sou um verdadeiro vampiro.



Aquela sensação crua e familiar de violação cresceu dentro de Bettina. Suas palmas coçavam para que liberasse seu poder nele; sentia-se incompleta sem ele.

Ele poderia testemunhar aquela noite! Ante essa ideia, ela quase caiu. A humilhação de outra pessoa lhe vendo daquele jeito... Destroçada e nua no chão da corte do Castelo de Rune. Coberta de sangue e licor. A risada deles ainda ressoando em seus ouvidos ensanguentados.

Correu atrás do sarongue, rapidamente colocando-o em seu lugar. O olhar do vampiro seguia todo o seu movimento, preso nela quando desceu o top pela cabeça. Mas quando ela correu até seu casaco, ele se desmaterializou até suas roupas, enfiando as pernas na calça.

— Isso eventualmente teria acontecido, Bettina. Não posso controlar minhas presas mais do que posso me impedir de ficar duro toda vez que estou perto de você.

Em um tom seco, disse com desprezo.

— Porque eu sou *tão* tentadora.

Com as sobrancelhas juntas, ele soltou.

— Sim.

Seramente enfraquecendo meu argumento!

— Por que confiei em você? Quero-o fora da minha vista!

— Não pode ir embora.

— Veja se não posso! — Ela colocou o capuz, marchando para a saída. Mas quando pôs o pé fora da cabana, ela congelou. A chuva tinha passado um pouco, mas agora a névoa estava densa como uma sopa, a visibilidade nula. Ao menos para ela.

Teria que encarar aquela nuvem blindada turva para chegar em casa. Bem diante de seus olhos, construções vagas se moviam, estreitando as vielas. A rua ficava mais escura, o ar cheio de maus presságios.



A semente da ansiedade queimou. A vertigem ameaçou. Seu coração começou a bater forte em seus ouvidos, seus olhos a se encherem d'água. O medo era um punho de aço enorme apertando seu peito e deixando-a sem ar.

Seus ossos doíam. Uma dor de verdade crescendo onde suas costelas haviam rasgado a carne.

Claramente demais, lembrava-se como a pele do seu torso havia acampado sobre suas costelas desalojadas — como pano sobre a agulha. *Só uma questão de tempo.* Um chute de lado levantou a costela, fazendo com que perfurasse a pele...

As costas da mão encontraram os lábios. *Quero aqueles quatro mortos! Por que eles não irão morrer...?*

— Bettina? — O vampiro estava bem a seu lado, estudando-a com olhos que agora eram estáveis e verdes.

Ele a havia traído e não conseguia nem deixar sua companhia, não podia bater a abertura da tenda em sua cara ao sair.

Odeio isso. Odeio isso. ODEIO isso!

— O que foi pequena Noiva?

Engolindo a bile, ela disse.

— Eu não... eu não gosto de andar na chuva.

— Claro — disse ele, sua expressão ilegível.

Ele sabe, ele sabe! No momento em que começou a tremer, viu-se do lado de fora da porta secreta para o seu castelo.

— M-me desmaterializou?

— Bett, nunca mais vai ter que andar sozinha.

E com apenas aquelas palavras, sua ansiedade diminuiu. O que a enfureceu! Como ele podia afetá-la tão facilmente?

O Daciano agora poderia testemunhar cenas de sua vida, podia vê-la em seus mais degradantes momentos. Saberia os seus medos covardes e irracionais.

Então, se repreendeu. Por que devo me importar com o que ele viu? Sua corte inteira a viu como uma vítima, um objeto de pena.



Bettina temia que sua *vaidade* tivesse algo a ver com sua raiva. Não queria que aquele vampiro belo e sorrateiro — que já parecia obcecado por ela — visse sua queda. Porque ele *gostava* dela, estava atraído por ela, parecendo encantado com tudo o que fazia.

Sua resposta a ela foi um bálsamo tão grande depois de Cas admitir não sentir atração alguma por ela, que ele havia entrado no torneio porque já estava marcado para morrer de qualquer maneira.

Assim que um guerreiro como o Daciano visse como realmente agiu — soluçando, implorando por misericórdia — também a desdenharia. Sua Noiva sem coragem.

E então nunca mais o terei daquela forma de novo. De onde aquele pensamento veio?

— *Dragã* — ele rangeu — me diga quem a machucou.

Quando ele passou as costas dos dedos em sua maçã do rosto, ela virou a face.

— Muito bem. Mas eu terei outro favor seu...

Trehan esperou até que uma luz se acendesse em seu quarto antes de voltar para a sua tenda. Para um solitário, ele achou que se despedir dela era surpreendentemente... doloroso.

Já dentro, recolheu uma luva de seda, deixada para trás em sua pressa. Tão fina. Tão pequena. Sua fêmea frágil — que foi atacada por mais de um inimigo. Que ainda sofria.

Congelou do lado de fora, com o coração batendo tão rápido que achou que fosse desmaiar.

Repetidamente, ele refletia sobre aquele dia em Dacia em que despertou com aquela inquietude incomum, aquele medo. Suspeitava que de algum modo sentia sua dor e terror, ainda que enterrado tão longe em seu reino.



Agora tinha certeza.

Ao invés de salvá-la, estava confinado naquela tumba em forma de montanha, parado naquela cidade, naquela biblioteca amaldiçoada pelos deuses, sem nunca vê-la. Nunca procura-la.

Larguei-a ao seu destino. Imperdoável. Seu apelo rompido ecoou em sua mente. *De novo não...*

Esta noite descobriu muito sobre sua Noiva, sobre seu medo e seu desejo.

Seu desejo ensinou que seu corpo — e suas afeições — poderia ser vencido. Seu medo lhe ensinou que ela precisava de ajuda para se curar.

O plano de Trehan agora mudou e se expandiu. *Ganhar o torneio, encontrar e matar os inimigos dela, beneficiar-me de sua paixão.*

Tomou seu sangue, o primeiro passo para localizar seus inimigos. Embora nunca houvesse colhido memórias, assumia que, como outros Dacianos antes dele, era um *cosas*. Assim que dormisse, sonharia com cenas de seu passado, revivendo-as de seu ponto de vista.

Sei exatamente de que memória dela preciso.

Materializou-se do lado de fora mais uma vez, espiando o seu quarto. A luz ainda era como um farol, chamando por ele.

Trehan suspeitava que conhecia quem a atacou — se pudesse sonhar com suas lembranças deles, então era possível que pudesse usar o cristal para encontra-los. Nenhum plano estava a salvo de Trehan, nenhum esconderijo era muito remoto.

Faça mal a mulher de um assassino, e ele lhe fará pagar.

— Bettina de Abaddon, — olhou para cima, além da torre dela — os dias dos seus inimigos estão contatos.

— Ora, ora, ora. A princesa andou dando uma voltinha por aí, — disse Salem quando voltou à suíte, poucos minutos depois dela.



Merda. Ainda não teve tempo para se recuperar dos acontecimentos da noite. Seus lábios provavelmente ainda estavam inchados pelos beijos, seu cabelo ainda mais bagunçado que o comum.

— Cuidado, senão vai ganhar uma reputação. — Ele riu. — Daqui a pouco será tão notória quanto eu.

— E precisamente por que você era tão notório?

Ele deu outra risada.

— Pela minha bela aparência. E pelas minhas belas trepa...

— Ok, então! Entendido. — disse Bettina às pressas. *A hora do banho acabou de ficar ainda mais esquisita.*

— Estou lhe dando uma levantada de ombros indiferente, mas misteriosa, pombinha.

Rolou os olhos.

— Achei que ficaria fora espionando a noite inteira.

— Oh, eu estava. Por exemplo, eu a vi na tenda do vampiro, retorcendo-se debaixo do corpo nu dele como uma enguia no cio.

— Uma *enguia*? — Que visual mais atraente. *E sexualmente mal informada.* Mas o vampiro não se queixou. Não, apenas tecia elogios. — Está tentando me insultar?

— Eu não crio os fatos, apenas os informo.

— Informou a Raum, sem dúvida?

— Ainda não. Alguma razão para não fazê-lo?

Ela começou a andar de um lado para outro.

— Achei que fossemos *aliados*. — Ela deixou a máscara e as luvas na tenda do vampiro? Merda! — E não significou *nada* aquilo com Daciano.

— Não? Diga isso a porra dos nós em seu cabelo.

— Salem! Eu fiz um trato com o vampiro que me encontraria com ele se tivesse misericórdia de Caspion na luta.

— Esfregar-se em um vampiro para salvar o pobre e velho Cas? Uau, você é nobre. Se tivesse chegado um pouco mais perto de fechar esse *trato*, foderia as coisas a um ponto além de reparação. Lembra-se que precisa ser virgem? E pelo o que vi, o Daciano estava bem na pista de pouso.



Como ele esteve perto...

— Preciso saber. Vai contar a Raum?

— Nenhum dano foi feito, então não. Por enquanto. Mantereí minha boca invisível fechada, se você não se encontrar com aquele sanguessuga de novo.

— Sem problema. — Ainda não conseguia acreditar que o Daciano tomou seu sangue.

Pior? Não conseguia acreditar que seu maior problema com isso provavelmente era pura vaidade.

Talvez não visse suas lembranças daquela noite. Talvez não visse nada, porque morreria no círculo amanhã.

— Espere. Por que se importa se eu o vejo ou não?

— Eu não sou do tipo de dar indiretas telecinéticas, princesa, então vou dizer de uma vez. Depois da minha noite espionando, estou convencido que Goülard está prestes a ser o seu novo cavalheiro. O que quer dizer que a sua cereja deve estar inteira.

A ideia de casar com o primitivo causou arrepios em sua espinha. A opção Bettina-a-Viúva-Negra sairia voando pela janela. Mesmo se seu poder retornasse, provavelmente não seria suficiente para acabar com Goülard. Não recém-recuperado e fora de prática.

— Ninguém pode derrotá-lo?

— Não encontrei fraqueza alguma. Zero, estão todos fodidos. Nenhum dos meus contatos da rede sabe de alguma coisa. — disse ele. — Você viu as cabeças rolando esta noite. Pense na quantidade de sangue que alguém teria derramar para matar aquilo. Barris. Ele brotaria uma legião de Terrores Infantis.

— Eu persuadirei Morgana. Tem que haver algum tipo de feitiçaria que possamos usar.

— Faça isso. Entretanto... estava mesmo envolvida com aquele sanguessuga.

Envolvida? Como esteve a um segundo de gozar contra o seu insistente membro? Como quando provou seu próprio sangue em seu beijo e por um momento considerou simplesmente continuar com ele?



- Estava lá apenas por causa de Caspion.
- É, parecia mesmo que estava completamente repleta de pensamentos de Caspion. A propósito, aquele seu demônio subiu um pequeno degrau em minha estima.
- Oh, suas enterradas foram ainda mais vigorosas do que as de ontem à noite?
- Não. Ele foi para casa. Sozinho.

Capítulo 21

Segunda noite. Bem depois da meia-noite. Bêbada outra vez.

Bettina estava escorada à mesa de refeições, a cabeça em uma mão, um copo de vinho precariamente inclinado na outra. Seus olhos estavam vidrados de assistir lutas por horas ininterruptas.

Morram logo, gritou internamente pela milésima vez.

Olhou em volta, notando que não era a única bêbada; todos de Rune estavam de maneira incomum.

Vinham bebendo desde que o sol se pôs e a mistura dos demônios começava a afetá-los, transformando a multidão em um apocalipse de bêbados.

Inicialmente, o círculo foi dividido em várias gaiolas diferentes, para que as disputas entre competidores pouco conhecidos pudessem ocorrer ao mesmo tempo. Ainda assim, levaram eras para acabar. À meia-noite, guardas haviam removido as gaiolas internas para preparar o lugar para os competidores de maior importância, como Goülarv, o Daciano e Caspion.

Basicamente, todas as mulheres do reino tinham se reunido ao redor do “Filho de cabelo claro de Abaddon”. Até os homens se aproximavam.

Ele estava para lutar com o Cerunno que havia sobrevivido, e ela passou a noite inteira nervosa. A luta de Goülarv era a próxima, seguida



pela do Daciano e o troll gigante.

Como todos os competidores, foi exigido que aguardassem no santuário por horas.

Morgana há muito tempo voltou para o castelo, localizado em seu próprio plano Sorceri. Mais cedo suportou assistir duas batalhas, bocejando bastante, mesmo com os horripilantes desfechos. Assegurou-se de que Bettina vestisse pouco o suficiente para ser digna do nome Sorceri, e ela e suas Inferis partiram via portal.

Durante a mudança do círculo, Bettina viu Raum levar duas belas ninfas para detrás do palco.

O que lhe deixou completamente sozinha na mesa. Os ganhadores poderiam ter vindo visita-la depois das competições, mas eles sempre se retiravam. Nunca se juntando a ela no banquete. Cada um tinha a intenção de casar com ela em poucos dias; nenhum deles fez o menos esforço para conhecê-la melhor.

Bem, exceto um. Um vampiro com o corpo mais sublime que já havia imaginado. Que lhe forneceu a visão mais erótica que já testemunhou.

Quando Cas apareceu hoje ao pôr-do-sol, ela quase não conseguiu olhá-lo nos olhos.

Ele foi sozinho para casa na noite anterior tentando fazer dar certo entre eles, enquanto esteve gemendo na boca do Daciano.

Mas não seria seduzida de novo. *Hoje à noite*, ela e Cas recomeçariam...

Ela acenou para que enchessem seu copo, olhando por cima do ombro para os outros presentes. Mais uma vez as arquibancadas estavam divididas entre demônios de armadura e Sorceri com garras douradas.

Do lado dos demônios, a mesa estava cheia de pratos de leitões, pedaços de carneiro, javali, carne de cervo. Canecas de cerveja de demônio em abundância.

A maioria dos Sorceri, contudo, eram vegetarianos. Do lado deles, frutas, legumes e verduras estavam arrumadas em pratos e torres elaboradas, e vinho doce fluía de garrafas de cristal.



Bettina definitivamente preferia a mesa deles. Quando era jovem, tentou comer como um demônio, ter uma coisa em comum com os seus súditos. Teve tanto sucesso nisso como em criar chifres, ficar forte, ou aprender a se desmaterializar.

Ei, ao menos posso ser convocada!

Os dois grupos eram muito diferentes, ambos os lados atrevidos. Os demônios apalpavam abertamente as serventes. Os Sorceri flertavam com suas aparências tímidas que conseguiam dizer um milhão de coisas.

A maioria deles ficou para apreciar o vinho, mas também para assistir seu novo favorito, o Príncipe da Sombra.

Ele era responsável por boa parte da exaustão de Bettina, por seu sono interrompido durante o dia. Quando dormiu, sofreu com o seu costumeiro pesadelo; ainda assim o assunto — e a natureza — de seus sonhos havia mudado.

Perdida em pensamento, sua mente reviveu a noite com ele. Reviveu beijos sem fim e pele quente e escorregadia. Avidamente revisitou a imagem dele de pé à sua frente, vestido apenas com a luz do fogo.

Por várias vezes, acordou à beira de um orgasmo.

Um dia de tortura sensual. Ainda assim foi incapaz de fazer algo a respeito, por causa do último favor chocante que o Daciano pediu.

Não se toque.

Ficou embasbacada.

— Perdão?

— Durante o dia, se sentir vontade, não faça. É esse o favor que quero de você. Então só me deverá mais dois.

— Por que iria querer isso?

— Para que doa por mim como faço por você.

— Mais esquemas, mais planos?

— Quando o prêmio é tão estimado...

Tortura. Sensual.

Tinha lhe beijado, excitado até a beira do orgasmo, e então proibido qualquer alívio. Ela não sabia como iria encará-lo naquela noite.

Talvez devesse torcer pelo troll.



Trehan queria começar sua luta, para que pudesse termina-la. Ao menos estava próxima, bem depois da de Goûlard.

Estava louco para ver sua Noiva mais uma vez, para determinar se manteve a palavra no último trato que selaram na noite passada.

Avistou-a muito pouco desde que o torneio recomeçou. Havia estreitado os olhos para ele, parecendo particularmente irritada. Não era o comportamento de uma fêmea saciada.

Ainda assim Trehan não se sentiu capaz de conversar com ela, compelido pelo contrato a se juntar aos outros competidores naquelas catacumbas escuras.

A água escorria pelas pedras enlodadas. Espíritos chiavam e corriam à distância. Bancos rústicos foram cavados nas paredes. Vozes masculinas ecoavam pelo labirinto, cheias de medo ou coragem.

Trehan não disse nada aos seus oponentes, ao invés disso reviveu o dia que passou — um dia de necessidade e negação.

Ainda não tinha acessado as lembranças dela, porque não dormiu. Sentindo-se desconfortável longe dela, retornou ao seu quarto, só para dar uma olhada nela dormindo para que conseguisse se controlar até o pôr do sol. A encontrou em um sono intermitente, suas sobrancelhas juntas enquanto um pesadelo a atormentava.

Envolvendo-a em névoa, secretamente se deitou ao seu lado na escuridão de sua cama oculta por cortinas. Suas madeixas de seda se espalharam pelos lençóis do mesmo material, os lábios entreabertos de um modo tão tentador.

Quando a olhou no rosto, foi inundado de sentimento, como se séculos de anseio se resumissem a um só momento:

Eu a quero envolta em névoa, sob a minha proteção. Eu a quero em minha cama, me olhando com aqueles olhos brilhantes quando entrar



nela. Quero os seus gritos de prazer em meu ouvido e seu sangue em minha língua...

Ainda assim seus sonhos ficaram sensuais. Levantou seus braços delgados acima da cabeça, abriu as pernas, o quadril balançando, balançando... até acordar no escuro com um ofego, na beira do clímax, sem fazer ideia que estava a menos de um metro de distância.

Suas presas ficaram tão duras quanto o seu membro, tão incontrolláveis quanto ele. Queria ambos enterrados nela.

No passado, observou vampiros Horde tomar sangue em ataques desordenados. Não tinha necessidade de dizer que as vítimas não apreciaram isso. Mas e se Trehan tomasse o de Bettina sem pressa, cautelosamente?

Havia fêmeas que diziam sentir prazer com a mordida de um macho. Perguntava-se, *Minha fêmea era uma dessas?* Seria uma troca perfeita. *Ela me daria sangue e eu a faria gozar...*

Ao pensar nisso, custou-lhe todo o controle que possuía não tocá-la na hora. Mas já estava com raiva dele. Encontra-lo em sua cama só iria aumentar sua fúria. Então apertou os punhos e sofreu com ela, dizendo-se que ela estaria dolorosamente necessitada naquela noite e que poderia usar isso em sua vantagem.

Quando ela dormiu outra vez, a mesma coisa aconteceu sucessivamente.

Não podia plantar sonhos — não era um demônio dos sonhos — mas aparentemente a névoa lhe trazia à mente.

Trehan tinha *esperanças*. Se ao menos chegasse a supor que aqueles gemidos eram por Caspion...

Quando ela acordou de vez, ele se forçou a partir, imaginando se ela conseguiria se impedir de tocar seu corpo estremecido. De masturbar seu sexo no banho.

Dedos pálidos e delicados na carne rosada.

Quando começou a ficar duro — mesmo naquele lugar asqueroso — sacudiu a cabeça. *Foco, Trehan! Concentre-se na próxima tarefa. Estude os seus oponentes.*



Espiou pelo escuro corredor, o olhar caindo no troll. Armado com um porrete maciço, a criatura era enorme, mas desajeitada, com pelos do tamanho de pés saindo do corpo. Não exatamente ameaçadores. Ainda assim Trehan notou nas disputas que armas haviam *estraçalhado* sob aquele pelos. Eles deviam ser tão fortes quanto o titânio — e dúzias deles saíam da garganta da criatura.

Trehan achou que viu algum espaço entre eles. Basicamente, teria que golpear com perfeição com sua espada, por entre uma abertura da largura de sua lâmina.

Se errasse, sua espada quebraria, não sabia como poderia arrancar a cabeça do troll de outra forma.

Um golpe.

Com um desdenho mental, Trehan voltou sua atenção para Goülard, esperando encontrar alguma fraqueza. Contudo, o demônio meramente se encostava à parede, com os olhos fechados, respirando fundo e de modo constante.

Trehan podia colher pouco a não ser o fato de que o corpo do demônio pré-histórico foi criado para a guerra. Um prato ondulado de ossos cobria o seu coração; aqueles dentes de marfim desciam pelo queixo, protegendo o pescoço como um escudo. Três pares de chifres só adicionavam mais proteção. Até suas pálpebras verdes eram grossas, reforçadas com várias camadas de escamas. Todas as vulnerabilidades defendidas.

Como dar um golpe mortal, sem derramar uma única gota de sangue?

Tem que haver uma solução. Toda charada possuía uma. *O que não daria para poder pesquisar em minha biblioteca.* Esfregou a palma da mão na nuca, sentindo o olhar de alguém.

Ah, Caspion me estuda. Embora incrivelmente jovem — não muito mais velho que Bettina — o demônio não era ausente de habilidades. Trehan suspeitava que avançaria longe no torneio.

Tentando descobrir a minha fraqueza, moleque?

No passado, Trehan teve poucas. Se o sol ameaçava queimar sua pele, sempre foi capaz de se tornar névoa. Agora tinha que manter aquele



talento oculto. Felizmente, também possuía a habilidade de se desmaterializar pela metade: manifestando-se apenas o suficiente para ficar visível — e preparado para atacar — ainda assim sem a substância necessária para que os raios de sol o atravessassem.

Não, a maior fraqueza de Trehan era uma bem nova pra ele: qualquer ameaça a sua Noiva.

Caspion escolheu aquele momento para se materializar na sua frente.

— Costuma tirar proveito de mulheres inocentes frequentemente, velho? Infiltrando-se em seus aposentos?

— De nenhuma em toda a eternidade. — Trehan o via como um irritante inseto. — Sente uma raiva equivocada em relação a mim. Não lhe fiz nada. Ainda.

— Você se infiltrou no quarto da minha melhor amiga e futura esposa, comprometendo-a.

— Futura esposa? — *Controle sua raiva, Trehan, para que ela não lhe controle.* — E como sua destinada companheira demônio se sente com você se casando com outra?

— Você é um idiota, Daciano. Não é de se admirar que Bettina o odeie.

Odeia?

— Então você *sabe* que ela não é sua. Ela me disse que você não tinha planejado entrar. Mudou de ideia para poder evitar minha espada por meros dias?

— Eu entrei *por causa dela*. E não saberemos se ela é minha até que me deite com ela pela primeira vez.

A ideia dos dois juntos enfureceu Trehan. Suas presas ficaram afiadas quando a imaginou dizendo para Caspion: *Pode fazer o que quiser comigo.*

Calma! Controle-se!

— Eu e você sabemos que não sairá deste torneio vivo, garoto. Tive que salvar sua vida renegada naquela maldita primeira fase. Poderia ter acabado com você no momento.



— Eu tinha tudo sob controle! — Seus chifres se ergueram com agressividade. — E a única razão pela qual me ajudou é porque deseja me matar com as próprias mãos.

Trehan o ajudou exclusivamente para obter uma vantagem com Bettina. *Considerando ontem à noite, faria outra vez.*

— No momento desejo muito te matar.

— Se fizer isso, devastará Bettina.

— O que é lamentável. Com sorte, como você salientou, ela é jovem. Garantirei que se recupere. — *Por que estou mordendo a isca dele?*

— Ela ama a *mim*. Sempre amará. Pode ser a sua Noiva, mas nunca será sua esposa.

Trehan apertou o punho da espada, a fúria queimando dentro de si. *Controle sua raiva. Controle o seu instinto.*

Sua mente racional sabia que Caspion não tinha reivindicação alguma com relação à Bettina. Depois dessa conversa, Trehan também sabia que o demônio não sentia amor por ela — ao menos, não um amor romântico.

Mas seus instintos em brasa ainda exigiam uma satisfação, uma morte rápida como punição. Desde que encontrou Bettina, trehan foi inundado com uma ferocidade diferente de qualquer uma que já conheceu.

Controle... controle. Inspire. Expire.

O chifre fez um som. Ignorando Caspion, Trehan voltou sua atenção para Goürlav, que lutaria com o jovem demônio animus nesta fase.

Goülard colocou o peso do seu corpo maciço nos pés. Ele foi devagar nos movimentos no início? Suas juntas primitivas rangeram? Ou estava fingindo fraqueza?

Ao invés de se desmaterializar, Goürlav foi andando do santuário até o círculo, seus chifres raspando o topo da entrada de mais de três metros, cinzelando a rocha. Seus chifres não tinham marcas.

O demônio animus seguiu com os pés pesados. Suor cobria o rosto pálido do macho. Quando o portão de ferro se fechou detrás deles, ele perdeu o controle de sua bexiga.



Trehan se materializou no portão para assistir a luta. Caspion fez um som de frustração e seguiu.

Bem do lado de fora do círculo, um grupo de soldados Rune se juntaram, preparados para lutar com os Terrores Infantis, se algum saísse do sangue de Goülarv. Nem precisaram se incomodar.

Como a luta começou, ela terminou—abruptamente.

Com um golpe, Goülarv dividiu seu oponente das bolas ao escalpo. Outro golpe de espada arrancou as duas metades da cabeça da vítima.

Goülarv deu um urro monstruoso ao céu e então desapareceu, provavelmente retornando para qual fosse a dimensão do inferno que controlava.

Trehan olhou para Caspion, encontrando os olhos do jovem estreitos, sua expressão determinada. Trehan imaginou os dois dividindo um pensamento similar: *Eu farei qualquer coisa para manter aquela criatura bem longe de Bettina.*

Capítulo 22

A luta do vampiro era a próxima.

Assim que os guardas de Rune limpavam os restos do adversário de Goürlav — que ficou reduzido pela metade como fruta madura — o Daciano e o troll entraram no ringue.

O vampiro estava todo vestido de preto novamente, com peças obviamente caras feitas a mão. Apenas Bettina sabia o que ele escondia sob as vestes.

Sua incomparável espada estava ao seu lado. Sua *fria* arma especial.

O troll estava a pelo menos uns quatro metros de distância, vestindo o que parecia ser a maior — e maltrapilha — toga que Bettina já tinha



visto. Ele bateu o rabo perfurante agressivamente, mas o Daciano ignorou seu adversário, ao invés disso olhava para ela sozinha na mesa.

Seus lábios estavam estreitados com intenção, ela agora sabia como eles podiam ser sensuais.

Bettina não ficou surpresa, quando essa emoção elétrica correu por seu corpo. Então, ignorou-o, escondendo o rosto por trás da borda da taça de tamanho grande.

Assim que a porta fechou ressoando, o troll levantou seu porrete em direção ao vampiro, cuspidando as palavras:

— Irei destruir você e me alimentar de suas entranhas! Vou pegar sua cabeça e chupar como se fosse um doce!

A corneta soou. De uma só vez, o troll balançou; o Daciano fintou para a esquerda e se esquivou do golpe.

— E eu vou beber da sua garganta!

O Daciano moveu-se para a direita e atacou tão rápido, que ela não pode ver o brilho da espada.

O sangue começou a infiltrar-se em volta do pescoço erigido do troll como um lenço vermelho. A expressão da criatura era de choque, quando seu corpo e sua cabeça bateram no chão com toda a graça de um edifício demolido.

A multidão ficou em silêncio. Ela viu os outros à sua volta piscar, como se não tivesse visto a luta corretamente. O Daciano despachou o seu adversário com um golpe, e nem uma gota de sangue em sua roupa imaculada.

Depois de um momento atordoado, os Sorceri aplaudiram.

Mais uma vez, o vampiro deu a Bettina uma reverência formal, reconhecendo o prêmio.

Ela fez uma cara feia. Não gostava do efeito que ele tinha sobre ela, não gostava de como sentia seu corpo fora de controle, enquanto ele parecia completamente controlado.

Ele limpou a espada na toga do troll, embainhou-a, então riscou até Bettina. Quando tomou o assento ao seu lado, os Sorceri na



arquibancada aplaudiram novamente. Demorou um momento para perceber que o estardalhaço era para ele.

Os músculos do pescoço tencionaram. Sua inquietação perceptível.

O assassino secreto que tinha sido *nada senão mortal*, estava rapidamente se tornando uma celebridade. Que estranho deveria ser para ele. Por cima do ombro, Bettina espiou as outras fêmeas Sorceri que olhavam para ele com atração evidente.

Isto a irritou. *Sem nenhuma razão!*

Ele pegou a mão dela, dando um beijo suave na palma, fazendo-a ofegar. Em seu ouvido, ele murmurou.

— Você cumpriu sua palavra ao longo do dia. Boa menina.

Era tão óbvio? Ela sentiu o rosto aquecer. Delicadamente limpando a garganta, perguntou:

— Um vampiro tomando um assento em um banquete? O que exatamente você pretende comer?

O olhar ardente caiu sobre seu pescoço. Ele tinha passado a língua sobre uma presa?

Ela quase tremeu.

— Nem pensar em tomar meu sangue novamente. Eu ainda estou chateada com você.

Na verdade, ela não conseguia reunir muita raiva por causa disso. Ele *tentou* avisá-la, e não era como se tivesse perfurado seu pescoço.

Desde a noite passada, a indignação sobre a atitude dele arrefeceu para... Curiosidade? Talvez até mesmo excitação? Sempre que recordava a reação dele ao seu gosto, ela experimentava uma emoção proibida. — *Dulcea!*— ele gemeu. Doce.

Se ele tivesse colhido suas memórias, então o dano já estava feito. Ela disse a si mesma mais uma vez, *não chore sobre o sangue derramado*.

Ou talvez ela estivesse apenas bêbada.

— Peço desculpas, Bettina. Tenho pouco controle com você.

Eu, a aberração Bettina, fazendo um vampiro secular perder o controle. Ela suspirou. Delicioso.



— Quanto a este banquete, posso comer. — ele disse. — E beber vinho. — pegou o copo e bebeu um gole antes de entregá-lo de volta. Proprietário. *A percepção é a realidade.* — Posso fazer os dois se isso fizer você se sentir mais confortável.

O Daciano era todo encanto de novo nesta tarde, parecendo bonito e nobre. Ela estava imune. Ela estava. Droga, ela estava recomeçando com Cas. A partir *deste* momento.

Ela não deixaria este vampiro plantar mais nenhuma dúvida. Porque hoje, quando tentou uma imagem de *Caspion* saindo do banho, ela não viu nada mais do que os profundos olhos verdes, cabelos preto, e um corpo esculpido assolado com vampírica luxúria.

O Daciano poderia fazê-la duvidar de seu próprio coração, se ela o deixasse!

— Confortável vampiro? Tentando diminuir a diferença sobre todas as nossas muitas diferenças?

— Sim.

Tonta, olhou para o programa da noite. A próxima luta era entre dois demônios de fogo. Ela não se importava de qualquer forma com quem ganhasse a luta. Na verdade, sua única preocupação nas rodadas era apenas com Cas, o vampiro, Goürlav, e estranhamente o Lykae.

Ela não entendia por que o lobo não podia conter a fera dentro de si. Todos os machos Lykae que conheceu antes eram cheios de charme, sensuais escoceses quentes com sorrisos perversos e um repertório de insinuações inteligentes.

Mas esta criatura era cheia de dor e confusão. Antes, quando ele ganhou seu combate contra um demônio da raiva, começou a se alimentar do cadáver do demônio. Mascarados warlocks drogaram o Lykae e o arrastaram para fora. Seus treinadores, nojentos.

E não havia nada que pudesse fazer sobre isso. A rainha impotente. Em mais de um sentido.

Quando ela acenou para reabastecer, o Daciano franziu a testa.

— Você sempre bebe tanto?



— Não. Mas se isso te incomoda, vou beber muito mais vezes. — Ela agradeceu o atendente.

— Eu posso usar isto a meu favor.

Pela borda da taça, ela disse:

— Ah, e como seria isso?

— Você está prestes a ver. Agora me diga, que criação você usa esta noite? — Ele perguntou, levantando a mão examinando o considerável anel sobre o indicador.

Normalmente ela aproveitava todas as oportunidades para falar sobre sua luxuosa e letal coleção, mesmo quando os olhos das pessoas vidravam. Mas seu tom foi extinguindo quando explicou.

— Nada demais — questão de entrega de toxina. Ela criou um reservatório flip-top na parte inferior da faixa.

A maioria dos Sorceris possuía pelo menos um anel de veneno. Sua espécie era talentosa com toxinas, e não hesitavam em praticar seus ofícios. Ela demonstrou a função para o Daciano, virando a palma para cima e invertendo a tampa sobre todo o pé.

— Então você teria que despejar na bebida de alguém?

— Sim, ou eu poderia soprar o veneno nos olhos de alguém, como se estivesse soprando um beijo. — Exatamente por isso, imitar um beijo soprado era um insulto hediondo para um Sorceri.

— O artesanato é impecável. — Ele pareceu orgulhoso. No entanto em seguida, sua expressão tornou-se sensual, como se seu orgulho tivesse apenas estimulado o desejo. —Planejando envenenar alguém?

— Um sanguessuga está encabeçando minha lista.

— Minha feiticeira inteligente está com a língua afiada nesta tarde.

— Se aproximando, ele falou roucamente em seu ouvido — Quando na noite passada foi tão primorosamente doce.

Não vai me atíçar. Vinho! Glupe.

— Volte para a minha tenda.

— Por que eu faria isso?

— Por um tempo, você se divertiu lá.



Divertiu? Eufemismo. Por um tempo, ela ficou louca de tesão. Apenas lembrar-se do peito duro, úmido contra seus seios fez com que os mamilos apertassem em seu top tomará que caia.

Aparentemente ele percebeu, porque teve que limpar a garganta antes de dizer.

— E ainda parece estar, Bett.

Estou? O que ele quis... Oh! Ela corou, desejando estar usando uma máscara completa cobrindo o rosto, em vez de uma máscara estreita em estilo bandido. Suas bochechas rosadas estavam em exposição para que todos pudessem ver.

— Você gosta de me envergonhar.

— Sou um vampiro — naturalmente vou amar quando o sangue esquentar suas bochechas. — Antes que ela pudesse retrucar, ele roçou as costas de seus dedos abaixo da máscara. — Isto é lindo. Você é linda.

Ele não podia mentir. Espere, falando de máscara...

— Deixei minhas coisas em sua barraca. Eu preciso delas de volta.

— Impossível.

— Seu escudeiro poderá encontrá-las!

— Elas permanecem seguras em minha posse.

O que ele queria com elas...

— Você sonha comigo quando dorme? — ele perguntou.

Ela levantou um olhar assustado para ele.

— O quê? N-não!

Seus lábios se curvaram.

— Sonha.

—E quanto a você? — Ela exigiu. — Sonhou minhas memórias?

— Não dormi. Não consigo desde que a conheci.

— Isso não é bom para o seu torneio.

— Você me viu lutar. Viu qualquer efeito negativo?

— Você é arrogante.

— Sou um Dacian. Você não pode ter um sem o outro.

Ela se perguntou o que ele fez hoje em vez de dormir. E se tivesse encontrado outra para aliviá-lo daquela ereção? A julgar pelo exemplo



de Caspion, ela assumiu que machos tinham sexo todas as noites, sem exceção.

— E como você se ocupa durante o dia? — Seu tom estava arqueado?
Ela levantou a taça.

— Passei o dia com minha noiva.

Ela quase engasgou com o vinho.

— Você não se atreveria a vir ao meu quarto enquanto durmo!

Ele apenas levantou as sobrancelhas.

— Será que minha barreira de feitiço não serve para nada? — Ótimo viver sem proteção, no céu onde os Vrekeners governavam!

— É imperfeita. Mas, para os outros, será suficiente.

— E o que exatamente você fez comigo hoje? — Ela só podia imaginar. Será que ele viu como seus sonhos a afetaram?

— Eu estava ao seu lado e partilhando o seu sofrimento. Você estava cheia de desejo, *dragã*. — murmurou. Suas palavras acentuadas fazendo-a derreter. — Venha comigo, e vou lhe dar prazer até você gritar.

Quando a mente começou a apagar novamente, ela deu-lhe um aceno de cabeça irritado.

— Caspion está prestes a lutar na próxima série. Eu nunca o abandonaria sem apoio.

Um riso amargo.

— A multidão de fêmeas admiradoras não o *apoiaria*?

— Ele irá *me* acompanhar até em casa depois. Nós temos um encontro.

— Um encontro? — O Daciano cuspiu. — Você não tem vínculo com ele. Embora dificilmente possa compreendê-lo, ele não quer você do jeito que eu quero.

Mais uma vez, isto estava tão óbvio?

— Por que você diz isso? — Todos poderiam perceber?

— Ele estava em um bordel duas noites atrás. Em Dacia, ele tinha uma nova donzela a cada noite.



— Caspion e eu estamos começando de novo. Nós discutimos isso hoje. Ele nos considera noivos de agora em diante. Por isso *vou* estar aqui esperando por ele.

— E eu serei um desgraçado se permitir que ele se aproveite da paixão que carrego.

— Não vou deixar esta mesa, vampiro. — *Não importa o quanto você seja sedutor.* — Se você tentar riscar-me de volta para sua tenda, vou te apresentar às armas que *não* mostrei. — Um punhal amarrado no tornozelo, por exemplo.

— Então você não me deixa escolher.

— O que isso significa — Ela ficou ereta, quando sentiu a palma calosa do vampiro em seu joelho. Tentou arrancá-la fora, mas ele era muito forte. Teve que se contentar em apertar as pernas juntas.

— Parece que vou ter que te dar prazer aqui.

— Pare com isso! — Ela assobiou quando ele começou a fazer círculos preguiçosos no alto de sua coxa.

— Você tem a pele muito macia, feiticeira. São todas as fêmeas de sua espécie suaves assim?

— Vá descobrir. Sua... Noiva te dá permissão. Deixe-me em paz.

Ela não queria seu toque, mas aparentemente, seu corpo discordava. Os mamilos endureceram ainda mais, a respiração ficou curta. Ela se contorcia na cadeira, assustada por descobrir que sua calcinha estava ficando úmida. As pernas apertadas pareciam enfraquecer, relaxando os músculos.

Como ele poderia afetá-la tão rapidamente? Sim, ela teve sonhos com ele, e sim, ele levou-a até o limite duas noites seguidas, mas eles estavam cercados por pessoas!

— E- eu coloquei barreiras vampiro. — O tom indignado que tentou cair por terra.

Ele deu-lhe aquele olhar indulgente.

— Você vai aprender que não existem barreiras entre um vampiro e sua noiva. — Quando a mão arrastou mais alto, ele murmurou — Posso



sentir você tremer. Não vai demorar muito para trazê-la até o limite. Vou aliviar essa dor e ter você relaxada e satisfeita em meus braços.

Ele queria satisfazê-la, aqui?

— Você está louco. — Então, ela mordeu o lábio. *Para ser justa, estou aflita. Não!* — Alguém vai ver.

— Minha mão não é a única ocupada debaixo da mesa, eu garanto. — Ao redor deles, os casais estavam furtivamente se tocando. — Ninguém está prestando atenção em nós.

— V-você não se importa com minha reputação! — Ela choramingou. — Isso não é justo.

— Como disse antes, o prêmio é muito precioso para que eu jogue limpo. Não se sente bem, *dulcea mea*?

Minha doçura. Em uma parte obscura de seu cérebro, ela se perguntou se a chamou disso como um carinho, ou se estava se referindo a seu gosto novamente.

— Você sabe que isto é bom, mas alguém vai perceber.

— Então eu tocá-la não é a questão. É que não quer que os outros vejam.

— Você está distorcendo minhas palavras, eu nunca disse isso. — Ela já estava ofegante, os seios inchados. Os bicos se projetando lascivamente sob o top. Ela agarrou a toalha com os punhos.

Ele trabalhou a mão entre as pernas dela, mas não forçou para que abrissem.

— Abra suas coxas e deixe-me te dar prazer — disse asperamente.

— Vamos lá, Bett, não vou parar até que você esteja se contorcendo.

— Daciano, por favor, você não pode fazer isso aqui.

— Shh, shh. — Seus murmúrios suaves só aumentavam a excitação dela. — Deixei você insatisfeita, e prometo que nunca farei isso novamente.

Ela fechou os olhos. Este macho queria deixá-la quente, molhada, em êxtase. E que os deuses a ajudassem, ela ansiava por isto.

— Abra os olhos, *dragã*. Agora ninguém pode nos ver.



Névoa enchia a arquibancada. Ela não podia ver ninguém, apenas ele. Eles poderiam estar muito bem sozinhos, encapsulados no calor sensual que os rodeava. Isto pontilhava sua pele, brilhante como o orvalho da manhã.

— Você é parte disto, Bettina. — Mais uma vez ele parecia orgulhoso.

Algo estava afetando-a. Em um segundo ela sentiu como se estivesse flutuando, no próximo como se estivesse presa duramente pelo macho ao seu lado.

Ele arrastou-a através de suas pernas, colocando-a de lado sobre seu colo. Com os braços em volta dela, sentiu quase uma sensação de alívio, como se desejasse estar ainda mais perto dele.

Sim, amarrada com ainda mais força a este vampiro...

— Abra-se para mim. — Suas pernas aliviaram com um toque mais amplo, ele rosnou baixo com aprovação.

Então a mão deslizou mais para cima, empurrando a saia para o lado. Ela prendeu a respiração quando os dedos começaram a se aprofundar em sua calcinha. Estranho, achou que ele estivesse segurando a respiração também.

Quando os dedos deslizaram para seu sexo, ele gemeu em seu ouvido.

— *Molhada, tão fodidamente molhada.*

Lutando para não choramingar, ela mordeu o lábio novamente.

— Mulher, você me enlouquece — ele rasgou a calcinha com um vigoroso puxão de uma vez só.

— Vampiro! Não... — Ela perdeu-se, porque ele começou a acariciá-la.

Com infinita ternura, esfregou o polegar para cima e para baixo em seu clitóris, o resto de seus dedos provocando a abertura.

Nada poderia possivelmente ser tão bom. Ela precisava de mais. *Como obter mais?*

— Adoro a forma como você é sensual, Noiva. Agora mesmo você está balançando em meus dedos, como se eu a tivesse acariciado assim umas mil vezes.

Eu estou? Ela olhou para baixo, sem vergonha de vê-lo acariciar seu sexo à mostra. Com o polegar fazendo círculos escorregadios, ele



entortou o dedo indicador, roçando apenas com os nós dos dedos. E isto era...

Êxtase.

— Ah deuses — ela sussurrou. Com certeza estava lentamente ondulando ao seu toque, querendo-o mais profundo, a pressão maior.

— Você fará isso quando estiver debaixo de mim. — ele prometeu — Olhe como seus pequenos e duros mamilos esticam contra o top. — Ela sentiu uma varredura transpassar desde a ponta de seus dedos através dos seios, fazendo-a estremecer.

— Você gosta quando eu os chupo?

As palavras e a voz pecaminosa trabalhavam juntas, alimentando seu desejo como uma fornalha.

— Vampiro, você realmente me quer... para... *aqui*?

— Sim. Diga se você me deixa fazer qualquer coisa com você.

Suas sobrancelhas se uniram.

— Sabe que não posso dizer isto, não posso permitir.

— Um dia você irá.

Por que essas palavras eram tão importantes para ele?

— Por enquanto, vai gozar para mim. — As coisas más que estava fazendo com ela... A pressão diretamente em seu núcleo, em seguida, uma sensação de cócegas, então mais pressão.

Quando a cabeça dela pendeu, ele embalou suas costas com a mão livre. Segurando-a tão gentilmente, encostando a testa na dela, prendendo-a com seu olhar, como se não fosse deixá-la desviar o olhar.

A intensidade de seus olhos, a necessidade neles... ela se encontrou enroscando os dedos em seus cabelos, segurando-o perto.

— Abra-se para seu macho, Bett — ele disse com a voz rouca. Abaixo, seus dedos continuavam brincando.

Ela se rendeu completamente, sem pensar, abrindo as coxas para o vampiro.

O prazer foi tão grande que ela temia que isto acabasse. Com os olhos suplicantes, sussurrou.

— Você não vai parar?



— Nunca, dragã.

— Mas e se eu gritar?

— Posso fazer sua liberação mais suave, menos intensa. Gostaria disso?

Em um tom miserável, ela disse:

— Nããã.

Ele deu uma risada tensa.

— Eu não penso assim.

Ela estava ofegante, meio em pânico, meio *fora de sua mente* com a luxúria.

— Daciano, isto é tão forte... Oh, puta que pariu, vou gritar. E-eu não vou ser capaz de parar.

— Pressione a boca contra meu pescoço.

Ela colocou as mãos sobre seu peito, apoiando o rosto mais perto... Contra os lábios, percebeu a suavidade da pele dele. Seu cheiro de vampiro era tão entorpecente como foi a noite passada, fazendo-a gemer.

Quando enterrou o rosto na curva onde o pescoço encontrava o ombro, respirou fundo, um som retumbando do fundo de seu peito. Ela sentiu-o sob as apertadas palmas das mãos.

Com cada um de seus ataques, ela gemia contra o pescoço dele cada vez mais rápido. Ela abriu os lábios, lambendo a pele deliciosa.

O *gosto* dele enviou-a diretamente até o limite, pairando...

Capítulo 23

Trehan estava numa agonia de êxtase. Estava prestes a fazer sua Noiva gozar pela primeira vez na vida. Seu pênis parecia que ia explodir. E ela somente começou a *lamber sua pele*.

Sua cabeça caiu para trás enquanto os dedos a acariciavam. Uma das mãos repousava sobre o cabelo, enquanto a outra estava sobre as dobras



macias e escorregadias à sua espera. *Putá que pariu, sua língua está passeando sobre mim.*

Com os dentes cerrados, ele olhou para cima, fantasias emaranhavam em sua mente. Imaginou a pequena língua quente traçando sobre a ponta de uma presa dolorida. Ou colocando-a contra o saco enquanto masturbava-o com a mão macia. Ou arrastando-a ao longo do comprimento de seu eixo, enquanto seus olhos encaravam e seguravam os dela.

— Vampiro — ela sussurrou, dando um rebolar molhado que fez os quadris dele contraírem, triturando contra o traseiro exuberante. — Preciso... *gritar...*

— Vou cuidar de você, Bett. Basta soltar-se. — Pouco antes do grito dela irromper, ele espalmou os dedos da mão livre sobre um lado de seu rosto, colocando a cabeça dela mais perto, pressionando a boca com mais força contra ele para abafar o som.

O corpo dela ficou tenso. Os flexíveis músculos apertaram tão lindamente. As unhas cravaram em seu peito. Então...

Soltou-se.

Ela contraiu-se nos dedos dele, gritando contra o pescoço.

Quando sentiu a entrada do canal pinçar em torno da junta, o pau surgiu em suas calças, desesperado para reclamar aquela carne virgem.

Enquanto ela se contorcia, suas presas afiaram como lâminas. *Quanto seria dolorido roçar sobre a curva pálida de seu ombro, no inchaço de seus doces seios...?*

Com a ideia de perfurar aquele pequeno monte, quase gozou. Mas se recusou a repetir a vergonha de sua primeira noite juntos.

Quando ela não aguentava mais, empurrou a mão dele. Depois de alguns últimos golpes fugazes, ele finalmente cedeu, removendo-se do sexo encharcado.

O impulso de lambe os dedos novamente foi inegável.

Seu gosto!

— *Mieroase rai* — ele gemeu contra os dedos. Manjar dos Deuses. *Inspire. Expire. Controle.* Isto era para ela. *Só para ela. Controle.*



Quando os dois sentaram-se controlando a respiração, ela encostou a cabeça contra ele, o que lhe permitiu segurá-la. Não refletiu sobre sua sorte, apenas descansou a bochecha contra sua testa. Ele ficou surpreso com o grau de satisfação que sentia, enquanto seu sexo pulsava logo abaixo dela.

Sim, satisfeito. E orgulhoso. *Esperei vidas para fazer isso.* Com cada uma de suas tremulantes réplicas, seus ombros encostaram mais.

— Ninguém viu?

Ele apertou um beijo com ternura em seus cabelos.

— Ninguém, amor. Eles acreditam que um banco de névoa passou. Em um momento, vou fazê-lo desaparecer.

— Mas eu... Havia sons.

— Que se transportaram de forma diferente. Todo mundo por perto estava muito ocupado tirando proveito da cobertura da névoa, eu garanto.

— Tudo bem. — Para surpresa dele, ela se aninhou mais perto. Assim como ele havia prometido, estava relaxada e satisfeita em seus braços.

Dentro de instantes, ela estaria irritada, o feitiço quebrado. Enquanto isto, ele apertava seu corpo mais perto, saboreando cada segundo.

Ele encontrou-se meditando. *Por que não este lugar? Por que não eu?* Ela poderia ser sua rainha, e eles poderiam compartilhar esse reino. Ele não tinha dado muita consideração à coroa dos Seres Mortais antes, mas agora ele tinha que considerar.

Talvez ainda pudesse ser a espada de um reino, outro reino. Tudo isso poderia ser deles. *Não seria um destino tão ruim, afinal.* Não mais constantemente vigiando suas costas, sem mais batalhas iminentes.

Bettina finalmente se afastou, suas pálpebras pesadas cintilando e seus lábios vermelhos ondulando, como se tivesse esquecido de onde estava — e com quem estava.

Ela parecia adoravelmente sonolenta e embriagada, sua máscara inclinada, ele não ficou surpreso quando o coração tamborilou, como uma pilha de livros caindo de uma altura.



— Olhe como você é presunçoso, vampiro.

— Sou? Saiba que você pode ficar orgulhosa pelo resto da noite, enquanto ainda vou estar mancando por conta dessa ereção agonizante.

— Ele esfregou-se contra ela

— Oh! — Seu rosto inflamou. — Não é nada menos do que você merece. Espero que continue assim. — Ela fez uma careta. — Ou qualquer outra coisa *pior*.

A grande sirene soou, sinalizando o fim da competição dos demônios de fogo.

— Cas! — Imediatamente, ela empurrou Trehan, tentando ir para longe dele.

Com uma vil maldição Dacian, ele soltou-a, dando-lhe alguns segundos para endireitar suas roupas, antes de acenar com a mão, gradualmente limpando o ar.

O feitiço quebrou. Agora, ele precisava se concentrar em outro aspecto de seu plano. Será que vou ser capaz de ficar longe dela o tempo suficiente para me preparar...?

Depois que os soldados removeram o cadáver carbonizado, sem cabeça do perdedor, Caspion marchou para o ringue. A multidão aplaudiu ainda mais alto do que fez na noite passada.

Trehan notou que o padrão do demônio — um chifre curvo envolvido em algum tipo de videira — agora adornava muitas vitrines dos lojistas.

Um Raum claramente embriagado voltou à tribuna, a caneca presa a sua mão carnuda, as roupas em desalinho. Ele franziu o cenho para Bettina e Trehan sentados juntos. Ela encolheu os ombros, impotente.

Depois de um duro olhar para Trehan, Raum sorveu a bebida, então anunciou:

— E agora teremos nosso Caspion o Perseguidor, amado filho de Abaddon!

Com isso, muitas demonesses jogaram suas ligas no ringue, que logo tinha o piso rendado. Bettina parecia que mal conseguia controlar o ciúme.

Outra coisa que nós temos em comum.



Caspion representou um papel dramático para o público, levantando a espada. Eles foram à loucura.

E o que seria esse som da multidão quando Trehan o matasse? Um sentimento tão forte poderia ser revertido, mas apenas por um líder muito mais carismático do que Trehan.

E se eu não puder mudar o sentimento dela pelo demônio? Ele tinha muitas vantagens sobre Caspion: idade, força, sabedoria. Bettina não valorizava nenhuma dessas coisas.

As palavras de Caspion assomaram em sua mente. *Ela pode ser sua noiva, mas nunca será sua esposa.* E talvez no fundo, uma pequena parte de Trehan temia que o demônio pudesse estar certo.

No entanto, há algo que posso fazer por ela. Uma coisa para conquistá-la...

Quando Caspion desafiou o Cerunno restante, deslizando para dentro do ringue, o nervosismo de Bettina redobrou.

Trehan podia ouvir seu coração acelerado por aquele demônio. *E eu invejo cada batida.*

Quando Raum anunciou o concorrente de Cas, Bettina virou sua taça. Agora ela estava bêbada e com nojo de si mesma.

Deveria estar aqui apoiando Cas. Em vez disso, estava deixando um vampiro dar-lhe um orgasmo memorável.

E exatamente tão memorável quanto à experiência, estava a aparência do Daciano depois. Seus ombros estavam relaxados, seus lábios curvados. Seu cabelo negro despenteado estava caído sobre a testa.

Seus olhos de ônix estavam *diabólicos*.

Se ela pensou que a visão dele saindo da tina fosse sexy, esse olhar...



Oh, como esta noite ficou tão fora de controle? Nas proximidades estava o macho com quem esperava se casar e o primeiro homem a dar-lhe um orgasmo. Se apenas eles fossem o mesmo!

Ela fez sinal para outro reabastecimento.

— Você sente culpa? — O vampiro perguntou em voz baixa.

— É claro que me sinto desleal com Caspion agora.

Ele não gostava desta resposta absolutamente. Entre os dentes cerrados disse.

— Lembre-se de que se não fosse por seu egoísmo e falta de visão, você não estaria nesta posição. *Ele* me trouxe para seu reino. —Então, parecendo controlar seu temperamento, acrescentou: — Você não tem que ver isso. Venha comigo.

— Você não pode esperar que eu vá embora?

— Sim. Posso. Você é minha, Bettina. Estamos fadados. Nós compartilhamos sangue entre nós, o *prazer* entre nós. Você veio de encontro as minhas mãos e eu as suas.

Ela ficou perturbada novamente. Não poderia negar a verdade de suas palavras, mas isso não importava agora.

— Se você pensa que posso estar em qualquer lugar, que não aqui neste momento, então você não me conhece.

Raum desviou de volta para a mesa, em seguida deu o sinal.

A corneta soou. Caspion e o Cerunno se enfrentaram.

Os chifres de Caspion esticaram com hostilidade, seu semblante de alívio, agora era feroz.

Mas o Cerunno era tão poderoso, os músculos ondulando sob as escamas.

— Você se preocupa por nada — o Daciano disse a ela. — Infelizmente seu demônio vai ganhar esta batalha. Ainda mais lamentável, ele vai avançar muito neste torneio.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Ele é forte para sua idade e vai ficar mais forte com cada morte. Ele não está despreparado.

Nunca tirando os olhos do ringue, ela disse.



- Mas não está no mesmo nível que o seu.
- Não. Não está como o meu.
- E você vai usar toda essa habilidade para matá-lo.
- Se for colocado contra ele.

Quando Cas por pouco se esquivou dos primeiros ataques da espada do Cerunno, ela engasgou. Podia *sentir* os olhos do vampiro sobre ela, mas este era Cas! *É claro* que iria reagir.

Um segundo balanço da cobra. Outro passou perto. Cas riscou protegendo-se, mas o Cerunno foi muito rápido.

Bettina começou a torcer as mãos no colo. Ela arriscou um rápido olhar para o Daciano, encontrou seu rosto de repente inescrutável — mas oh, seus olhos estavam negros como a noite.

— Se não quer testemunhar a minha preocupação, então saia. — ela murmurou, sua atenção de volta para a luta.

Ele não respondeu.

Por que Cas não tentava golpear o Cerunno? Sabia que era melhor do que o outro! Ela se virou para Raum, avaliando sua expressão. A testa franzida estava esculpada. *Nada bom.*

O Cerunno comandou novamente, finalmente Cas defendeu. Suas espadas soaram na noite, uma e outra vez. Faíscas saltavam quando metal beijava metal. Quando os dois machos circularam entre si, as grandes tochas iluminaram o rosto suado de Cas e as escamas cintilantes do Cerunno. Ninguém conseguia ganhar a vantagem.

Então notou que a cauda da cobra estava se alongando, rastejando atrás de Cas, enquanto ele se concentrava em desviar os golpes de espada.

Justamente quando ela estava prestes a gritar "Cuidado!" os outros espectadores ultrapassaram-na nisto. Cas tentou riscar tarde demais. A cauda sinuosa já tinha envolvido suas pernas e quadris, segurando-o no lugar. Lutou para se livrar, mas a espada da serpente repelia cada golpe.

Todo o tempo a cauda enrolava mais e mais em torno do tronco de Cas, constritiva, enfraquecendo-o.



Bettina assistia incrédula, enquanto o Cerunno prendia os próprios braços em torno de Cas, esmagando o corpo até que o belo rosto de Cas ficasse vermelho de sangue, as veias salientes em suas têmporas.

— Ah, deuses, não. Raum, faça alguma coisa!

Cas caiu, os braços ficando mole. Sua espada caiu no chão.

— Não. Não. Não! Raum!

— Sinto muito Tina. — Ele colocou a mão sobre a de Bettina. — Olhe para longe, minha menina.

Impotente, ela não podia fazer nada, apenas ver enquanto Caspion era esmagado no aperto daquela criatura horrenda.

— Não. Isso não pode estar acontecendo! — *O que eu não daria pelo meu poder!*

Para Raum, o Daciano rangeu.

— Você lhe dá muito pouco crédito, demônio.

Bettina agarrou às palavras do vampiro. Ele era o perito, saberia se Cass estivesse condenado...

Como um tiro, Cas virou a cabeça, passando um chifre afiado pela garganta do Cerunno. O sangue jorrou de sua jugular cortada.

Forçado a estancar o fluxo, o Cerunno aliviou a aderência, o suficiente para que Cas pegasse sua espada. Com um rugido, Cass golpeou.

A cabeça do Cerunno foi arremessada para o alto no ringue. A multidão irrompeu em aplausos chocados.

Bettina cedeu, seus olhos lacrimejando.

Raum deu um berro de alívio e juntou-se a torcida, nem mesmo tentando parecer imparcial.

Quando Cas recuperou o fôlego, conseguiu dar um sorriso eventual, recuperado o suficiente para levantar os braços manchados sobre a cabeça e incitar os espectadores. Ele estava amando a atenção tanto que ela não podia evitar que seus lábios ondulassem.

Seu glorioso Cass. Ela estava tão orgulhosa de sua vitória, feliz que ele estivesse feliz.

O Daciano quebrou o feitiço.



— Bettina, há um limite.

Sem olhar para ele, ela perguntou.

— O que significa isso?

Ele tomou sua mão, suavemente devolvendo a calcinha.

— Um dia você vai me convencer de que sempre o quis. — Pouco antes de riscar para longe, ele murmurou em seu ouvido: — Tome cuidado, para não perder um macho que deseja apenas você, e ganhar um homem que apenas deseja outras.

Capítulo 24

Descobrir mais sobre Bettina era fundamental — porque Trehan estava falhando em desviar suas atenções pra longe dessa porra de demônio.

Ele riscou de volta à sua tenda, a mente focada na tarefa pela frente: acessar suas memórias.

O que significava dormir. Estava correndo contra o tempo para completar todas as coisas que deixou por fazer. Será que virou as costas para seu reino apenas para perder sua Noiva também... ? Para não ter nada na vida?

Ele não teria identidade. Nem futuro. *Não vou ser quem eu era.*

Nem tampouco quem quero ser.

Devo dormir. Removendo sua espada, ele deitou-se em sua cama, lutando para direcionar os pensamentos. *Não reproduza como ela gozou em sua mão, Trehan. Pelo amor dos deuses, não revise o calor escorregadio com que se deleitou.*

Mas o cheiro dela permanecia na pele, atormentando-o. Ontem à noite, seu cabelo se espalhou sobre a cama dele quando passou seu eixo contra seu sexo.



Quando apenas a quente, encharcada seda de sua calcinha o impediu de entrar em seu núcleo...

Demais! Ele gemeu. Seu eixo lutando contra os limites da calça. Uma vez que a afastou e seu comprimento saltou livre, grunhiu de alívio.

Tomou uma das luvas de Bettina e envolveu a seda fria em torno do comprimento dolorido, fingindo que era a palma de sua mão segurando-o. *Deveria ter mantido sua calcinha.*

Quando começou a acariciar-se, fantasiou que ela lhe dizia:

— *Você sabe que pode fazer qualquer coisa comigo, Trehan. Eu sou sua — sempre serei.*

Somente a ele, ela faria essas promessas...

Suas presas afiaram, pingando em sua boca por ela. Ele arrastou a língua sobre elas, sugando seu sangue, fingindo que era o dela.

Como um verdadeiro vampiro.

Trehan lembrou-se mais de sua juventude, quando rapaz, ele acariciava-se fantasiando afundar suas presas em uma mulher tremula ao entrar nela. Lembrou-se daquela fantasia em particular, que poderia fazê-lo ejacular até que as costas arqueassem.

Agora ele imaginava perfurar o pescoço fino de Bettina. *Extraíndo sua essência ardente para dentro de mim, enquanto ela se contorcia em seu orgasmo. O sexo dela apertando meu pau com um puxão ganancioso. Quando ela desse seu sangue, seu corpo iria exigir minha semente.*

Quando começou a exaurir-se, gritou o nome dela, suas costas curvando violentamente.

Quando se limpou e endireitou-se, estremeceu, entristecido por separar-se dela.

Quando derivou para o sono, sabia que sonharia com ela.

Minhas memórias? Ou as dela?



Acordou nem mesmo uma hora mais tarde, direto do devaneio. Embora não tivesse experimentado a memória que procurou, ele viu algo que mal podia descrever.

O mundo através dos olhos de Bettina.

Suas lembranças eram... sublimes. Ela observava detalhes que teria perdido, procurando a beleza em tudo, desde uma teia de aranha, até um ramalhete molhado. Quando comparou seu modo de ver com o dele, sentiu como se tivesse uma camada de filme sobre os olhos.

Ele *estava* despertando. Depois de viver tanto tempo como o sisudo, chato Trehan, ele desejava mais.

Também aprendeu muito sobre sua personalidade, confirmando todas as facetas que já admirava. Na verdade, ela era extremamente inteligente, sensível, e *zeii*, ela era sensual.

Naquela noite em sua tenda, ela *o via* com olhos de um artista. E gostou do que viu. Assim como ele observou, ela esteve *feliz*.

Ela ficou maravilhada com sua ereção, refletindo como seria abrir a boca para isto e tocar a ponta com a língua. Ela se perguntava se ele iria tremer e gemer.

Sim Bettina. Sim, eu iria.

Gemia agora, apenas com este pensamento.

Durante aquele dia que passou com ela enquanto dormia, ela sonhou com Trehan. Ficou intrigada com ele, relutantemente atraída por ele. Distraidamente pensou em seus olhos, *eu vi aquela cor verde antes. Nas florestas mais densas de Abaddon.*

Se Caspion apenas não estivesse entre eles.

Trehan também tinha algumas de suas lembranças desse demônio. Caspion a salvou de uma infância solitária e sem amigos, aceitou-a como os outros em seu reino não tinham. Ele e Bettina viajaram por todo o reino mortal, explorando juntos.

O ciúme arranhou Trehan. *Devo ser o único a mostrar-lhe o mundo.*

Quando vasculhou seus sonhos, outras lembranças surgiram. Ele soube que ela residia com um guerreiro fantasma. Aquele que viu em seu banho? Uma porra que isto iria continuar!



E Trehan viu a dinâmica do seu relacionamento com os padrinhos. Ela pensou.

— Por que desabo sempre que eles me pressionam? Porque nunca me posiciono?

Até mesmo, vivenciou-a usando seu poder. Um pouco mais de um ano atrás, dois ghouls se soltaram em Rune, encurralando-a em um beco. Em vez de ficar assustada, ela amaldiçoou-os com seu poder, parando seus corações. Famintos de sangue, os órgãos pararam. As criaturas se amontoaram no chão, uivando de agonia.

A memória foi tão intensa que Trehan agora estendia os dedos, sentindo as palmas das mãos formigarem, como se ele mesmo tivesse exercido seu poder.

Aquela feitiçaria inata *era* como sua alma. Isto era tão intrínseco, que a magia emanava de seu corpo quando ela experimentava emoções fortes. Aquecidos turbilhões de luz marcaram sua felicidade, suas emoções.

Agora... nada.

Trehan tinha que trazer isto de volta para ela. *Ou*, pensou sombriamente, *ajudá-la a roubar de outro Sorceri*. O que Trehan não faria por ela?

Uma seta incandescente para o templo? Isto ainda não havia sido recuperado.

Mas ele ainda não tinha a memória de seu ataque. *Preciso ver o que aconteceu com minha Noiva*.

Para encontrar seus inimigos e fazê-los pagar...

Sentiu outra presença dentro da barraca. Seus olhos cintilando abertos, a mão disparando em sua arma, ele riscou de pé.

— Você não vai me pegar de surpresa, Viktor. Pare de tentar.

Seu primo materializou-se na frente dele.

— Está não era minha intenção. Lembre-se, não estou com pressa de matá-lo ainda.

Trehan nem sequer argumentou a impossibilidade de Viktor conseguir fazer isso.



— Nós ainda temos uma vingança de sangue entre nós. — *Uma herdada, mas era tudo a mesma coisa.*

— Essa coisa sobre vinganças. Não há literalmente nenhuma data de validade. — estalou a língua para a aparência de Trehan. — Você parece acabado, velho.

Compreensível. Ele teve pouco sono e menos sangue. Quando tentou beber uma refeição antes, cuspiu o conteúdo da taça. Temia que todo o sangue tivesse gosto ruim depois do de Bettina.

— Você está aqui por alguma razão?

— Trégua para a tarde. Estou aqui porque preciso de sua ajuda.

Trehan olhou para ele com surpresa. Viktor simplesmente não pedia ajuda. *Isso deveria ser bom.*

Outra voz masculina soou:

— *Todos nós* precisamos de sua ajuda.

— Mirceo? — Ele apareceu dentro da tenda, junto com Stelian.

Todos os primos machos da realeza em um só lugar. Pelo menos, todos os sensatos.

— Trégua? — Trehan levantou sua espada. — Tenho que acreditar que nós quatro estamos em uma tenda e todos nós vamos sair vivos? — Todos eles eram morenos e altos, cada um com o Daciano estampado sobre seus rostos. No entanto, eles não eram uma família. — Não tenho paciência nenhuma para suas brincadeiras. Puxem suas armas.

— Viktor encolheu os ombros. — Juro pelo Lore que não temos nenhuma má intenção com relação a você.

— Hoje à noite, pelo menos — Stelian acrescentou.

Um juramento pelo Lore não poderia ser quebrado.

— Não sei por que você veio, e não me importo. Tenho minhas próprias preocupações agora. A minha própria *vida*.

— Parece que sua satisfação vai bem. — disse Viktor.

— O que você sabe sobre isso? — Trehan exigiu, mas temia que ele soubesse. Os Dacianos eram observadores...

Viktor sorriu abertamente.

— Sua Noiva é linda na névoa.



— Você nos viu? — Isso não deveria surpreendê-lo, mas deuses, o enfureceu.

— Eu estava assistindo principalmente as lutas. E nós viramos a cabeça de Mirceo para longe. — Viktor disse. — Eventualmente.

Trehan não sabia quem atacar primeiro. Seus olhares estiveram sobre o corpo trêmulo de sua Noiva; eles viram sua pele beijada pela névoa de Trehan. Suas presas afiaram.

— Quanta agressividade. — Stelian disse em desaprovação. — Você está tão mau quanto Viktor normalmente é. Seu sangramento transformou você em um selvagem.

— O melhor, para arrancar sua garganta fora Stelian.

— Você atacaria quando minha espada permanece embainhada?

Malditos sejam! Nenhum tinha ameaçado.

— Olhe para essas presas, Trey! — Viktor exclamou. — Ainda sustenta que não mordeu sua Noiva?

Nunca a mordi. Mais tomou seu sangue. E vou fazer isso de novo.

Stelian falou abertamente.

— Você *pode* aprender a controlar suas presas, primo.

Posso? Trehan balançou sua cabeça dura.

— Lute comigo, ou saia! Meu tempo com você já acabou.

— Foi por causa de sua partida que abrimos um diálogo entre nós três. — Mirceo disse.

— Do que você está falando?

Embora Mirceo fosse normalmente um macho que poucos levavam a sério — um notório hedonista — seus olhos cinza estavam graves. — Percebemos que todos nós temos lutado por algo que não queremos ganhar. Você desistiu do seu direito ao trono. Mas eis a questão, tio. Nenhum de nós quer isto também.

— Não entendo.

— Vou chegar a minha imortalidade em breve, pode até nem chegar a um ano. — Mirceo estava se aproximando do momento em que iria congelar para sempre, o momento em que pararia de respirar e seu



coração deixaria de bater. Quando já não poderia ter relações sexuais.
— A última coisa que quero é estar atolado nesta disputa.

Embora Trehan tivesse vagas lembranças de relações como um agradável passatempo, a vida inteira de Mirceo girava em torno da cama — de fêmeas, machos e qualquer um que ele tivesse.

— Por que eu deveria governar outros, quando não consigo governar nem a mim mesmo?

Bom argumento.

Stelian tomou um gole de sua garrafa de sangue e hidromel.

— E eu sou o guardião...

— Uma tarefa que reduz seu consumo de bebida? — Trehan interrompeu. Considerando que foi amigo de Viktor e um amável "tio" para Mirceo, nunca tolerou muito Stelian.

Os pais de Stelian foram os mais desonestos de todos. Apenas duas décadas atrás, seu pai viúvo havia assassinado os pais de Mirceo e Kosmina, então desapareceu. Trehan o caçou e matou. *Desde este dia, todos eles devem suspeitar de mim por isso...*

Stelian fez uma careta para a declaração de Trehan, mas não negou o seu amor pela bebida.

— Nós todos sabemos que em um reino secreto, um guardião possui muito mais poder do que um rei. Posso ser um ou o outro, mas não ambos. Escolho a minha posição atual. — *Como o guardião do reino.*

Trehan mal podia acreditar no que estava ouvindo. Os dois haviam lutado quase até a morte tantas vezes quanto Trehan e Viktor tinham.

— E qual sua conclusão Viktor?

Ele deu de ombros.

— Sou o último da Casa de Guerra, e francamente, isso é tudo que quero fazer. Sou dado a entender que isto é uma peculiaridade ruim para um rei possuir.

Tinha que ser mais do que isso, mas Trehan não o forçaria por detalhes na frente dos outros.

— Então o que você três planejam?



— Nós empossamos o primo Lothaire como monarca. — Mirceo disse.
— Então a discórdia irá acabar, tal como previsto.

Na hora da morte, a mãe de Lothaire, Ivana a herdeira legítima do trono, disse ter amaldiçoado Dacia com uma incansável luta.

Até Lothaire ser feito rei.

Me pergunto se Lothaire o Inimigo do Antigo sabe exatamente o quão preciso seu arrastado nome está...

Mirceo viu lutas suficientes em sua curta vida para acreditar na maldição. Trehan, no entanto, estava vivo tempo suficiente para saber que a astuta Ivana provavelmente tinha apenas previsto mais das mesmas dissimuladas manobras já em andamento. Uma quantidade finita do poder político e territorial de Dacia garantiu uma situação repleta de conflitos.

— Quanto dano pode Lothaire fazer? — Viktor disse. — Nós não agredimos outros reinos, não temos conflitos civis — além do que nós da realza obtivemos — e estamos fodidamente escondidos! Ele irá ser uma figura decorativa. E por direito, o trono é dele.

Trehan balançou a cabeça.

— A última vez que o vi, ele estava meio fora de si, em busca de Dacia, na calada do inverno — nu. — O cabelo loiro-branco do vampiro estava saturado com sangue, sua pele pálida coberta disto, com os olhos brilhando vermelhos como brasas. — Ah, e ele também estava gritando em russo para alguém "lutar fodidamente com ele".

Assim como o resto deles, Lothaire perseguia uma vingança, e cobiçava a coroa dos Dacians a um grau sangrento. Pena que não pudesse encontrar o próprio reino.

— Ele assassina por esporte, se alimenta sem restrições, e dorme riscando de forma incontrollável. — Como sonâmbulo — simplesmente podendo despertar em um *mundo diferente*. — O Inimigo do Antigo é um louco.

Mirceo disse.

— Nós estamos de olho nele, tio. Esta ideia não é tão implausível como você pensa. Ele encontrou sua Noiva.



Isto era uma novidade.

Viktor acrescentou.

— Entendo sua hesitação, Trey. Mas o vi com a fêmea. Mesmo nas garras da sede de sangue, ele não a destruiria. E ele estava se fixando de propósito, como se fosse algum tipo de missão. O que indica pelo menos algum grau de sanidade.

Trehan estreitou o olhar.

— E você quer descobrir que missão é esta.

— Exatamente. Nós encontramos seu covil em uma cidade mortal chamada York —

— É Nova York. — disse Stelian com um rolar de olhos, como se já tivesse explicado isso antes. Então, para Trehan acrescentou. — Ele vai mais longe, para locais que não podemos prever. Não podemos seguir seus movimentos — não sem o seu cristal.

Trehan deu uma risada.

— O que *nunca* vai sair da minha vista.

— Imaginamos isto — disse Viktor. — Você tem que liderar o caminho, então!

Trehan só tinha que imaginar a cara de Lothaire, e seria levado para o Inimigo do Antigo. Então, poderia riscar seus primos para o local do vampiro.

Trehan virou-se para Stelian.

— Você está realmente de acordo com isso? — Seu primo corpulento reverenciava Dacia e odiava mudanças.

— Isto é o mais racional para explorar a possibilidade, para determinar se Lothaire está verdadeiramente melhorando. — Stelian tomou outro gole. — Nós exigimos pouco do seu tempo. Seus dias estão livres.

Não, eles realmente não estavam. Droga. *E o meu dever com Dacia ainda me chama.*

Apesar das memórias que Trehan tinha de Lothaire lhe darem algum tempo, a ideia de restaurar um rei legítimo ao trono, apelou ao seu senso



de ordem. Trehan poderia estar quebrando outras regras agora, mas as regras de sucessão à coroa de Dacian deveriam ser invioláveis.

Sim, ele estava se aquecendo com esta ideia.

Viktor disse:

— Você deve saber, no entanto, que pode haver um porém com a Noiva dele.

— Não há sempre? — Trehan disse. — Mal posso esperar para ouvir isto, mas primeiro, tenho um porém com a minha própria...

Capítulo 25

Nos últimos dias Bettina esteve particularmente *desmotivada* com o trabalho.

Nas primeiras duas noites depois de seu encontro com Daciano na arquibancada, ela vagou em seus aposentos após as batalhas da noite, andando sem rumo, e seu apetite desapareceu. Por horas sem fim, ela se afligia com Cas no anel e relembrava seus três interlúdios com Daciano.

Mas então, temendo desagradar a sua patrocinadora, o prazo de entrega se aproximando, ela se superou e agora tinha muito a mostrar pelos seus esforços.

Esboçou diagramas de cada parte móvel e cortou cada molde individualmente, ficando mais perto da etapa de fabricação. *Então, quais materiais usar?*

Pensou em sua grande e poderosa patrocinadora, com todo o seu cabelo vermelho como fogo. Rosa dourado. Claro.

Pegando um lima de diamante, começou a alisar as bordas do molde final. Com um desses projetos intrincados e complexos, as peças teriam que ser exatas, com precisão industrial.



Ela poderia ter solicitado prorrogação do prazo, mas ajudava a manter sua mente ocupada enquanto o torneio se arrastava.

Noite após noite se encolhia a cada golpe que Cas tomava e afundava a cada luta que ele ganhava, ela se afligia quando Goürlav convenientemente avançava, sem nem mesmo uma única lesão.

Noite após noite se perguntava por que o vampiro não fez nenhum movimento para falar com ela desde que lhe deu prazer na névoa.

Ele aparecia, matava silenciosa e eficientemente, em seguida desaparecia.

Em sua luta contra o Ajatar³ restante ele caminhou através das chamas, seu contorno iluminado — sem pânico, somente com a pura vontade que o fazia matar, coletando uma cabeça, depois outra.

Contra o demônio Volar ele demonstrou muito pouca emoção. Com o rosto inexpressivo e seus olhos verdes impassíveis, o Daciano pegou as asas da criatura, em seguida tomou sua cabeça sem esforço.

Muitos dos Abaddons estavam especulando se ele era um humano transformado, um Forbearer. Alguns deles acreditavam que devia ser o mais antigo Forbearer já transformado, considerando sua força e seu controle com o riscar.

A maioria o considerava assustadoramente frio.

Se ela fizesse uma peça de ouro por cada vez que Cas murmurou "O bastardo tem gelo em suas veias"...

Mas Bettina se emocionava em observá-lo lutar. Como alguém interessado em mecânica de precisão, ela apreciava seu estilo ousado, mas metódico.

Uma máquina de matar.

Ainda assim ela o viu como ninguém mais tinha — seu rosto sombrio aceso com orgulho, seus olhos dançando...

Mesmo se pudesse negar que o perdeu, não podia negar que seu corpo ansiava por mais daquilo que ele dera a ela.

³ Ajatar no folclore finlandês é um espírito conhecido como Diabo da Madeira. Toma a forma de uma serpente ou dragão e dizem que o Ajatar é a Mãe do Diabo.



Suas únicas trocas com ele? Depois de cada um de seus jogos, ele arqueava uma sobrancelha em reconhecimento, então nivelava aquele olhar penetrante nela.

Recordando como suas íris mudavam quando ele a contemplava — o verde floresta inundava o preto — fazendo-a estremecer como agora.

Podia imaginar seu olhar dizendo: *Estou lutando por você. Logo será minha.*

Isso a fazia se sentir como a mulher mais desejável do mundo.

Os outros começaram a comentar sobre a maneira como olhava para ela, apelidando-o de Príncipe das Obsessões. Bettina Abaddon — um objeto de obsessão?

Ela não podia engolir aquilo também.

Além disso, se estava tão obcecado, então por que não fazia nenhum movimento para entrar em contato com ela? Salem mencionara que ele nunca estava em sua tenda durante o dia. Onde é que o vampiro ia se estava barrado de Dacia?

Ela notou que sua roupa estava muitas vezes em desordem, como se tivesse riscado diretamente do anel para outra luta. Ele tinha lama salpicada em suas calças ou a barra da camisa rasgada. Uma vez tinha neve em suas botas e um respingo vermelho em sua manga.

O quê? Será que ele tinha um emprego em tempo parcial ou algo assim?

Talvez simplesmente estivesse cansado da perseguição. Ela repetia suas palavras de despedida continuamente. *Para não perder um macho que deseje apenas você...*

A ideia de perdê-lo trouxe uma onda de tristeza. O que não fazia sentido, se ela amava um homem, como podia sentir estas coisas por outro?

Reconhecidamente, as coisas estavam tensas entre ela e Cas. Quanto mais ele tentava estar em seu melhor comportamento de amigo, maior a distância parecia escancarar entre eles.

Sempre que ele permanecia em um interminável banquete com ela — em vez de fugir com seus amigos arruaceiros — ele parecia a imagem da



atenção. Até que inevitavelmente deslizava um olhar comprido para a saída ou uma serve de seios fartos distraía sua atenção.

Então parecia culpado, como se estivesse repreendendo a si mesmo por dentro. O que *a* fazia se sentir culpada por arrastá-lo para isso. Será que ele sempre olharia para outras mulheres, perguntando se *aquela* poderia ser *a* escolhida? Será que sempre pensaria em outras demoness tentando encontrar sua companheira predestinada?

Ela não se sentia comida viva com ciúme como antes — não depois de todas as coisas que fizera com o Daciano. Não, estava mais contemplativa sobre a insistência de Cas de que outra fêmea seria a dele. E se ele estivesse certo?

E se eu estiver... errada? Talvez não fosse uma questão de suas classes diferentes ou sua insegurança acerca do seu nascimento. Talvez não fosse uma questão de sair se deitando por aí.

Ela e Cas nunca estiveram muito à vontade um com o outro antes. Às vezes temia que estivessem tentando enfiar seu relacionamento em um molde que nunca caberia.

Falando nisso... Ela olhou para o molde que estava limando, olhando estupidamente para a pilha de aparas. *Arruinado.* Jogou-a no lixo, então apertou a testa com frustração.

Tudo estava mudando, sua vida alterada por este torneio de maneiras imprevisíveis. E possivelmente por nada.

Raum a visitara hoje com algumas notícias surpreendentes...

— Querida, cheguei! — Salem chamou, retornando de seus deveres diários: espionagem. Entrando na sala de trabalho, ele se ocupou de um pedaço de corrente na bancada. — Droga, fedelha, talvez queira raspar as aparas também?

Ela o encarou-o.

— Estou preocupada, *ok?*

— E eu estou mantendo minhas palmas para cima em sinal de rendição, mas isso é falso. Porque nunca me renderei. Então, quanto tempo mais até que acabe?



—Vou terminar a fabricação antes do round desta noite, fixando a palma bem firme nos quatro anéis superiores. Basicamente tudo, menos o mecanismo da mola e a lâmina escondida. Quando voltar vou fazer isso e depois gravar os anéis. Você pode enviar minha palavra que ela vai receber amanhã.

O que era um passo importante. Bettina endireitou os braços segurando a borda da bancada. *Porque se Goürlav ganhar estarei pedindo asilo no reino da Patrocinadora.*

Claro, sem seu medalhão Bettina não poderia exatamente escapar das garras de seu novo marido.

Eles ainda não tinham ideia de como derrotar o primordial e faltavam apenas três rodadas — incluindo a rodada da escolha da dama de hoje à noite. Ela esperava secretamente que esta rodada lhe desse a oportunidade de tirar o primordial dela.

— O que está acontecendo em Runa? — perguntou a Salem.

— Comércio. — Salem disse em um tom impressionado. — Montes e montes de comércio. O seu estagnado reino é agora um destino de interesse turístico.

Com as batalhas finais se aproximando, fãs de todos os tipos — algumas vezes literalmente — chegavam ao plano, enchendo pousadas e restaurantes. Jovens Loreans estavam acampados em torno do Anel de Ferro, tocando músicas e armando fogueiras.

— E seja o que for que Morgana esteja fazendo acontecer no anel, estava atraindo pessoas em massa.

A feiticeira comandava a arena o dia inteiro e à noite, hospedando atos de abertura antes da rodada noturna.

— Alguma novidade sobre os competidores? — O número foi reduzido para apenas seis. A maioria possuía a capacidade de riscar. Quatro deles eram demônios —incluindo o primordial. —Tem notícias sobre Goürlav? — Acrescentou esperançosa.

— Ele vem ficando aqui cada vez menos durante o dia. — respondeu Salem. — Não consegui nada. Até mesmo o espião que estou espionando, que estão espionando outros espiões, não tem nada.



Salem informara que intrigas, subterfúgios e trapagens eram galopantes.

— Você tem alguma ideia do que a rodada de hoje à noite vai implicar? — Tudo que Bettina sabia era que os seis restantes seriam reduzidos a três.

— Num faço ideia. De Morgana se espera o inesperado, não é?

— Talvez eu deva decidir que os concorrentes lutem entre si.

— Ou talvez só estale os dedos e tire três. — Salem fez um estalo.

— Incluindo Goürlav.

— Eu estava esperando o mesmo. E o resto dos concorrentes?

— Passei a manhã como teto na tenda dos bruxos. Descobri que os passatempos Daqueles Melhores Esquecidos incluem longas caminhadas na praia e ninfas sacrificadas em altares. Quero dizer, quem ia querer machucar uma ninfa? É como chutar um arco-íris nas bolas. E eles estão fazendo coisas para aquele lobo... bem, digamos apenas que são desconfiados com humanos.

Salem já lhe dissera como aqueles *manipuladores* enganaram a pobre criatura antes de seus rounds, trazendo sua ferocidade à tona.

— Por que ele não pode controlar sua besta? — Ela sabia que sua espécie passou anos aprendendo a controlar o lobo interno, sempre temendo que ele assumisse.

— Não é um bom momento para uma divertida história. — Quando ela acenou para ele continuar, Salem disse: — O macho era... humano. Os bruxos o transformaram para servi-los. Aparentemente eles fazem muito esse tipo de coisa.

Um Lykae transformado *não* teria chance de dominar a nova besta dentro dele, não por anos — talvez jamais. Até então você teria um assassino brutal em suas mãos, sendo este o motivo pelo qual tão poucos foram transformados.

— Então os bruxos apenas o envolveram e o deixaram ir?

Ela podia imaginar Salem assentindo.

Um bônus? Além de serem as espécies mais fortes do Lore, os Lykae também passaram a ter instintos de combate infalíveis.



- Será que o lobo tinha ideia do que aconteceu com ele?
- Não sei. Depende há quanto tempo foi transformado. Pode ter flashes de lucidez. É melhor torcer por um desses flashes se ele vai lutar contra Goürlav. Aquelas garras Lykae espalhariam com vontade algumas Crianças Terrors. Você pode imaginar...
- Nem *quero* imaginar! Isso está acontecendo embaixo das minhas vistas. A maioria das pessoas de fora acredita que *eu* governo. Mas nunca toleraria a escravidão daquele lobo. Nunca toleraria qualquer coisa que possa trazer Crianças Terrors para Runa! — Com movimentos irritados, ela começou a limpar as lascas.
- Sem argumento. — Salem disse num tom consolador. — Aliás, aconteceu de eu dar de cara com o sanguessuga novamente. Na verdade o encontrei lá dentro.
- Ela rapidamente se acalmou.
- E? — perguntou como se pouco se importasse.
- Você não parece interessada. Não é nada. Não deveria tê-la incomodado com...
- Tudo bem! Só me fale sobre ele.
- Encontrei-o sentado na sua tenda escura, desatento, afiando a espada enquanto olhava para um cristal em sua mesa. Suas presas estavam afiadas, os olhos negros como breu. As peles em seu leito estavam reviradas. Não exatamente o comportamento de um tipo frio e racional. Parecia que estava prestes a... ah, como faço para colocar isso, sair e *foder com tudo*. Escolhendo uma palavra para isto, aquele lá tem correntezas profundezas. E quando o vampiro avançar será grande.
- O Daciano chegou quase aos limites do seu controle com ela, mas sempre se afastou. Então, o que o afetara tanto?
- Salem disse:
- Você sabia que existem Abaddons que começaram a apoiar aquele sanguessuga?
- Mais de um? Ou outra raça de demônio?
- Inferno, quase posso ver a mim mesmo o apoiando. Quase. Ele se manteve em suas calças, desse modo manteve você a salvo de um



apedrejamento. Tiro o chapéu para o vampiro por isso — porque com toda certeza você não esteve barrando os portões para os seus jardins de senhora. — Acima dos sons indignados dela, ele continuou. — Ele luta como nenhum outro e você gosta dele.

— Não gosto!

— Cabelos embaraçados por fodas não mentem, fedelha.

— Mas eu amo Cas.

— Saiba que estou revirando meus olhos agora. — Diante de seu olhar furioso, ele disse: — *É claro que você o ama!* De certa maneira. Vocês eram dois órfãos que se deram bem e se conectaram. Ele foi seu único amigo neste reino inteiro. Um par com este vínculo incomum, com sua incomum boa aparência e o julgamento de *qualquer* fêmea ficaria nublado. Confie em mim, eu costumava deixar fedelhas desorientadas sempre que passava.

— Você era extraordinariamente bonito?

— Um quentíssimo Beckham com um corpo melhor.

Isso a fez levantar uma sobrancelha.

— De qualquer maneira, você é jovem, jovem *demais* para saber o que é o amor.

Exatamente o que Daciano dissera.

— Quantos anos você tem, então?

Ele deu um suspiro dramático.

— Velho como o ar. E provavelmente, ainda muito jovem para saber o que é o amor. Embora houvesse aquela. Quase pensei que ela fosse minha parenta.

Uma companheira fantasma.

— Embora isso tenha acabado mal...

A saída exterior de sua torre fez um som se abrindo. Bettina franziu a testa em direção a Salem, imaginando-os partilhando um olhar interrogativo.

Morgana chamou.

— Monstrenga!

Bettina e Salem correram para a sala de estar.



— O que é isso?

— Precisamos falar sobre Raum imediatamente.

Isso era estranho. Raum a visitou mais cedo — para falar sobre Morgana.

— Olá, quente-e-incomodada. — disse Salem para Morgana. *Baixa-quente-emputecida.*

O olhar da feiticeira constatou as proximidades de Salem.

— Fantasma, é você? — Sua postura arrogante suavizou enquanto ela *afofava seu cabelo*. Bettina nunca viu sua madrinha assim.

— Aqui em carne. Por assim dizer. — acrescentou. — O que está acontecendo, provocadora?

— Ah, *comigo?* — Ela examinou suas garras. — Só estava supervisionando o Morganapalooza de hoje. Montei uns shows de abertura no anel. Eles são bastante populares. — Seu comportamento era prepotente, suas palavras atadas com um tom de eu-sou-tipo-uma-grande-coisa.

— Shows de abertura? Tipo o quê?

— Arremesso de Kobold, lutas na jaula de ghoul. E o Morganza de todos eles: Um show de solo de ninfas.

O que é um show de solo?

Salem parecia saber — o ar turvou em torno dele, sinalizando sua ânsia. Ele disse rapidamente.

— Devo patrulhar, você sabe, em toda a área do anel. Por motivos de segurança. Para o bem do reino. Vou deixar vocês duas conversarem. — E então se foi.

Morgana olhou atrás dele e suspirou. Em seguida se virou para Bettina com um olhar duro.

— Despeje o vinho.

Elas levaram as taças para a varanda. Sentindo-se à salvo com a feiticeira, Bettina apenas olhou para cima uma vez.

— Ok, conte-me. O que é um show de solo?

— Você nunca viu um *Rocky Horror Picture Show*?



Ao olhar inexpressivo de Bettina, os lábios de Morgana se separaram.

— *R.H.P.S.*? Tenho sido negligente com você. Posso ver isso agora. — Levantando os olhos para o céu, ela murmurou. — Eleara, perdoe-me. — Para Bettina ela disse. — Show de solo. Substantivo, show de boate que inclui canto e dança. Para meus propósitos, são atos sensuais. Ou atos sexuais. Não me lembro qual o pacote que pedi.

— Entendo. — Não admira que Salem ardia.

— Agora tenho que partir em breve para mudar para os meus deveres de árbitro, mas isso não podia esperar. Não quero medir as palavras — como se ela alguma vez tivesse feito — mas não acredito que seu padrinho tenha localizado os demônios que atacaram você. Com o fim do torneio quase em cima de nós, não acho que ele possa manter sua parte do acordo.

— O que a faz dizer isso?

— Esses Vrekeners estão provavelmente profundamente dentro dos territórios do ar. Exatamente como demônios da morte vão riscar para um local como Skye Hall? Eles se *movem*. E podem apenas se teletransportar para lugares que já tenham ido. Dizem que realmente ensacaram um Vrekener e o forçaram como refém para levá-los ao alto para Hall... Abaddon quer travar a guerra? Porque é isso que Raum corteja.

Bettina apertou sua taça, surpresa ao descobrir que vergou com seu aperto.

— Eles declararam guerra contra nós quando quase me assassinaram, a futura rainha deste reino! E o que dizer de Eleara? Eles *conseguiram* com ela. O que os impedirá de limpar os Sorceri completamente? — *De me apagar?* — Por que não podemos fazer nada?

— Embora seja difícil para nossa espécie travar uma guerra — quando não podemos *encontrar* nossos inimigos e sua fortaleza é *impermeável* à feitiçaria — não estamos sem vitórias. Porque apenas seiscentos anos atrás Sabine decapitou o líder Vrekener, enquanto sua irmã Melanthe mutilou seu filho! Tudo em uma noite! Ela disse que o



filho não pôde voar sem sofrimento desde esse dia. Um Vrekener que tem aversão a voar? Isso deve contar para alguma coisa.

Sabine e Melanthe eram ambas lendárias por seus atos. Como a Rainha das Ilusões, Sabine podia fazer suas vítimas ver seus piores pesadelos. Ela usou esse poder para confiscar a própria foice mística do seu líder e decapitá-lo com ela.

— De qualquer forma, você não acha que já tenho preocupações substanciais com os Vrekeners em meu próprio reino? — Morgana continuou. — Presságios de mau agouro, um inimigo se levanta.

— A Dourada. — Quando Morgana não negou, Bettina disse: — Ela está viva? — A Dourada era a Rainha do Mal, o que significava que podia controlar seres malignos. Incluindo Morgana.

Uma feiticeira que poderia dominar Morgana — tão facilmente quanto Morgana podia dominá-la. Qual chegaria à outra primeiro?

— Eu ainda não sei se ela vive. — disse Morgana. — Considerando que sua chegada pode remeter ao apocalipse, fiz disso uma *pequena* prioridade. Além disso, *Raum* foi encarregado da eliminação dos Vrekeners. No entanto, sempre que pergunto a ele sobre seu progresso, ele é muito evasivo.

— Ele disse a mesma coisa sobre você a respeito do meu poder.

— *O que?* — E lá se foi as tranças de Morgana. — Como ele se atreve a me difamar!

— Você tem a minha habilidade ou não?

— E agora você duvida de mim. Estou magoada. Terrivelmente. Se não estivesse usando um rosto glamoroso de indiferença, você veria meus olhos brilhando primorosamente.

— Apenas me responda.

— Eu tenho? Não tenho? Você vai ter que esperar e ver se sua madrinha manteve sua palavra para sua afilhada mais amada.

Bettina não sabia o que pensar. Frustração brotou dentro dela.

— Estou defendendo *meu* fim do acordo, e se vocês dois não...

Morgana mergulhou a garra em seu vinho, em seguida o jogou em Bettina.



Ela a encarou, limpando o vinho de seu rosto com um golpe do seu ombro. Quando Bettina jogou o vinho de volta, Morgana retaliou com um gesto de sua mão, e de repente um monte de neve caiu sobre Bettina.

Bettina cerrou os dentes, escovando seus ombros.

— É assim que se diz "O assunto está encerrado" em Yeti. — Com a expressão ficando sombria, Morgana acrescentou. — Será que Abaddon terá sua primeira nevasca?

E assim o assunto foi encerrado. *Odeio quando ela faz isso.*

O ressentimento de Morgana desapareceu tão rapidamente quanto havia chegado.

— Olhe para a multidão. Posso *ouvir* seus cofres fiscais engordarem a cada segundo. Raum é astuto nisso, pelo menos.

— Por que você o desaprova tanto?

— Eu não o desaprovo. Eu o *odeio*. Ele é demoníaco e grosseiro. Ele lutou comigo com presas e garras pela escolha da dama da rodada. Hoje à noite ele vai ver como eu tinha razão por incluí-la.

— Ainda não se incomodam em me contar nada sobre isso? Como terei uma chance de me livrar do Goürlav?

— Uma chance? Humm. Há uma chance. E isso é tudo que vou...

— Dizer sobre o assunto. — Bettina terminou por ela. Colocando o copo amassado de lado, descansou os cotovelos no parapeito olhando para baixo. Algo chamou a atenção de Bettina. Uma fêmea de cabelos negros estava passeando pela multidão — embora outros ficassem fora do caminho dela.

Tinha que ser a espectadora estranha que estava se exibindo a cada noite. Ela tinha orelhas pontudas e vestia uma camiseta estampada com PRÍNCIPE DA SOMBRA # 1! A estranha criatura fey trazia baldes de pipoca de cinema que nunca comia. Ela tentou iniciar ondas e cantos, torcendo pelo Daciano.

— Morgana, você sabe alguma coisa sobre essa fêmea estranha que aparece todas as noites nas lutas, aquela que usa camisetas desprezíveis? Ela foi uma ex-amante dele?

Bettina cheirou a si mesma. *Se for assim, que vadia veeeeelha.*



— Humm? Não se preocupe com ela.

— Você não respondeu à minha pergunta. Como ela está ligada ao Príncipe das Sombras? Diga-me. — A fêmea parecia uma Valquíria. Consideradas "os mocinhos" do Lore, as Valquírias eram grandes jogadoras Vertas.

Nós não temos muitos de sua laia aqui. Em tempos passados, os Seres Mortais se aliaram com as facções mais perigosas do Lore. Para esta Ascensão Raum já fizera gestos para se aliar com a Horda e outras demonarquias aliadas com os Pravus.

— S eus olhos estão brilhando, monstrenga. Está com ciúmes da fêmea? Afinal, *você é noiva do Príncipe das Sombras.*

— É claro que não estou com ciúmes. — *Eu poderia estar com ciúmes.*

— Ele olha pra você como se fosse uma veia virgem. Há muito a ser dito sobre a fome obsessiva. — Morgana lhe afagou a mão intencionalmente. — Sólidas parcerias foram construídas com muito menos. Mencionei que falei com ele na outra noite, enquanto ele aguardava sua luta?

— Você fez o que? — Perguntas sobre a espectadora de cabelos negros desapareceram.

— Eu disse a ele: "Você deve ser um Forbearer." Ele disse simplesmente: "Eu devo?" então se foi. Isso gotejava desdém... tão sexy!

Morgana não tinha ideia do quanto aquele vampiro era sexy. *Eu tenho. Porque ele foi meu por três breves encontros.*

— Decidi que queria sua língua em mim, não consegui decidir se queria que ainda estivesse ligada à sua boca ou não. Então me segurei. Agora estou feliz que tenha conseguido, já que é tão possessiva com ele.

— Eu *não* sou possessiva. — Morgana junto com o Daciano? A ideia a fez querer guinchar.

— E lá se vão seus olhos mais uma vez. Raum mostrou favoritismo em cada turno, mirando em um rei demônio. Serviria de lição se você se casasse com um vampiro. — Com uma risada, ela se virou para ir embora.

Mas da porta, ela olhou para trás com um olhar pensativo em seu rosto, oferecendo a Bettina uma sabedoria enigmática:



— Lembre-se, monstrenga, a melhor coisa sobre ter o poder é a mera *posse do poder*. Use este último bem e nunca terá que usar o primeiro.

Capítulo 26

Poucas horas atrás, Trehan estava em sua tenda, afiando a sua espada reluzente, lidando com uma fúria tão forte que o queimava por dentro.

Agora estava sentado em sua mesa, limpando à sua muito ensanguentada espada, o rosto sujo de sangue e ainda estava lutando para conter sua fúria avassaladora.

Estou retrocedendo.

Mas não era o período de retrocesso que indicava que tinha chegado a esse nível de fúria antes? Ele nunca conheceu isto como neste dia.

Depois de vasculhar as memórias de Bettina, finalmente viu coisas que não podia ignorar. *Fiz coisas que nunca poderei desfazer.*

Ele olhou para o saco de juta a seus pés e a coisa preta lisa ao lado. *Pense em outra coisa*, disse a si mesmo. O torneio começou há minutos. *Mude a direção de seus pensamentos.*

O que mais havia para pensar além de Bettina? O que mais... ?

Ah, Dacia. *Minha antiga casa.*

Será que o Reino de Sangue e Névoa em breve teria um novo rei?

Após dias monitorando Lothaire pelo mundo todo e espionando a cobertura luxuosa do vampiro em *York*, os primos aprenderam muito sobre seu governante em potencial — e sua Noiva.



Na verdade, havia um problema. A fêmea de Lothaire era Elizabeth Peirce, uma humana "garota da montanha" camponesa. Ela era bonita para uma mortal, com longos cabelos escuros e um olhar inteligente.

Mas os seres humanos pereciam muito facilmente.

Infelizmente, transformá-la em um vampiro seria quase impossível. As fêmeas raramente sobreviviam à transição, e nunca com o sangue da Horda, poluído e escuro como era.

Lothaire estava de fato em algum tipo de missão; Trehan apostaria sua alma que o Inimigo do Antigo procurava alguma forma de transformar sua noiva em imortal.

A missão de Lothaire — combinada com sua loucura — resultaram em alguns episódios precários. Para garantir sua segurança e de Elizabeth, os primos foram forçados a interceder secretamente — até o momento em que o sigilo não foi mais possível.

O Inimigo do Antigo agora sabia que eles estavam rastreando-o...

Mas a cada dia, o vampiro estava se curando sob a influência de sua fêmea. Às vezes, ele tinha se provado tão calculista quanto qualquer Dacian.

Prós: Lothaire estava mais poderoso do que qualquer outro vampiro e se tornaria um regente poderoso. Contrás: Ele permanecia sanguinário — em todos os sentidos do termo.

Ainda assim, Mirceo já tinha votado para empossar Lothaire.

— Um rei de olhos vermelhos que morde os outros com impunidade? Meu voto registra-se: sim — Mirceo disse com uma piscadela, chocando os três primos mais velhos.

Trehan franziu o cenho.

— Morder não está... Dacianos simplesmente não mordem os outros. — ele disse, soando pudico e velho, até para si mesmo. — Manter nosso sangue imaculado é o que nos separa da Horda.

— Realmente, tio? Você sabe que Dacianos acasalados tem que provar o sangue um do outro. Mesmo que ninguém fale disso. Talvez com um rei bebedor de sangue como Lothaire, não existirá mais tabu.



— A troca de sangue pode acontecer acidentalmente. — Stelian disse — Mas uma mordida é feita conscientemente. Estamos acima dessas necessidades.

Aparentemente, eu não . Será que tinha sangue da Horda em sua ancestralidade...?

Viktor estava em cima do muro sobre a posse de Lothaire, dizendo

— Ele é muito pior do que eu pensava. A única maneira de concordar, seria se ele descobrisse como se relacionar com sua fêmea e fazê-la imortal. Ah, e se nós retermos o máximo de informações pertinentes a ele o quanto antes possível. — Por quê? — Para que ele tenha um motivo para nos manter vivos.

Stelian tinha se revelado totalmente contra Lothaire.

E Trehan? *Estou... pronto.* Novo governante ou não, o reino não era mais dono de Trehan. Agora estava livre para servir a outro completamente. A uma fada de olhos grandes, que mataria para possuir.

Para proteger. Zeii mea, eu quero protegê-la para sempre.

Hoje finalmente, ele havia começado.

— Bem-vindos todos, ao show de Morgana! — sua madrinha anunciou para a multidão.

Bettina suspirou. *Esta vai ser uma longa noite.* Ela olhou ao redor da arquibancada, observando todas as mudanças que os asseclas de Morgana haviam feito durante o dia.

Banners vermelho e roxo dos Sorceris agora envolviam a área, como barras de tinta em uma tela cinza de Abaddon. Cúpulas de cristais levitavam acima das grandes tochas, o vidro lançando prismas brilhantes sobre tudo.

Era apenas ela, ou a mesa de banquete Sorceri tinha alongado — enquanto a mesa dos demônios diminuiu? E nenhuma carne agraciava o



banquete dos demônios, o que Bettina acreditava ser desnecessariamente cruel.

Raum sentava-se ao lado de Bettina no estrado com a taça, mas todo seu rosto imóvel. Estava no modo despreocupado em direção ao machado de batalha, moldando Morgana com um olhar escuro.

Tinha que haver uma história entre os dois, algo mais do que Bettina sabia.

Morgana estava em excepcional forma está noite, vestida em suas peças mais impressionantes. Seu bustiê de ouro estava incrustado com diamantes — ela chamava a peça de sua Valkyrie matadora — e a saia longa era *de paetês* com mais diamantes. Centenas deles.

Em seu rosto, tinha safiras fixadas na forma de uma máscara. Seus olhos brilhavam com diversão, iluminando as gemas. Mas seu manto era a visão mais incrível de se ver, um leque de ouro, cravejado de jóias incomparáveis — sortimento da herança de todos os Loreans que ela matou em sua longa vida.

Bettina não podia levantar a peça sozinha. Três Inferi o colocaram sobre os ombros de Morgana. No entanto, a feiticeira carregava isto com aprumo.

Agora Morgana segurava a mão à orelha.

— Eu disse, "*Bem-vindos ao show de Morgana!*"

Os Sorceris aplaudiram freneticamente, como se suas vidas dependessem disso. *Sábios*.

Aparentemente insatisfeita com o nível de aplausos, ela anunciou:

— Eu sou a única que patrocinou os últimos espetáculos, incluindo o show de solo...

A multidão irrompeu em aplausos e bateu o pé.

Acho que meus súditos são fãs de shows de solo. Bom saber.

— Silêncio! — Morgana ordenou. Imediatamente, todo mundo ficou em silêncio. — A rodada de hoje à noite é a escolha da senhorita. Isto vai ter muito, muito mais tensão e comoção emocional do que as outras rodadas mundanas. — Um olhar malicioso em Raum. — Este é um concurso de inteligência — o único músculo utilizado será *o cérebro*.



Por fim Bettina iria descobrir o que era tudo isso.

Morgana acenou para os guardas no portão do santuário.

— Tragam os concorrentes. — Os seis machos restantes ficaram em uma linha abaixo da arquibancada — Goürlav, o Lykae, o remanescente demônio de fogo, o último demônio da pedra, Caspion, e o Daciano.

Apenas olhar para o vampiro trouxe uma pontada de sentimento. O que significava...

Eu tenho mais do que apenas Cas para me preocupar esta noite.

Desta vez, Daciano não estava olhando para ela, mas olhando para a noite nublada, claramente preocupado. O que aconteceu com ele hoje? A perturbação que Salem testemunhou?

— Seis de vocês iram entrar. Três vão morrer. — disse Morgana. — Agora, as regras desta rodada são simples. Vocês têm dez minutos para voltar aqui com uma oferta para a princesa Bettina. Ela vai avaliá-los a partir do menos favorito. O trio cujo presente for menos classificado, vai perder a cabeça.

A mandíbula de Bettina afrouxou. Uma coisa era ver os machos combatendo até a morte — ter que decidir exatamente quem pereceria era outra coisa completamente diferente. Ela rugiu para Raum

— Você sabia disso?

Ele acariciou-lhe a mão, olhando para qualquer lugar, menos em seu rosto.

— Acabará antes que você perceba, minha garota.

Hoje à noite Morgana foi juiz e júri. Para *três* seres, Bettina iria praticamente executá-los sozinha.

Conforme Bettina eriçava-se ao lado de Raum, Morgana continuava.

— Quem ganhar esta noite, irá diretamente para a fase final, esperando o vencedor da partida da semifinal de amanhã à noite.

Cas chamou a atenção de Bettina, sinalizando. *Já disputando à final.* É claro que estava alegre, ele sabia que estava seguro. Ele poderia trazer-lhe esterco, e ela adoraria isso.

— O vice-campeão, — disse Morgana — irá ganhar um tour por Rune esta noite, guiado pela própria Princesa Bettina.



Tour? Tour!

— Vocês irão levar suas oferendas para o santuário, e depois voltar aqui. — disse Morgana.

O rosto do Daciano estava tão impassível como sempre, mas seus olhos estavam negros. Bettina sentiu que este desafio o pegou desprevenido.

— *Comecem, agora.* — O grande chifre pontuou as palavras de Morgana.

Uma vez que os competidores haviam se apressado, riscado ou foram discutindo para longe, Morgana voltou-se para Bettina.

— Vamos ver o quanto seus "pretendentes" conhecem você. É preciso tão pouco para fazer uma feiticeira feliz. Tudo o que precisamos é de ouro, vinho, ouro, cores ousadas, diversão, ouro, poder...

— Vou escolher Goürlav por último— informou Bettina a sua madrinha — e acabar com ele.

— Ai de mim, você deve responder honestamente. — Morgana tomou um gole de sua taça. — Assim como os termos do contrato vai obrigar os participantes a voltar — apesar de seus pretendentes — você será obrigada a dizer a verdade.

Seus pretendentes? Eles estavam voltando por cinquenta por cento de chance de morte. O pavor impregnou nela.

Apesar de Cas estar completamente seguro, e se o Daciano oferecesse algo que ela detestasse?

— E além disso — Morgana disse — você não estará a par de qual presente oferecerá cada competidor.

— *O quê?*

Capítulo 27

As opções de Trehan eram poucas.



Ele já conseguiu o –“presente” para Bettina, mas era do tipo que deve ser dado com explicação e tato. Caso contrário, ela pode reagir mal a ele...

Gritos, desmaios, náuseas — tudo era possível...

Ele sabia que sua Noiva podia ser... arisca, às vezes. No entanto, sua oferta era algo com o que ela sonhou, e seus guardiões ficariam satisfeitos.

Todos os seres no Lore estariam avisados.

Se Trehan queria sinalizar para Raum e Morgana que ele era o macho que deveria possuir sua guarda, esta era o movimento correto.

Mas só de pensar em seus medos o fez ter dúvidas. O sempre frio e lógico Trehan era incapaz de tomar uma decisão.

Este é um jogo racional?

Ou simplesmente quero demonstrar o que só eu posso dar para ela?
Demonstrar para o reino inteiro?

Era ego ou ousadia?

Faltavam dois minutos. Ele poderia ter a oportunidade de prepará-la, de ter uma chance.

Suspirando riscou de volta ao santuário, o saco de estopa a tiracolo. Incapaz de espiar quais eram os presentes dos outros, entregou relutantemente sua bolsa para os atendentes, depois voltou para o ringue.

Cada competidor parecia contente com seu presente, exceto pelo lixo Lykae; ele parecia irracional e meio drogado.

Morgana levantou as mãos sobre os seis, ordenando:

— Ajoelhem-se.

Nenhum deles o fez. Trehan inclusive trocou um olhar com Goürlav: Que porra é essa? Trehan Daciano não ajoelha diante de ninguém.

De repente uma pressão inimaginável o atingiu, como se golpes de bigorna tivessem aterrissado em cima de seus ombros. Os joelhos bateram contra o chão, suas pernas quase se dobrando devido à força. Todos os concorrentes foram empurrados para baixo, o demônio do fogo



teve um ombro deslocado. O chão tremeu quando Goürlav foi colocado de joelhos.

O ouro que decorava o corpo de Morgana vibrava. O ar aquecido difundindo ao seu redor. Trehan percebeu seu poder em torno deles. Rápido, feroz... sombrio.

— Talvez da próxima vez vocês obedeçam prontamente quando uma rainha lhes der ordens. Obediência-não-é-opcional.

Cada um dos competidores tiveram os braços empurrados para trás das costas e os pulsos restringidos por sua feitiçaria. Como um raio, seis espadas apareceram, flutuando no ar para se posicionarem diante dos seis machos.

Uma espada diretamente contra a garganta de cada competidor.

Se Trehan sequer engolissem, cortaria a si mesmo. Com o canto do olho, viu um grupo de guerreiros que estavam prontos para lutar contra qualquer um e derramar sangue Goürlav.

Tudo se tornou claro.

Imediatamente após a decisão de Bettina, três cabeças cairiam.

Até o momento seis retornaram, Bettina esteve perto de hiperventilar. Não ajudou que Daciano parecesse perturbado sobre esta rodada, as sobancelhas arqueadas.

Antes ele esteve tão confiante. Agora parecia estar tentando falar algo para ela.

Goürlav estava furioso. Seus olhos eram fendas amarelas, baba pingando de um dente podre caía até sua barba fossilizada. Caspion parecia convencido. O pobre Lykae se contorcia contra a restrição de Morgana, desorientado com a confusão.

Tinha seus magos manipuladores muito bem escolhidos, ou o antigo humano morreria por erro deles?

Os demônios do fogo e pedra pareciam estóicos, mas seus chifres estavam torcidos com o pânico.

Toda essa situação a estava matando. Seis espadas nas seis gargantas? Sem confusão, sem barulho, sem disputa pelo veredito.



Isso seria o fim antes que ela percebesse.

Cas casualmente deu uma piscadela para ela. Tudo o que deu a ela provavelmente seria reconhecido como sua oferta.

Graças aos deuses por isso.

Mas e se Daciano tivesse tropeçado em sua escolha? E se a escolha dela fizesse essa espada fatiar seu pescoço — o pescoço que ela lambeu e aninhou o rosto enquanto ele dava prazer a ela?

Nunca mais veria seus olhos diabólicos ficando negros com emoção... ?

Seus próprios olhos começaram a se encher de lágrimas por trás da máscara. Por que esta decisão caiu para ela?

Morgana chamou.

— E agora, os presentes!

Mais guardas carregaram a procissão de homenagens em direção à arquibancada. Um segurava um único envelope, outro levava um porta-joias de veludo, e outro conduzia dois garanhões de uma rara cor prateada, um perfeito par. Em seguida veio um vagão abarrotado de ouro. Tanto que até mesmo ela levantou suas sobancelhas. Atrás estava uma Phoenix rara, suas penas tão brilhantes que quase teve que proteger os olhos.

Por último: um saco de estopa volumoso?

Murmúrios soaram. Demônios esticaram a cabeça para dar uma olhada melhor no saco.

Bettina já tinha tomado uma decisão sobre um dos presentes, uma decisão mortal. Deuses queridos, e se fosse o vampiro? Trehan Daciano pode estar prestes a morrer.

E esta percepção a fez admitir que havia algo irresistível entre eles. Talvez fosse o destino ou o sangramento ou apenas uma química incomparável. O que quer que fosse, ela queria explorá-lo.

Será que eles nunca teriam uma chance?

Morgana abriu o envelope, anunciando em voz musical.

— Para aqueles na plateia, o envelope contém dois ingressos para Deadmau5. Cinco mortos maus?



— Ratos mortos. — Bettina corrigiu com um sussurro. Um show Techno que estava querendo ver no reino mortal. Certamente era presente de Cas. Nenhum mal viria para ele esta noite.

No entanto, a sensação de alívio por Cas não poderia substituir a preocupação por Daciano.

Em seguida, Morgana abriu a caixa de joias e anunciou:

— As joias reais da muito tempo caída, Demonarquia da Paz. — Quando ela colocou sobre a mesa do palanque para Bettina examinar, disse: — Olhe para os enfeites, Bettina! — Estava alegre, como se esses presentes estivessem sendo oferecidos a ela. — Este não é o melhor? Você adora joias.

É verdade, mas Bettina não gostava de recebê-las. A qualidade era sempre inferior ao que ela poderia criar. Bettina simplesmente acabaria derretendo este presente.

Ela deu de ombros e Morgana revirou os olhos, então chamou.

— Próximo! — Um soldado levava os cavalos. — Eis os ganhadores premiados do rei Fey, roubados do reino lendário de Draiksulia. — Por cima do seu ombro, ela disse. — Olhe para os pôneis!

Infelizmente Bettina não gostava de cavalos, e ela era relativamente ciente de que eles a odiavam. Foi lançada da sela quando pequena e nunca subiu de volta.

— Pôneis que empinam para Bettina? — Morgana a consultou. — Não? Sério?

Quando Bettina deu outro leve dar de ombros, a expressão de Morgana ficou acabrunhada.

— Mas eles empinam.

Bettina estava vendo todas as novas facetas da grande feiticeira. Antes Morgana fora simplesmente a madrinha moderadamente maléfica. Agora Bettina estava começando a entender que ela era uma mulher com suas próprias preocupações — tais como o apocalipse e seus próprios desejos e anseios. Como pôneis que empinam e a extinção dos Vrekeners.

— Próximo! Ah, e aqui temos uma Phoenix, o único macho do que se acredita ser o último bando.



O que Bettina deveria fazer — colocar a ave para procriar? Anunciar online? Embora adorasse as cores vivas da Fênix, considerava cruel tirá-lo do seu bando.

Não foi assim para Morgana.

— Pense nas máscaras que poderia fazer com essas penas! Não? Ah, vamos lá! Sério? — Ela olhou para o céu com frustração.

Quando o vagão de ouro rolou com suas rodas gemendo sob o peso de todas essas riquezas, Morgana chamou.

— Este não precisa de descrição! Eis uma fortuna de feiticeira em ouro!

— Ela piscou para Bettina. — Parece que alguém quer viver. Que cheiro é esse? Ah, sim, é desespero...

Então veio o último presente. Ela e Morgana trocaram um olhar.

— O que pode estar nesse saco, Bettina?

Quando levantou as mãos, a feiticeira fez um gesto em direção ao saco, usando seu poder para abrir as amarras.

De uma vez, o conteúdo se derramou e rolou pelo palco.

Capítulo 28

Bettina franziu o cenho quando Trehan jazia abaixado na frente dela como uma oferta, como se não compreendesse o que estava vendo.

E Trehan percebeu que errou neste início de noite.

Apesar de todas as escolhas sábias que fizera ao longo dos séculos, apesar de todos os sábios conselhos que ajudaram os outros... quando realmente precisou, sua lógica falhou. Cometeu um erro colossal.

Um que poderia custar sua vida — e, pior, lhe custar Bettina.

Ele não temia a morte, vivera o suficiente. Não, Trehan temia nunca mais vê-la. Temia o que poderia acontecer com ela nos próximos dias.



Provavelmente se casar com Goürlav, se o demônio avançasse — e se meus primos não a protegessem.

— Vou ajudar com Lothaire — ele disse aos outros três — se jurarem sempre proteger Bettina... —

Agora o arrependimento martelava em Trehan. Pensou que poderia apresentar pessoalmente o saco para ela, apreciando sua reação, mas não esperava estar na ponta da espada enquanto as cabeças dos Vrekener saltavam diante de seus olhos.

Sem nenhum aviso.

A compreensão surgiu no rosto pálido de Bettina e não havia nada que Trehan pudesse fazer para remediar esta situação, forçado a assistir, impotente.

— Cabeças, Bettina! — Morgana gritou, apertando as mãos no peito e batendo os cílios. — Um saco cheio delas! Justamente o que você sempre quis! — Trehan podia ouvir a feiticeira acrescentando baixinho. — Não é o mais original dos presentes, é verdade. Mas estas parecem ser frescas.

Bettina parecia que estava prestes a vomitar.

Porra.

Zeii mea⁴, eu... falhei.

Mesmo após o dia importante que experimentou?

Antes do amanhecer ele acordou de repente, o sonho ainda nítido. Durante dias ele falhou em acessar a memória que procurou das gotas de sangue de Bettina.

Finalmente conseguiu; ele reviveu seu ataque.

Seu *espancamento*. Trehan sentiu tudo, cada último segundo do horror enquanto uma garota terna era atacada selvagememente por demônios alados, em nome do "bem".

Minha noiva barbarizada. Seus membros quebrados em ângulos impossíveis, seu crânio e pélvis fraturados. Duas costelas romperam a pele. Sangue tingindo seu corpo.

⁴ Meus deuses.



Muito tempo depois que ela aceitou a morte, quando deixou de gritar e seus apelos caíram em silêncio, eles ainda a brutalizaram.

Só a convocação de Raum a salvou de morrer queimada lentamente.

Trehan despertou com seu próprio uivo de raiva, com os pelos todos arrepiados. As presas estavam afiadas como uma navalha.

Faminto para punir, imaginou carne rasgando embaixo de suas presas, arrancando artérias com suas garras. Puta que pariu, sim, *punir*.

Com a respiração ofegante pegou a espada agarrando seu talismã. Trehan esperava que, com a memória desses atacantes, poderia usar suas identidades e o cristal para riscar diretamente até eles. Com a espada na mão, imaginou o rosto do primeiro, então começou a riscar, sem ter ideia se isso daria certo...

Esta foi a noite dos territórios do ar, das sombras abundantes. Ele sorriu arreganhando as presas, sabendo que ele era uma visão assustadora.

Um por um, inflingiu a retaliação por sua noiva. Um por um, ele recolheu suas cabeças.

Trehan e Bettina estavam efetivamente conectados. O ataque aconteceu no dia em que ele teve a sensação ameaçadora. Foi sua noiva o chamando através do ar? Chamando por seu macho?

Eu respondi hoje.

Ele retornou para Runa ainda cheio de raiva, mas sabendo que tinha que ganhar o round esta noite.

Sim, um dia agitado para morrer. Momento decisivo.

Desastroso.

Estranho — ele nunca falhou verdadeiramente antes... Imaginou se a primeira vez resultaria em sua morte.



Não podia parar de tremer. Com passos vacilantes, Bettina afundou em seu assento.

O conteúdo daquele saco a chocou, então os horrores foram trazidos à tona, horrores que ela tentava desesperadamente enterrar.

Sabia que esta era a oferta do Daciano para ela. Ele era o único que poderia ter conseguido esta façanha.

Exatamente como Bettina temera, ele leu suas memórias. Vira seus momentos mais particulares como um voyeur em sua mente.

Morgana se virou para ela com um sorriso lento se espalhando por todo o rosto.

— Elas são o que eu acho que são?

Bettina começou a falar, teve a tossir antes que pudesse dizer:

— Vrekeners.

De alguma forma o vampiro viajou para os territórios do ar e forjou a vingança.

As caretas de dor na luz das tochas lembravam tanto suas máscaras de raiva, iluminadas por uma pálida lua amarela. O cheiro das papoulas esmagadas...

Ela furtivamente pressionou as costas da mão na boca, temendo que pudesse vomitar. A julgar pelas marcas desfigurantes em seus rostos, eles *morreram de forma sanguinária*. Assim como Daciano prometera.

Ela olhou para ele. Seu semblante era tão estóico como sempre, mas no fundo ele temia ter cometido um erro.

Com pura alegria, Morgana anunciou a todos.

— *E, por último, temos os inimigos mais procurados de Abaddon, executados e entregues.*

Murmúrios surpresos soaram ao longo das arquibancadas e poucos entenderam o significado daqueles troféus.

Raum levantou sua taça acima da cabeça, não se preocupando em disfarçar o contentamento. A pressão para encontrar seus atacantes chegou ao fim.

Bettina olhou de relance para Cas. Paarecia enfurecido pelo Daciano fazer o que ele foi incapaz.



Voltou para o vampiro. Finalmente ela discerniu uma pitada de emoção em seu rosto, seus olhos piscando.

Ela pensou que ele era... *desculpe* — não sobre o resultado final desta rodada, mas que ele a incomodava. *Por que apresentá-los deste jeito, vampiro? Sim, ela queria vê-los mortos. Mas por que assim?*

— Hora dos resultados! — disse Morgana.

Bettina se levantou obedientemente, pressionando as mãos na mesa para se firmar.

— Quais dos três presentes você menos gosta, *Princesa?* — Morgana perguntou mais vigorosamente.

Num tom amortecido, ela respondeu.

— Os cavalos.

O demônio do fogo bem ao lado do Daciano gritou.

— Espere...

Mas Morgana já acenava com a mão para empunhar a espada mística. Sua cabeça bateu no chão.

— E o próximo? — Ela perguntou num tom alegre.

Bettina ficou ainda mais nauseada.

Quando o Lykae viu o primeiro competidor cair, começou a lutar contra a retenção de Morgana com toda a força brutal em seu corpo, os olhos azul-gelo arregalados. Choramingsos partiam de seu peito.

Princesa?

Será que o Lykae acreditava que todos estavam sendo executados sumariamente? Será que entendeu tudo o que estava acontecendo?

Será que ele acreditava que era o... próximo?

— Princesa! Qual presente? — A expressão de Morgana se tornou sinistra. Baixinho, ela disse. — Cada segundo que você perde, um forte lobo ímpio testa meus poderes. Tome cuidado para que eu não corte acidentalmente a cabeça de Caspion.

Bettina acenou cautelosamente. Justamente enquanto murmurava.

— As joias. — ela avistou um lampejo de clareza nos olhos do Lykae. A cor azul-gelo desapareceu quando seu olhar se lançou ao redor com... *compreensão*.



O antigo humano veio à tona das garras do lobo para encontrar-se confinado em uma gaiola de ferro, cercado por demônios sedentos de sangue. Um berro frenético explodiu de seu peito.

Eu acabei de matá-lo? Foram as joias dos Feiticeiros? Bettina se virou para a feiticeira.

— Por favor, Morgana...

Morgana já acenava com a mão; o Lykae gritou uma palavra:

— *Irmão!*

Seu chamado ainda ecoava mesmo depois que sua cabeça repousava ao lado do corpo inerte.

Bettina balançou sua mandíbula afrouxando. Mas Morgana simplesmente jogou um glamour temporário sobre ela, apagando qualquer expressão.

Por dentro ela estava doente — com este torneio, com sua existência, com seu próprio mundo. *Quanto tempo posso ficar impotente assim?*

Quanto tempo até ela se tornar tão inflexível quanto Morgana esperava — ou tão fraca quanto Raum esperava?

Trehan engoliu em seco sentindo o aço frio contra a garganta, mas incapaz de riscar pra longe, incapaz de lutar.

Tal jogo. Tal tolo. Você deu as porras das cabeças, Trehan?

— Finalmente, Princesa?

A multidão ficou em silêncio como uma sepultura. Bettina fitou Trehan, como se juntando forças para o último pronunciamento.

Ele a encarou de volta, guardando seu rosto na memória...

— O... Phoenix.

O demônio de pedra rugiu:



— Não, você não pode!

Com um dar de ombros Morgana acenou com a mão mais uma vez. Seus músculos incharam, endurecendo como pedra, mas o poder da feiticeira era muito grande. Outro demônio derrubado.

Trehan apenas se impediu de desabar de alívio contra a espada. Ele, Caspion e Goürlav sobreviveriam à noite.

— E agora, para o vencedor! Qual presente você mais gosta?

Vagão de ouro, entradas para concerto ou uma vingança aparentemente impossível?

Mais uma vez ele e Caspion estariam na competição. Agora que Trehan não foi decapitado, sua confiança sobre sua oferta aumentou. Ela escolherá o meu. Qualquer um poderia lhe dar entradas ou riquezas. Mas não a vingança.

— Eu gosto... das melhores entradas.

— Caspion, o Perseguidor, avança para a rodada final! — Morgana chamou com alarde, mas sem emoção real.

Boa jogada, demônio. A multidão gritava com os pés pisoteando nas arquibancadas. Raum soltou um assobio estridente, empregando suas mãos enormes em aplausos.

Trehan realmente pensou que Bettina preferiria qualquer outro presente acima do presente de Caspion? Duas merdas de entrada para algum tipo de entretenimento humano.

E agora enfrentarei Goürlav amanhã.

— Qual é o presente do seu vice-campeão, princesa? — Morgana perguntou.

Bettina parecia doente quando disse.

— As... Cabeças.

Na cara de Goürlav Bettina me levaria para um passeio?

Qualquer noite da semana.

Trehan poderia morrer no anel. Seria condenado se sua noiva não o jogasse pra fora com um sorriso no rosto...



O olhar fixo de Bettina se manteve desviado para as cabeças dos Vrekeners. Apenas olhar para elas provocava tantas emoções dentro dela — medo, repulsa. Mas também havia alívio.

Ela estava fundamentada, *eu pagaria o vagão de ouro de Goürlav por aquelas cabeças. O que significa que Daciano deve ganhar o lugar de vice-campeão.*

Porém os pontos foram deduzidos pela apresentação. Aqueles olhos vidrados pareciam estar olhando para ela em tom acusador.

Ela estremeceu. O estômago se agitando ainda mais. *Precisava sair neste momento. Antes que se humilhasse na frente de todos...*

— Excelente! — Morgana chamou. — Goürlav, o Pai dos Terrors encontrará o Príncipe das Sombras nas semifinais. O vencedor vai enfrentar Caspion o Perseguidor de Abaddon na noite de lua cheia. As festividades desta noite acabaram. Vocês podem ir. *Agora.*

Com isso, os espectadores se afastaram.

Quando as espadas flutuantes de Morgana desapareceram, os três concorrentes sobreviventes permaneceram de pé.

Cas riscou até ela, pondo a mão em seu ombro. Ela tremeu sob seu aperto.

Muito para processar. Além do desenvolvimento chocante das mortes dos Vrekeners, Bettina estava abalada pelo resultado desta rodada. Por causa de suas escolhas três candidatos foram mortos, os destinos dos outros três alterados irremediavelmente.

Uma parte dela realmente deve ter pensado que poderia tirar Goürlav com a escolha de sua dama. Ele permanecia e estava aparentemente imbatível no anel. O que significava...

O vampiro vai morrer amanhã. Cas vai morrer na próxima noite. Voume casar com um monstro.

Demais...

— O que é esse passeio com o vice-campeão, Morgana? —



Raum exigiu, caminhando rapidamente para o modo de machado de batalha.

Igualando seu tom, ela disse.

— Já está resolvido, demônio. Não me desafie.

— Enviando minha menina pra fora com aquele sanguessuga estranho. Não vou aceitar isso!

Daciano riscou para a arquibancada naquele momento. O vampiro permaneceu em silêncio olhando para Bettina com preocupação, uma pergunta em seus olhos.

Toda doçura e luz, Morgana disse.

— Ah, o cavalheiro vampiro vem ao chamado. Por que não a encontra daqui a mais ou menos uma hora, Príncipe? Dê-lhe algum tempo para relaxar. Enquanto isso — ela continuou casualmente — temos que resolver uma insignificante disputa familiar. Não tema, tenho toda esperança que pelo menos dois de nós vai sobreviver.

Deixá-la ir agora? Trehan teve que cerrar os punhos para se impedir de ir até ela. De pé tão perto de sua Noiva depois de permanecer tanto tempo longe o estava castigando.

Ele queria abraçá-la, exigir saber seus pensamentos.

Como se Morgana pudesse ler os dele, lançou-lhe um olhar de mau agouro.

— Uma hora, Príncipe.

Trehan decidiu prestar atenção ao aviso de Morgana, mas só porque tinha trabalho a fazer neste íterim. Esta noite tinha a intenção de mostrar para Bettina outros benefícios de uma conexão de sangue — isto é, que ele poderia fornecer qualquer coisa que ela precisasse ou desejasse, sem sequer ter que pedir.

Novamente o plano de Trehan estava em transição. *Capitalize sua paixão; elimine o medo.*



— Volte aos meus aposentos, Caspion... — Raum alcançou Bettina e uma Morgana indignada —... nós estamos fora.

— Tire suas patas de mim, seu imbecil...

As palavras da feiticeira foram deixadas em suspenso enquanto Raum os riscava. Caspion fez uma careta para Trehan, então os seguiu. *Ele era considerado parte da família?*

Ela é a porra da minha Noiva. Decretada pelo destino! Eu sou sua família, com um laço maior que qualquer um daqueles três. Estes seriam os sessenta minutos mais lentos da eternidade.

Uma hora imaginando o que estariam dizendo a Bettina. Provavelmente a intimidando como ele viu em sonhos.

Uma hora imaginando como ela se sentiu sobre seu presente.

Ela não gostou de seu melhor oferecimento. Não gostou nem um pouco. Não foi um sucesso, nem um fracasso. Deuses, aquela fêmea o confundia!

Confusão? Outro sentimento que ele não estava acostumado.

Junto com isto, ainda lutava contra a raiva causada pelo sonho sobre o ataque. *Recaída.*

Foco, Trehan. Você tem pouco tempo.

Ele mal pensava sobre seu próprio destino amanhã à noite. Estava programado para lutar com um adversário mais forte e mais rápido do que qualquer um que já enfrentou. Um que ele não ousava ferir.

E se perdesse, teria que depender de seus primos para afastar Bettina do primordial.

Melhor não perder.

Trehan riscou para sua tenda, coletando outro item que tirou de Skye Hall hoje, a Vara do plano negro. Ele precisava de ajuda com isto. Felizmente, Trehan sabia de um grande poder místico não revelado.

Sem demora, riscou de Abaddon até uma ventosa, reino iluminado por relâmpagos, aparecendo na modesta oficina mística.

Confiar em outro com esta peça seria um risco. Sem nenhuma outra escolha, Trehan estendeu a Vara para o místico sentir.



O macho deslizou as pontas dos dedos sobre a madeira, erguendo suas sobrancelhas em choque.

— Preciso disto para fazer o que está destinado, Honorius. — Trehan disse a ele. — Multiplicado por mil. E preciso disso amanhã antes do pôr do sol.

Capítulo 29

— *Visita de um cavalheiro?* — Raum gritou para Morgana assim que eles três aterrissaram em sua sala de estar. Historicamente, Bettina visitou este lugar apenas para discutir os assuntos mais sérios.

— *Bettina, seu pai... caiu no campo de batalha.*

— *Este é seu medalhão de convocação, Tina. Precisamos apenas de um pouco do seu sangue.*

— *Você deve ser quarta-feira, minha menina. Sem um protetor corre o risco de outro ataque. E se alguma coisa acontecer comigo nesta Ascensão? Quem vai te proteger?*

— Maldição, Raum! — Morgana arrancou o braço para longe. — Nunca risque comigo de novo ou seus chifres decorarão a grade do meu novo carro mortal! — Ela foi cambaleando até um dos divãs rústicos, jogando-se em cima dele com um grande floreado.

Bettina se empoleirou no divã apostado a Morgana, olhando ao redor cautelosamente. A torre do Raum era como uma extensão dele — uma mistura de violência e consideração inesperada.

Machados de guerra cruzados penduravam acima de uma lareira rústica. Armaduras de vários séculos se enfileiraram nas paredes. Acima deles estavam instaladas as cabeças de monstros que caçou: Gotohs cruéis, ghouls e Wendigos.

Mas também possuía uma coleção rara de inumeráveis balanças de ninhos de basilisco. Demônios mantinham aqueles dragões sagrados. Na



luz do fogo daquele aposento, as balanças emitiam um brilho hipnotizante, ondas de pérola refletindo as cores do arco-íris, jade e carmim.

Caspion riscou pra dentro da sala, indo direto para o aparador.

— Não gosto disso. — Raum estalou. — Não gosto do modo que vampiro olha para Bettina, como se ele já tivesse se casado e deitado com ela. Como se a *conhecesse*.

Bettina perscrutou suas unhas roídas, observando-as começam a crescer novamente.

— E apesar de estar muito contente sobre os Vrekeners, exijo saber como ele os encontrou! — Os olhos de Raum se arregalaram e ele apontou uma garra para Morgana. — Você deve ter ajudado o sanguessuga! Previu onde estaria Skye Hall! — Raum se juntou a Cas no aparador. — Como você não nos ajudou? — Ele derramou a cerveja de demônio de um jarro para uma caneca, então pensou melhor e pegou o jarro com sua mão grande.

— Como? Não sou nenhuma adivinha e isso está comprovado pela minha sanidade. — Morgana abriu seus braços por cima do encosto do divã com uma graça despreocupada. — E você sabe que tentei ler a mente da Bettina para te dar a descrição dos quatro. Mas ela nem sequer podia imaginá-los.

Daciano provavelmente foi capaz de ver mais fundo em seu subconsciente do que a própria Bettina podia.

— Você tem dedo nisso, feiticeira! — Raum insistiu, reunindo-se com seu jarro na enorme escrivaninha.

— Mais uma vez, Raum, o Hall é impermeável aos Sorceri. Nós não podemos encontrá-lo, alcançá-lo, atacá-lo...

— E tenho que aceitar sua palavra sobre isso? — Raum só faltou berrar — Eu não confio em você, tanto que posso lançá-la!

Morgana retrucou de estalo.

— O sentimento é mútuo, garanto a você!

Cas deslizou a Bettina um olhar que dizia: "Isto é tão confuso". Ela lançou um de volta: "Eu sei disso!".



Ela sentia como se eles fossem dois irmãos assistindo as birras e lutas sobre quem mandava.

Espere. *Irmãos?* Seus sentimentos estavam se tornando... *fraternais* com ele?

Morgana disse.

— Ah, Raum, você só está com raiva por que o vampiro fez algo supostamente impossível! Quando *you* não pôde. — Com um olhar aguçado para Caspion, Morgana adicionou. — Quando até mesmo o “perseguidor” alardeou que não podia localizá-los.

Cas ficou carrancudo.

— Porque Raum me ordenou parar de seguir sua trilha! Eventualmente eu os teria encontrado de alguma maneira! — Para Raum, ele disse. — Sempre fiz antes. No entanto você me mandou parar de procurá-los. Você é tão bom que entregou esta vingança ao vampiro!

Raum bateu o punho na escrivaninha, sacudindo os utensílios de escrita e os crânios de peso de papel.

— Dei a ordem porque você estava exausto. Mal tinha terminado sua transição para imortal, nem sequer tinha colhido uma morte ainda! E não quis que você repetisse o que Mathar fez!

Todo mundo ficou em silêncio.

— O que? O que meu pai fez? — Bettina finalmente perguntou.

Raum fez uma careta, sabendo que falou demais.

— Raum?

Por fim, ele murmurou.

— Ele caçou os assassinos de sua mãe até que aquilo quase o deixou louco. Monitorou os movimentos de Skye Hall por anos, tentando chegar a um padrão, para prever onde apareceria o próximo. Não adiantou. — Raum esfregou a mão sobre o rosto enrugado. — Mathar existiu como um fantasma enquanto pôde, resistindo por sua causa. Então buscou a linha de frente da batalha mais sanguinária que pôde encontrar, sabendo que isso acabaria com ele.

Ele *quis* morrer? Numa voz suave, Bettina disse.

— Ele não podia viver sem ela?



Raum balançou a cabeça tristemente.

— Não tinha nenhum interesse nessa perspectiva.

O amor de Mathar por Eleara surpreendeu Bettina. *Seu amor por mim. Ele existiu — na miséria — por mim.*

Não é de se admirar que ele parecesse distante. estava atormentado.

— Tão devotado. — ela murmurou para si mesma.

Morgana farejou.

— Eleara era exatamente assim. Embora *eu* nunca pudesse ver.

O olhar de Bettina caiu sobre Cas. Será que ela conheceria tal devoção de um macho? E devolveria assim tão ferozmente?

Com o vampiro. O pensamento surgiu sem aviso, surpreendendo-a porque isso parecia... *verdade.*

Cas encontrou seus olhos então, mas novamente pareceu não enxergá-la. *E se eu estive terrivelmente errada sobre nós?*

— Nada de buscar nos territórios do ar. — Raum continuou. — Eu não queria condenar Caspion ao fracasso. Ainda não sei como o vampiro os localizou.

Cas franziu o cenho para Bettina.

— Você contou ao vampiro sobre os Vrekeners?

— Não!

— Fora desta sala ninguém sabia sobre aqueles quatro. Portanto, não há nenhum modo, a menos que... — a voz de Cas foi sumindo.

Todos os olhos caíram para o pescoço dela.

Raum estalou.

— Você não fez... v-você não ia querer!

Morgana sorriu.

— Será que você presenteou o vampiro com seu sangue?

Bettina deixou as palavras escaparem:

— Foi um acidente! Ele nunca me mordeu. N-nós nos beijamos e suas presas eram afiadas.

Cas, Morgana e Raum gemeram em descrença.



— Oh, pelo amor do ouro, você é realmente tão ingênua, mostrenga? Primeiro R.H.P.S.⁵ e agora isto. Claramente, estou desamparada nas minhas funções.

— É por isso que ainda tenho seu medalhão! — Raum assinalou num tom livre de toda culpa. — Ela é muito ingênua.

Cas disse.

— Vampiros como ele não cometem “acidentes”.

— Ele tentou me avisar!

— Mas você estava muito além de tomar conta de si mesma? — disse Morgana. — É chamado sedução. E o que nos mostra é que seu príncipe é um jogador muito esperto realmente. — Suas sobrancelhas loiras se juntaram. — Porém é estranho que um macho imortal geralmente se torne um bruto primitivo e insensato ao lutar por sua fêmea.

Daciano um bruto? Bettina não podia nem imaginar isto.

— Morgana, foi apenas uma gotinha minúscula.

— Então talvez ele colheu somente suas memórias mais recentes. — Sua madrinha examinou a ponta de uma trança, o equivalente Sorceri de olhar para seu próprio umbigo. — Não mudei diante de você nos últimos meses? — Com um dar de ombros ela disse. — Se ele viu aquela memória, esperarei que venha falar direto comigo.

Os olhos do Raum se arregalaram.

— Então ele conhece as defesas do nosso reino.

O olhar desapontado de Cas a atravessou.

— Os segredos que confiei a você, Tina.

— E agora Morgana está providenciando para eles estarem juntos neste... neste *tour*? — Raum vociferou. — E se o vampiro morder Bettina? Sabe que isso pode se provar desastroso para ela.

Os beijos e carícias do Daciano se provaram demasiados — Bettina não podia pensar em nenhuma outra coisa — então por que ninguém disse que ela fosse cautelosa com aquilo? Em seguida ela franziu a testa.

— Por que ser mordida é *desastroso*?

— Porque é excruciante. — disse Raum. — Certo Morgana?

⁵ RHPS é Rock Horror Picture Show é comédia musical de horror.



Excruciante?

Em um tom relutante a feiticeira disse.

— Brincar de morder *pode* acabar mal. Se o vampiro estiver excessivamente sedento ou for inexperiente. E o príncipe parecia faminto. Hmm, o que *você* diz Caspion?

As bochechas do Cas ficaram vermelhas?

— É como nada que *você* jamais sentiu. — Ele soou quase como se tivesse conhecimento de causa. Não descreveu uma mordida como uma *alteração*? Alguma fêmea Dacian tomou seu sangue?

Isso... doía?

Daciano *era* inexperiente, nunca mordeu outra pessoa. Ele rasgaria sua pele?

Raum riscou para diante dela.

— Prometa-me que manterá seu sangue afastado dele.

Ela esticou a cabeça pra cima.

— Eu prometo! Acredite em mim. — Bettina sofreu dor excruciante o suficiente para durar uma vida eterna.

Para Morgana, ele disse.

— *Você* pretende enviá-la sem um acompanhante para passar a noite com um "jogador muito esperto" que tem prática em sedução?

— *Você* não acabou de dizer a palavra *acompanhante* para mim.

— Não aceito isso, feiticeira. Vamos chegar às vias de fato!

— Ah, qual é! — Morgana se levantou de um salto, seus olhos começando a faiscar em advertência, como um chocalho de víbora.

— Droga, e se o vampiro a macular?

Aquela foi absolutamente a coisa errada a dizer para a feiticeira. Morgana parecia tão furiosa como Bettina jamais a viu, suas tranças voando.

— E se *ela* o macular? Por que é sempre a fêmea quem é maculada? Demônio arcaico! *Você* pensa como o primordial!

Raum berrou o mais vil palavrão Demonish, basicamente dizendo a Morgana para chupar seus chifres até ficarem crus. Bettina ofegou. Por



sua vez, Morgana lhe soprou um beijo, essencialmente dizendo a ele que o envenenaria na primeira oportunidade.

— Sua feiticeira rameira!

— Seu fóssil demoníaco!

Cas se juntou a eles, e os três recomeçaram mais uma vez.

Bettina estava de pé, instável, colocando as mãos nos ouvidos. Será que nenhum deles entendia o quanto ela estava perto de perder isto? Por dentro ela estava ao mesmo tempo empolada e entorpecida, dividida entre impulsos alternados.

Chorar.

Gritar.

Este último ganhou.

— Cale a boca, todos vocês!

Ficaram chocados e em silêncio. Ela nunca levantou a voz para nenhum deles.

Virando-se para Raum, Bettina disse.

— Se Mathar não pôde encontrar os Vrekeners e você sabia que um perseguidor como Cas nunca conseguiria, então na verdade você nunca esperou que ele defendesse o fim de nossa barganha!

Puxando a gola do seu protetor peitoral, Raum disse.

— Tive informações de uma fonte muito confiável.

Morgana zombou.

— Como? Que conveniente.

— E você? — Bettina virou para sua madrinha. — Jure pelo Lore que você tem meu poder! Agora, Morgana.

— Mostrenga, eu *dou* as ordens. — soou um barulho de *CHOCALHO*.

— Não as *recebo*.

Bettina afundou no divã mais uma vez.

— Então você não tem. Ambos me enganaram.

— Também tenho informações privilegiadas. — disse Morgana muito suavemente.

— Besteira, rameira!



Nunca terei meus poderes de volta. Mas ainda seria rainha daqui a duas noites.

Vendo Raum e Morgana e até mesmo Cas assim a fez perceber que dependia demais deles. Eles eram falíveis, exatamente como ela.

Mesmo sem seu poder, seria melhor Bettina começar a *pensar* como uma rainha. Antes que pudessem começar novamente, ela disse.

— O que vai acontecer agora? Será que os Vrekeners vão retaliar?

— Teremos sorte se não descerem em cima de nós por isso. — disse Raum. — Ordenei aos meus demônios para fazer isto tranquilamente. Se eles não alcançaram Skye Hall, deveriam fazer os quatro *desaparecer* — não derramar as cabeças dos Vrekeners diante de todos e os sábios do Lore!

— O vampiro agiu sozinho. — Morgana assinalou, sentando-se mais uma vez. — Ninguém pode provar o contrário.

— Deixe-os descer sobre nós! — Cas estalou. — Então talvez tenha realmente a chance de deixar minha espada ensanguentada com um de sua laia. Nós somos os Seres Mortais e estivemos muito tempo sem guerra. Somos ferozes e podemos riscar. Eles deveriam nos temer.

Raum olhou para longe.

— Eles são como gafanhotos, Caspion, uma praga dos céus. Se alguma palavra vazar para eles... o mal estará feito, é tudo que estou dizendo.

— Isso foi feito *perfeitamente*. — disse Morgana. — Qual a melhor maneira de sinalizar para os Vrekeners que sabemos como alcançar seu covil? Eles não são invulneráveis. Talvez agora pensem duas vezes antes de devastar uma Abaddon real! Ou caçar meus homens como cães! — Inalando pelo nariz, ela disse. — Esta conversa terminou Raum. Sua "menina" está prestes a se tornar *rainha*. Não haverá nenhum acompanhante. Nada mais precisa ser dito. Agora vá se preparar mostrenga.

Raum girou para Bettina, sua expressão mais pesada do que já tinha visto.

— Entenda Tina, o contrato de sangue do torneio vai me obrigar a entregar você e seu medalhão para o vencedor. Se o vampiro a seduzir,



Goürlav te matará... e não haverá nada que eu possa fazer para detê-lo.

— Está tão certo que não ganharei o torneio, Raum? — Cas sacudiu a cabeça com desgosto. — Cada um de vocês sabe qual é o meu ponto de vista. Vou sair agora.

— Cas, espere! — Bettina o pegou antes dele riscar. — Caminha comigo de volta para minha torre?

Morgana chamou do divã.

— Divirta-se hoje à noite, mostrenga. Tente para não macular muito o vampiro.

Assim que Bettina e Cas ficaram sozinhos, ele disse.

— Ainda não consigo acreditar que Daciano os encontrou! Fiquei a porra de sessenta noites passando o pente fino em plano após plano.

Ela franziu o cenho perante o tom grosseiro. *E você é tão jovem. Assim como eu.* Vendo Cas deste jeito a deixou perfeitamente ciente de sua própria pouca idade.

Talvez tenha confundido ter alguém em seu coração com dar seu coração para outro.

— Você não está feliz por eles estarem mortos? Que não vou ter medo, pelo menos daqueles quatro?

Caspion levantou a mão para detê-la.

— Não faça isso.

Quando se aproximaram de sua porta, ela disse.

— Por favor, não fique com raiva de mim.

Ele parou, girando para ela com o cenho franzido.

— Daciano obteve seu sangue naquela primeira noite? Ou você esteve com ele novamente? Quando soube que não era eu?

Ela sussurrou.

— Estive com ele de novo.

— Eu prometi ser fiel! — Ele lhe lançou um olhar selvagem. — Mas você não devolveu a promessa, não é? Sabe o quanto é difícil para um demônio macho ficar sem sexo? Nunca se perguntou por que existem onze restaurantes em Runa e vinte e três bordéis?



— Sinto muito! Nunca tive a intenção de fazer nada com ele. Fui pega de surpresa e a próxima coisa que soube é que estávamos nos beijando.

— Assim como Morgana disse, é chamado *sedução*. Sou bem versado nisso. — Seus punhos cerraram e seus antebraços se avultaram. — Ele veio aos seus aposentos novamente?

— E-eu fui para sua tenda.

— Por que diabos você faria isso?

— Cas, por favor...

Ele deitou as mãos em seus ombros.

— Diga-me! — Seus chifres se esticaram ameaçadoramente.

Ela nunca o viu tão zangado. Ela se pegou numa mentira, mas sempre quis ser sincera com ele.

— O vampiro me disse... que o pouparia no corpo a corpo.

— Então é por isso que ele me ajudou? Puta que pariu Bettina, ele te forçou a fazer coisas ameaçando minha vida? Você se prostituiu pela minha segurança?

— Não! Sim? Quando você fala assim, soa pior do que foi.

Cas não estava escutando.

— Ele ganhou uma morte lenta. — Ele olhou por cima do ombro dela em direção a tenda do vampiro, seu aperto aumentando. — Farei isto... por dias.

Ele atacaria Daciano neste segundo? Nenhum deles podia matar o outro fora do anel.

— Cas, não foi exatamente deste modo.

Ele virou para trás.

— Então *foi* de que modo?

Ela se lembrou da pele úmida de Daciano na luz do fogo, o calor sensual daquela tenda. *Seus olhos como ônix*. Respirou fundo e admitiu.

— Não fiz nada que não quisesse fazer naquele momento.

Cas a soltou de uma vez, recuando com suas mãos diante dele.

— Você o quer agora? É isso? Não posso parar este torneio, Bettina. Não posso voltar atrás.

— E-eu não sei. Estou tão confusa com tudo isso...



— Olhe pra você! — Cas exclamou. — Deseja aquele vampiro neste exato momento!

— Não desejo! — *Não?* Agora que toda sua existência foi abalada mais uma vez, não conseguia parar de repetir como se sentiu ao ser envolvida na névoa do vampiro. Amarrada a ele.

Conectada.

Depois que ela perdeu seu poder, aquele sentimento de vazio tinha ecoado dentro dela. Mas a conexão que compartilhou com Daciano fez aquela dor diminuir, mesmo que somente um pouco.

Como se seu vínculo crescente com ele não deixasse nenhum espaço para o vazio.

— Então, de qualquer maneira, divirta-se em seu passeio. — Cas apontou o dedo em seu rosto. — Se o vampiro se deitar com você esta noite, é melhor rezar pra que eu possa derrotar Goürlav.

— Por favor, não fique com raiva de mim! — Ela estendeu a mão para tocar seu ombro, mas ele recuou, riscando pra longe.

Olhou fixamente para além dele por longos momentos. Eles nunca brigaram antes, sempre se entenderam com tanta facilidade. No entanto, agora parecia como se ele não suportasse olhar para ela.

Voltando-se em direção a seus aposentos, passou pelos guardas postados em sua porta, abaixando a cabeça para que não pudessem ver seus olhos cheios de lágrimas.

Uma mestiza prestes a ser rainha, choramingando. Não tinha nenhuma ideia do que estava fazendo.

Não chore, não chore...

Assim que a porta se fechou atrás dela, removeu a máscara e jogou o antebraço por cima do rosto. Como podia não chorar?

Brigou com todos os seus entes queridos e a culpa era pesada. Eles eram tudo que tinha no mundo. A menos que contasse o vampiro. *Você é minha... estamos predestinados.*

No topo dos acontecimentos desta noite, ainda estava presa neste processo — impotente para fazer qualquer coisa além de assistir como Daciano e Cas provavelmente se enfrentariam até a morte.



Lágrimas não ajudavam em nada. O que fazer? Vá lá pra fora e tome a noite. Mas seus pés não fariam mais que se embaralhar lá fora.

Sozinha na sacada, tão alto — *na escuridão?* Com um feitiço de barreira “imperfeito”?

Importaria mesmo que aqueles Vrekeners estivessem mortos? Será que viriam mais? Suspeitou que sempre seria incapacitada pelo medo. Não podia simplesmente desligá-lo...

O que fazer? Trabalhar! Sim, ela se perderia na criação.

Apressou-se para sua sala de trabalho, inalando profundamente à medida que entrava. Os aromas familiares a ajudavam a se centrar. Quando o mundo todo parecia estar desmantelando ao redor dela, a criação era uma constante para ela.

Na meia hora seguinte poderia terminar de fabricar a peça para a Patrocinadora. Tudo que tinha deixado de fazer era juntar as duas partes móveis da arma — o mecanismo mais importante entre a mola e a lâmina. Em seguida entalhar, depois concluir. Tão perto.

E assim que terminasse com o trabalho? Como lidar com Daciano esta noite?

Enquanto reunia as ferramentas necessárias, imaginou o que diria para ele. Primeiro ela o enquadriaria por tomar seu sangue.

Antes não tinha certeza se ele colheu suas memórias. Agora tinha. Estava cansada de todos passando por cima dela.

Depois que ela protestasse, exigiria respostas! *Você tomou minhas memórias de propósito? Por que me presenteou com aquelas cabeças de tal maneira?*

Você está... está com medo de morrer amanhã?

Salem tremeluziu dentro da sala.

— O que está errado com você, pivete? Parece que está prestes a chorar. E em sua sala de trabalho? Esta é a sede do nirvana pra você.

— Por que você está perguntando? Sei que ouviu minha conversa com Cas.

— É justo.



— Quebrei minha promessa. Ele está negando seu instinto, fazendo sacrifícios por mim. Mas eu o traí.

— Ele quer crédito por não se deitar com uma prostituta? — Salem ocupou seu brinco. — Intimide-o para que não mergulhe seu pavio em todas as prostitutas em Runa... *por alguns dias adoráveis de sua vida imortal*. Sério? Ele quer um biscoito por se manter dentro das calças? Tente não fazer sexo por dezoito anos!

O sotaque da classe trabalhadora londrina de Salem era tão denso nesta noite, que a qualquer segundo esperava que ele fosse dizer: "*P-por favor, senhor, quero um pouco mais*".

Ela sacudiu a cabeça.

— Você não vai virar este jogo, silfo. Sou culpada.

Ele deslizou ao redor do pescoço dela para o outro brinco.

— Cas te elogia? Segura sua mão? Pergunta sobre seus interesses? Vocês dois tiveram um bate-papo sobre como será seu futuro?

Quando ela abriu sua boca para responder sim, Salem adicionou:

— Em detalhes?

Ela fechou a boca.

— Depois de cada luta ele exagera para suas putas adoradoras e anseia por suas maneiras lascivas e vulgares. Ele não está tentando se apaixonar por você.

Bettina lhe deu um olhar enraivecido.

— Cas nunca quis nada disso pra começar! Nunca me quis. Eu o arrastei pra dentro disso.

— E até agora você salvou a vida dele! Embora eu ache que Goürlav limpará o chão com ele.

Ela se encolheu como se tivesse sido atingida. Mas sua voz era inexpressiva quando assinalou:

— Goürlav só enfrentará Cas se ele ganhar. Supõe que Daciano perderá?

Silêncio. Ela sabia que estava recebendo um olhar "*dãã*".

— E isto é uma vergonha — disse Salem — porque o vampiro está nisso para ganhar você.



— Pra ganhar o que?

— Além de desistir de sua casa, ele está interessado em seus interesses e está disposto a se comprometer. Eu o vi se afogando em vinho por sua causa. Ele pensa que você é excelente. Poderia ter terminado pior.

— Eu o conheci há tão pouco tempo. Não posso simplesmente desligar meus sentimentos por Cas como uma torneira. E se eu fosse do amor absoluto de Cas para o amor absoluto de Daciano, o que isso diria sobre mim? Na melhor das hipóteses, que sou inconstante. Na pior, que sou tão jovem e estúpida quanto todos parecem acreditar.

— Ninguém espera que você desligue seus sentimentos — eles estarão sempre lá — apenas comece vendo-os como eles realmente são.

Ela já tinha começado? Toda vez que imaginava seu casamento, começava a pensar só em... Daciano. Sempre que pensava em Cas, continuou repetindo todos os marcos de sua amizade.

— O demônio é seu melhor companheiro, como *amigo*. Alguma outra fêmea lá fora é seu outro tipo de companheira. E não é você.

Bettina estava começando a acreditar nisso. Se ela e Cas fossem predestinados, então por que havia tanta tensão entre eles — especialmente quando tentavam agir como um casal?

Oh, o que importa como ela se sentia? Enquanto Goürlav vivesse, as duas escolhas de homem de Bettina estavam para se tornar... nenhuma.

Ela pegou a solda e ajustou a chama. Trabalhe! O fogo ardia diante de seus olhos cheios de lágrimas.

— Sabe aquelas festas raves que você costumava frequentar? — disse Salem num tom cauteloso. — Parece que você está tendo uma viagem ruim. Só diminua sua jogada, pivete.

— Estou *bem*. — Incendeie o metal. Mecanismo de mola. Perfeita aderência.

— Olhe pra trás de você, Princesa! Os manequins estão dançando. Ela os ouviu se movendo, mas não levantou o olhar.

— Oi! Aquelas merdas de manequins são *nerds*.



Ela colocou a chama de lado, batendo a palma da mão contra a bancada de trabalho.

— Por favor, Salem!

Os manequins ficaram quietos, como se afrontados.

— Tudo bem, então. Devo ir espiar?

— Sim. Absolutamente. *Vá.*

— Talvez um pouco da minha magia dê detalhes sobre Goürlav — agora que seus delegados estão mortos e tudo o mais.

— Parece um bom plano. — disse ela distraidamente, erguendo a tocha mais uma vez. Logo estava perdida no processo, trabalhando em um frenesi.

— Estou indo, Princesa.

Ainda aqui? Ela soprou na última seção aquecida de metal, examinando a peça montada. Orgulho brotou em seu peito enquanto apagava a tocha. Era exatamente como o esboço de Daciano.

No entanto, quando Salem finalmente partiu, uma presença permaneceu.

Capítulo 30

— Você chegou cedo — murmurou Bettina para Trehan.

Pressentiu que eu estava aqui? Apareceu completamente.

— E você está extraordinária. — falou, maravilhando-se com ela.

Ela usava uma chama de solda, seus movimentos precisos — e tão rápidos que um mortal não teria sido capaz de discernir suas mãos.

Seu olhar estava totalmente focado enquanto os dedos ágeis moldavam tal formidável arma. Os olhos ainda estavam brilhando, sua íris cintilando.

Uma coisa bela de se ver.

Quando chegou, sua raiva prolongada a respeito do ataque que ela sofreu e sua notável confusão pareciam dois animais colidindo dentro dele. Aquele tumulto passou quando a viu.



Estava ali agora, saudável e a salvo com ele. Os Vrekeners estavam mortos. E ela era imensamente linda.

A fúria abrandada foi substituída por *luxúria*. Quanto mais observava, mais excitado ficava, lembrando-se de como aqueles dedos delicados passavam pelo seu corpo com a mesma avidez.

Já ficou tão duro assim?

Ela colocou a nova arma em um compartimento especial, e então se virou para ele.

— Temos muito que conversar.

Limpou a garganta antes de dizer.

— Não me deixe impedi-la de completar seu trabalho.

Ela parecia perdida.

— Nunca trabalhei com ninguém aqui além do silfo.

— Aquele ser insolente que acabou de sair?

Ela lhe deu um olhar que falava, *Nem tem ideia do quão insolente.*

Aquele silfo era o que a via se banhar? *Uma discussão para depois, Trehan.*

— Vamos, Bett, parece que está quase acabando. — Materializou-se detrás dela, examinando a peça. — Nenhum único rebite?

Com um ar ressentido, ela disse.

— Não sou um sapateiro, Daciano.

— Não, não é. — Os lábios se curvaram. — Nenhum vampiro tem uma Noiva mais talentosa que a minha.

Ela levantou a mão para endireitar a máscara, só para perceber que não usava uma.

— E o seu passeio?

— Essa oficina é o único lugar em Rune que ansiava ver. É impressionante. Diga-me o que estou vendo.

De má vontade, ela disse.

— Aquela mesa é a de fabricação, esta é de montagem. Ali, — apontou para uma terceira, com um conjunto de pequenas gavetas antigas — faço o trabalho mais detalhado: pintura, entalhe, instalação de veneno.



Ele alcançou uma das gavetas.

— Sua coleção de venenos?

Ela deu de ombros.

— Não tocaria aí sem uma luva.

— Ah! — disse, baixando a mão. — Deve estar na fase dos detalhes.

— Minha cliente gosta de elaborados floreios. Depois que for embora, gravarei alguns desenhos nos anéis de cima.

— Sei que quer terminar a peça agora.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Poderia voltar em uma hora.

Cruzou os braços.

— Sem chance.

Ela olhou dele para o projeto.

— Há muitas coisas não ditas entre nós. Eu tenho... perguntas.

— Responderei o que me perguntar. Mas me conceda esse desejo.

Outra olhada de lado para a arma.

— Tão perto de terminar. — disse em um tom sedutor. — Será tudo no que pensará esta noite. Aposto que essa gravação final é a sua parte favorita do processo.

Ela o olhou surpresa.

— Tudo bem. Se gosta de ficar entediado, continuarei.

Permitir-lhe ver uma nova faceta dela? Essa concessão tinha que significar alguma coisa. Talvez o estivesse aceitando mais.

Ela levou a arma para a terceira mesa, apertando-a com força, então abriu uma pequena arca.

— Isso são?

— Ferramentas de mão precisas. — As lixas e cinzéis eram obras de arte por si só, cada um com um cabo polido de marfim. Ela retirou o menor dos cinzéis com confiança, um com uma ponta não muito maior do que a de uma pena de escrever.

— Sabe o que gravará?

— Cenas do seu reino natal. — respondeu distraidamente, claramente pronta para iniciar sua tarefa. — Hum, está bloqueando minha luz.



— Estou mesmo. — Desmaterializou-se e reapareceu mais atrás, escorado na parede mais próxima.

Com uma das mãos, ela começou a empunhar o cinzel, cortes firmes pelo ouro brilhante. Com a outra, retirava as lascas, esfregando o polegar por cada fenda.

Tinha atenção total em seu trabalho — duvidava que registrasse sua presença naquele momento. Quando ela empurrou o cabelo lustroso por cima do ombro, estreitando os olhos cintilantes, não ficou surpreso com seu coração batendo acelerado.

Os movimentos dela ficaram cada vez mais rápidos. Ante os seus olhos, padrões começaram a emergir dos anéis, cenas em relevo. Em um, ela entalhou um dragão; em outro, o que parecia um poço. Retratou um castelo no terceiro. Antes de começar o último, fechou os olhos e correu as pontas dos dedos sobre cada imagem.

Exatamente como ela imaginou explorar seu membro. Inchou ainda mais, e ajustou o dito membro discretamente.

No quarto anel, ela gravou uma costa selvagem e cheia de ondas. Quando juntou os lábios para soprar quaisquer fragmentos em excesso, ele de fato conteve um gemido.

Um dia, muito em breve, ele a tomaria naquela mesa, com seus olhos abertos. Mais uma razão para sobreviver ao dia de amanhã.

Ela inclinou a cabeça, analisando o trabalho, um ajuste aqui, um traçado mais forte ali.

— Acabei. — disse, devolvendo o cinzel a sua caixa.

Quando ela exalou, girando a cabeça e os ombros, ele olhou de seu trabalho para ela, e de volta à peça. Tanto talento! Há quanto tempo olhou para algo com admiração?

A mais de um milênio.

— Experimente. — disse com a voz ficando rouca.

Com uma encolhida de ombros, ela experimentou. Os entalhes em relevo pareciam ganhar vida com cada movimento de sua mão. Uma pressão do polegar e uma lâmina sorrateira com aparência perigosíssima



foi ejetada do punho. Outra pressão e a lâmina deslizou outra vez para o lugar.

Quando removeu a peça, colocando-a na caixa, mais orgulho brilhava de seus olhos. Virou-se para ele.

— Então, temos muito que falar.

Ele já havia se materializado perto dela, tocando seu rosto.

— Morrerei se não beijá-la neste momento.

Bettina ofegou quando a boca dele encontrou a sua, as mãos voando ao peito para empurrá-lo. Mas seus lábios eram tão deliciosamente firmes, e seu gemido imediato fez com que estremecesse.

De excitação?

Como poderia estar excitada quando ainda se sentia doída por dentro? Por que aquele sentimento vazio estava desaparecendo enquanto ele aprofundava o beijo?

Aproveite, sua mente sussurrou. Esta noite é a sua última chance. Sim, aproveitar aqueles olhares ardentes, aqueles braços fortes ao seu redor, mantendo-a em segurança contra o seu corpo. Aquela conexão...

Quando ele a colocou em cima da bancada e meteu o quadril entre suas pernas, ela agarrou os ombros dele, deliciada pelo modo que se flexionavam sob suas palmas.

As mãos dele se fecharam em sua cintura, os polegares acariciando bem abaixo dos seios. Seus pensamentos pareciam dispersos, deixando espaço apenas para registro das sensações.

Sensações, prazer. Sim, deixe que a seduza outra vez.

Seduzir. Foi alertada quanto a isso. Assim como todo mundo, ele estava tirando vantagem dela. Novamente.

Sou tão ingênua. Mesmo enquanto a beijava, lágrimas se formaram em seus olhos.



Quando elas derramaram, ele congelou, então afastou a cabeça. Sua voz ficou mais áspera.

— O que foi *dragă*? — Enquanto o olhar vasculhava sua expressão, as costas dos dedos tocaram uma linha de lágrimas.

— Me disseram que tentaria me seduzir.

Endireitou-se.

— Eu *não* estou tentando seduzi-la.

Ela piscou.

— Você não quer... não está... oh, esqueça.

— Querer? — Ele segurou seu rosto com gentileza, roçando os polegares nas bochechas, por cima das lágrimas. — Penso em leva-la para a cama *constantemente*, Bett. Mas nunca a reivindicarei completamente, não até derrotar Goülarv. Não arriscaria nem a chance mais remota de que ficasse vulnerável ao primordial. Assim que deixa-la esta noite, ainda será uma virgem. — Quando mais duas lágrimas desceram pelas bochechas agora quentes, ele disse. — Por que está chorando?

— Por que não? — Ela lançou as costas das mãos com força em cima dos olhos. — Tudo na minha vida está errado. Briguei com meus guardiões. Briguei com Caspion pela primeira vez.

— Sempre aquele demônio! — Baixou as mãos.

— E aparentemente, estou brigando com *você* agora! Devia estar gritando, não te beijando. Você tomou as minhas memórias, viu dentro da minha cabeça. E *sabia* o que iria acontecer se nos beijássemos naquela noite. Levou-me a um ponto onde não me importei que suas presas fossem afiadas. Foi um movimento calculado de sua parte.

— Sim. — admitiu.

— Odeio quando faz isso!

— Eu realmente queria seu sangue — para que pudesse encontrar os seus inimigos. Mas também é verdade que eu tinha muito pouco controle sobre minhas presas. Tenho trabalhado no meu controle desde aquela noite.

— E quanto as suas ações nesta fase do torneio? Os Vrenekers podem considerar o que fez um ato de guerra. Não serei rainha por um



dia antes que eles venham até nós trazendo guerra ao meu povo.

Os olhos do vampiro brilharam.

— Eles declararam guerra ao seu reino quando atacaram a única herdeira deste trono!

Os lábios dela se abriram. Exatamente o que havia dito a Morgana mais cedo.

— Eles roubaram o poder enraizado de uma grande feiticeira. — Em um tom mais manso, ele disse.

— Bett, eles executaram sua mãe.

E indiretamente também mataram meu pai. Ela apertou a ponte do nariz.

— Entendo *por que* os matou. Agradeço por isso! Mas não devia tê-los revelado em público.

— Claro que devia. Isso manda um recado para os Vrekeners. Que não estão além do nosso alcance. *Podem ser encontrados, e haverá consequências imediatas por suas ações.*

— Você soa como Morgana. — *Com as suas ações, ensina os outros a como lhe tratarem.*

— Nisso, ela tem razão. Eu venho de um plano fechado, escondido como um Skye Hall. Se alguém descobrisse como chegar a nós em Dacia, o reino ficaria abalado. Os Vrekeners também ficariam. Falhando em uma retaliação lhes diria que podem fazer o que quiserem a você e ao seu povo. Eventualmente eles a atacariam de novo. Não parariam.

Sabia disso. O falcão encontraria o ratinho fujão.

— Como encontrou o Hall?

— Não encontrei, não precisamente. — Ele puxou a fita de couro que sempre usava, mostrando-lhe o cristal atado. — Isso é um Cristal da Vidência.

— Possui um *autêntico* Cristal da Vidência? — Ele nunca deixava de ter surpresas?

— Vem sendo passado pelos meus ancestrais por gerações. Só tenho que imaginar o rosto de um ser, e isso me leva até ele.

— Você me disse que meus inimigos morreriam... cobertos de sangue.



Suas presas afiaram, mas ele pareceu fazer um esforço para controlá-las.

— De uma forma inimaginável.

— Ficou parecendo como se os houvesse torturado? — Ele deu a eles tanta dor quanto infligiram nela?

No geral, era uma pessoa compassiva. Mas como a maioria dos Loreans, saboreava quando seus inimigos sofriam.

— Eu torturei.

— Acho que gostaria — engoliu com dificuldade — de saber um pouco mais sobre isso.

Ele estudou seu rosto.

— Eu quis descobrir onde o seu poder estava sendo mantido. Eles foram resistentes a princípio, mas no fim fiquei sabendo de um cofre.

Ela assentiu.

— É onde eles armazenam os nossos poderes.

— Só o líder sabe onde fica, e ele estava fora dos territórios. Não consegui alcançá-lo com o meu cristal, porque nunca o vi. Mas me entenda, Bettina — vamos conseguir o seu poder de volta. Não descansarei até que o tenhamos. Claramente ninguém rouba algo da minha Noiva e sobrevive. Eu só comecei esse assunto.

Por alguma razão, começou a acreditar nele.

Então se lembrou da disputa de amanhã.

— Você... gostou de machuca-los?

— Cada segundo. — chiou. — Antes de arrancar a cabeça de cada um, forcei-os a dizerem seu nome.

— Por que faria isso? — Eles morreram com seu nome nos lábios?

— Queria que cada um soubesse por que a morte veio por ele, a quem pagava sua última dívida.

— E eles obedeceram? Quando sabiam que ia mata-los de qualquer modo?

— Naquela altura eles faziam o que eu mandava — para que os matasse.

Uma vez conheci uma dor tão grande quanto essa...



— Protegê-la é o meu objetivo na vida, Bettina. Nasci para defendê-la. Para ser o seu escudo. — Se aproximou ainda mais, encarando-a de cima. — Depois de um único sonho, também me tornei sua espada, sua vingança.

Ela desviou os olhos.

— Nesse sonho, você viu a minha covardia?

Ele beliscou seu queixo com gentileza, levantando seu rosto para si.

— Havia quatro deles. Machos em sua glória.

— Eu implorei. — Vergonha a escaldava.

— Eu experimentei a sua dor. Foi uma das piores que já senti. E vivi muito tempo, Bettina.

— O que mais viu da minha vida? — Sabia que apontaria sua fraqueza, sua dependência de seus guardiões, seu desejo inútil por Caspion.

— Você vê o mundo de uma forma diferente da que eu vejo.

— Claro que sim. Você é um bravo guerreiro. Eu... não sou.

— Você é uma *artista*. Vê beleza em tantas coisas, notando detalhes que eu nunca teria visto. Você tem uma sensibilidade que antes só podia imaginar.

— Ele abriu os lábios, e então fez uma pausa, como se quisesse dizer as palavras exatas. — Eu passei a minha vida inteira matando. Eu destruo. Você cria. Você abriu os meus olhos para um novo mundo. Eu anseio por mais dele. Mais de *você*.

Depois de ter vivido suas lembranças, desejava-lhe *mais*? Não tinha previsto *esse* tipo de coisa.

Mas então suas palavras fizeram sentido. Ele não *tomaria* mais, ainda se ela decidisse ceder a ele.

— Está falando de coisas futuras? — *Vai morrer em menos de vinte e quatro horas!* — Seu futuro provavelmente acaba amanhã á noite. E o meu? Serei entregue a Goïlarv com uma caneca de cerveja. Aquela criatura possuirá o meu medalhão de convocação, e quem quer que o controle, me controla. É um laço que não posso romper, um do qual não posso fugir. Nunca serei livre.

— Seu medalhão nunca sairá das mãos de Raum para as de Goïlarv.



— Como pode dizer isso?

— Instruí meus primos para fazerem o que for preciso para salvá-la caso eu morra. Três Dacianos juraram protegê-la eternamente. E, Noiva, há muita pouca coisa que três Dacianos não possam fazer se realmente se unirem em uma causa.

Suas precauções a assombraram, mas sua chama de esperança rapidamente morreu. Não via como poderiam burlar o contrato de sangue do torneio.

— Raum será obrigado a entregar meu medalhão.

— E irá. Em um banco de névoa onde *qualquer coisa* pode se perder. Se os meus parentes falharem em libertá-la, eles rastrearão Goûlarv para um plano infernal e o matarão. Eles o fariam agora se não estivesse protegido.

Não se casar com um monstro? Ela podia realmente remover uma preocupação de uma montanha delas?

Ótimo. Agora tudo o que tinha que fazer era descobrir um jeito de salvar o seu amor de infância — como também aquele vampiro que invadiu seus pensamentos, sua vida.

Que lhe deu este presente.

Ela deve ter parecido estupefata, porque ele rangeu.

— Quando disse que a protegeria, mulher eu falei *sério*. Farei isso da maldita tumba se precisar.

Tanta... *devoção*. Ainda assim não podia entender como sentia tanto por ela em um período de tempo tão curto.

— Só me conhece há uma semana.

— Tempo bastante para saber que somos ligados.

— Porque sou sua Noiva mística e destinada.

— Sim, você me trouxe de *volta à vida*. — disse com secura — Um evento que não deveria ser descartado com tanta facilidade. Mas estamos ligados por mais que isso. Eu *sentia* você, muito antes de vê-la pela primeira vez.

— Do que está falando?



— Na primeira vez que foi atacada, fui acordado. Meu peito doía com a necessidade de proteger... alguma coisa. — Ele passou os dedos pelo cabelo. — Foi uma urgência caótica e sem forma, mas, deuses, foi forte. Achei que enlouqueceria com aquilo. Se estivesse por aí fora, poderia tê-la sentido melhor, poderia tê-la encontrado bem antes. Foi minha culpa você estar vulnerável àqueles quatro. É por isso que estava tão determinado a descobrir quem eram — para reparar o mal que lhe fizeram.

— Não foi sua culpa. Foi somente minha. — insistiu. — Fui ao plano mortal sem guardas. Disse a mim mesma que se não usasse feitiçaria permaneceria oculta deles. Mas eu a usei inconscientemente. Eles me rastrearam assim.

— *Eu* devia ter estado lá para protegê-la! — insistiu ele. — Depois de um milênio esperando por você em Dacia, devia saber que minha Noiva estaria aqui fora no mundo. *Zei me*a, senti algo naquele dia.

— Dacianos têm um sexto sentido assim?

— Temos habilidades desconhecidas da maioria. Mas acredito que você chamou pelo seu homem, seu protetor. Naquela noite, você chamou a *mim*.

Meu homem. Por que isso lhe soava tão certo? Ela de alguma forma havia chamado por aquele vampiro? Se Daciano fosse de fato *seu*...

Então se lembrou das presentes circunstâncias.

— Mesmo se realmente tivermos algum laço, isso não terá importância! — *O vampiro estava nessa para ganhar*. Mas era apenas isso: ele não *podia* ganhar. Não importava, eles nunca ficariam juntos. — Amanhã você provavelmente irá... *morrer*.

— Como se sente sobre isso, Bettina?

Outra lágrima deslizou pelo rosto.

Ele a puxou para os braços.

— Ficaria de luto por mim?

— Sim! — disse irritada. — Mas só porque não quero que morra não quer dizer que não esteja confusa com tudo isso. Esta noite foi um choque, e não sei como reagir.



— Entendo. Precisa de uma folga de tudo isso, uma noite para recarregar as energias. — *Bem que eu queria!* — Aqui. Tenho uma surpresa para você.

— Não gosto de surpresas. — Levantou o queixo. — Bem como quando cabeças caem na minha frente.

Em um tom brusco ele admitiu.

— Achei que teria tempo de prepara-la para a visão. Não quis assustá-la.

— Acontece que me assusto muito facilmente.

— Perdoe-me. Por hora, tenho pouco para lhe dar.

Ela disse baixinho.

— Porque abandonou seu reino por mim.

— Um sacrifício merecido. Agora pode confiar em mim que essa será uma surpresa agradável?

— Eu não... oh, muito bem.

— Feche os olhos. — Quando ela o fez relutantemente, ele a desmaterializou... até o seu lugar favorito em toda Abaddon. A construção dentro da grande floresta tropical.

Estava prestes a perguntar como ele sabia daquilo, mas se lembrou de que provavelmente sabia tudo a seu respeito agora.

E ele ainda me quer.

Suspirou, olhando em volta. Localizado próximo à beira do pântano, a estrutura consistia de uma base de mármore com dez colunas, cada uma entalhada para parecer com um tipo diferente de basilisco.

Acima, sobre uma teia de filamentos dourados, uma cúpula de videiras crescia em uma confusão de nós verdes. Mais videiras entre as colunas enfeitavam as paredes. Flores enormes se espalhavam intermitentemente, círculos ousados de um amarelo vivo.

*Meu folly*⁶. Comparado a Rune, a floresta tropical era incendiada de cor. Como sentiu falta daquele lugar!

O vampiro destruiu seus inimigos, fez esforços para protegê-la de Goûlarv e agora lhe deu isso.

⁶ Construção extravagante, projetada mais por expressão artística do que por praticidade.



Então ela notou que ele já tinha estado ali, trazendo peles de sua tenda como também vinho e comida para ela.

— Um piquenique? — Levantou as sobrancelhas para ele. — Espera que acredite que não planeja me seduzir? Você armou todas essas precauções para me proteger de Goûlarv e ainda assim não está confiante o bastante para fazer sexo comigo?

Em uma voz rouca, ele disse.

— Deseja que faça isso esta noite?

— Não! — *Se as circunstâncias fossem diferentes... talvez?* — Apenas continue me dizendo que não planeja transar comigo.

— Não por escolha — fantasio com isso sem cessar! — Ele se inclinou para soltar em seu ouvido. — Em como vou preparar o seu doce corpinho para me receber, como lhe farei ansiar por fazer amor até que me queira como eu a quero. — Quando estremeceu por causa de suas palavras, ele se afastou com um curvar sensual dos lábios. — De qualquer modo, eu disse que não a seduziria *completamente*. Embora *até certo ponto* ainda esteja valendo.

Ruborizada, ela colocou a mão na máscara que não estava lá, então se afastou dele para caminhar pelo perímetro. Examinou as flores-tortas, nomeadas assim porque cada flor era tão grande quanto uma torta. O cheiro tão doce quanto. Enquanto corria os dedos pelo mármore molhado registrando a sensação, o vampiro não disse nada. Mas seu olhar seguia cada movimento dela.

Um homem que gosta de você e quer olhá-la todo o tempo. Daciano a fitava como se não houvesse mais nada para contemplar.

— Se realmente ganhar esse torneio, vampiro, será o rei deste plano. — disse. — Não se importa em ver nada dele? Esse é provavelmente o lugar mais bonito de Abaddon. — E havia um fenômeno natural que acontecia em noites como aquela. *Antes da chuva vem o clarão.* Em breve uma fenda se abriria na bruma, revelando uma cena de tirar o fôlego lá em cima.

Ele se juntou a ela.

— Quero que me mostre.



Ela acenou uma mão ao redor.

— Dê uma olhada.

— Eu vejo um pântano. A flora é visualmente atraente, o ar úmido e quente, as árvores gigantescas. Mas agora sei que há muito mais. Quero ver como você vê.

Ela mordiscou o lábio.

— Eu vejo... função. Nada é estático. Vejo os padrões de crescimento em uma linda videira: rebentos que saem dela a cada estação chuvosa. Aquelas folhas largas pelo chão são muito mais propensas a capturar os raios de sol que se filtram por elas. — Ele parecia tão interessado, que ela se viu dizendo — Em alguns minutos, se for até a clareira bem ali e olhar para cima, verá uma visão única. É linda.

— Você irá me mostrar.

Ela? Ir até a clareira? No centro de todas aquelas árvores varre-alua? Quase bufou. *Não vai acontecer, vampiro. Mesmo com Daciano ali, não poderia tolerar aquele risco.*

Mas aquele folly também não era flanqueado por aquelas árvores?

Aonde Vrekeners costumavam subir.

Olhou para a árvore mais próxima, uma torre maciça de madeira que se avolumava ao seu lado. Próximo a ela, sentia-se tão pequena quanto uma formiga. Tão indefesa quanto uma.

Poderia haver uma colônia de Vrekeners lá em cima, e ela nunca os veria.

Mas eles conseguiriam vê-la...

Capítulo 31

Trehan viu o exato momento em que o pânico correu por dentro dela. Seu corpo ficou imóvel mesmo quando o coração começou a acelerar.



— Calma, amor. — Estava ao seu lado em um instante, as mãos cobrindo os ombros dela.

Seus olhos estavam arregalados e presos a uma árvore próxima, a respiração entrecortada.

— Olhe para mim, Bett. Olhe para mim! — Segurou as bochechas pálidas, fazendo-a encará-lo. — Respire. Inspire. Expire.

Ela fechou os olhos com força, agarrando os ombros, enterrando as unhas no músculo.

— Não devia aceitar conselhos de como respirar... de alguém que não usou seus pulmões... por séculos?

— Nada pode lhe tocar quando estiver comigo. — disse em um tom apaziguador, colocando as palmas em suas costas. Ela parecia tão frágil enquanto ofegava por ar, as omoplatas tão frágeis sob as suas palmas calejadas. *Minha delicada noivinha*. Suas mãos pareciam largas e ásperas demais contra a pele dela, mas quando esfregou suas costas, isso pareceu lhe acalmar.

— E-eu quero voltar para minha torre. — Ela finalmente abriu os olhos.

Ele a fitou, estudando sua expressão. *Ela está tentando tomar controle*. Poderia envolvê-la em névoa, mas não acreditava que precisasse. Parecia estar contente o pior de seu pânico.

— Não acho que seja isso que quer que eu faça.

— Por que, em nome dos deuses, não? — Sua voz era aguda, mesmo com a respiração se estabilizando.

— Está conseguindo tomar as rédeas disso. Está vencendo-o.

— Posso vencê-lo — nos meus aposentos!

— Aqueles Vrekeners roubaram mais do que a sua habilidade. Eles roubaram a possibilidade de apreciar esse lugar. Pode reclamá-la de volta esta noite.

O coração dela acelerou de novo.

— Isso é alguma espécie de teste? Algum tipo de catarse? Me ajudará a vencer o meu medo? Não, obrigada! Não tenho que fazer isso agora. Um dia conseguirei meu poder de volta e então ficarei curada.



— Você é mais do que apenas poder.

— Isso diz o homem que tem muito disso! — Ela castigou o lábio. — Olhe, eu aprecio o que está tentando fazer. E-eu não quero ser assim — covardes não *querem* ser covardes. — Mas eu também nunca quis ser do tipo de mulher que precisa de um homem para ser forte.

— Muito apropriado. Porque eu nunca quis ser o tipo de vampiro que não consegue pensar em nada a não ser em sua Noiva. De qualquer modo, não precisa de mim para ser forte. Precisa de mim simplesmente para dar esse primeiro passo — que é por ali. — Ele apontou para os degraus de árvores que levavam da construção até a clareira.

— O que te faz pensar que sou capaz disso? Por que tem tanta fé em mim?

— Eu lhe perguntaria por que tem tão pouca. — disse. — Bett, está me ensinando como ver o mundo; o mínimo que posso fazer é ajuda-la a vê-lo você mesma. Eu adentrei longe em sua mente. No fundo sabe que é altamente inteligente; considera seus talentos inadequados; suspeita que eu a ache a criatura mais bela já criada. Você é altamente inteligente; seus talentos são sim adequados e você é a criatura mais linda deste mundo.

Antes que pudesse responder, Trehan simplesmente disse.

— A grandeza reside em você. Com poder ou sem, você pode *se tornar* poderosa.

As palavras do vampiro eram como um sino tocando em seu cérebro, lembrando do comentário enigmático de Morgana:

— A melhor coisa sobre ter poder é meramente *possuir esse poder*. Use o último com sabedoria e nunca terá de usar o primeiro.

Bettina pensou que sua madrinha tinha lhe aconselhado, "Finja até consegui-lo de volta". Ou, "Percepção é realidade".



De repente, entendeu o real sentido. *O poder está onde o encontra, onde o domina, em como o usa.*

Bettina finalmente entendeu. Como Daciano disse, os Vrekeners tinham lhe roubado seu *folly*; agora podia roubá-lo de volta deles.

Podia não ser capaz de conseguir reaver sua habilidade, mas ainda podia *ter poder*.

Ele está onde o alcança!

Essa era uma revelação fantástica... *Mas ainda não vou até aquela clareira.*

Afastou-se de Daciano, para longe das mãos grandes e mornas.

— Grandeza? Está de brincadeira? Não posso fazer isso. Pode haver dezenas de Vrekeners nas árvores, e eu jamais os veria. — Até que fosse muito tarde.

— Eles podem muito bem estar.

— C-como? — Arrepios lhe correram.

Com um aceno confiante, ele disse.

— Pode haver vinte ou trinta deles. Talvez mais.

— *O quê?*

— É possível que mais uma dúzia tenha chegado desde que começamos a discutir isso.

— Por que está me dizendo isso? — Gritou.

— Se eu dissesse que não havia nenhum aqui, acreditaria em mim?

Como explicar aquilo?

— Eu *acreditaria* em você. Mas a minha mente não... não *registraria* isso.

— Então aceita que eles *estão* aqui. Agora, o que acha que aconteceria se os seus inimigos estivessem esperando?

— Eles atacam!

— E depois? — Sua voz ficou mais baixa, sedosa e cheia de ameaça.

— Vamos, Bettina, sabe o que vem depois.

— Lutaria com eles?

— Eu faria com eles, o que fiz com os quatro. — Ele escorou o ombro em uma coluna com um basilisco entalhado; naquele momento parecia



mais aterrorizante do que qualquer dragão. — Terá um anel de corpos ao seu redor, mais cabeças do que poderia colocar em um só saco. Deixarei que escolha que Vrekener poupar — para ser torturado.

Aquilo não deveria soar tão atraente.

— Está em uma posição vantajosa, *dragă*.

— Eu... estou?

— Se não houver Vrekeners, então irá até lá e reivindicará este lugar de seus inimigos. Se *estiverem* aqui — o que espero que seja o caso — vai testemunhar em primeira mão o que acontece com aqueles que pensam em ferir minha mulher. De qualquer jeito você ganha; de qualquer modo esse piquenique será memorável.

Ela se surpreendeu quando quase sorriu de volta. Talvez a conexão que continuava a crescer entre ela e Daciano não deixasse espaço algum para o vazio — ou medo.

Ela olhou para a turva clareira e para ele. *Antes da chuva vem o clarão.*

— Vampiro, podíamos ir juntos.

Uma forte negação com a cabeça.

— Vá sozinha.

Tirou uma trança do rosto.

— Oh, vamos lá! — Este rato simplesmente não está preparado para correr para uma clareira cercada de árvores, debaixo de uma bruma que ocultava tudo de cima.

E quando a bruma se abrir? Que visão a receberia quando olhasse para o céu? Lembrou-se da terrível imagem de um Vrekener descendo. Imaginou a rajada de ar de suas asas raivosas.

De qualquer modo em ganho? Olharia para cima e encontraria terror ou beleza.

Mesmo com o vampiro ali, aquela seria uma prova de fogo.

Daciano se aproximou mais dela, mais uma vez confundindo sua mente com o seu cheiro de dar água na boca. Em seu ouvido, ele murmurou.

— Bett, eu lidei com a morte nas florestas por todo o Lore. Sempre que estou para atacar, animais, e até mesmo insetos ficam quietos.



Ouçã.

Ela ouviu uma cacofonia de sons familiares. Corujas imperturbáveis, morcegos guinchando felizes, o zunido constante de insetos.

— Você vê tanto. — disse ele. — *Agora escute essas criaturas e tenha certeza: nenhum predador está à espreita.*

Tudo ali seguia o ritmo usual. Tudo menos a tola Bettina, de pé, congelada onde estava, com medo demais para andar vinte e cinco passos enquanto o impassível mundo seguia sua marcha.

Dane-se isso.

Como se pressentisse sua capitulação, Daciano envolveu a mão na dela e a levou até os degraus do *folly*.

— Encontrarei você lá.

Eu vou mesmo fazer isso? Sóbria?

Ele parecia pensar que sim. Aparentemente, também havia partes dele que pouco conhecia.

Com Daciano segurando sua mão, ela desceu o primeiro degrau.

E o segundo.

Depois de respirar fundo, ela conquistou o último — mas apertou os dedos para prender os dele até o último momento...

Assim que sua bota encontrou-se com o solo esponjoso, ela perdeu o contato com o vampiro e vacilou, olhando para trás por cima do ombro.

Mas orgulho iluminava o rosto masculino de Daciano, seus olhos verdes brilhavam com isso, seu peito se inflava.

Ótimo. Agora tenho que fazer isso, ao menos para conseguir mais daquela expressão viciante.

A clareira estava à sua frente. Engoliu em seco. Como não notou que os troncos e as raízes daquelas árvores eram tão monstruosos, que a bruma era tão sinistra?

Mas os sons ainda eram estridentes. *Alcance-o!*

Os vinte e cinco passos foram os mais demorados de toda sua vida. Os pensamentos corriam, no ritmo das aceleradas batidas de seu coração: *Antes da chuva vem o clarão. Terror ou beleza? Daciano está*



por perto. Ele aniquilará qualquer Vrekener. Belo piquenique, belo piquenique. Tortura nas mãos de um Vrekener.

E então... estava na clareira, os ombros curvados. Mas ainda assim estava lá.

— E-eu consegui. — falou meio que descrente. — Vim até o meio.

— Conseguiu sim, amor. — ele disse de volta. Não poderia soar mais orgulhoso.

Em segundos, uma abertura se formou no banco de bruma, exatamente como sabia que aconteceria. Uma corrente descendente de ar quente dissipou a névoa, como no centro de um furacão. Estava no meio de um túnel sem névoa.

Engoliu em seco. *Terror ou beleza?* Com toda coragem que pôde reunir, levantou o rosto.

Bettina não encontrou agressores; ela viu... uma cena de sonhos.

— Vampiro, vai querer ver.

Ele já estava ao seu lado.

Acima deles, a lua quase cheia era como uma moeda de prata. Vagalumes tão grandes quanto às mãos de Bettina pairavam no céu, brilhando um dourado, deixando traços de luz. Pétalas de um vermelho fluorescente giravam no leve tufão, emitindo luzes rubras. Folhas lustrosas caíam em espirais lentamente, a luz da lua batendo em suas superfícies...

Consegui chegar até aqui, e fui recompensada. Que outras recompensas ela tinha perdido?

Sentiu algo se transformar dentro do peito.

Estava pronta para passear pela cidade sozinha? Não exatamente. Estava curada de seu medo? Uh-uh. Mas, no momento, não sentia nenhum.

E sabia que dobrou a esquina de sua recuperação.

Daciano não disse nada por um longo momento, parecia apenas apreciar a visão acima deles. Sem nunca olhar para baixo, ele tocou sua mão de novo, agarrando-a com a sua.

— Está tirando uma barreira dos meus olhos, Bett. Nunca mais quero voltar a ser como eu era.



Parou de fitar o céu, voltando sua atenção para algo tão notável quanto o rosto do vampiro voltado para a lua.

Tão belo que quase ficou sem ar.

Seus olhos estavam entreabertos ao admirar a cena, como se experimentasse um tipo de benção.

Queridos deuses, é assim que ele me olha.

Sentindo seu olhar nele, virou para encará-la — e com toda certeza, sua expressão não mudou.

Dalit. Outra vez aquela palavra entrou em sua consciência. *Raio.* Em antigo Demonês, isso também significava a faísca de desejo que alguém sentia antes de se apaixonar.

Ela poderia deixar os seus sentimentos por Caspion para trás e permitir que novos crescessem por aquele vampiro lindo, paciente e bravo?

Palavras saíram dos seus lábios:

— O que faria se eu morresse? Seu eu fosse... assassinada?

Ele franziu o cenho.

— Não quero falar disso.

— Disse que responderia qualquer pergunta.

Sua mão apertou a dela.

— Vingaria você. — Ele prendeu os seus olhos. — *Seguiria você.*

Seus lábios se abriram em surpresa na mesma hora em que a chuva grossa começou a cair.

Capítulo 32

Trehan não entendeu a súbita pergunta, sabia apenas que sua resposta a surpreendeu.

Quando ela levantou o olhar o examinando, piscando contra a chuva fina, ele sentiu que estavam na beira do precipício de alguma coisa e não



se atrevia a riscá-la pra longe. Gotículas brilhavam por cima de suas tranças como um véu cintilante, os olhos tão luminosos.

Sua expressão parecia... *perdida*, como se ele tivesse feito muito mais do que admitir uma simples verdade.

— Bettina? Por que perguntou isto...

Duas mãos suaves seguraram seu rosto entre elas, puxando-o pra baixo. Os lábios encontraram os dela. *Agora estou perdido...*

Ele a enlaçou pela cintura, arrastando-a contra seu corpo, gemendo ao senti-la. A pele era tão quente, tão lisa debaixo de suas mãos. As respirações se misturavam, o beijo aprofundava, a chuva agora desabando; a noite refletia a intensidade do que queimava entre eles.

Quando a ergueu contra ele, os braços esguios se fecharam ao redor do pescoço, as pernas longas embrulhando em torno da sua cintura. Ele a riscou para as peles, deitando-a.

Entre beijos, ela disse.

— Estamos prestes a ir direto ao ponto?

— Puta que pariu, estamos!

— Vai me fazer esquecer amanhã?

Ele recuou de cócoras.

— Pretendo. Enquanto estivermos aqui neste lugar, o amanhã não importa. Só você, eu, esta tempestade.

Quando ele apenas olhou para ela, franziu o cenho.

— O que quer que eu faça?

— Tire a roupa. Mostre-me seus belos seios como fez na primeira noite. — *Desta vez para mim. Só pra mim.*

Ela mordeu os lábios.

— Você pensa muito sobre aquela noite.

— Você não?

Corando estendeu a mão para as costas, soltando o laço do top. Quando ela o perscrutou para arrumar coragem, ele disse rouco.

— Para mim.

Ela removeu o material, revelando perfeitos montes pálidos coroados com bicos rosados. Ele os viu antes, beijou-os antes; um gemido abafado



explodiu de seu peito.

Os cantos de seus lábios vermelhos curvaram.

— Você... gosta deles.

— Gostar? — Ele cobriu um com a palma, dando-lhe um gentil aperto.

— Já estou obcecado por eles. Imagino uma eternidade cuidando deles e cada centímetro do seu deslumbrante corpinho. — Se inclinou para beijá-la prometendo. — *Logo, Bett.* — um pouco antes de seus lábios encontrarem os dela, sorveu seu doce suspiro.

Ela encontrou a língua indagadora, girando levemente a ponta da sua contra a dele. Adorava o modo como ela beijava com voltas tímidas de sua língua, lábios acolhedores e agora um gemido necessitado.

Uma das mãos trêmulas segurava com a palma aberta a parte de trás da cabeça dela; a outra trabalhava para soltar os laços de sua saia.

Ele interrompeu, mas só para admirar o presente que estava desembrulhando.

— Uma beleza, por si só. — declarou quando a viu apenas com um pedaço de renda preta.

Lentamente, para não assustá-la, arrastou a calcinha por suas pernas abaixo, deixando-as ao redor de um fino tornozelo.

A visão de seu corpo roubou o fôlego dele. Cintura tão pequena. Pele tão macia. Gotas de água faziam uma trilha sobre os membros tensos, as curvas deliciosas e aqueles seios atrevidos. A minúscula cobertura de cachos escuros em seu montículo acenava...

Não, ele não era um mero observador. Quando levantou o rosto para ele, percebeu que não poderia estar mais presente, mais comprometido. Os aromas tomaram conta dele. Chuva morna caía sobre sua pele aquecida. A batida dos corações soava em seus ouvidos.

Os dois faziam parte desta tempestade, uma parte deste abrigo selvagem.

E sua fêmea estava aguardando seu próximo movimento, estudando-o com olhos arregalados e cintilantes.

— Sabe o que pretendo fazer com você, Bett?

Ela engoliu em seco.



— B-beijar meus seios?

— Gostaria que eu fizesse? — Ela assentiu com ansiedade. — Então, deite-se de costas.

Quando ela se reclinou por entre as peles, ele se moveu pra cima dela, inclinando-se para lambar a umidade de sua delicada clavícula descendo para as curvas dos seios. Dois mamilos pontudos zombavam dele. Qual chupar primeiro?

Ele gemeu enquanto fechava os lábios sobre um, esfregando o polegar pra frente e pra trás sobre o outro. Com a língua, ele sacudiu rápido e duro. Com o polegar, esfregou muito lentamente.

Ela arqueou as costas pedindo mais.

— Ah, Daciano, o que está fazendo comigo?

O máximo que eu puder até certo ponto. Duro e rápido. Preguiçosamente de um lado para outro. Então ele trocou a boca pela mão.

Quando a cabeça dela começou a se debater de um lado para o outro, ele deixou dois mamilos latejantes pelo caminho e começou a beijar a barriga plana abaixo.

Quando alcançou o umbigo, ela estava tremendo de necessidade. Mas se ergueu se apoiando nos cotovelos.

— Daciano? Espere.

— Não me detenha, Bett. — Sua voz era um grunhido. — Você sabe o que eu quero.

— Mas, e suas presas?

— Posso controlá-las.

— Tem certeza? E-eu não quero que você me morda.

— Não tomarei seu sangue novamente. Não até que seja dado. — Ele acariciou seus joelhos com as palmas. — Você confia em mim? — Ele perguntou com uma lambida molhada logo acima de seus cachos.

— Confio. Eu realmente confio.

— Então abra suas coxas, *dragã*.

Por fim, ela estava deitada de costas, agarrando as peles com os punhos.



Devo ter este prêmio?

Apesar do rubor furioso cobrindo a pele, ela lentamente começou a afastar os joelhos. O coração dele dava cambalhotas no peito por conta deste show de confiança de sua Noiva.

Putaquepariu, sim, ele sobreviveria amanhã!

Ele viveria para conhecer o pleno poder de seu desejo. Viveria para reivindicar sua deslumbrante fêmea, dominar seu corpo com o dele, conquistá-la eternamente...

Ela mostrou o sexo suculento; seu corpo reagiu com um frenesi animalesco. Sua luxúria em fúria.

Ficou com água na boca por suas dobras rosadas e brilhantes, para o obscuro mergulho na pequena abertura. Queria cair em cima dela, devorá-la. As presas doíam para espetá-la; sugaria em sua carne jorrando. O pau cresceu desesperado para afundar em seu âmago virgem.

Quando tomou o odor delicioso dentro dele, sentiu os tremores começando na base do membro, a semente subindo contra sua vontade.

Ia gozar? Antes mesmo de beijar?

De alguma maneira se conteve. Numa voz irreconhecível, repetiu o que disse a ela na primeira noite em que a encontrou:

— Tive uma amostra do seu gosto, *dragã mea*. Agora vou me banquetear...

Ela espiou sua cabeça, mordendo o lábio com preocupação.

— Daciano?

Mas ele já abaixava a cabeça. Quando abriu a boca e a pressionou contra seu sexo, ela ofegou. Com a primeira lambida faminta de seu calor, ele gemeu.

— *Mea! Dulcea mea. — Minha! Meu doce.*

Ela desabou de costas com um gemido de prazer.

— Sim, vampiro, sim...

Seu gosto era indescritível; sua essência era como uma corrente rasgando através dele — enrijecendo cada músculo em seu corpo, estimulando cada nervo.



Inclusive enquanto a lambia com abandono, de alguma forma manteve suas presas comportadas. Mesmo quando escancarou sua boca para cobri-la, ele não mordeu a carne tenra.

Tanto tempo esperei por isto. Levantou o olhar pra ver a reação dela. Com os braços estendidos por cima da cabeça, ela arqueava as costas. Seus seios se moviam sensualmente, os mamilos enrugados se projetando em direção ao teto.

Ela é apaixonada por este beijo entre nós, tanto quanto eu.

Ainda de joelhos, ele esfregou as mãos subindo por seu torso, possessivamente afagando os seios úmidos, prendendo-os debaixo de suas palmas. Lambeu-a ainda mais forte, mergulhando a língua em sua abertura para recolher a umidade, em seguida molhando o clitóris com isto.

Minha Noiva. Meu prêmio. Meu banquete.

Ela enroscou os dedos em seu cabelo e se sacudiu em sua língua.

— Mais forte vampiro. — suspirou. Acabou se tornando devassa com a necessidade. — *Mais fundo.*

— Bett! — Ele não podia dar o que ela precisava, não podia penetrar seu corpo de jeito nenhum. Não com seus dedos, suas presas, seu pau. A frustração se apoderou dele. — *Eu quero estar tão fundo dentro de você. Foder você tão duro!* — Os quadris instintivamente punhalaram, mas o membro não encontrou nenhuma suavidade para se afundar.

— Trehan. — ela gemeu. — *Por favor, e-eu preciso...*

Com um grunhido, ele renunciou o domínio dos seios e agarrou a parte de trás das coxas, prendendo os joelhos bem abertos para conseguir ir mais fundo com a língua.

— Oh, puta que pariu, *sim!* — Os gritos quebrados soaram admirados: — *Nunca senti... isso é tão forte... você me faz sentir...*

As coxas trêmulas pressionaram os lados de seu rosto quando a carne começou a tremer. No limite, ela agarrou a parte de trás da cabeça dele, ondulando os quadris pra cima, enquanto o arrastava pra baixo.



Mesmo no auge, Bettina sabia que este lugar secreto em seu corpo — um lugar que nenhum outro macho já tocou — agora era *dele*.

Ele a reivindicou com sua língua, com seus lábios, com seus grunhidos duros. E ela se rendeu completamente.

O vampiro estava grunhindo palavras para ela entre cada lambida?

— Diga que você vai me deixar... fazer qualquer coisa com você!

Os dedos dele apertados em suas coxas a persuadindo a responder.

— Eu... eu... — Ela não podia pensar. Por que não o deixaria fazer qualquer coisa se isso era tão bom *assim*? Ele queria dizer sexo? *Não podia pensar*.

Por que aquelas palavras eram tão importantes para ele?

Tudo que ela sabia com certeza, era que precisava cravar as unhas em suas costas musculosas, lambe sua pele, remoer em seu beijo...

Ah, deuses, sua língua perversa estava em *todos os lugares*.

— Oh, vampiro, não pare...

Enquanto se aproximava do auge, o prazer dançando ao seu alcance, sua mente não podia produzir nenhum outro pensamento:

— *Estou gozando!*

Pouco depois, o êxtase a devastou. Escaldante e sem limites, ele percorreu cada centímetro dela. Voltando a arquejar, ela lançou os braços para o lado em leque — e gritou.

Um gemido feroz rasgou de seu peito enquanto ele se abatia sobre ela com a boca. Apesar do orgasmo ter diminuído, ele a lambeu ainda mais sofregamente. Parecendo frenético, mergulhou bem na entrada de seu sexo, onde ainda estava tendo espasmos. Ele podia saboreá-la?

Era demais! Contorcendo-se embaixo do aperto de ferro de suas mãos nas coxas, ziguezagueando das chicotadas de sua língua, ela implorou.

— Oh, pare!



Ele não o fez; tomou o clitóris entre os lábios e chupou suavemente.

— *Ah!* — Perdeu-se novamente.

Ondas a inundaram. Impotente, rendeu-se a elas... apenas deixando-as vir e gozar...

Depois que o segundo orgasmo diminuiu, ele finalmente começou a beijá-la corpo acima, grunhindo algo em Dacian, algo que soava como uma promessa — ou uma ameaça. Não reconheceu as palavras, mas reconheceu o "puta que pariu... calma".

— Logo, Bett. — Ela pensou que ele grunhiu. — *tão fundo e tão duro quanto você precisa de mim.*

Arquejando, ela deitou com as pernas abertas e — para sua imensa felicidade — não estava nem aí. Novamente sentiu como se estivesse flutuando, ainda amarrada.

Gradualmente voltou a si, ansiosa para lhe dar prazer também. Ele recuou de cócoras, olhando fixamente para seu sexo com uma fome tão feroz que ela quase ficou com medo.

A cada segundo ele parecia ainda mais agoniado. Seu corpo irradiava ondas de tensão.

— Ah, mulher.... — engoliu seco e com força. O pomo de Adão subindo e descendo... — posso ver onde eu mataria para estar.

Seu comentário à fez querer fechar os joelhos imediatamente, mas algo lhe disse que não ousasse.

Mais palavras duras em Dacian seguiram. Ele repetia.

— *Uma mea.*

Minha?

— Vampiro? — o olhar dela se arrastou mais abaixo. Seu pau inchado pulsava contra a calça, o material se esticando.

— Se você soubesse... os pensamentos que estão passando pela minha cabeça agora.

Reunindo coragem, ela se ajoelhou e colocou a palma da mão no rosto dele. Um toque tão leve, mas ele tremeu com isso.

— Daciano, quero retribuir.

Ele engasgou.



— Então nós estamos... de acordo.

Talvez ele não se importasse realmente que ela fosse sexualmente ignorante. Talvez ele ainda pudesse apreciar seus beijos desajeitados. Ela estendeu a mão para sua camisa; ele a jogou longe.

— Você sabe que nunca fiz isso. — ela disse distraidamente, sua atenção fixa nos músculos gloriosos do peito dele. *Eu realmente preciso desenhá-lo.*

— *Dragã*, você não tem que fazer... — sua voz foi diminuindo quando ela alcançou a calça.

— Mas eu acho que compensarei minha falta de experiência com entusiasmo.

Outro gemido.

— Se você está entusiasmada com isso, não vou durar muito tempo para apreciar.

O entusiasmo *importava*. Ela sorriu para ele.

Ele olhou para seus lábios, exalando uma rajada de ar.

— Você sabe quantas vezes gozei enquanto imaginava esses seus lábios ao redor do meu pau?

As sobrancelhas se juntaram.

— Mas você só está sangrando há alguns dias.

— Então você deve ter me sangrado a porra toda porque estou duro por você constantemente. Liberar a pressão foi a única coisa que me impediu de ficar em cima de você.

— Sério? — Este poderoso guerreiro deu prazer a si mesmo fantasiando com ela? Bettina, a mulher fatal? A ideia derreteu qualquer hesitação.

Ela não tinha nada a temer deste vampiro, e esta poderia ser sua última noite na Terra. Ela não seguraria nada.

— Eu imaginei isto também.

— Eu sei. Você se perguntou se eu estremeceria e gemeria se você pusesse a boca em mim. — Com sua velocidade de vampiro, ele descartou a calça em um borrão, então voltou a se ajoelhar diante dela.

Entre arquejos, ele grunhiu.



— Permita-me... satisfazer sua curiosidade.

Capítulo 33

Quando Trehan ajoelhou diante dela novamente, Bettina não olhou imediatamente para seu membro impaciente enquanto ele esperava.

Ela se ajoelhou na frente dele, inclinando a cabeça enquanto olhava o rosto, o tórax, os músculos do estômago se contraindo, então finalmente seu pau — como se quisesse saboreá-lo cuidadosamente.

O interesse dela por seu corpo era palpável — e tão fodidamente erótico. A princípio, ela o inspecionou com um olhar analítico. Mas agora as pálpebras estavam pesadas, as respirações superficiais. Aqueles pontinhos cintilantes brilhavam em seus olhos.

Um gemido suave escapou dela e as mãos dispararam para o peito dele como se estivesse magnetizado. Quando ela passou levemente as pontas dos dedos pelos músculos, ele silvou em uma respiração.

— Você me toca como faz com o ouro. Eu a observei em sua oficina e queria que você lidasse comigo com a mesma atenção.

— Você é muito mais duro que o ouro. — disse ela, a voz gutural se foi por conta dos gritos desenfreados. — Você é tão duro quanto estas colunas de mármore. — Ela apertou os músculos rígidos, então esfregou as palmas das mãos peito abaixo. — Aquela noite em sua tenda, apenas senti você por um tempo, quando queria te explorar assim por dias.

Você vai. De alguma maneira, darei um jeito para que você tenha essa chance...

Ela o tomou na mão; seus quadris resistiram e seus joelhos empurraram ainda mais.

— Isso realmente é diferente de tudo que eu já senti.

— Ele dói por você. — Ele curvou o dedo debaixo do queixo dela, capturando o olhar. — *Somente pra você para sempre. Está me*



entendendo? Não haverá nenhuma outra.

Quando os lábios dela separaram, a emoção e a excitação, ambas aumentaram dentro dele. Metade queria tomá-la nos braços e esmagá-la contra ele; metade queria encaixar seu membro entre aqueles lábios carnudos.

Seus toques hesitantes ficaram mais ousados, uma carícia sedosa aqui, uma avaliação curiosa lá.

— É como você imaginava?

Ele soltou.

— Melhor ainda. Inacreditavelmente melhor.

Ela esfregou o polegar pela coroa. Quando pré-sêmen brotou por causa do toque ela inconscientemente molhou os lábios. Seus olhos se trancaram em sua boca. *Ela está pronta...*

— Vampiro, seria melhor você deitar...

Ele riscou do seu aperto, deitando-se de costas.

— ... pra baixo. — ela terminou com um ofego.

Ele arrastou a mão de volta ao eixo, persuadindo-a a se ajoelhar entre suas pernas. Ela o fez, ansiosamente.

— Por onde devo começar?

Ele a alcançou, pegando sua nuca, puxando-a para mais perto.

— Beije o que quiser.

Ela inclinou a cabeça novamente, como se debatendo consigo mesma por onde começar. Inclinando-se, ela pressionou os lábios no pescoço, em seguida no peito, arranhando um mamilo. Ela lambeu o outro.

Nunca soube que eu era tão sensível. Seus quadris começaram a se mover por conta própria.

Enquanto ela dava um beijo mais abaixo em seu tórax, suas tranças selvagens se arrastaram sobre a pele como se fossem pontas de dedos brincalhonas. *Não pressione sua cabeça pra baixo... não pressione sua cabeça...*

Quando ela aninhou o nariz no pelo próximo ao umbigo, o pau levantou até sua boca. *Tão perto daqueles lábios doces.*



Ela pegou a base do membro, apontou para a boca. Ele esperava... Não respire...

Com uma lambida hesitante, ela emplastrou a língua na coroa. Deve ter gostado do gosto; um som ronronante de aprovação saiu de seus lábios, respiração quente fazendo cócegas na cabeça.

Entusiasmo? Ele estava *condenado*.

Então ela... lambeu a fenda ainda mais.

— Ah, Bett!

Ela lambeu fazendo um redemoinho com a língua em torno da ponta, deixando-o atordoado com a luxúria. Condenado.

— Como estou me saindo?

Seu pau estava escravizado. Ela tinha mais controle sobre ele do que ele mesmo tinha. Com as mãos trêmulas, ele empilhou suas tranças em cima da cabeça, dizendo rouco.

— Você só é tão boa assim com o ouro. — Seu sotaque já foi tão intenso?

Ela levantou o olhar pra ele com uma sugestão de sorriso.

— Há outra dimensão para isto, por assim dizer. — disse ela, pouco antes dela fechar seus lábios sobre ele e chupar.

— *Zeii mea*⁷!

Aquela perfeita vedação dos lábios deslizou abaixo pelo comprimento; seus olhos reviraram de prazer.

Com os dedos espalhados em torno da base do pênis, ela trabalhou a boca pra cima e pra baixo. Tomando-o mais fundo a cada vez, ela o experimentou com sua língua esperta.

Qualquer inibição remanescente queimou pra longe quando ela foi capturada no ato, ficando excitada mais uma vez.

Seu perfume inebriante o deixou frenético.

— Bett, monte a cavalo em minha perna!

Ela não perguntou por que, só concordou — mas seus olhos se arregalaram quando ele moveu as pernas entre as dela.

⁷ Meu Deus em romeno.



A mão dele serpenteou pelas costas dela abaixo para embalar seu generoso traseiro. Apalpando-o, ele a apertou contra sua coxa em um movimento oscilante.

— Oh!

Ele compartilhou sua surpresa. Ela estava ainda mais molhada do que antes, a carne umedecendo sua pele.

— Isso parece bom, *dulcea?* — Outra mexida.

— Sim. — ela gemeu. Enquanto devolvia o beijo, ela apertou as coxas bem juntas e se balançou. Sua bunda se movendo como um sonho debaixo da palma trêmula.

Só restavam alguns momentos para ele. Esforçou-se para aguentar, retendo sua semente. Mas seu cheiro, sua boca e sua língua em breve o derrotariam.

Os gemidos dela ao redor do pênis ficaram mais altos; ela também estava no limite.

Ela se afastou para gritar.

— *De novo, vampiro?*

Ele soltou.

— Sim, meu doce. *De novo.* — Quando flexionou sua coxa entre as dela, ela continuou seu beijo malvado. Até mesmo enquanto gemia, ela banhava a cabeça do pau com a língua, arrancando um gemido de seu peito. Em seguida o tomou entre os lábios mais uma vez.

Ela chupou e ele a balançou. Chupada... balançada...

Conforme sua semente subia pelo comprimento, ela se esfregava contra a perna dele, começando a gozar... seus gritos guturais abafados pelo pênis.

O pau latejou na boca da sua Noiva enquanto ela tinha um orgasmo.

Acabou.

Sabia que estava prestes a explodir, sabia que a pressão bombearia a semente até seu queixo pela primeira vez, e ela não gostava de surpresas. Ele tinha que detê-la. De alguma forma tinha que fazê-la se afastar.



Com uma determinação que não sabia que possuía, ele pegou seu rosto e o puxou, rendendo-se a maravilha de sua boca.

— Espere! Eu gostei disto. — O vampiro a fez chegar ao clímax três vezes, e agora a estava detendo antes de sua própria liberação?

— Prestes a... *gozar*. — Ele parecia descontrolado. Sua pele brilhava com suor. Tendões se destacavam em seu tórax.

— Eu meio que percebi isso.

— Observe-me desta vez, Noivinha. — Embora sua expressão fosse angustiada, seus olhos pareciam... amorosos. — Então você saberá o que esperar.

Ela acariciou o comprimento liso, fazendo-o se animar perante seu aperto.

— Você tem certeza?

Por entredentes ele disse.

— Veja o que você fez comigo.

— Bem, eu *queria* ver isto. — Outro gemido do vampiro.

Quando ela começou a esfregar sua ereção, ele embrulhou a mão ao redor da sua. Seus olhares se encontraram, e juntos trabalharam na carne.

Embaixo de sua palma podia sentir o eixo pulsando, ainda crescendo apesar dela estar apertando tão forte.

Justamente quando ela percebeu que ele começava a bombear, ele soltou.

— *Olhe pra mim*.

Com os olhos arregalados, ela o fez.

A coroa entrou em erupção com semente perolada, jorrando, fazendo um arco por cima do seu torso. Ele lançou a cabeça pra trás e berrou. O corpo devastado com prazer, os músculos se esticando.



Beleza, forma... *função*. O vampiro gritava em seu idioma, flagelando-se em suas garras. Ela ficou impressionada, muda enquanto eles espremiavam seu sêmen.

— Isso é pra você. — ele gemeu enquanto suas costas se curvavam e sua semente chicoteava em cima do seu tórax. — *Sempre pra você*.

Capítulo 34

Depois de limpar o tórax com sua camisa, Trehan puxou Bettina pra si, aconchegando-a ao seu lado. Depositou um beijo no cabelo com a satisfação tomando conta dele.

Noiva quente e saciada. Chuva. Paz. Sim, se sentiu em paz quando a abraçou.

Mais uma vez se perguntou, *Por que não este lugar?* Isto poderia ser seu, ela poderia ser sua. Juntos, ele e Bettina iniciariam uma nova casa.

— Acho que você gosta daqui. — ela disse, lendo seus pensamentos.

— O seu plano é um pântano com chuva frequente. Venho de um reino frio, sem chuva. Ainda assim, eu poderia ser feliz com você aqui.

— Sério?

Ele acariciou preguiçosamente seu cabelo.

— Temo que isto não diga muito. Eu poderia ser feliz no plano do inferno com você ao meu lado.

Ele sentiu o sorriso dela contra o peito. Pelos que viu das memórias dela, sabia que em outra época foi rápida para sorrir. Uma mulher feliz que gostava de rir. Mas este torneio a desanimou mais do que qualquer um poderia ter imaginado.

— Vampiro, o que mais você viu das minhas memórias?

Ele deslizou o polegar e o indicador ao longo de uma trança brilhante.

— Vi que você tem medo de tomar a coroa deste reino.



— Eu não deveria? Sou tão diferente de todo mundo aqui... sem chifres, sem presas, sem força. Às vezes me sinto como uma impostora.

— Você é exatamente o que Abaddon precisa. Seus indivíduos são guerreiros e agitados. Uma rainha sensata e que tenha compaixão é a única coisa que manterá o reino longe de constantes conflitos. Especialmente durante uma Ascensão.

— Nunca pensei sobre isso desta forma. — Então seu tom ficou pensativo. — Eu realmente não sou muito de ter compaixão. Acho que coisas ruins deviam acontecer para as pessoas más.

— Se alguém for mau para você novamente, garanto que encontrarão um fim triste. E isto se você não chegar até eles primeiro. Senti na pele quando você usou seu poder.

— Você sentiu? Quando?

— Quando derrubou dois ghouls fugitivos. Posso apenas imaginar a dor que pode infligir. Já que você é a Rainha dos Corações novamente, lamento pelos seus inimigos.

— Minha habilidade não me ajudou com os Vrekeners na última vez. A canalização tomou muita concentração, o que levou tempo. Meu alcance foi limitado também.

Trehan lembrou que ela teve que apontar suas mãos diretamente aos ghouls para afetá-los.

— Bett, quando segurei uma espada pela primeira vez, eu era muito jovem até mesmo para balançá-la. Sua habilidade aumenta quando você a pratica. Vai se tornar sua segunda natureza.

— E se eu nunca conseguir de volta?

— Você *vai*. Até lá, pretendo ajudá-la a roubar de outro.

Ela pareceu espantada por isto.

— Morgana não propôs o mesmo para você?

— Bem, sim. Mas eu nunca poderia fazer outro Sorceri se sentir assim.

— Mas se quiser, minha oferta está de pé.

Ela pareceu meditar sobre suas palavras, então disse.



— Você sabe tanto sobre mim. Você não vai me contar algo sobre sua vida?

— O que quer saber?

— Com é Dacia?

— Estrategicamente e misticamente escondida. Muito bem defendida.

— Hmm, você pode descrever como parece para mim?

Sua pergunta fez seus lábios se curvarem. Minha artista halfling precisa de detalhes.

— Antes de você, via apenas vantagens táticas. Mas novamente, vou tentar. — ele disse, lançando a mente de volta para a visão diante de sua sacada. — Há uma névoa constante. Ficam em tufo ao longo das ruas de paralelepípedo. Vastas cavernas se elevam acima de tudo. Fontes correm com sangue. Os edifícios são antigos, esculpidos na própria montanha. Nosso castelo de pedra negra se encontra vazio no centro de Dacia, como um coração sem sangue. — Um lembrete constante de seu fracasso para instalar um regente. Entretanto não por muito tempo.

— Cavernas? Cheira como uma caverna?

— Não, tem cheiro de frio e sangue, o que é agradável para alguém como eu.

— Deve ser escuro.

— No pico mais alto há uma abertura coberta com um cristal gigantesco. Ele permite que a luz solar filtre.

— Mal posso imaginar isso.

— Queria poder mostrar a você. — Falar sobre seu reino apenas trouxe a mente o quanto ele sentia falta dele. As fontes espumantes, a névoa, a majestosa pedra negra de pé.

Como Bettina veria Dacia? Quantos detalhes ela veria que escaparam de seu conhecimento? Nunca saberiam.

— Como era sua casa?

— Eu vivia na biblioteca real, entre todos os livros.

— Você morava em uma... biblioteca?



— Em seu interior havia suítes e enormes balcões que davam para a cidade, mas sim. Eu era mais feliz entre aquelas prateleiras, então uma noite eu simplesmente não fui embora. — O que ela pensaria que sua escolha de casa diria sobre ele?

Ela pareceu estar dando ao assunto uma séria consideração. Então perguntou.

— Você tem família lá?

— Sem irmãos ou pais. Mas muitos primos.

— Você é próximo a eles?

Como responder a isso?

— Não é uma pergunta difícil.

— Não falei sobre mim durante séculos. Cada detalhe sobre mim tem sido privado ou conhecido apenas entre os parentes. Não sou o que você chamaria de um... um... — Qual era o termo moderno?

— Um falador?

— Justamente. Mas tentarei por você.

Ela murmurou.

— *Para ganhar.*

— Que foi isto? — Quando ela deu de ombros, ele disse. — Muito bem. — e começou a descrever sua família. Ele relatou sobre as vendetas sanguinárias e a discórdia. As constantes tentativas de assassinato e batalhas.

Contou sobre os irmãos Kosmina e Mirceo, sobre o temerário Viktor sempre procurando uma briga. Mencionou brevemente o bêbedo grosseiro que era seu primo Stelian. Contou a ela sobre Lothaire, seu rei em potencial desequilibrado, e sua Noiva humana — uma garota pobretona das montanhas.

E do outro primo da realeza que poucos sabiam? Esse conto era melhor deixar para outra noite.

— Soa como se odiasse seus primos.

— Não odeio, não realmente. — Trehan disse com um suspiro cansado. — Nós realmente nos tornamos cordiais até certo ponto. Apenas jurei matá-los, como eles a mim.



— Isto é realmente triste. Você não tem ninguém em quem possa confiar?

— Posso confiar em um deles, e talvez em outro, mas só em determinados assuntos. Minha casa entra em guerra com eles constantemente. Não sei nada mais.

— O que quer dizer com *casa*?

— Há vários braços da família Daciano, cada com sua própria casa. Viktor é tudo que resta da Casa da Guerra, Stelian da Casa dos Paladinos. Kosmina e Mirceo são os últimos da Casa de Castellan.

— E você, Príncipe da Sombra, deve representar a Casa das Sombras.

— Exatamente. — *Exceto que não sou mais.* — Cada casa tem uma finalidade. Viktor é general do exército, a ira do reino. Stelian é o porteiro, decidindo quem entra em nossa terra. Ele é o guardião do reino. Kosmina e Mirceo guardam o castelo. Eles são chamados o coração do reino.

— Como você era chamado?

— Eu era a espada do reino.

— A espada, mas nunca o rei? Você disse que era um candidato?

— Eventualmente o dever teria me obrigado a tomar o trono, mas nunca aspirei governar. Particularmente não me achava apropriado para isso.

— E agora?

— Agora acredito que possa ser um bom rei, se tiver uma rainha inteligente ao meu lado. — a puxou ainda mais forte contra ele.

— Você acha que este Lothaire fará bem para Dacia?

Trehan endireitou os ombros.

— O trono é dele. Sua casa governou desde o início dos Dacians. O cabeça do reino. — Ironicamente eles foram conhecidos por sua sabedoria imparcial.

Lothaire — o louco de olhos vermelhos se levantou entre os fanáticos da Horda — *sábio?*

— Vampiro, você não respondeu a pergunta.



— Há algumas características admiráveis nele. Se ele e sua Noiva pudessem se estabelecer... se ele pudesse tornar Elizabeth imortal... — Trehan e seus primos assistiram Lothaire cobrando os favores de seu lendário livro dos devedores, viajando pelo mundo inteiro. — Ele procura implacavelmente os meios para transformá-la em vampiro.

— Uma mulher? — Bettina perguntou. — Nunca vi uma.

— Em Dacia temos tanto fêmeas quanto machos. A praga que dizimou seu número entre a Horda nunca entrou em nosso reino.

— *Como* ele pode transformá-la?

— Nós acreditamos que ele procura por um talismã. Um anel místico que pode conceder seu maior desejo.

Ela se levantou apoiada em um cotovelo para estudar sua expressão.

— Você se via com uma Noiva?

Ele chegou mais para o lado para encará-la.

— Antes de meu pai morrer ele me disse para não contar com uma Noiva. E que se acontecesse, eu receberia uma filha de Dacia para ser senhora da minha casa.

— Oh. — Seus olhos brilharam. Com... ciúme? — Mas agora você jamais pode voltar.

— Você acha que eu iria? Mesmo que pudesse? — Ele tirou um cacho de sua testa, incapaz de parar de tocá-la. — Deixei por você, e faria a mesma escolha mais de mil vezes.

Ela pareceu pesar estas palavras em sua cabeça. *O que eu não daria para saber o que estava pensando agora.*

— Você parece cansado. — ela finalmente disse. — Talvez devesse voltar para sua tenda e descansar.

Mesmo após a vitória desta noite com ela, o esgotamento pesava sobre ele. Não dormiu um dia em semanas, e não bebeu o suficiente para se sustentar.

— Posso dormir assim que este torneio, e seu afeto, for ganho. Sinto que estou perto em ambos os casos.

Ela se retesou.



— *Perto de ganhar significa perto de matar Cas.* Você falando de sua família apenas me lembra do quanto sou próxima dele. Ele estava ali pra mim quando meu pai morreu. Cuidou de mim depois do ataque.

— Isso me devora.

— Por quê?

— Deveria ter sido *eu!* Você está confundindo lealdade com apego romântico e amizade com amor. Não experimentou o amor para saber a diferença.

— Eu sei que amo Cas.

— Então está confundindo dois tipos de amor. Ao longo dos séculos, testemunhei isto em todas as suas encarnações.

— Um é mais importante do que o outro?

— São diferentes.

— Responda vampiro. — ela insistiu. — Um é mais importante do que o outro?

— Em nosso caso, sim.

— Então diga que eu poderia me apaixonar por você. E diga que apenas amo Caspion como um amigo. O que acontece com ele? Se você sobreviver a Goürlav, matará Cas.

— Estou preso ao torneio tanto quanto você, Bettina.

— Quem é seu amigo mais precioso? E se eu não tivesse escolha a não ser matá-lo? Como poderíamos passar por cima disso?

— Encontraríamos um modo, porque eu saberia que você não teve escolha. Com o tempo, você *perdoará* minhas ações.

— Talvez eu pudesse perdoá-lo, mas sempre estaria pensando nisso.

— ela disse. — Foi por minha causa que Cas foi para Dacia.

— O que você quer dizer?

— Quando Raum lhe ordenou para parar de procurar pelos Vrekeners, Cas desapareceu. Não podia mais suportar a frustração, estava a ponto de enlouquecer. Deve ter encontrado um Dacian que o convidou para o seu reino.

Frustração não foi a única razão de Caspion ter se aventurado em Dacia. Mirceo pode ser bastante sedutor, prometendo prazeres da



carne que surpreenderia a mente de um jovem demônio excitado.

— Estou confusa sobre tantas coisas. — disse Bettina. — Mas uma coisa eu sei, Jamais poderia aceitar o fato de que você matou Cas.

Trehan acreditou que ela poderia, eventualmente, ver que ele não teve nenhuma escolha. Agora ele duvidava.

— O fato é que eu posso não ganhar. — disse ele. — E se esta é minha última noite na terra, não quero discutir o futuro até o amanhecer. Não vamos pensar nisso.

Em um tom mais tranquilo, ela perguntou.

— O que você quer fazer?

Enquanto a chuva caía suavemente, ele a atraiu de volta ao seu lado, encorajado quando ela esticou o braço por cima do seu peito.

— Nada além disto, Bett.

Capítulo 35

Trehan devolveu Bettina para sua torre pouco antes do sol se levantar, deitando-a na cama e puxando a coberta por cima dela.

Eles conversaram o resto da noite sobre o passado deles, suas esperanças e seus medos, até que a realidade se intrometeu com a luz que chegava.

— Você parece cansado. — Sua expressão ficou mais pensativa. — Gostaria de poder fazer alguma coisa para impedi-lo de lutar hoje à noite.

— Estamos todos obrigados pelo sangue em nossos contratos.

— O que vai fazer com Goürlav?

— *Vencer*, espero.

— Estou falando sério. Como vai matar uma criatura que não deve ser maculada? O que posso fazer para proteger meu povo se você o ferir?

— Eu não pretendo.



— Perdão?

— Os contos dos primordiais são verdadeiros. Quando são feridos, seu sangue é catastrófico.

— Conte-me.

— A lenda diz que serpentes, escorpiões e aracnídeos deram origem a outros primordiais a partir de gotas do seu sangue, exceto as Crianças Terrors originais nascidas do sangue, que são tão grandes quanto dragões. — disse ele. — O único golpe que posso dar contra Goürlav é um golpe mortal.

Ela mordeu o lábio, seu rosto pálido de preocupação.

— Vai ficar comigo até a partida?

Juntar-se a ela naquela cama e passar um dia preguiçoso conversando, tocando...? Mas ele não podia.

— Tenho muita coisa pra fazer. — Ele se negaria nas próximas horas, então colheria os frutos mais tarde. Uma eternidade de dias preguiçosos. *Se eu viver*. — Se eu falhar hoje à noite, não será por falta de preparo.

— Você não vai tentar dormir?

— Minha Noiva se preocupa com meu bem-estar?

Ela disse calmamente.

— Você sabe que sim.

Uma vitória! Seu plano *estava* funcionando. Otimismo o encheu.

— Nenhum macho poderia estar mais motivado para viver. — Ele agarrou sua nuca. — Se você estiver ao alcance, nem sequer cairei facilmente. Saiba disso, Bettina. — Com um último beijo prolongado, Trehan se obrigou a riscar para longe.

De volta a sua tenda, repassou tudo que aprendeu ao longo da noite. Uma coisa se distinguiu — a insistência dela em não poder aceitar a morte de Caspion.

Sobreviver a Goürlav; matar Caspion; perder Bettina? Tinha que haver um modo de sair deste dilema.

De repente, as abas da tenda abriram e Morgana entrou passeando.

— O que você quer?



— Sim, sim, você é bem-vindo para receber minha ajuda com relação a minha encantadora afilhada. A propósito, o "tour" foi ideia *minha*. — Ela se sentou em sua escrivaninha, assim como Bettina fez. Só que agora, isso o irritou. — Eu vim porque quero saber como você chegou aos territórios aéreos.

— Tenho meus modos. Por que isso é da sua conta?

— É muito da minha conta. Uma Sorceri provavelmente está sendo mantida contra sua vontade em Skye Hall. Dizem que ela foi levada pra lá logo depois que escapou de um grupo de humanos que encarceraram e fizeram experiências com os Loreans. Desnecessário dizer que ela *está levando isso muito mal*. Então vou perguntar a você mais uma vez. Como chegou aos territórios aéreos?

Ele decidiu seguir outra página do manual de Lothaire.

— Espero que se precisar de mais *ajuda* com Bettina no futuro, possamos negociar.

Por trás de sua máscara, ela pareceu intrigada.

— E se você morrer esta noite?

Ele não achava que esta feiticeira poderia afetar o resultado da partida, mas ele poderia muito bem motivá-la, por via das dúvidas.

— Se eu morrer, o segredo morre comigo.

Luz dançava nas palmas dela, feitiçaria de prontidão. Mas ela não a lançaria contra ele.

— Tem muita sorte de que eu precise de algo de você, Príncipe das Sombras. — Ela se virou para sair. Na saída disse por cima do ombro. — Se você viver, falaremos em breve.

Sozinho mais uma vez, revisou o que precisava para o combate. Mas ele estava o mais preparado possível — ou estaria se Honorius viesse.

Trehan considerou tentar dormir; embora não importasse o quanto estava cansado, sua mente não descansava. Será que seus problemas apenas começariam se derrotasse Goürlav?

Tinha que achar uma saída para este dilema...

O olhar caiu sobre o rolo que era o contrato, o que continha todas as regras. O que tinha pelo menos trinta centímetros de diâmetro. Ele já



sabia que foi escrito no idioma antigo Demonish.

Um estudioso normal levaria algumas semanas para ler, o que dirá traduzir. *Afortunadamente, não sou um estudioso normal.* Com uma exalação cansada, ele se fixou em sua tarefa.

As coisas que faço por minha Noiva.

— Quais são as chances? — Bettina perguntou a Salem, roendo uma unha.

Estava atrasado nesta tarde. Morgana e seu Inferi estiveram desde cedo indo e vindo, deixando Bettina maquiada, mascarada e vestida formalmente.

Ela foi incapaz de dormir hoje, cochilando ligeiramente e então acordando sobressaltada nervosa. Apesar do vampiro não ter feito nenhuma menção de retornar antes da luta, ela pensou que ele poderia visitá-la ou enviar uma mensagem.

Nada.

— As apostas estão em trezentos e cinquenta contra um.

— *Trezentos e cinquenta?* — Ela esfregou a testa.

— Sim, você basicamente teria que estar por dentro das informações para tomar aquelas chances. — disse Salem. — Se alguém, não eu ou você, é claro, mas *alguém*, passou a noite com um dos competidores e recolheu informação, então alguém, claro que não eu ou você, podia limpar a merda.

— A única coisa que eu sei é que o vampiro está altamente motivado. — E que estava exausto. E se ele ainda não dormiu? E se aquilo finalmente afetasse sua luta? — Você descobriu algumas das fraquezas do Goürlav?

— Nenhuma. Só ouvi histórias de terror sobre as Crianças Terrors. Suponho que as defesas de Abaddon não incluem qualquer coisa atômica?



Ela sacudiu sua cabeça.

— Você virá comigo assistir a luta?

— Um servo na mesa principal? — Salem soou divertido.

— Qual é, não é como se alguém fosse ver você.

Silêncio.

Bettina percebeu que o ofendeu, e foi sem querer. Como ele podia não ser sensível nessas circunstâncias? Durante o torneio, ele se tornou muito mais para ela do que um servo e agora o magoou.

— Salem, me desculpe.

— Princesa, posso ser invisível agora, mas eu costumava ser uma visão inesquecível, uma visão regular, com um ar de superioridade que você tinha que *ver* para crer. Este doméstico corpóreo está declinando de seu convite.

Quando ele tremeluziu pra longe, ela atacou sua unha em contínuo crescimento. Se acertaria com ele no futuro. Agora, tudo em que podia pensar era no seu vampiro.

Meu vampiro.

Talvez o sangramento dele estivesse fazendo algo com seu próprio senso de possessividade. Talvez, depois de ontem à noite, estivesse impotente para não se imaginar com ele.

Mas inclusive enquanto sua preocupação por ele a dominava, reconheceu que ainda não estava pronta para se render completamente a ele.

E ele queria que ela se rendesse. *Diga-me que você me deixará fazer qualquer coisa com você. Diga-me que você é minha...*

Finalmente se lembrou por que aquelas palavras eram tão importantes para ele! Disse-as na primeira noite que encontrou Daciano, quando estava bêbada.

Quando ela acreditou que ele era Caspion.

O vampiro queria que ela dissesse tais coisas e quisesse dizê-las para *ele*.

O quanto deveria ser enlouquecedor para ele saber como ela se sentia sobre Cas.



Espere, sentia... ? Estou tão confusa.

E no meio de sua confusão, queria estar com uma única pessoa, conversar com uma *única* pessoa — Daciano.

Nunca chegaria a falar com ele novamente se perdesse. *Uma aposta de trezentos e cinquenta contra um diz muito sobre ele.*

Inaceitável. Ele provavelmente já estava mais do que pronto no sanctum. *Irei encontrá-lo ali.*

Salem partiu, Cas estava chateado com ela e os guardas de Raum empacariam em uma escolta abaixo pelas entranhas do anel. Conseguiria chegar lá sozinha?

Até a noite passada, a ideia de caminhar aqueles poucos metros a atingiria, e agora parecia ridículo. Hoje era... possível.

Então... alcançável.

Puxando seu manto, ela vagou pelo castelo. Na saída, hesitou em cruzar o limiar.

Nunca mais ouvir a voz de aço de Daciano? Nunca mais sentir seus braços fortes ao redor dela? Perscrutou o céu, atordoada por seus pensamentos.

O rato prefere arriscar com o falcão.

Capítulo 36

Trehan cheirou o leve perfume de Bettina um momento antes de ouvir seu coração batendo. Ele a viu se apressando descendo a sombria catacumba em direção a ele, parecendo extremamente frágil e brilhante para estar neste lugar sujo e úmido. Enquanto ela se aproximava, ratos e kobolds correram.

— Bett? O que está fazendo aqui embaixo? — Ele pôs as mãos sobre seus ombros, sentindo-a tremer embaixo de suas palmas. — Onde está sua escolta?



Ela estaria tão preocupada para notar que ele não tinha nenhum cinto de espada ao redor da cintura? Que sua arma incomum estava atravessada num banco próximo?

— Não tenho uma escolta. Precisava ver você. — disse ela com pressa. — Para dizer a você para não morrer esta noite.

— Você veio sozinha?

— Sim.

— Minha menina valente! — Ele a tomou em seus braços e girou com ela, antes de deixá-la em pé. — Meu peito se enche de orgulho, *dragã Mea*.

Mas ela não compartilhava sua felicidade. Apertou o rosto dele e o atraiu pra baixo para um beijo. Sua boca encontrou a dela.

Seus lábios estavam tremendo — seu beijo... feroz.

Ele sempre considerou os beijos um prelúdio para o sexo. Este era diferente. Ela estava dizendo a ele como se sentia, e ele queria responder com um correspondente. Ele embalou a parte de trás de sua cabeça enquanto tomava sua boca com todo o sentimento dentro dele, não segurando nada de volta.

Ela devolveu cada toque, suavizando contra ele, amolecida.. até que finalmente recuou com um grito.

— Vampiro?

— *Bettina* — ele disse com uma voz áspera, endireitando sua pequena máscara. — isso foi um beijo punitivo.

Os olhos dela arregalaram.

— Eu... eu sinto muito. Você precisa estar concentrado. Eu jamais deveria ter vindo até aqui. — Ela afastou o olhar, franzindo o cenho perante a longa envoltura que estava no banco.

Ele segurou seu queixo, chamando sua atenção de volta pra ele.

— Você admitiu para mim que se importa com meu bem-estar. Essa é a extensão de seus sentimentos?

— E-eu...

— Você acredita que morrerei em minutos. Vamos lá, Bett. Tenha piedade de mim e minta.



— Você está me manipulando novamente!

— Sim.

Ela gemeu.

— Como posso ficar puta com você quando concorda comigo assim? — Ela passou as mãos pelo seu peito, alisando-o. — Muito bem. Fui criada para... Bem, algo assim...

Goürlav agitou nas profundezas do santuário, rugindo sua disposição.
Porra!

— Você precisa ir de uma vez. — Trehan a riscou para a saída. — Não posso te tirar daqui, mas você tem que partir.

— Ficarei bem. — Sua voz era triste, ainda que parecesse se forçar a sorrir. — Eu... eu verei você logo?

Trehan queria dizer a ela que iria, reassegurá-la. Mas aquele otimismo infundado queimava em sua garganta como uma mentira. Então não disse nada, só permaneceu preso no santuário, observando-a se afastar dele.

Enquanto tudo dentro dele gritava para segui-la.

Um pouco depois de deixar Daciano, Bettina viu Cas, rondando com seu desordeiro grupo de demônios. Ainda estava zangado com ela depois da noite anterior? Então ele a avistou. Será que a reconheceria?

No mesmo instante ele riscou até seu lado, deixando os companheiros para trás.

— Você está sozinha, Tina? Passeando por aí?

— Eu, uh, tinha algo pra fazer.

— Então você está melhorando. Soube que estava apenas precisando ver aqueles Vrekeners mortos. — O remorso tingiu sua expressão. — Queria que fosse eu a dar aquilo para você.



E Daciano queria poder ter estado ali para mim antes do ataque. Bettina precisava de ambos de maneiras diferentes.

— Posso caminhar com você para o anel? — Ele perguntou. — Ou quer ficar sozinha?

— Já tive o suficiente por um dia. Vai comigo?

Eles começaram a caminhar juntos, serpenteando através da cidade, como faziam quando eram crianças. Mas tanta coisa mudou desde aquela época. Em vez de um silêncio sociável, a tensão se esticava entre eles. O que ele estava pensando?

Extensivamente, Cas disse.

— Tina, queria dizer a você que sinto muito por ontem. Pelas coisas que disse. Não quero brigar com você.

— Nem eu, Cas!

— Isso parece errado. Podemos ser amigos mais uma vez?

— Amigos. — No passado aquela palavra a teria magoado ainda mais. Agora achava que queria chamá-lo de amigo. — Claro. Você é meu amigo mais verdadeiro. A pessoa que está sempre lá para mim. Até quando disputamos você ainda está em meu coração.

Em um tom calmo, Cas disse.

— E *e*le também?

— Sim. Eu me importo com o vampiro.

— Eu nunca deveria dizer nada sobre Daciano e sedução. Não posso culpá-la por ser pega em sua primeira paquera, especialmente não com um dos Dacians. Eles podem ser... irresistíveis.

Alguma fêmea Dacian tentou Cas para sua cama? O pensamento não a perturbou como teria no passado.

— Cas, eu não queria que acontecesse, mas está aí. Eu me preocuparei com ele, exatamente como me preocuparei com você amanhã. E não posso predizer como vou reagir esta noite.

— Entendo.

Enquanto eles se aproximavam do anel, ela reconheceu que jamais esteve mais nervosa em sua vida.



Isto estava realmente acontecendo. A luta do Daciano. E todos presentes estavam certos que ele estava prestes a morrer.

Frustração brotou dentro dela novamente. Estava a um passo de ser rainha com nenhum controle sobre o que acontecia em seu próprio reino.

Assim que Cas a riscou para a arquibancada, Raum a saudou com um olhar questionador.

— Estou bem. — ela o assegurou. *Eu me sinto como se fosse gritar!* — Nada aconteceu ontem à noite. — *Posso ter começado a me apaixonar por aquele magnífico, paciente e corajoso vampiro que quer que eu seja sua esposa.*

Que está prestes a arriscar sua vida por mim.

— Ótimo. São preocupações de demônio velho, Tina. — Raum deu um tapinha em seu ombro com uma pata áspera, então virou para Cas. — Só uma palavra, filho. — Os dois machos retrocederam para um canto da parte de trás do tablado.

Morgana não perdeu tempo se aconchegando a Bettina, entregando-lhe um cálice de vinho.

— Eu disse a Raum que você sairia incólume de seu encontro, mas que o vampiro poderia não ter tanta sorte. Então, fiz minha pequena mostrenga macular o Príncipe das Sombras? Quero detalhes.

— Nós não fizemos amor, se é isso o que está perguntando.

— Hmm. Você parece exausta.

— Eu sei, eu sei. E não sou uma grande beleza, de qualquer forma. — disse ela, mesmo enquanto sorria interiormente. *Mas o vampiro não se cansa de mim.*

— Não, eu não ia dizer isto. A atitude torna uma feiticeira bonita. E parece que você está demonstrando um toque disto — afinal.

— Talvez. Mas ainda estou ansiosa por esta noite. E as pressões deste torneio estão pesando sobre mim. Você deveria ter previsto que isso aconteceria.

— Por causa deste torneio seus inimigos estão mortos, sua patética paixão pelo vagabundo... — ela empurrou seu queixo em direção a Cas — ... está diminuindo, e você é muito mais rica do que antes.



Mas Bettina ainda não tinha seu poder, e estava presa a esta mesa, prestes a assistir Daciano lutar pela sua vida. *Posso assisti-lo morrer?* Atacou outra unha.

— Morgana, você não pode fazer *nada* para ajudá-lo?

— Nós estamos vinculados por aquelas malditas regras. Como disse a você, não posso por pensamento, ação ou ato, influenciar o resultado deste torneio. Entretanto, posso capitalizar os resultados. — acrescentou enigmaticamente.

— O que isso quer dizer?

— Não direi mais nada sobre isto.

Bettina rangeu os dentes.

— Tem que ter alguma coisa. — ela insistiu, deixando seu cálice longe para que pudesse pensar.

Morgana de repente ofegou.

— Isto não é apenas preocupação. Você está apaixonada pelo vampiro!

Bettina não podia lidar com esta ansiedade e desviar a inquisição da sua madrinha também.

— Como posso estar? — disse ela. — Mal o conheço.

— Porque você é uma feiticeira que pode sentir seu macho.

— *Meu macho?* — Na loucura, Daciano disse que Bettina o chamou — porque ele era dela. — Mas nós não temos companheiros.

— Talvez não os místicos. Porém, e se nós tivermos uma única afinidade perfeita em todas as nossas vidas?

— Não sei quem você é ou o que fez com Morgana...

— Estou falando sério. Sorceri se casam pela vida toda; nós escolhemos nossos companheiros com o livre arbítrio. Mas e se algo nos der uma ajuda? Caso contrário, como poderíamos nos vincular tão completamente? Bettina, nós Sorceri nos *apegamos*... — Morgana se interrompeu quando um de seus Inferi gesticulou com urgência para chamar sua atenção, em seguida lhe entregou uma mensagem.

Bettina estudou o glamour plácido de sua madrinha, tão em desacordo com suas tranças esvoaçantes.



— Bem, o que é?

— Mais relatos de que A Dourada está se levantando. Mas ninguém pode confirmar.

— Você tem que partir?

— Não. Hoje à noite é imperativo que eu fique aqui.

— Por quê?

— Não vou dizer mais nada sobre isto. Desta vez porque não *sei* mais nada.

Seja lá o que isso quis dizer. Bettina inspecionou os espectadores reunidos. Ela não era a única que temia as Crianças Terrors. A multidão se diluiu para esta luta, pelo menos nas arquibancadas. Centenas de demônios lotavam os telhados circundantes, empurrando para ver melhor. Todos os presentes que não puderam riscar lotaram as fileiras superiores das arquibancadas.

Exceto por aquela estranha fêmea de cabelos negros. Ela se sentou sozinha na fileira da frente e olhava fixamente para Bettina com misteriosos olhos dourados. Então, de repente, ela acenou diretamente para ela, uma alegre saudação.

Falando de canto de boca, Bettina disse.

— Morgana, quem é aquela senhora de cabelos negros?

A mulher entrelaçou seus dedos juntos e estava fazendo gestos de coração palpitando acima de seu próprio peito.

— Não a conheço — Bettina adicionou — mas parece que ela, definitivamente, me conhece.

Morgana respondeu.

— *Esta é a razão pela qual nunca faço previsão. Ela é Nix, uma Valquíria adivinha. Tem grandes esperanças que os Sorceri se juntem ao lado das Vertas para esta Ascensão.* — Morgana bufou nisto.

A iminente Ascensão confrontaria todos os imortais uns contra os outros, e linhas de batalha já estavam sendo desenhadas. Pravus contra Vertas...

Raum e Cas retornaram então, ambos parecendo irritados.



— Está na hora. — Raum murmurou. Parando apenas para um profundo gole de sua caneca, levantou as mãos para chamar a atenção de todo mundo. — Esta noite é a batalha que todos estavam esperando! As semifinais. A partida mortal sem igual. Um evento para ficar na história!

Vivas esporádicos soaram.

— Primeiro temos Goürlav, o Pai dos Terrors, rei dos planos incontáveis do inferno!

Goürlav emergiu do santuário, pisando no anel. Sussurros temerosos foram levados pela multidão. Mais de uma família se esquivou ainda mais nas arquibancadas.

O primordial afiou todos os seis de seus enormes chifres para este evento. As pontas se projetavam de sua cabeça, ombros e da parte de trás de seus cotovelos. Novamente, correntes atravessavam seu peito, um metal volumoso amarrado sobre sua pele áspera como um sapo. Seus olhos amarelos eram desprovidos de qualquer sentimento. As presas em seu queixo pareciam com uma barba suja e petrificada.

É com isto que Morgana e Raum esperam que eu me case?

Raum continuou.

— Em seguida temos o Príncipe das Sombras, vindo de terras desconhecidas!

O Daciano espreitou pra dentro do anel, suas passadas largas e seguras. Seu porte era gelado, nenhum indício de nervos ou emoção.

Uma máquina de matar.

Cas murmurou.

— Nunca pensei que estaria torcendo por um vampiro.

Morgana murmurou.

— Eu o arrebentaria...

Como sempre, Daciano estava vestido com simplicidade. Calças de couro negras envolviam pernas poderosas. A camisa de manga longa moldava seu tórax musculoso.

A cada combatente foi permitido ter uma arma. Goürlav pegou uma espada que parecia ter mais ou menos dois metros de comprimento e Daciano segurava...



Uma Vara?

— Onde está sua espada? — A voz de Bettina subiu uma oitava à medida que perguntava. — E aquilo não é uma... aquilo não é uma *Vara*?

Prendendo a respiração, Raum disse.

— O que o vampiro está pensando?

Cas soava atordoadado.

— Trazer uma vara para uma luta de espada?

Por alguma razão, Morgana deu uma risada encantada.

— A arma. — Em um tom *ah-ha!* ela gritou. — *O eterno sabe-tudo!*

Novamente, seja lá o que isso queria dizer. Daciano disse que não atacaria — exceto por um golpe mortal. Como exatamente ele pretendia matar com uma vara?

Putá que pariu, meu vampiro vai morrer.

O portão tiniu fechando atrás dos competidores. Com um olhar inquieto para o esquadrão de soldados postados fora do anel, Raum sinalizou para que soasse o chifre.

E não havia porra nenhuma que Bettina pudesse fazer para ajudar Trehan Daciano.

Capítulo 37

O chifre ainda estava soando quando Goürlav fez seu primeiro ataque contra Trehan, riscando com velocidade incomensurável.

O primordial atacou com sua espada comprida pelo ar, antes mesmo de seu corpo se materializar completamente.

Trehan saltou pra trás, torcendo o tronco para evitar a ponta da espada por centímetros. *Não pude bloqueá-lo.* Ele tinha que se lembrar de não empunhar a vara como se fosse uma espada. Tinha que se lembrar de *ignorar* todo seu treinamento.



Antes que tivesse tempo inclusive para recuperar a posição de luta, aquela espada assobiou pelo ar mais uma vez. A dor queimou seu peito. Sangue gotejava de um corte superficial.

Porra, esta criatura é rápida. Goürlav foi sparring em outros rounds. O corpo do demônio poderia ser velho, mas era mortalmente afinado.

E Trehan não podia lutar de volta. *Eu tenho apenas um golpe com isto, um golpe com esta arma.* Ele começou meio riscando, tornando-se como ar; ao mesmo tempo Goürlav cessou seus avanços, conservando toda energia.

Ficaremos por semanas assim. Trehan precisava tornar o demônio complacente. *O que significa que vou levar uma surra.* Apertou a mandíbula e se materializou totalmente.

Goürlav investiu mais uma vez, sua espada quase pegando a vara antes de Trehan puxá-la para trás. Os olhos amarelos do Goürlav cintilaram com interesse. Pressentindo que Trehan estava protegendo a vara?

Outra investida.

Putá que pariu! Agora o demônio estava visando à vara. *Tenho que me defender — enquanto a defendo. Ou nunca deixarei este anel vivo.*

Goürlav driblou com sua espada. Trehan se esquivou — exatamente quando o demônio lançou seu punho direito de bigorna e conectando no tórax de Trehan. Seu esterno fraturou enquanto o corpo era arremessado pelo ar.

Riscar! Desorientado demais. Pra cima? Não, pra baixo! Despencando. Ele nunca tomou um golpe de tal magnitude.

Suas costas colidiram na lateral da gaiola; uma linha de pontas de ferro espetou a parte de trás do seu pescoço e tronco antes de seu corpo se encolher com o impacto. Lançado no ar mais uma vez, ele derramou sangue de um pulmão perfurado.

A segunda aterrissagem foi como um soco da terra. Todo o fôlego deixou o pulmão que estava bom. Pontos pretos fervilhavam em sua visão. *Desperte!*

Espere. *Mãos vazias? Onde estava a vara?*



O demônio agarrou seu corpo com as duas mãos, afundando as garras na pele de Trehan. Ele se debateu, mas não conseguiu se livrar; o aperto do primordial tornava impossível riscar. Em um movimento praticado, Goürlav se caiu em um joelho, levantou o outro e ergueu Trehan acima de sua cabeça.

Para quebrar minha espinha. Trehan apertou os dentes justamente quando o demônio lançou seu corpo, para trás primeiro e para baixo enquanto levantava o joelho.

Quebrado? Ainda não. Não posso me livrar; não posso riscar.

A vara... onde está a porra...

Goürlav o ajeitou e ergueu novamente.

Plop. Trehan percebeu algo cedendo dentro de seu corpo. *Será minha espinha?* Permaneceu consciente e capaz de se mover. *Lute!* Esmurrando seus punhos nos flancos ossudos do Goürlav, procurou pela vara.

Tem que conseguir se livrar! Como? Como? O primordial não tinha nenhuma fraqueza para explorar. Feito para a guerra. Nada para agarrar, não sente meus socos...

Goürlav passou seu chifre do cotovelo pelo peito de Trehan, destruindo a pele e o músculo embaixo dela. *Agora ele está brincando comigo.*

Com sua cabeça forçada para trás desta maneira, Trehan estava totalmente vulnerável. Mas avistou uma coisa deste ângulo que nunca vira antes. *Será... ?* Ele piscou para limpar os pontos turvos de sua vista.

Ali. Um ponto de pulso no pescoço do Goürlav.

Normalmente estaria escondido por sua barba ossuda. Um pulso visível significava fraqueza.

Usando toda a força que conseguiu reunir, Trehan cerrou seu punho — e o lançou diretamente naquela área; com um berro, Goürlav apertou o pescoço e recuou.

Livre do aperto do Goürlav, Trehan cambaleou para longe, tropeçando. Ele esquadrinhou a arena. *A vara... deve alcançá-la!*

Tudo aconteceu tão rápido. Ele balançou sua cabeça ao redor, avistou o rosto pálido de Bettina e seus olhos frenéticos, pouco antes de ver



uma linha totalmente preta contra o chão de barro vermelho.

Ali, bem diante da arquibancada!

Mas o primordial seguiu seu olhar. Goürlav estreitou aqueles olhos amarelos em Trehan, então se enrijeceu para riscar até a vara...

— Não posso mais assistir isso! — Bettina chorou. O vampiro foi ferido em vários lugares diferentes, mal conseguia permanecer de pé.

— Prepare-se. — Morgana beliscou seu braço com força. — Não está terminado.

Quando Daciano tomou um golpe que o enviou cambaleando do outro lado do anel, Bettina quase perdeu o conteúdo de seu estômago. As lágrimas rolaram quando Goürlav cortou a pele do peito de Daciano.

A camisa do vampiro foi arrancada, revelando aquela ferida aberta, uma extensão de lacerações ensanguentadas logo abaixo dos músculos peitorais. Quanto mais sangue perdesse, menos controle teria para se teletransportar. Por alguma razão, ele parecia decidido a voltar para sua vara, aquela que ela viu cair e acabar ficando mais distante dele.

Goürlav riscou para a vara. De alguma maneira o vampiro o espancou ali. Em uma demonstração impressionante de força, Daciano empurrou seus punhos pra fora, conectando-os com o peito revestido do Goürlav.

Agora o primordial estava voando!

Todo mundo ficou boquiaberto com o poder que restava no corpo maltratado do Daciano, com a frieza com que ainda lutava.

Mas Goürlav estava de pé muito cedo. O vampiro arremeteu em direção a seu adversário, ganhando velocidade. Com um rugido, Goürlav aceitou o desafio e começou a correr através do anel, tremendo o chão com cada pisada.

Duas locomotivas na mesma pista.



Daciano aterrisou primeiro no ombro do primordial, como se estivesse derrubando uma porta. O impacto do osso chacoalhando enviou Goürlav esparramado de costas, o impulso do corpo do ser se espatifando no chão espalhou um rastro de barro.

Ofegos soaram por todo o anel. A pele grossa do primordial teria sido perfurada? Todos esperavam prendendo a respiração pelas Crianças Terrors. Esperando...

Nenhum foi gerado.

Livre de seu oponente, Daciano girou em direção à vara. Com os lábios apertados num traço fino, ele riscou até ela, jorrando sangue novamente quando se curvou para pegá-la do chão. Quando se endireitou, encontrou o olhar de Bettina.

Atrás dele, Goürlav se levantou e correu para Daciano mais uma vez, sacudindo o anel inteiro com seus passos.

— Dê meia volta vampiro! — Por que se manter de costas para o seu inimigo?

Seja o que for que Daciano viu em sua expressão aliviou o frio horrendo nela; seus ombros voltaram.

— Dê meia volta! — Ela gritou ainda mais freneticamente. Goürlav estava quase em cima dele!

Ainda assim o vampiro olhava fixamente para ela. Ela sussurrou.

— Enfrente-o. Ah, deuses, *por favor*.

Poucos passos de distância.

No último instante, Daciano riscou para longe do caminho do Goürlav. O primordial cambaleou para frente. Atrás dele, uma chama eclodiu, como... como o *amanhecer*.

Conforme Goürlav girava protegendo os olhos contra a súbita explosão de luz, Bettina ficou de queixo caído.

O vampiro estava brandindo a foice dos Vrekeners, aquela com uma lâmina mística feita de chamas.

A que foi suspensa sobre Bettina três meses atrás.

Só que agora o fogo negro foi substituído por chamas que queimavam mais quente e mais brilhante do que jamais poderia ter imaginado, como



a superfície do sol.

— Puta que pariu. — Morgana murmurou. — Você sabe o que é isso?

Uma das armas mais legendárias no Lore, um dos quatro rumores que existiam.

Bettina não reconheceu a vara preta e plana — a única vez que ela viu aquela foice, seus olhos estavam fixos na brilhante lâmina negra.

Daciano riscou em uma investida se lançando pra cima de Goürlav, aquela foice flamejante acima da cabeça do vampiro em um quadro vivo incompreensível.

Goürlav pareceu cego, confuso. Tarde demais tentou se desmaterializar. Daciano já tinha balançado.

A foice fatiou através de um chifre que protegia seu ombro, em seguida a carne do pescoço do primordial, depois outro chifre. Cortando como um laser.

A cabeça da criatura saltou com sua boca ainda se mexendo. Seu corpo colidiu contra o chão como uma árvore Moonraker derrubada. Os espectadores congelaram. Temor pairando sobre eles.

Cas enlaçou seu braço, pronto para riscá-la para um local seguro. Ao mesmo tempo, Raum se teletransportou para se juntar ao esquadrão de guardas demônio. Desembainhando a espada, ordenou a eles que desembainhassem As suas também.

Esperando... esperando...

O primordial cedeu à morte muito lentamente. O corpo decapitado se contraía e contorcia. Os braços se agitavam como se procurassem por sua cabeça.

No entanto, nenhuma gota de sangue foi derramada. A chama antinatural cauterizou a pele pétrea do Goürlav.

Cauterizada? Nenhum sangue? Então Daciano iria... viver?

Ele vai viver! Acabou! O público deve ter percebido exatamente como Bettina e foram à loucura. Flâmulas foram jogadas abaixo das arquibancadas. Os soldados relaxaram com alívio, então começaram a trabalhar assegurando o corpo; Raum deu um abraço de urso em alguém azarado o suficiente para estar perto dele.



E o vencedor?

Daciano estava de pé coberto pelo próprio sangue segurando aquela arma insondável. Ela cascadeava uma luz sobre ele, retratando-o como um guerreiro ungido. Seu peito arfava com ferimentos ganhos com bravura. Ele parecia ter esquecido deles. Sua pele brilhava de suor e seus músculos volumosos ondulavam.

Ele não tomou apenas as cabeças dos Vrekeners, tomou também uma de suas fontes de poder.

E as usou para derrotar um monstro.

Morgana suspirou.

— Eu quero um desses pra mim!

Trehan Daciano era... magnífico.

A multidão de poderosos Seres Mortais começou a cantar: "*Príncipe das Sombras*." E por alguns instantes maravilhosos, ela se sentiu em êxtase pela vitória, com orgulho de seu vampiro, dos rugidos das pessoas.

Ela estreitou os olhos para o céu. *Eu desafio os Vrekeners a atacar.*

Cas soltou o braço da Bettina, trazendo sua mente de volta para ele.

— Foi uma boa luta. — ele soltou. — E um movimento inteligente. Não é de se admirar as pessoas cantarem seu nome agora.

Como deve ser difícil para Cas dizer isso. Sua infância foi miserável entre os Seres Mortais, mas no decorrer desta última semana eles começaram a cantar elogios para ele.

Mas o reino era inconstante. Grande parte da atenção que ele estava desfrutando mudou para o vampiro, sua própria gente clamando por Daciano.

Ela queria que Cas aclamasse também. Queria que ele tivesse os demônios o adorando e apertando seus músculos...

Sua respiração a deixou em um golpe. Com tal pensamento, soube a verdade e aceitou: seus sentimentos por Cas não eram como ela pensou...

Os aplausos reverberaram ainda mais alto quando Daciano dobrou o fogo de volta pra dentro da vara, mergulhando-a, controlando a arma de um inimigo com segurança absoluta.



Morgana murmurou.

— Agora, *este*, é um acessório que eu preciso adquirir.

Bettina perguntou depressa.

— Acha que poderia usá-la para conseguir meus poderes de volta?

— Se fosse assim tão simples, mostrenga. É somente um dispositivo de canalização, um canal para carregar poderes para sua abóbada de armazenamento. Mas mesmo assim, um Sorceri possuir uma foice dos Vrekeners? Como isso os irritaria! Como nos uniria!

Em vez de reconhecer todos os elogios da multidão, Daciano manteve os olhos no prêmio, olhando fixamente para Bettina com aquele olhar sombrio e de apreensão.

Antes, no fim de cada partida, sua expressão dizia: *Estou lutando por você. Logo será minha.*

Agora sua expressão dizia: *Estou vindo pra você. Você é minha.*

Ah, deuses, ele parecia feroz. Ela engoliu em seco. E nem um pouco assustador.

Morgana registrou a expressão do vampiro e aconselhou.

— Seja cautelosa, mostrenga. Como eu disse antes, machos Loreans se tornam muito brutos depois de lutar por uma mulher. Eles precisam empurrar as coisas. Para o *cio*, se você quiser. Eles perdem suas faculdades superiores.

— Morgana! — Ela gritou, tentando dar sentido em sua mente a tudo que aconteceu. Viajou completamente no fato de que Daciano vivia. O que significava que naufragaria completamente quando lutasse com Cas. Ela olhou para ele, reconhecendo-o pelo que ele era: seu guia, sua tábua de salvação, seu mentor.

Seu melhor amigo.

— Não sei o que dizer Cas.

— Aproveite esta noite com o vampiro, Bettina. — ele disse com voz áspera. — É sua última noite. — Cas riscou pra longe.

A certeza em suas palavras lhe deu arrepios. Uma semana atrás sua declaração a teria encantado. Agora...?

Ela não podia perder nenhum deles.



Morgana agarrou sua mão.

— Vamos embora. Você deve se preparar.

— Para quê?

— O Príncipe das Sombras estará vindo por você. — disse ela conduzindo Bettina para longe do anel com os Inferi guiando-as. — Para fincar sua reivindicação.

— Morgana, por favor, não estou com humor para isto.

— Esta foi a batalha. — ela insistiu. — Matar Caspion amanhã é apenas uma formalidade.

— Pare de falar assim! — O macho por quem ela estava se apaixonando viveu, e o medo angustiante que sentia por ele momentaneamente se dissolveu. Mas na esteira de seu alívio o medo repercutiu.

— Seu demônio é simplesmente muito jovem, com muito poucas matanças na sua jornada. Não tem a menor chance contra aquele vampiro. — Enquanto Morgana a levava de volta para o castelo, ela disse. — O Príncipe das Sombras não é mais um príncipe, querida. Ele é tão bom quanto o rei deste reino.

Capítulo 38

Três horas difíceis se passaram desde que Bettina retornou à sua torre sem sinal de Daciano.

Ela passou o tempo com Morgana e Salem em seu quarto. Os dois estavam convencidos que Bettina e o Príncipe das Sombras consumariam sua relação esta noite, então decidiram esperar, manter vigília com ela — e dar seus palpites.

Bettina *não* estava convencida que isto aconteceria. *Só quero falar com ele, pedir sua opinião.* Ela sabia exatamente o que diria: "Okay, você estava certo, vampiro. Cas é só um amigo, mas é o meu melhor amigo e o



mais antigo. Não posso perdê-lo. Fazer sexo pela primeira vez — com o macho que vai decapitar meu melhor amigo — é um conceito difícil de enfiar na minha cabeça. Sugestões? Comentários?"

Agora Bettina cruzava os braços por cima do peito.

— Pensei que você disse que ele estava vindo.

— Está tão ansiosa para se deitar com o vampiro? — Morgana perguntou, reclinando-se sobre os pés da cama de Bettina, com uma taça de vinho na mão. Ela parecia alegre, relaxada e mais feliz do que Bettina se lembrava de vê-la, bem, desde *sempre*.

Salem esteve vagabundeando por aí com seu cocar, zumbindo confortavelmente.

— Você não deve ir até ele, isso mostraria aos gritos, desespero. — disse Morgana. — Ele vai ficar bem.

Os olhos de Bettina se arregalaram ante um súbito pensamento. Oh, deuses, e se os ferimentos de Daciano foram piores do que ela supôs? Pulou da cama.

— Salem trancará as portas. Não é, Salem?

— Você está certa, Morgana. — Ele só faltava ronronar.

Com um olhar de relance para os dois, Bettina se sentou relutantemente. Quando eles chegaram a ser tão íntimos?

— Além disso, nós não terminamos nossa conversa. — disse Morgana.

— Aquela dos pássaros e das abelhas. Estou justamente chegando na parte boa.

Bettina sabia que não importava o quanto esfregasse mentalmente seu cérebro, as palavras de "sabedoria" da feiticeira nunca seriam esquecidas. Nem os *comentários* de Salem.

Entre outras coisas, ela aprenderia sobre...

— Período refratário do macho imortal: "Um vampiro no seu auge? Vamos falar em segundos, merda."

— Estações férteis pouco frequentes da feiticeira: "Nada de mordidas no tornozelo por algum tempo, então? Realmente, Princesa, a semente do vampiro vai morder seus tornozelos. Você ficará de joelhos pra cima, fazendo uma dança animada."



— E algum mortal chamado Gräfenberg: "Agora, este é o ponto!"

Entretanto Bettina mal digeriu estas informações, ela supôs ouvindo-os falando sobre mordida enquanto esperava por Daciano sozinha ao som do relógio tiquetaqueando.

— Vocês dois estão assumindo que vou dormir com o vampiro?

— Achando ou não, ele está vindo por você. — disse Salem. — Provavelmente é só o tempo de se limpar. Está deixando seus ferimentos curarem um pouco.

Morgana sorriu.

— Ah, o espírito está disposto, mas a carne é fraca?

Ele riu.

Bettina estreitou seu olhar.

— Ambos estão *felizes*, celebrando.

Em um tom inexpressivo, Morgana disse.

— Sim, afilhada. Estamos contentes que você não tem que se casar com uma criatura gigante parecida com um sapo. — *Ambos* riram.

— Vou perder alguém amanhã. — disse Bettina gravemente. — Vou ter que assisti-lo morrer.

Num tom severo, Salem disse.

— Cas já é grandinho. Se quiser viver, sangrará para aprender como vencer. Enfrentei coisas piores.

Algumas vezes, como esta, Bettina reconhecia que Salem era mais duro — e mais frio — do que ela acreditava inicialmente. Ele podia ser brincalhão e sacana, mas por baixo daquela camada, um duro guerreiro fantasma espreitava. Ela abriu os lábios para perguntar a ele sobre sua maldição...

Sem avisar, Daciano riscou dentro do quarto. Bettina se levantou novamente.

O vampiro não perdeu tempo, dizendo a Morgana.

— Tenho muito a discutir com a minha rainha em particular, e você está em nossos aposentos.

Nossos aposentos?



— Você está me dando ordens? A deferência serviria muito bem a você neste exato momento. — disse Morgana. Todos os sinais anteriores de relaxamento substituídos por ira enquanto ela se levantava. — Uma coisa é eu sacanear Bettina dizendo que você será um bom rei de Abaddon, outra é você agir como tal. Por enquanto, você é meramente o rei de tirar conclusões precipitadas.

— O que você quer?

— Parece que estou entre você e algo que deseja. — ela acenou para Bettina que estava de olhos arregalados ao lado da cama. — Posso colocar nossa *discussão* em suspenso indefinidamente.

— Tente me afastar do que é meu e acabarei com você, Morgana.

Bettina ficou embasbacada pelo seu tom. Morgana permitiu que Raum caísse fora com sua fanfarronice, porque isso era tudo que ele teria. Mas esta ameaça tranquila vinda do vampiro era algo completamente diferente.

— Apesar de tê-lo colocado antes de joelhos e poder facilmente fazer isto novamente, estou me sentindo magnânima. Vamos fazer um acordo? Farei vista grossa em relação a esta pequena ligação. Mas quero a foice.

O acessório que Morgana "deveria possuir".

— Em que propósito lhe serviria?

— Sou sentimental deste modo. Entregue-me e ... — novamente ela indicou Bettina — aproveite.

Bettina ficou intimidada.

— Você não pode simplesmente me *trocar*! Não sou um objeto de barganha.

— De fato, é isso exatamente o que você é, mostrenga.

Enquanto Bettina balbuciava uma resposta, Daciano desapareceu. Um momento depois ele retornou, bruscamente lançando a vara para Morgana.

— Escolha sábia. — Ela a pegou com uma mão, girando-a como um bastão. — É exatamente do meu tamanho! — Girando em direção à porta,



disse por cima do ombro. — Não faça nada que eu não faria. O que significa nada de bom senso definitivamente.

E então ela se foi.

Daciano começou a ir em direção à Bettina, só para parar e estreitar os olhos.

— Fantasma.

Salem permanecia ali?

— Descobri um modo de matar um ser indestrutível esta noite. — disse o vampiro. — Observe minha rainha tomar banho novamente e a próxima coisa que descobrirei é como estripar um silfo. *Agora, caia fora.*

— Você está certo, seu Rei Sem Coroa. — disse Salem com uma risada, porém ele desapareceu.

Deixando-a sozinha com Daciano.

— Não há nada como ser trocada por uma arma para fazer alguém se sentir como um móvel. — ela disse num estalo. — Você é tão ruim quanto ela.

— Eu quero você como minha esposa, minha rainha. Mas quero que se entregue livremente. — Ele começou a avançar para ela com o mesmo olhar sombrio de fome que teve durante a paixão. *Posso ver onde eu mataria para estar...*

Engolindo em seco, ela começou a retroceder.

— Desisti de algo muito valioso pela chance de te convencer que você é minha.

— E-eu não posso estar com você. Não assim.

Ele caminhou com ela em torno da cama.

— A primeira vez que estive nesta cama com você, acreditei que estava prestes a fazer amor. A última vez que estivemos juntos aqui, sonhou comigo tomando você. Por que nos negaria agora?



Os olhos de Trehan se estreitaram quando entendeu.

— Isso é por causa *dele*, não é? — Mais cedo, em vez de aplaudir Trehan depois de sua partida, Bettina deslizou seu olhar até Caspion, seus olhos arregalados repletos de tristeza.

Então ela se apressou em se afastar do anel sem uma palavra, sem qualquer reconhecimento.

Trehan mal registrou sua vitória, ou inclusive seus ferimentos — até que continuaram a sangrar. Ele ordenou ao seu escudeiro para colocar uma bandagem em seu peito, então se forçou a esperar se regenerar o suficiente para deter a perda de sangue.

Trehan não sentiu nenhuma dor, a necessidade de acasalar o oprimindo. Agora que podia reivindicá-la sem repercussões, nada permaneceria em seu caminho.

Nada. Muito menos Caspion, o Perseguidor.

— Tenha cuidado, fêmea. Um dia chegarei ao meu limite. Um dia você me convencerá que o quer acima de todos os outros. — Depois da noite passada, Trehan pensou que entrariam em um entendimento.

Talvez tivesse apenas imaginado que ela esteve em agonia durante sua batalha, querendo algo tanto que ele o conjurou em sua própria mente. Ele *nunca* a ganharia?

Talvez não seus afetos — mas depois da vitória desta noite, ela era sua por direito. *Era tão bom quanto vencer este torneio.*

— Não é assim. — disse Bettina. — Eu disse a você por que me sinto deste modo. Não posso fazer amor com o macho que assassinará meu melhor amigo.

Melhor amigo? Seria possível...?

— Mal me aguentei esta noite. — disse ela, sua voz desesperada. — Não posso aguentar outro round disso! — Ela esfregou a testa, deixando sua máscara torta, e com isto, seu coração traidor.

Droga! Suspirando cansadamente, ele perguntou.

— E se eu disser a você de que há um modo de ambos, Caspion e eu, sobrevivermos amanhã?



Ela parou de retroceder.

— Como? É possível?

— Você se renderia a mim hoje à noite?

Ela correu até ele.

— Diga-me como!

— Encontrei uma cláusula de fuga nas suas regras. Mas devo explicá-la mais tarde... minha necessidade é grande, e meu controle está deslizando. Confia em mim?

— Pode jurar para mim que ambos viverão?

— Juro.

— Você e Cas sobreviverão?

— Sim. Agora renda-se...

Ela saltou em seus braços, embrulhando os dela ao redor dele e beijando seu rosto. As mãos apertadas bateram contra o pescoço ferido, seus seios contra o tórax enfaixado; mesmo assim não sentiu nada além de prazer.

Pela primeira vez desde que este torneio torturante começou, Bettina sentiu esperança.

Daciano dissera que ambos, ele e Caspion, sobreviveriam. Ele nunca mentia.

— Eu acredito em você, vampiro. Confio em você.

Quando riscou com ela para a cama, ela riu contra seus lábios.

Os seus por sua vez, curvaram-se.

— Minha feiticeira alegre. Todos ficarão bem. — Ele removeu sua máscara, deslizando-a em seu bolso.

— Você é tão bom para mim, Daciano.

— Chame-me de Trehan.



Ela afastou um cacho escuro de cabelo da testa dele, bem ciente que o estava olhando sonhadoramente.

— Trehan.

— Eu protegerei você, Bett. Nenhuma rainha estará mais segura que a minha. — Inclusive enquanto ele dizia estas ternas promessas, tensão irradiava de seu corpo. — Amanhã eu me caso com você. Hoje à noite eu reivindico você para sempre. *Por toda a eternidade.* — Ele inclinou sua boca sobre a dela, tomando seus lábios com ferocidade.

Eu estou de verdade prestes a fazer amor? A introdução à paixão apenas afiou sua curiosidade.

Enquanto ela ia ao encontro de seu beijo feroz, recordou como o eixo pulsou contra sua língua. Ele faria aquilo dentro dela? Tornou a sentir sua semente quente em sua mão — e assistiu isso fazer um arco denso em cima de seu torso. Agora, com sua língua se enroscando na dele, imaginou seu sêmen inundando bem fundo dentro do seu corpo, enchendo-a.

Seu sexo umedeceu só de pensar.

Seus beijos ficaram mais exigentes, confundindo seus pensamentos. Entre as correrias sensuais em sua boca, ele começou a despi-la. Ela o ajudou avidamente.

Arqueando as costas enquanto ele removia sua camisa. Os braços levantados enquanto ele desnudava seus seios. Os quadris se levantaram quando ele a livrou da calcinha.

Quando ele se afastou para remover suas próprias roupas, ela abriu os olhos, percebeu que ele a desnudou de tudo, menos de suas joias.

Assim que ele retornou pra cama, ela notou os danos arruinando o corpo do seu guerreiro poderoso. Ele tinha uma faixa apertada firmemente ao redor do seu tórax.

— O quanto você está ferido?

— Sinto pouca dor. — Sua voz estava rouca, seu maxilar agora apertado. Aquela tensão rolava pra fora dele. Os olhos estavam completamente pretos quando o olhar se fixou sobre seu corpo nu.



A excitação de Bettina esmaeceu; o controle dele estava escapando. Parecia como se estivesse prestes a se lançar sobre ela.

Suas amigas humanas falaram sobre perder a virgindade. Descreveram a dor que sentiram — e elas não acasalaram com um vampiro de mil anos de idade que era forte o suficiente para derrotar um primordial!

Então os olhos dele saltaram para a pulsação dela tremulando em seu pescoço. Desta vez ele não olhava fixamente para aquilo com mera luxúria; parecia *voraz*.

Ela aceitava que aquele ato sexual a machucaria a princípio. Mas tinha que ser mordida também? Experimentar tantas etapas de uma vez — depois da noite que teve — parecia... *excessivo*.

Mesmo assim, quando ele capturou seu olhar e deitou a palma entre seus seios, ela se encontrou arqueando sob a firme pressão de sua mão.

— Abra para mim, amor.

Ela de forma hesitante abriu as pernas. Ele se ajoelhou entre elas, a ereção sobressaindo faminta entre seus quadris estreitos. A cabeça era bulbosa, já molhada com sua semente. Quando ele plantou um punho de cada lado de sua cabeça e debruçou sobre ela se firmando em seus braços, seu eixo grosso foi pra cima e pra baixo em cima da sua barriga.

Ela não podia fazer nada, além de notar que parecia ainda mais inchado do que estava na noite anterior.

Seus olhos de ônix novamente caíram sobre seu pulso.

— Diga-me que posso fazer qualquer coisa com você.

Se um vampiro extremamente sedento ou inexperiente...

— Hum, espere, Daciano. — Todo o desejo que ela sentia começou a evaporar, substituído por apreensão. — *Não posso dizer isto.*

Capítulo 39



— Alguns grandes passos podem vir depois, certo? — Ela perguntou a Trehan. — Quem sabe no futuro próximo. Mas *não* hoje à noite.

Sua Noiva deveria se render! No entanto, agora estava prestes a dizer a ele que não o queria dentro dela. *Negando minha reivindicação?*

Ela estava gloriosa debaixo dele com suas tranças brilhantes se espalhando por cima do travesseiro, seus seios atrevidos o provocando a tocá-los, seus olhos reluzentes olhando pra ele. Bettina era seu tesouro. *Comoara mea*. Mas agora parecia distante.

Ele queria que eles estivessem completamente conectados; ela parecia estar a quilômetros de distância.

Poderia haver apenas uma razão para sua hesitação.

— Grandes passos. — disse ele numa voz sem entonação. Repetidas vezes ele abriu mão seu prêmio requintado.

Não nesta noite.

— Quero dizer, talvez pudéssemos apenas...

Ela não pode nem sequer dizer as palavras. Sabia que era melhor nem dizê-las!

— Podemos apenas fazer amor? — ela disse depressa.

Seus braços debilitados começaram a tremer, forçando-o a se apoiar em seus antebraços.

— Você me confundiu Bett. Que grande passo é esse sobre o qual estava meditando?

Olhando pra qualquer lugar menos para o seu rosto, ela disse.

— Humm, brincadeiras de morder.

— O quê?

— Perder minha... virgindade é, bem, um grande passo para mim. E talvez nós pudéssemos guardar sua primeira mordida para mais tarde. Não estou dizendo nunca, só que não tudo de uma vez.

O alívio o inundou.

— *Brincadeiras de morder, é?* — Inclusive em meio à necessidade covarde de seu corpo... mesmo tendo sido ferido... ele teve que reprimir um sorriso, não querendo embaracá-la.



— Talvez pudéssemos experimentar esses tipos de coisas mais tarde?

Minha Noiva virgem está nua embaixo de mim, falando sobre experimentar. Como vou durar?

— Quero que você faça amor comigo. — Suas bochechas e garganta enrubesceram com sangue, tentando-o a tomar um golinho. Mas ele não faria, inclusive antes dela ter manifestado suas preocupações. — E-eu realmente quero você. Mas só preciso levar as coisas devagar.

Agora que ele entendeu sobre o que ela estava falando, podia reconhecer a nova tensão em seu corpo, o desejo embotado. Ela não estava nervosa — estava com medo.

— Olhe para mim, amor. — Quando ela o fez, ele disse. — De qualquer forma não posso beber de você. — *O que eu fizer hoje à noite nos afetará eternamente.*

— Você não pode?

— Tenho que manter o controle para fazer com que isso seja bom. *Perfeito* para você. — Ele queria fazer amor com ela até o amanhecer, para lhe dar memórias para durar uma vida imortal — e extrair mais de seus afetos. *Capitalizar sua paixão...*

Se isso se provasse perfeito, ela se apaixonaria por ele. Tinha que acreditar nisto.

— Lembra quando eu disse a você quantas vezes eu imaginei isso? Eu nunca antes considerei te morder durante a sua primeira vez.

— Você não pensa nisso?

Uma risada sem graça.

— Ah, Bettina, está é uma fantasia fervorosa minha. E vai continuar assim por enquanto. — Porque o *perfeito* seria conquistado duramente hoje à noite.

Seus danos o prejudicariam. Com seu pau e presas afundados em seu corpo, provavelmente gozaria em um instante, e temia que assim que se esvaziasse dentro dela, ele enfraqueceria ainda mais.

Ela lhe lançou um sorriso brilhante.



— Então você entende? — Ele podia senti-la relaxando debaixo dele.
— Minhas amigas humanas me disseram que haveria dor... e elas só estiveram com machos mortais.

— Vou fazer tudo que puder para poupá-la de se ferir. — disse ele, recuando para se sentar. — Venha. — Quando ele estendeu a mão, ela se levantou de joelhos e o escalou, seus doces seios tremendo.

Puxando-a de lado no seu colo, ele se reclinou na cabeceira da cama, silvando de dor pelo seu pescoço ferido — e pelo prazer de seu traseiro deslizando por cima de seu eixo inchado.

Assim que colocou os braços ao redor dela, encostou a testa contra a sua.

— Vou tocar você lá dentro, deixá-la pronta para mim. — Ele colocou uma mão possessiva de forma côncava entre suas pernas, massageando-a lá.

Com olhos lânguidos, ela assentiu. *Tão confiante. Tão inocente.*

Com carícias provocantes, ele esfregou a ponta do dedo indicador sobre o clitóris. Quando sentiu o pequeno broto inchar, imergiu o dedo em sua abertura, bem dentro do núcleo, excitando-a.

— Você gosta disso? — Sua primeira vez sendo penetrada...

— Sim!

— Mais fundo?

Em resposta, ela fez as coxas abrirem ainda mais.

Ele começou a deslizar o dedo mais pra dentro, atordoado pelo calor confortável que o enluvava. Ela já estava escorregadia — mas tão apertada. Seu pênis se sacudiu debaixo dela. *Como eu, está faminto pela carne virgem que estou explorando.*

Quando seu dedo se moveu bem no fundo, ela ofegou.

— Oh! Isso é tão... bom. — Suas pálpebras estavam ficando pesadas, sua respiração superficial. Suas íris faiscavam.

— Outro dedo? — Ele disse rouco.

Ela mordeu o lábio e acenou com a cabeça.

Ele cuidadosamente encravou um segundo dedo dentro dela, então mergulhou o par em sua bainha reluzente. Com o polegar ele esfregou o



clitóris até que sua cabeça pendeu.

Assim que começou a empurrar lentamente, ela arqueou as costas por cima do seu braço projetando os seios, chamando sua boca. Os pequenos mamilos alguma vez ficaram tão duros? Ele os aninhou, lambeu, em seguida agarrou um, chupando o bico duro.

Ela trabalhou os quadris, descaradamente encontrando cada punhalada. A bunda rebolando sobre seu membro dolorido quase roubou sua semente.

Não! Devo tornar isto perfeito. Minha Noiva, meu prêmio.

Assim que a levou até o limite, quando ela estava sussurrando "Por favor, por favor, por favor.", ele deslizou os dedos dela. Deitando-a de costas, ajoelhou-se entre suas pernas abertas.

Nenhuma seda para barrar meu caminho.

Ela o alcançou com os braços estendidos. Seus cílios baixaram sobre os olhos brilhantes quando as palmas macias varreram o seu peito. A fome absoluta no olhar dela o balançou, humilhou, fez com que ele quisesse rugir de satisfação.

Com uma mão trêmula, ele inclinou seu comprimento pra baixo...

Calor escorregadio saudou a coroa; quando seu eixo pulsou em reação, a ponta passou roçando pra cima e pra baixo na fenda, como se acariciando, beijando.

Onde eu mataria para estar... O instinto de empurrar era quase inegável. O pau latejando por aquele beijo úmido, ele acabou de impedir seus quadris de bater em casa. Quero entrar!

Não, controle, Trehan!

A restrição cobrou seu preço. Seu corpo tremia; suor gotejava de sua pele. E ainda assim ele estremecia com prazer abjeto enquanto deslizava em direção a sua virgindade.

Um ajuste apertado. As dobras sedosas abraçaram a cabeça. Não machuque sua pequena entrada tenra...

— Trehan, eu preciso... eu preciso de você. — Ela começou a ondular na ponta.

Seu olhar frenético prendeu o dela.



— *Este a mea! Eternitate. — Você é minha! Para sempre.* Com uma investida superficial de seus quadris, ele reivindicou sua Noiva.

Os olhos de Bettina se encheram de lágrimas pelo beliscão apertado. Então veio a sensação de estar cheia além do seu limite.

Ela estava tão esticada ao redor do pênis que *podia* senti-lo pulsando dentro dela.

Todos os seus músculos incharam com a tensão, seu rosto enrijeceu. Ele abaixou os olhos para ela com um olhar atormentado. Ela lhe devolveu o mesmo olhar.

Antes, prazer. Agora, dor.

Ele recuou retirando; arrepios inesperados irradiando de dentro dela, suprimindo algumas das pontadas.

— Mais, Bett? — Sua voz era quase irreconhecível.

— Humm... okay?

Conforme ele lentamente introduzia o eixo de volta dentro dela, ela prendeu a respiração, tentando determinar se gostava disso.

Estava indecisa.

Outra retirada.

— Amor, eu vou... fazer... mais forte.

Quando ela acenou com a cabeça relutantemente, ele gemeu e apunhalou, ela não sabia se esperava dor ou...

Prazer! Desta vez seu eixo trouxe calor, sensação de plenitude, fricção. Suas mãos voaram aos seus ombros, as unhas cravando nele. Num tom estrangulado, ela gritou.

— E-eu adoro isso!

Seja o que for que ela estava dizendo ou fazendo fez seu olhar torturado aprofundar.



— Esperei mil anos por isso. Queria que durasse a noite toda. — Ele se retirou mais uma vez, afastando sua dureza. Então ela seguiu seus quadris, levantando o dela.

— *Dragã, quieta!* — Ele agarrou sua cintura, segurando-a. — Você não deve se mover!

Ela congelou.

Felizmente, *ele* não. Continuou balançando seu pênis pra dentro e pra fora até que ela estava arquejando.

— Mais, vampiro!

Ele deu mais.

— *Ah, mais fundo.*

— Gosta assim? — Ele se afundou o mais profundamente que pôde, esfregando contra seu clitóris com pressão mais requintada. — Diga-me o que você precisa amor. — ele murmurou com voz rouca, seu sotaque tão áspero quando o ouviu. Seu corpo estava esticado como uma corda, os músculos rígidos debaixo de suas unhas. — Eu darei isto a você... eu juro.

— Isso! Continue fazendo isso... — Seu clitóris doía para ainda mais estimulação; ele deu isto a ela circulando os quadris, movendo seu corpo como um sonho pecaminoso.

Tanta estimulação deliciosa. A cabeça se debatia, as pernas dela fechadas em torno de sua cintura.

— Eu disse a você, Bett... que me teria tão fundo... — circulando aqueles quadris —... e tão duro quanto precisasse de mim.

Ela não podia responder suas palavras — porque o prazer se reuniu bem naquele ponto em uma súbita onda ofuscante.

Como se estivesse distante, ela se ouviu gritando o nome dele. Descuidada, ela se contorcia debaixo dele, agarrando seu cabelo, esfregando os mamilos na sua pele suada.

Aquela voz gutural implorando descaradamente era sua? *Não pare, não pare, não pare.*

— *Nunca!*



Numa corrida molhada, ela gozou ao redor de sua ereção, espasmos tão fortes que ele tinha que senti-los, arrastando seu comprimento mais fundo, *mais fundo* — a conexão sem fim...

O controle estava se desgastando. *Não, não a siga!*

Mantenha sua semente, mantenha sua semente, a mente de Trehan cantarolava. Deve fazer isto durar.

Mas que macho na face da terra podia resistir aquele aperto irresistível? *Um macho melhor que eu.*

E o seu abandono? Ela gritou meu nome enquanto se debatia no meu pau!

De alguma forma, *de alguma maneira*, ele se preparou contra sua resposta desenfreada conforme a liberação dela diminuía.

Com os olhos arregalados e sem fôlego, ela perguntou.

— Você pode... você pode me sentir fazendo isso?

Ela está me perguntando se senti seu orgasmo. Ele estremeceu. Sua pergunta inocente, dita naquela voz sensual...

— Ah, deuses, Bett, sim! Sim, eu pude sentir você perfeitamente.

E agora o calor escorregadio de seu clímax o convidava a mergulhar mais fundo, deleitar-se nele.

Ele poderia ter conseguido manter sua semente por enquanto, mas agora estava pagando por isto. Os impulsos começaram a instigá-lo, direções primitivas com as quais nunca lutou antes.

Quando uma gota de suor escorreu de sua testa até o seu pescoço, deslizando abaixo, seu olhar seguiu a trilha — então se fixou mais uma vez em sua pulsação. Ele não estava apenas batalhando contra a necessidade de tomar seu sangue — estava negando a vontade esmagadora de plantar seu sêmen profundamente em sua mulher.

Ambos os instintos gritavam dentro dele.



Marque seu pescoço, reivindique-a! Golpeie entre suas coxas. Dê tudo a ela — sua mordida, seu gozo, seu prazer feminino.

Até que ela se rendesse completamente.

Ele ficou de queixo caído, perplexo ao descobrir que recolheu seus pulsos, prendendo-os acima de sua cabeça. *Alfinetando-a, possuindo-a. Dominando-a!* Ele se sentiu menos Dacian, e mais como um vampiro selvagem.

E ele se sentiu... *bem.*

— Trehan?

Não! Ele não era um vampiro da Horda comum. Podia controlar estes impulsos!

Então por que se sentia como se estivesse negando a ambos algo crítico?

Vagamente, negociou consigo mesmo: *só uma amostra, um arranhão de sua presa enquanto você se exaure.* A fantasia de sua juventude finalmente se torna realidade...

— V-você disse que não me machucaria.

Ela tem medo de mim? Lembrou-se de sua súplica de coração partido na primeira vez que estiveram juntos. De alguma maneira ele juntou os farrapos de sua restrição, forçando o olhar de predador de seu pescoço — para focar nos olhos cintilantes.

— *Nunca* te machucarei. — Ele soltou os pulsos, depois entrelaçou seus dedos com os dela. Quando começou a se mover dentro dela mais uma vez, seus olhos ancoraram nele. — *Melhor?*

Ela respondeu ficando suave embaixo dele, abrindo-se, encontrando suas punhaladas. Um gemido queixoso escapou de seus lábios.

Outra barganha consigo mesmo, uma que ele aceitou: *quando ela gozar novamente, você se junta a ela.*

Para isso, ele usou seu corpo para trabalhar no dela, bombeando seus quadris enquanto ela se contorcia em seu pau pistoneando.

Os olhos dela se arregalaram mais uma vez.

— *N-novamente, vampiro?*

Entre seus dentes que rangiam, ele lhe ordenou.



— Ah, puta que pariu, *novamente*, minha querida.

Mesmo antes dela gritar ele sentiu o aperto revelador ao redor de seu membro. A pressão de sua semente aumentava; seus músculos ficaram tensos em prontidão, sua mente deu um branco.

— Você... é... *minha!* — Ele rugiu enquanto o aperto de seu orgasmo o ordenhava à perfeição. Não podia mais resistir à sua demanda. — *Esti a mea!*

Prazer o devastou, fez com que jogasse a cabeça para trás e berrasse seu nome enquanto começava a ejacular bem no fundo de sua mulher. Jatos escaldantes de sêmen banharam seu ventre... mais e mais... até que sua voz estava rouca e seu corpo vazio.

Nunca a deixarei ir, fêmea. Nunca!

Com um gemido aturdido, ele desmoronou em cima dela. Enquanto lutava para respirar, ele murmurou.

— *Bettina, eternitate.*

Capítulo 40

Na manhã seguinte a chuva caía lá fora e o vento açoitava a torre de Bettina com os raios relampejando ao redor.

Mas ela estava confortável dentro de sua oficina, cantarolando enquanto polia a joia mais importante que já criou.

Um anel de casamento para a cerimônia desta noite.

Ela trabalhou nele logo depois que Daciano a deixou de madrugada. Horas antes disso eles riram, tocaram-se e exploraram o corpo um do outro em sua cama. Na verdade, aquela agora era a cama *deles*, nos aposentos *deles*. Ele os reivindicou também.

Com Daciano em sua vida, de repente sua torre não parecia como uma prisão, mas um refúgio para eles do mundo.



— Não sei que melodia você está cantarolando — disse Salem quando apareceu ao lado dela — mas aposto que a letra é assim: "*Eu, amo, sexo.*"

Bettina deu de ombros misteriosamente, decidindo não ser do tipo que beija e conta. Mas, sim, agora de fato ela adorava sexo. Decidiu isso depois da primeira vez, então *entusiasmamente* confirmou na segunda e na terceira.

Ela e Daciano provavelmente teriam apreciado uma quarta vez, mas ele foi impedido pela cura de seus ferimentos.

Pouco antes de riscar pra longe esta manhã, ele a enfiou na cama. Seu cabelo estava despenteado caindo na testa, seus olhos malvados.

— Tenho algumas coisas para cuidar hoje. Mas espero mais disso hoje à noite.

Ela ficou com os olhos arregalados e nem um pouco impressionada com seu amante vampiro. Quando depositou um beijo no cabelo dela, ele murmurou.

— Na noite passada, eu fiz de você minha Noiva; hoje à noite farei de você minha esposa.

Bettina Daciano? Em vez da constante perda esmagadora que ela passou a esperar neste torneio, agora tudo que sentia era excitação. Ser sua esposa? Ter uma vida imortal de noites como a última, de se perder em seu olhar de cor ônix...?

Ela não dormiu; correu para sua oficina e começou uma aliança de ouro para ele. Era de design simples para atender ao seu gosto.

E agora ela entendia o simbolismo de um círculo interminável mais do que nunca.

— Oh, e a propósito, agradeço a você pela meia providencial na maçaneta da porta, colega de quarto. — Salem disse, ocupando o encosto. — Não tinha para onde ir.

— Estou surpresa que você não retornou ao meu quarto, seu fantasma voyer.

— *Claro* que retornei. Teria ficado também. Mas ontem à noite, você e o vampiro estavam tão amorosos... e ainda assim oh, tão *promíscuos*... que isso mexeu com a minha cabeça. — Ele fez um som trêmulo. —



Parece que você se recuperou de Cas rápido o suficiente. Descanse em Paz esta noite, demônio. As putas de todos os mundos vão ficar de luto.

Ela revirou os olhos.

— *Nada* vai acontecer com Cas. Daciano achou uma brecha em uma cláusula das regras porque ele é *brilhante*. Em linhas pequenas: ambos vão viver. — Meteu a aliança polida em uma bolsa de veludo para mantê-la segura.

Em vez de compartilhar sua felicidade, Salem se limitou a dizer.

— Parece um pouco bom demais pra ser verdade.

— O vampiro não pode mentir e ele disse que os dois sobreviveriam.

— Mas o comentário de Salem a fez pensar. O resultado poderia ser como ela queria, mas a reação do público poderia não ser.

Se houvesse um empate no final, os Abaddons desordeiros e bêbados poderiam fazer um motim. Algumas comitivas de competidores caídos ainda permaneciam — será que acusariam Runa de manipular o torneio?

Pensando como uma rainha? Talvez ela devesse instituir algumas precauções. Poderia atribuir soldados para ficar no rastro das comitivas, então posicionaria ainda mais guardas para ficarem a postos para controlar a multidão.

Deveria racionar a cerveja de demônio? Não, isso seria extremamente impopular. Ela tamborilou os dedos no queixo. Mas essas ninharias a absorveriam! Começou a rabiscar seus decretos para esta noite.

— Então você acha que este "empate" vai tornar tudo simplesmente maravilhoso? — Salem perguntou.

Ela se acalmou.

— Talvez eu faça isso.

— E a tensão entre o vampiro e Caspion? Daciano ainda é um assassino, o que o manteria distante de Cas daqui por diante imediatamente depois do torneio?

— *Eu*. Ele sabe que nunca poderia perdoá-lo por isso. — Ela disse a Daciano tantas vezes na sua loucura.

Salem tremeluzia de um encosto numa broca próxima.



— Certo, diga que o sanguessuga realmente dê um passe para o demônio. Você não pode estar pensando que eles dois simplesmente viverão aqui e serão amigos íntimos. Dois alfas brigões de pau balançando como estes? Você está enganada se acreditar que eles não estarão um na garganta do outro.

— Isso não vai acontecer. Não vou *permitir* que isso aconteça. — disse Bettina como se estivesse acostumada ter as coisas do seu jeito. Talvez não estivesse no passado, mas no futuro...

— Não seja idiota. Daciano vai botar Cas pra correr deste reino... e de sua vida, na primeira oportunidade.

— *Ambos* vão estar na minha vida, Salem. Meu marido e meu melhor amigo. Eventualmente os terei ao meu redor.

— Deixe-me saber como fará isso, fofinha...

Ela sentiu Morgana chegando.

— A madrinha está aqui. — Ela estava imaginando quando a feiticeira apareceria para fofocar.

Bettina e Salem estavam esperando na sala de estar quando as portas da torre deslizaram se abrindo.

— Vinho! Detalhes! — Morgana parecia diferente esta manhã. Ela sempre teve um brilho sobre ela, mas agora parecia *alegre*...

Eles tomaram o vinho em seu canapé, Salem retornando ao seu posto na mantilha da Morgana.

Em vez de fornecer a história lasciva que Morgana esperava, Bettina revelou o novo plano: que os dois machos sobreviveriam esta noite.

No entanto, a feiticeira não pareceu muito surpresa pelas informações.

— Isso é *interessante*. — disse ela enquanto examinava a ponta de uma trança. — Avise-me quando estivermos prestes a chegar na parte boa.

— Tudo bem! Estive com o vampiro e foi *maravilhoso*, ok?

Ela fitou o pescoço da Bettina.

— Ele não te mordeu?

— Não, pedi para ele esperar, e ele o fez.



— Interessante. — Morgana repetiu.

— Oh, ela pegou aquele sanguessuga direitinho. — Salem explicou. — Ela poderia ter pedido a ele que se atirasse no sol, e ele teria feito em segundos. Parece que a pivete tem algum poder debaixo da saia que nós não suspeitávamos...

— De qualquer forma — Bettina interrompeu com firmeza, falando apesar do seu rubor — tenho um monte de coisas pra fazer. Preciso ter certeza que estamos preparados para qualquer reação que o público possa ter.

— Oh, esta é uma hora ruim? Parece que você é uma mostrenga muito importante agora. Tipo especial, heim?

— Uma noite de "o sexo", e ela pensa que é Madonna. — ironizou Salem.

— Você obviamente está ocupada. — Morgana se levantou. — Acho que posso esperar até uma hora mais conveniente para falar com você sobre seu poder.

— P-poder?

— As marés mudaram. Nesta Ascensão a Sorceri subirá mais uma vez. Graças à foice.

— Como? O que isso quer dizer? V-você disse que não podia conseguir minha magia de volta da arma. Que era apenas um canal para levar os poderes até a abóbada.

— Eu menti. Não tinha certeza se isto era possível na época, e meu estilo é prometer menos e fazer mais. Mas usei minhas habilidades inigualáveis e a força total de minha magia para, como posso dizer? Inverter o fluxo. Apenas duas virgens e uma cesta de filhotes tiveram que ser sacrificados para o ritual.

Bettina engoliu em seco, esperando que ela estivesse brincando.

— Você roubou de volta todos os poderes Sorceri?

— Naturalmente recolhi algumas habilidades para mim, uma espécie de imposto sobre meus súditos, por assim dizer, para nossa defesa. Mas a maior parte dos poderes será devolvida aos seus legítimos donos.

O coração de Bettina começou a martelar. *Como esta legítima dona?*



— Aliás, depois que transferi todos aqueles poderes, *enviei* um pequeno feitiço um pouco desagradável para nossos inimigos Vrekeners.

— Que tipo de feitiço?

— Vamos colocar deste modo: um poderoso? Oh, como eles cairão. E isto é tudo que vou dizer sobre o assunto.

Bettina não se importava. Sua mente estava enfocada em uma única coisa.

— Receberei meu poder de volta?

— Há algo que você deve concordar primeiro.

Ela estava a ponto de chorar.

— Qualquer coisa! — Mas então Bettina percebeu que não era mais aquela garota — aquela que tinha implorado. Aquela que concordou com o torneio em primeiro lugar. — Diga-me, Morgana.

— Você jamais deve usar este poder contra as Valquírias. Pelo menos não até depois da Ascensão.

— O quê? Por quê?

— Aquela Valquíria adivinha foi quem previu que a foice entraria no jogo neste torneio. Ela forneceu a mim e a Raum informação privilegiada — disse Morgana, acrescentando secamente — entretanto esqueceu de mencionar que estava predizendo para nós dois.

Uma Valquíria deu o pontapé inicial?

— A de cabelos negros como um corvo? Mas você odeia as Valquírias.

— Ódio? Só porque secretamente queria que todas elas estivessem mortas? Nunca foi pessoal. — Ela fez um gesto com a mão, como se uma mosca estivesse zumbindo. — Parece que o Clã Sorceri agora está revestido com gente boa. Aparentemente, a equipe das Vertas não se importa que eu seja do mal. Já que você é a rainha de Abaddon, sugiro que alinhe seu reino adequadamente, assim minhas novas bestas Valquírias e eu não teremos que aniquilá-la.

— Equipe das Vertas. — Bettina repetiu soturnamente. Supôs que poderia ser pior. A grande Sabine e seu novo marido estavam aliados com aquela facção de "gente boa". — Concordo com sua condição.



— Ótimo. E agora que tivemos o cuidado de causar uma boa impressão — a mão da Morgana começou a emitir luz — você iria gostar de ser curada?

Com a boca seca, Bettina assentiu. Queria que Daciano estivesse aqui para ver este momento. Queria que Cas estivesse ao seu lado. E Raum.

Ela olhou em direção a Salem.

— Vá em frente, Princesa, obtenha o que está parando seu coração!

Enquanto Bettina cruzava o aposento em direção a ela, Morgana levantou sua mão e mais luz ferveu em cima de sua palma. Ar quente começou a agitar em torno do corpo da feiticeira, suas joias de ouro vibrando.

Ao mesmo tempo um vento raro soprou, balançando a torre, abrindo subitamente as portas da sacada. A chuva bombardeava o interior. As velas dos lustres silvaram e morreram. O vento girou dentro da sala redonda como um tornado, espalhando papéis e sedas encharcados.

— Você está pronta? — inquiriu Morgana acima do barulho.

O ar estava pesado com magia, que pinicava a pele de Bettina. Seu cabelo lançado ao vento.

— Estou pronta! — Ela respirou fundo.

A mão da Morgana de repente ficou escura. O vento morreu, a feitiçaria dissipou.

— Sabe, acabei de lembrar de como você duvidou de mim. Parece que este torneio tem sido maravilhoso para você. Mas reclamou sem parar sobre os pormenores, como as inúmeras mortes. Puta, puta, puta...

— Morgana!

— Quem é sua madrinha favorita? Quem é a melhor feiticeira no Lore inteiro? Diga.

Com um revirar de seus olhos, Bettina murmurou.

— Morgana é a melhor feiticeira no Lore inteiro.

Apaziguada, sua madrinha disse.

— Então aprecie. — Ela empurrou a palma da mão na testa da Bettina. O fogo pareceu saltar da mão da feiticeira. O vento uivou mais uma vez.



O corpo de Bettina foi capturado, suas costas arqueando, seus membros se retorcendo. Mas Morgana a segurou no alto despejando feitiçaria nela, como se num recipiente vazio.

— Quase feito, mostrenga. Quase...

Levitando. Calor correndo pelo seu corpo. Os músculos da Bettina enrijecidos em nós até que pensou que eles estalariam...

— Feito! — Morgana terminou, soltando-a afinal.

Ofegando, Bettina agarrou nos ombros de sua madrinha para se equilibrar. *Está de volta? Estou inteira?*

Salem riu.

— Isso foi incrivelmente brilhante, senhoras! E estranhamente excitante. Se eu tivesse um corpo, estaria com o pau duro nesse instante.

Uma luz âmbar encheu as palmas de Bettina. O vazio excruciante que sofreu desapareceu. A felicidade floresceu, manifestando-se em redemoinhos de feitiçaria ao redor dela.

— Oh, meu ouro. Está... de volta. — Ela cambaleou antes de encontrar seu equilíbrio.

Talvez finalmente eu tenha encontrado meu equilíbrio?

— Considere um presente de casamento. — Morgana alisou seu cabelo. — Agora. O que você vai vestir para suas núpcias hoje à noite?

Embora horas tenham se passaram desde que Morgana partiu, e a longa tempestade do dia enfraqueceu, o vampiro ainda não tinha aparecido.

Mesmo depois da volta chocante da sua sorte, Bettina ficou mais apreensiva. *Não, pense em qualquer outra coisa. Como seu casamento!*

Esta noite depois do round final, ela retornaria aqui e se trocaria. Então Raum a escoltaria para a corte.



Ela olhou para o conjunto nupcial deitado atravessado na sua cama. Pertenceu a Eleara. A saia consistia em camadas de tule com uma sobreposta de seda marfim e uma cauda. Luvas curtas combinando. A parte superior era um bustiê elegante, forjado do que mais? — Ouro branco.

Morgana usou sua magia para dar uns retoques e renovar os tecidos. Então lançou um glamour no próprio rosto para disfarçar seus olhos enevoados. A tarde foi maravilhosa, mesmo quando Morgana disse:

— Acho que estamos vinculadas. É este vínculo?

Então por que Bettina estava carregada com esta apreensão? Por que Daciano não fez o registro de entrada? E se o plano dele estava indo por água abaixo neste exato momento? E se *Cas não estava seguro*?

No mínimo, ela precisava estar a par do plano do vampiro — assim poderia levar a notícia para Raum, o árbitro da luta.

Decidida, ela vestiu seu manto, preparando-se para se dirigir até a tenda de Daciano. Ao sair passou por Salem, que estava lendo revistas.

— Oi! Precisa de um acompanhante? — Ele perguntou.

— Estou bem. — disse ela. *Eu acho. Veremos.*

— Suponho que estará, agora que é a Rainha dos Corações novamente.

Ela franziu o cenho. Cas presumiu que era corajosa porque os Vrekeners pereceram. Salem pensou que foi encorajada por seu poder.

Certo, estas coisas não a magoavam, não importavam. Mas Cas e Salem não entendiam — mesmo sem aqueles acontecimentos, Bettina ainda teria saído.

Depois das duas últimas noites com o vampiro, algo mudou no pensamento dela. Não simplesmente porque um vampiro forte e sexy disse a ela que sua grandeza reside em você — mas porque começou a ver que ele poderia ter certa razão...

— Voltarei logo. — disse a Salem.

Lá fora na rua, os edifícios não eram tão grandes. Talvez quanto mais ela se empurrasse, mais fácil seria?

O mais fácil para este rato era tremer seu rabo para o céu.



Quando ela chegou na tenda de Daciano, mergulhou debaixo das abas, tomando cuidado para não permitir que a luz do sol entrasse. Ela o encontrou sozinho, parecendo como se tivesse acabado de se deter no meio de uma frase.

Ela perscrutou ao redor.

— Eles estavam bem aqui, não estavam? Seus primos?

— Sim. Eles me parabenizaram pelo meu êxito, ao ganhar você e a coroa deste reino. — Sua aparência a assustou.

Considerando que ela estava renovada e revigorada, ele parecia distraído e cansado, tão diferente de como esteve apenas algumas horas antes. Agora seu rosto estava pálido e olheiras marcavam a pele debaixo de seus olhos. Parecia que ele tinha perdido peso ao longo do dia, seu traje sob medida caía mais solto em seus ombros. E por que não? Grande parte do seu sangue manchava o chão de terra do Anel de Ferro. Se ele não estivesse bebendo para se reabastecer...

— Eles também trouxeram uma mensagem de Lothaire. Parece que ele encontrou um modo de tornar sua Noiva imortal. Eles estão vinculados.

— Isto é incrível.

— Foi uma longa jornada. Nós votamos para instalá-los como regentes. Ou pelo menos, meus primos votaram.

Ela foi até ele, pousando as mãos em seu peito.

— Isso deve ser agri-doce para você.

— Há muito para... assimilar. Durante um período de poucos dias, fui sangrado, rendi um reino para me tornar rei de outro, e abandonei o Reino de Sangue e Névoa por Abaddon, a terra da minha Noiva.

Farei você feliz aqui, vampiro. Não vai se arrepender disso.

— Quando foi a última vez que você dormiu por um dia? — Uma tensão brutal parecia estar remoendo dentro dele. Estava tão perto que ela podia perceber.

— Semanas. — Seus lábios se curvaram, mas o sorriso não alcançou os olhos. — Eu tive muito a fazer com o torneio e com meus últimos



deveres com Dacia. Em todo caso, vou dormir assim que a fizer minha esposa. Não deixaremos nossa cama por dias.

Apesar daquilo soar divino, ela ainda se preocupava com sua saúde.

— Você nem está bebendo?

Seu olhar se desviou o pulso dela novamente. A ideia de sua fraqueza e sede causaram uma pontada de preocupação.

Talvez eu devesse ter deixado que me mordesse. Ele tornou tudo o mais maravilhoso para ela; por que isso deveria ser diferente? Esta noite ela desnudaria seu pescoço para ele.

Por enquanto, ela foi para seu aparador e serviu uma taça de sangue de uma garrafa de cristal. No passado ela poderia ter achado aquilo desagradável, mas agora era literalmente a força vital de seu vampiro.

— Aqui, Trehan. Beba.

Ele reclamou — como um típico macho — mas tomou a taça, engolindo com uma careta.

— Todos os outros sangues tem gosto ruim depois que provei o seu.

— Então ele franziu o cenho. — Por que está aqui? Tem alguma coisa errada?

Talvez ela pudesse lhe contar sobre seu poder mais tarde. Ele parecia ter coisas demais na sua cabeça agora.

— Preciso saber mais sobre seu plano para hoje à noite.

— Por quê?

— Por um lado, por que isso *diz respeito a mim*. E não entro mais cegamente em situações como esta.

Ele inclinou a cabeça de forma avaliadora.

— Muito bem. — Ele riscou para o rolo de contrato pesado, levantando-o em uma mão. — Li cada minúscula palavra escrita neste texto, cada regra.

— Mas não é escrito em antigo Demonish?

— Correto. O que provou ser demorado para traduzir — outra razão por que estou cansado. — Ele deu de ombros. — Apesar da linguagem ser Demonish, as regras são baseadas na antiga lei Sorceri, de um tempo quando sua gente valorizava a bravura. Há uma cláusula de misericórdia.



— O que isso significa?

— Se um competidor está enfrentando a morte certa, a fêmea do prêmio pode conceder um favor a ele, removendo-o do torneio, mas poupando sua vida. Quando eu tiver Caspion na ponta da minha espada, você invocará misericórdia. E então o torneio estará terminado.

Misericórdia?

— Mas pensei que havia alguma maneira de ter um empate entre você e Cas.

— Então você estava enganada. Deve haver um vencedor.

— Não tenho nenhuma ideia do que Cas vai fazer. Vampiro, ele é muito orgulhoso. Foi uma criança abandonada, teve que cavar seu caminho no mundo. Este apelo pode ser intolerável para ele. Ele poderia atacar.

E Cas estava ficando mais forte a cada morte. Embora ela não tivesse nenhuma ilusão que ele pudesse derrotar o vampiro, Cas poderia não ser fácil de subjugar sem ferir a si mesmo no processo.

— Tudo ficará bem. — disse Daciano. — Está tudo sob controle.

Se ela soubesse desta informação um pouco mais cedo, poderia ter sentado Cas e tentado explicar a situação para ele, persuadi-lo a aceitar. Afinal, agora teria sorte se o encontrasse antes do jogo.

— Não há absolutamente nenhum modo de ter um empate?

Daciano enfiou os dedos por seu cabelo desgrenhado. Com a voz aumentando a cada palavra, ele perguntou.

— Achei um modo de salvar a vida dele, e isto não é *bom o suficiente para você?*

— E-eu apenas gostaria de ter sabido. — Ele nunca levantou a voz para ela.

— Por quê? O que teria mudado? — Seus olhos cintilaram negros com fúria. — A noite passada na sua cama?

Ela engoliu em seco.

— E-eu sei que você esteve sob muita pressão. E não quero brigar com você. Provavelmente eu deveria te deixar descansar.

— Você está indo encontrar Caspion então!



Ela pensou em mentir, considerando todos os meios de suavizar isso. Mas se recusou ser intimidada. Se este vampiro queria compartilhar sua vida, então seria melhor entender que Cas sempre teria um lugar nela.

— Primeiro vou ver Raum, para que ele saiba terminar com a luta quando ouvir o apelo. Mas depois vou conversar com Cas, explicar isto pra ele. Caso contrário, ele poderia fazer algo de cabeça quente e partir pra cima de você. Só quero ter certeza que *ambos* sairão desta ilesos.

Ameaça rolava pra fora do vampiro.

— Você não confia em mim para controlar o que acontece no anel contra um filhote como ele?

— Filhote? — Sua condescendência irritava.

— Eu disse a você para confiar em mim, Bettina.

Seu queixo se projetou pra cima.

— E eu disse a você que preciso levar isto até meu amigo, por precaução.

Suas presas afiaram, brilhando a luz do fogo.

— Você sempre pensa em Caspion!

Talvez ela tivesse se enganado ao pensar que poderia reduzir a distância entre Daciano e Cas.

— Por favor, acalme-se...

— Acalme-se? Sabe quantas vezes essa frase foi dita para mim? *Nunca*. Você me deixa no limite, Princesa! — Ele deu uma risada amarga, e ela pensou tê-lo ouvido murmurar. — *Recaída*.

Se ela já tinha imaginado como pareceria um Dacian sedento de sangue, exausto e ciumento... *eis aqui*. Ela faria mais uma tentativa para fazê-lo entender.

— Trehan, sou grata pelo que fez. Eu deveria ter dito isto. Como disse, não quero discutir com você. Mas há outras coisas a considerar. Estou apenas tentando preparar todos os envolvidos. Sei melhor do que ninguém o perigo de não estar desprevenida.

Ao ouvir isso, ele respirou fundo, claramente fazendo um esforço para refrear seu temperamento.

— Falarei com Raum. Posteriormente, eu a escoltarei para o anel.



— Não, isso não seria correto. Este round pode ser uma formalidade, mas...

— *Ești a mea, Bettina!* — Ele agarrou seus ombros, trazendo seu rosto pra perto do seu. — Você já é minha. Você pertence a mim para sempre!

Lembrou-se de algo mais que Salem disse: *Os seres frios pensam grande.*

— Vampiro, seja prático. As pessoas poderiam perceber as coisas e dar as costas a você mais do que já fazem. — Ninguém torceria por Caspion? Ele lutou muito para chegar tão longe no torneio, arriscando sua vida repetidamente — ele *merece* alguma consideração.

E está prestes a perder tanto.

— Seu povo *deveria* perceber as coisas sobre você.

— O que quero dizer é que todo mundo pensará que estou favorecendo você acima de Cas. — A percepção é realidade.

— Você está!

Ela sacudiu a cabeça.

— Não é tão simples.

— É! Então você não está me escolhendo acima dele?

O vampiro já está forçando a barra!

— Não coloque isto assim! E não me coloque contra a parede sobre isso! — Bettina estaria condenada se abrisse este precedente. *Com suas ações, você mostra aos outros como te tratar.* — Cas terá um lugar em meu futuro, resigne-se.

— Você me escolhe ou não?

— Você não está sendo justo comigo e não está me *ouvindo!* — Ele parecia interpretar tudo que ela disse como: *Eu quero Cas.* — Eu escolho você dois por diferentes razões. Trehan, não posso virar minhas costas a ele só por causa de como me sinto sobre você...

— Não é bom o suficiente! — Ele retrucou. Num tom mais suave, ele acrescentou. — Haverá apenas um macho em sua vida — eu. Esta noite no anel explicarei isso para Caspion. Quando seus ossos se repararem, ele sempre temerá olhar para você novamente.



— Basta! — Ela gritou. — O que está errado com você? — *Onde está meu vampiro terno e gentil da noite passada?* — Você está prestes a conseguir *tudo* — esta vitória, sua Noiva, o reino inteiro. Cas não obterá nada! E agora você quer esmagá-lo debaixo de sua bota? Na frente de nosso povo? Não aceitarei isto! Mostre alguma compaixão!

— Você sente isso por ele! — O vampiro agarrou sua nuca, estudando seu rosto com olhos que passaram para negros como breu. — Que outros sentimentos permanecem?

— Claro que sinto compaixão por ele! Nós compartilhamos anos de amizade.

— É *meu* direito vencer esta noite!

— Sim, é — mas isso não significa que tem que esmagar meu melhor amigo para fazer isto.

— Um dia, Bettina, vou chegar ao meu limite com isso. — Ele escovou seu cabelo pra trás, em seguida endireitou a máscara dela. Seu toque era terno mesmo quando suas palavras foram duras: — É melhor fazer seu apelo ecoar fora do anel, para que eu não o rasgue em pedaços com estas mãos. — Então riscou para longe.

Capítulo 41

Ainda abalada pelo comportamento de Daciano, Bettina encontrou Raum e precipitadamente explicou a cláusula. Ele ficou desconcertado, mas consentiu, concordando com ela em tudo — como se ela já fosse a rainha.

Como se ele não pudesse esperar para ter outra regra. Era um pouco irritante.

Em seguida, Bettina partiu para encontrar Cas, localizando-o próximo à entrada do santuário. Seus amigos arruaceiros o estavam jogando pra cima, dando socos em seu tórax enquanto gritavam para encorajá-lo:



"Arrebente a porra daquele sanguessuga!" "Um par de presas para começar sua coleção!" Eles batiam em seus chifres estimulando sua agressividade, sua necessidade instintiva para uma morte fresca.

— Tenho que conversar com você, Cas.

Ele riscou para cima dela.

— O que é? Estou a ponto de entrar.

Não existia um modo fácil de falar.

— E se eu te disser que há uma cláusula de misericórdia nas regras, uma saída para um dos competidores?

— Do que está falando?

— Se Daciano conseguir te colocar na ponta da espada, então posso pedir clemência, poupando sua vida. Mas isto vai desclassificá-lo do torneio.

Os olhos de Cas ficaram selvagens.

— Não se atreva a usar isso comigo!

— Espere...

— Você acha que não tenho honra?

— Não é isso!

Agarrando o braço dela, ele a riscou pra longe dos ouvidos dos amigos.

— Eu nasci com nada... Dei um duro danado para chegar onde estou arriscando minha vida repetidamente. Você me derrubaria logo quando estou no meu ponto mais alto? Você me humilharia dessa forma?

— Você é meu melhor amigo. Não posso deixá-lo morrer.

— Não faça isto. — Ele apertou sua testa. — Acho... acho que chegaria a te odiar.

— Ódio? Você realmente quer que este seja o fim da sua vida? Morrer aos vinte e cinco anos? Por uma mulher pela qual nem sequer está apaixonado?

— Tina, sei que você já se vinculou ao vampiro. Pelos deuses, posso sentir o cheiro dele em você.

Ela corou, desviando seu olhar.

— Mas eu prefiro morrer com honra a perder dessa forma.



— Não vou deixar isso acontecer. Assisti um round após o outro, sentada impotente em segundo plano, enquanto você e o vampiro arriscavam suas vidas. Finalmente posso fazer alguma coisa para ajudá-lo.

— Me ajudar? Contra ele na frente de todas as pessoas? Com o Daciano?

Sim, Salem, aparentemente eu estava me enganando sobre eles. Ela nunca conheceu dois machos que se odiavam tão amargamente — e que tivessem tão pouca razão para tanto.

— Preocupe-se mais por ele, feiticeira! — Cas cuspiu mais irritado do que nunca. — Eu o derrotarei. *Não posso perder.*

De onde esta confiança estava vindo?

— Você não testemunhou o vampiro contra o primordial? Seja realista. Daciano tem vários anos a mais do que você.

— Isso não importa, não quando eu usar sua fraqueza contra ele.

— Qual fraqueza? Ele não tem nenhuma.

— *Todo mundo* tem um ponto fraco. — Cas insistiu. — Você precisa deixar isso acontecer! Sou um demônio da morte lutando pela minha honra — vou provar para todos eles!

— Ele é um Dacian de mil anos de idade lutando pela sua Noiva predestinada. Eu te coloquei nessa, Cas. Vou fazer o que for preciso para te tirar. — Com isto, ela o deixou com seus amigos, um bando de demônios gritando para Cas assassinar o vampiro.

Trehan se arrependeu de suas palavras grosseiras praticamente no mesmo momento em que as disse. Voltou para a tenda, mas Bettina já não estava mais lá.

Ela o acusara de não ouvi-la, e provavelmente estava certa. Apenas a menção do nome daquele demônio o levava a um surto de ira.



Ele exalou um longo suspiro. Deveria ter explicado a situação para ela:

Estou exausto, Bettina, sem sangue e minha mente não está bem. Hoje aprendi que Dacia definitivamente terá um novo rei, e pela primeira vez em um milênio, estou certo que não serei eu. Fiz sacrifícios para ter uma vida com você, e então insensatamente esperei que você se curvasse à minha vontade sem questionar.

Ele diria isso a ela esta noite antes da cerimônia, numa tentativa de suavizar a situação. E assim que se casasse ele a tomaria repetidamente, saboreando mais do êxtase que ela lhe dera na noite passada. Ao se lembrar de seu abandono, até mesmo seu corpo faminto de sangue se incitou para ter mais.

Com exceção da hesitação sobre a mordida dele, ela se rendeu completamente, satisfazendo-o de incontáveis maneiras. A última vez que a tomou, ele baixou os olhos para o rosto dela e uma verdade o atingiu: *Bettina este viață.*

Bettina era a vida. Ele nunca mais poderia voltar ao modo que era antes.

Esta noite, após reivindicá-la como sua esposa, ele se forçaria a beber e dormir, e então finalmente seus pensamentos ficariam claros. *Eles não podem ficar piores.*

Nada fazia sentido hoje. Seu temperamento estava sempre a postos, seu humor amargo. Seu corpo estava enfraquecido, sua cabeça zozna. *Há algo estranho comigo.*

Foi porque ele não a marcou como sua? De acordo com o livro de fisiologia, um vampiro precisava perfurar sua companheira.

Mas ele não era apenas um vampiro. Ele ainda era *Dacian*.

Neste momento desejava que não fosse. Trehan nunca teria pensado que invejaria um vampiro de olhos vermelhos enlouquecido como Lothaire, aquele que aparentemente tomou o pescoço da sua Noiva enquanto a reivindicava.

Vinculando-a a ele. Lothaire obedecia ao instinto; Trehan resistia a ele.



O Inimigo do Antigo estava se curando; *estou retrocedendo*.

Trehan se sentia... doente. Sua garganta ardia e sua língua parecia grossa, grudando no céu da boca. Sua tontura estava se transformando em uma dor de cabeça latejante, até mesmo enquanto a dormência se espalhava por seus membros.

Basta apenas conseguir que esta luta acabe. Tudo o que desejava, tudo o que pertencia a ele estava lá para ser tomado. Estava tão malditamente perto, somente precisando agarrá-lo.

Ele olhou em direção ao anel. *Meu prêmio aguarda com olhos arregalados.*

Pronto para a partida, Trehan endireitou os ombros, o movimento fazendo com que se inclinasse.

Percebeu que algo definitivamente estava errado... quando riscou para o santuário... e deu de cara com uma parede.

Capítulo 42

— Uma pessoa não tem que ser uma feiticeira para sentir a atmosfera portentosa da noite. — Morgana murmurou de sua cadeira na plataforma.

Bettina concordou. Enquanto Raum saudava a multidão, ela olhou pra cima da arena. A chuva hoje deixara o anel num lodo de barro vermelho. Tufos de névoa deslizavam em torno da jaula, esvaindo-se no chão e tecendo pelas barras.

A lua cheia perfurava a neblina com oscilantes lanças de luz.

Quando Raum anunciou os competidores a multidão aplaudiu, mas sua reação era calada, como se também sentissem o ar ominoso.

Caspion e Daciano então entraram no anel, riscando por cima da lama. Neste ponto ela só queria que ambos estivessem a salvo. Lidaria com a consequência depois. Enquanto Raum continuava com seus anúncios —



sobre a cerimônia de casamento à meia-noite, os próximos feriados de todo o reino a serem celebrados e assim por diante — Bettina estudava o vampiro.

Em cada round ele fora o retrato da frieza. Olhos atentos, expressão focada. Um macho disposto a uma única tarefa.

Agora suor pontilhava sua sobrancelha e caía pela sua testa. Suas pupilas estavam dilatadas e pequenas linhas de sangue escorriam pelos cantos de seus olhos.

Quando ele agitou sua cabeça bruscamente, quase perdendo o equilíbrio, a mão de Bettina voou para o braço de Morgana.

— Olhe para o vampiro!

— O que é?

— Olhe para os seus olhos.

Ela apertou os olhos.

— Ah, pelo amor do ouro! Você tem que estar brincando.

— Ele foi envenenado! — Bettina silvou. Ela conhecia os sintomas tanto quanto qualquer feiticeira.

Morgana deu uma risada surpresa.

— Seu amigo vagabundo ficou esperto.

— Não! Cas não teria feito isto. — disse ela, ao mesmo tempo em que se recordava de sua confiança injustificada.

Amanhã à noite é a sua última... Não posso perder... Usarei sua fraqueza contra ele...

— Talvez Caspion e mais alguém tenha planejado isto? — Morgana lançou um olhar para Raum.

Trapacear é demais. Era sobre isso que os dois estavam falando ontem à noite? Envenenamento não estava fora das regras.

Então ela entendeu. Um dos primos de Daciano devia ter feito isso! Ele contou que todos eles estavam sempre tentando matar um ao outro, e eles estiveram em sua tenda mais cedo.

— Deram algo muito potente para o seu vampiro. — Morgana observou. — Numa escala de um a cinco — cinco sendo uma rara toxina que poderia de fato matar um imortal — eu o colocaria num quatro.



— *Quatro? O que eu faço? O que posso fazer?*

— Espero que ele possa se recuperar de uma dose tão forte.

Numa óbvia tentativa de fazer exatamente isto, ele sacudiu sua cabeça novamente. Cambaleou antes de recuperar o equilíbrio. Ele parecia confuso, seus pés vagarosos na lama espessa.

Ele está ficando pior.

Ela olhou para Cas. Ele estava fervendo de raiva, seus chifres eretos, suas presas à mostra. Ele desembainhou sua espada, segurando-a com força, os músculos em seus braços protuberantes. Seus amigos na arquibancada gritavam, antagonizando-o ainda mais.

Daciano esfregou a manga da camisa por cima dos seus olhos, então outra vez, como se sua visão tivesse ficado escurecida. Quando desembainhou sua arma ele cambaleou mais uma vez.

O portão fechou tinindo pela última vez. Antes que Bettina pudesse dizer uma palavra, Raum deu seu sinal. E ela estava impotente mais uma vez enquanto o chifre soava uma última vez...

Cas atacou imediatamente, sua espada reluzindo. Daciano mal pôde desviar do golpe a tempo. Suas espadas tiniam ruidosamente, o som metálico soando pela noite.

Cas atacou novamente; Daciano conseguiu bloquear letargicamente. Os reflexos do vampiro estavam se deteriorando ainda mais, enquanto Cas estava mais rápido, mais forte, do que ela podia ter imaginado...

Com uma súbita estocada, Cas impulsionou sua espada para frente como se fosse uma extensão de seu braço musculoso. Tarde demais Daciano desviou para trás; a ponta da lâmina pegou sua bochecha, esfolando a pele.

Naquele momento o luar atingiu o rosto do vampiro, iluminando seu osso fantasmagoricamente branco antes do sangue jorrar.

Daciano não mostrou nenhuma evidência de expressão — nenhuma dor, raiva, confusão — somente uma expressão vaga enquanto o sangue jorrava de seu rosto.

Cas seguiu aquele movimento com outro ataque relâmpago; uma laceração profunda apareceu no braço do vampiro que segurava a espada.



Enquanto Bettina estava boquiaberta com a série de acontecimentos, Morgana calmamente observou.

— É só uma questão de tempo agora, monstrenga.

— Não, não, o vampiro sairá dessa! — Ela disse, fingindo uma confiança que não sentia. Daciano parecia nem sequer conseguir controlar suas pálpebras pesadas — muito menos o que estava acontecendo no anel. — V-você sabe como ele é forte.

Com uma ferocidade assombrosa, Cas balançou sua espada no alto, usando ambas as mãos para fazer um ataque brutal; Daciano ergueu sua espada acima da cabeça para se defender.

Novamente suas lâminas estalaram, metal raspando em metal. Faíscas choviam acima da cabeça de Daciano, enfatizando sua aparência suada e ensanguentada.

Aproveitando a vantagem, Cas acertou um golpe após o outro, como se estivesse batendo um machado numa tábua de carne.

A inundação dos golpes furiosos colocavam Daciano para baixo... para baixo...

Quando os joelhos do vampiro afundaram no barro e confusão apareceu em seu rosto orgulhoso, Bettina percebeu duas coisas.

Ela estava apaixonada por ele.

E faria qualquer coisa para salvá-lo.

A espada tremendo em minhas mãos, metal ressoando em meus ouvidos, lama me puxando para baixo.

Caspion me golpeando.

— Saiba reconhecer a derrota, vampiro! Entregue-se — por um demônio!

Tenho que *me livrar desta fraqueza!* Mas nada conseguia perfurar o estupor no qual Trehan estava. Sua visão periférica ainda estava obscurecida pelo sangue, seu equilíbrio arruinado.



Sua mente desordenada finalmente aceitou a verdade: ele foi... envenenado. Provavelmente pelo covarde que agora mesmo tentava tirar sua cabeça.

Mas como Caspion poderia tê-lo dosado antes do round? Trehan só esteve com seus primos e Bettina.

Os golpes... cessaram? Como um borrão, o demônio começou a riscar ao seu redor, astutamente se atendo aos seus pontos cegos. Trehan se esforçou para se levantar. Por ela, ele continuaria lutando. *Tudo que desejo está aqui para ser tomado...*

De repente, aço foi pressionado contra sua garganta. Por trás, Caspion o tinha em suas mãos.

É o que o demônio pensa.

Por fim, a adrenalina começou a correr pelas veias de Trehan para queimar a toxina. Poder fluiu em seus músculos, seu corpo se recuperando com a força dos Daci.

Agora você me irritou, pirralho. Trehan mostrou suas presas. Deuses, vou apreciar te ensinar uma lição.

— A luta não terminou, menino. Você se esquece do que eu sou...

— Eu peço clemência! — Bettina gritou.

O que? *Muito cedo, Bett!* A multidão caiu em silêncio. Ele virou a cabeça para entrever o rosto dela.

— *Peço clemência para o Príncipe das Sombras.*

Trehan ficou sem fôlego. Ela acabava de invocar a cláusula...

Para mim? Desqualificando-me do torneio? Não, não, ele não ouviu direito. Sua mente estava confusa. Ela não *tinha* acabado de se retirar do alcance dele para sempre.

Depois da noite que compartilharam? Depois de tudo o que ele sacrificara? *A mea!* Ela não faria isso. *Sabe o quanto eu a quero.*

Caspion se inclinou para zombar dele.

— Eu não me esqueci do que você é. Você é um perdedor, *desqualificado* do torneio. Eu disse a você que ela nunca seria sua esposa!



Agora ela seria a esposa deste demônio?

Caspion riu.

— Volte para sua casa solitária no chão, velhinho.

Eu não porra nenhuma de casa! Desisti de tudo por ela! E ela o tempo todo ia se casar com Caspion.

Eles planejaram isto juntos...

A realização o atingiu como uma clava na garganta. Bettina he dera uma taça de sangue há menos de meia hora. *Aqui, Trehan. Beba.* Ela possuía um extenso arsenal de venenos.

Não Bettina. Não poderia ser ela.

Quem mais seria, seu tolo? Seus primos nunca se rebaixariam a tanto. Até Stelian tinha muita honra para isto. E Bettina não usara seu habitual anel de veneno mais cedo? Ele pensou que o gosto do sangue estava estranho, pensou mais uma vez que foi arruinado pela ambrosia fluindo pelas veias dela.

A ambrosia que ela negou a ele na noite passada.

Suas presas cresceram, tão afiadas quanto navalhas. Toda a agressão que Trehan tinha vigilantemente segurado ao longo dos anos veio silvando à vida dentro dele — uma besta voraz subindo para uma carnificina.

Com um urro ele agarrou a ponta da espada de Caspion. A lâmina fatiou sua mão, sangue esguichando enquanto a tirava das mãos do demônio atordoado. Levantando-se riscando, Trehan lançou a arma para a extremidade oposta do anel.

Enquanto o demônio olhava pasmo, Trehan embainhou sua própria espada, querendo lidar com esta morte pessoalmente. *Para sentir osso quebrando e pele rasgando entre meus dedos.*

Mesmo enquanto a toxina queimava pra fora dele, seus pensamentos ficavam ainda mais confusos, um grunido misturado em sua mente. *Ela nunca será minha, sempre vai querer o macho antes de mim.*

Ele jogou a cabeça para trás e rugiu, seus punhos cerrados até que os músculos do braço e do tórax ficaram protuberantes. Enquanto o som



morria em sua garganta, ele olhou para Bettina, ao seu rosto pálido. *Você quer Caspion tanto assim? Eu te darei a cabeça dele!*

Quando se virou para enfrentar sua presa, uma névoa sangrenta cobriu a visão de Trehan. *Matar.*

Pela primeira vez em sua longa e desgastante existência, ele se rendeu completamente à ira.

Capítulo 43

Daciano se tornou uma criatura possessa, com mais fúria até que o Lykæ — e com muito menos razão.

Ele me disse que rasgaria Cas com suas mãos nuas.

O vampiro já fraturara o braço direito de Cas e esmurrou sua cabeça e rosto com socos de quebrar os ossos. O semblante do Cas era irreconhecível, seu olho esquerdo tinha se tornado uma polpa inchada; sangue fluía de sua boca.

Em uma tentativa desesperada para recuperar sua espada, Cas riscou se jogando desajeitadamente, mergulhando para ela; Daciano previu seu movimento — e o golpeou através do anel.

Cas voou colidindo na lama, enviando uma onda de lama por cima da primeira fileira de espectadores.

O vampiro o seguiu, arrebatando-o por um chifre, arrastando-o para seus joelhos para dar mais socos selvagens.

— Oh, queridos Deuses. — Bettina murmurou. — Isso não está acontecendo. — Ela pensara que Cas poderia se recuperar ou que Daciano recuperaria a razão. — Por favor, faça com que parem, Morgana! — Sua madrinha a ignorou, debruçando-se para frente imersa na batalha.

— Raum! — Bettina gritou.



— O que as regras dizem sobre isto, minha menina? — Ele disse. — Você pediu clemência... o que mais podemos fazer?

— Eu não sei!

Enquanto Cas lutava para ficar livre, dando socos fúteis no corpo de Daciano, o vampiro mostrou as presas, extremamente brancas contra seu rosto ensanguentado. O sorriso congelante do predador.

Ele alcançou seu limite.

Obviamente Bettina errou feio; pensou que estava salvando a vida dele, nunca imaginando que ele poderia se livrar de uma dose tão severa.

Quando ela pedira clemência, a expressão de Daciano de realização atordoada tinha se transformado em puro ódio. A selvageria em seus olhos de ônix... ele deve ter pensado que ela trapaceou para ele não ganhar o torneio — a favor do demônio diante dele.

Ela só queria proteger Daciano. E agora Cas pagaria por seu erro, se ela não interviesse.

— Eu raramente vi em todos meus longos anos um ser dominar uma partida desta forma. — Raum disse para Morgana. — Isso me faz lembrar as lendas. Não é?

— Realmente. Lachlain, Demestriu, Furie, o Inimigo do Antigo.

Concordando um com o outro? Num tom sociável? O que estava acontecendo aqui — por que ninguém mais estava histérico?

Daciano levantou Cas completamente, lançando-o através da jaula como um míssil. Quando Cas colidiu com as barras, uma das pontas entrou na base de seu crânio, *quebrando-o por dentro*.

Bettina deu um soluço enquanto Cas gemia irracionalmente, balançando selvagememente — a ponta o... cegou? E ainda assim ele lutava para se defender enquanto o vampiro agarrava seu cabelo emaranhado.

O punho do vampiro colidiu com o rosto de Cas com outra série de socos esmagadores, repetidas vezes, até que Bettina implorou.

— *Não, não, não!*

Então veio o golpe final. Ela ouviu o osso quebrando. A lama espirrou pelo corpo de Cas quando ele desmoronou de costas. Mole.

Estirado na lama, quebrado, Cas não se moveu mais.



O vampiro se aproximou e desembainhou sua espada. Ela nunca poderia alcançar o anel a tempo...

— Você está a ponto de perder ambos. — disse Morgana. — Um morto... e outro que nunca será perdoado. — Para Raum, ela sugeriu. — Envie os guardas, demônio. Eles podem ser capazes de manter o vampiro ocupado tempo suficiente para tirar o corpo de Caspion de lá.

Raum olhou de relance para Bettina. Quando ela deu um aceno desesperado, ele sinalizou para a tropa a postos.

Ao mesmo tempo, eles riscaram dentro do anel com as espadas desembainhadas, cercando Daciano.

Como um animal guardando sua caça, o vampiro se posicionou na frente de Cas. Suas presas gotejavam sangue, seus músculos ondulando com força bruta.

Quando os guardas atacaram todos ao mesmo tempo, ele se empinou com um rugido ensurdecedor. O som reverberou como trovão, tremendo a arena, até mesmo a cidade.

Demônios na multidão tamparam suas orelhas.

Com ímpia força e velocidade, ele rebateu os guardas para longe, abatendo-os um por um — até que cada um deles fora deixado ratejando e inconsciente na lama.

— Lá se foi nosso plano! — Morgana disse com um dar de ombros. — Monstrenga, só uma pessoa pode deter isto agora.

— Quem?!

A feiticeira sorriu largamente, tomando ar de forma profunda, dramática.

— A Rainha dos Corações.

Eu? Os lábios de Bettina se entreabriram. Ela podia usar seu poder contra o macho que amava? O vampiro que reivindicou seu corpo — há menos de vinte e quatro horas?

Fiz seu coração bate, e agora tenho que pará-lo? Ainda que brevemente?

— Vampiro, não faça isto! — Ela chorou, desesperada não feri-lo. — Por favor, não!



Ele mostrou suas presas, deu um silvo ensanguentado e então se voltou para sua presa, claramente querendo assassinar Cas.

Se ela não agisse, Bettina *perderia* ambos.

— Você não me deixa escolha. — disse ela levantando as mãos. O poder se ampliou dentro dela como uma tempestade se formando. Lágrimas caíram pelo seu rosto enquanto mirava o vampiro, desencadeando absoluta agonia.

Ele recuou como se um raio o tivesse atingido. Então cambaleou, apertando seu peito.

Quando ele girou sua cabeça para olhar para ela, seu cabelo chicoteou sua bochecha coberta de sangue. Podia ver a compreensão aparecendo em seu rosto sinistro, acusação em seus olhos negros com ira.

Ele lhe lançou um olhar tão assassino que ela recuou.

Resistindo ao seu controle sobre ele, o vampiro gritou para a multidão.

— Marquem o que digo, e ouçam bem! Ganhei este torção... Ninguém aqui pode negar minha vitória... Eu ganhei esta coroa — ele apontou sua espada ensanguentada para ela — e Bettina como minha esposa. — Com as garras cravadas em seu peito e seus pulmões falhando, ele berrou. — *Eu renuncio a ambos!*

Trehan segurou seu olhar, desprezando suas lágrimas, resistindo à dor devastadora em seu peito.

Em seu *coração*.

De alguma maneira ela recuperou sua magia. E a estava usando contra *ele*. Seu macho. A porra do seu macho!



O olhar dela era misterioso. Aqueles pontos brilhantes que faiscavam em seus olhos agora estavam tingidos de âmbar. Suas mãos brilhavam com mais luz âmbar.

O som dos seus batimentos cardíacos diminuía. Há mil anos seu coração tinha parado. Mas agora — por causa dela — ele precisava que ele vivesse.

Em alguns segundos meus outros órgãos irão junto.

Uma onda fresca de tormento explodiu dentro dele. *Devo escapar de seu controle.*

— Você conseguiu o que sempre quis, feiticeira. — ele ralhava. — Agora viva com seu remorso!

Com suas últimas forças ele riscou de volta para sua tenda, fora do alcance de seu poder. No mesmo instante sua dor passou. Seu coração voltou a bater, seu corpo se recuperando. Mas sua mente...

Caos!

Ela tinha chorado por aquele que ela realmente amava; parou o coração de Trehan que tinha recentemente voltado a bater. Nada podia ser mais claro. E fizera muito pior antes disso.

Ele se lançou para pegar a taça que ela tinha entregado, cheirando-a.

Envenenado. *Aqui, Trehan. Beba.* Tão inocente, tão adorável.

Tão desleal!

Como num flash, ele se recordou da noite que se sentara com ela em seu palete. Quando perguntara a Bettina se planejava envenenar alguém, ela olhou para ele direto nos olhos e respondeu.

— Um sanguessuga está na lista de candidatos.

Que profético. Com um rugido desordenado ele esmagou a taça. Ela e Caspion *brincaram* com ele.

E agora Trehan não tinha nada! Enquanto enfiava sua espada na bainha, ele se lembrou de como seu pai o aconselhara a aceitar sua sina.

Mas com Bettina Trehan pensara que tinha encontrado sua família, amiga, amante, o grande amor de sua vida.

Nada.



— *Seja um exemplo, filho.* — Depois de todo esse tempo Trehan falhara competamente. — *Não tenho nada!*

Lugar nenhum para ir.

— NADA! — Ele rugiu, puxando seu cabelo ensanguentado. *Eu a quero, eu a odeio. Vá matar o demônio. Não posso.*

No anel Trehan percebera que seus votos o amarraram; como um tolo, ele dissera a Bettina que tanto ele quanto Caspion sobreviveriam. *Não posso matá-lo...*

— Trehan! — Viktor apareceu na tenda, com Mirceo e Stelian atrás dele.

Enlouquecido com ira, com a perda, Trehan se atirou com fome de luta, não importava com quem.

Mirceo levantou suas sobrancelhas para a aparência de Trehan.

— Pedimos desculpas pela interrupção, tio. Sua noite de núpcias terá que esperar...

— *O que vocês três querem agora?* — Trehan trovejou. *Não existe porra nenhuma de noite de núpcias! Seu prêmio, perdido para sempre.* — Puta que pariu, pensei que já tinham terminado comigo! Por que retornaram?

Stelian disse.

— Ele está espumando pela boca como você geralmente faz, Viktor. Você deve colocar este aqui em campo.

— Me dá um crédito. — Viktor estalou. — Estive muito melhor. — Para Trehan ele disse. — Que diabo aconteceu com você?

— Eu ganhei e perdi a porra toda! — Ele cuspiu as palavras. — Não sou quem eu era!

— O que isso quer dizer, Trey? Não tem como você ter perdido o torneio para *Caspion*.

— Eu o derrotei. Ganhei, mas perdi o prêmio! — Trehan apertou sua testa, pressionando até que seu crânio ameaçou quebrar. — Me digam o que estão fazendo aqui ou dêem o fora!

— Precisa se acalmar, primo.

Sua cabeça chicoteou.



— Sumam daqui!

— Vou te dizer então. — Mirceo disse. — A situação com Lothaire chegou a uma crise. Ele foi atacado, quase decapitado. Nós não podemos invadir seu apartamento por causa de seu feitiço de barreira, e sua Noiva sumiu. Nós devemos localizá-la.

Trehan deu uma risada enlouquecida.

— Vocês devem, então?

Stelian disse.

— Mais uma vez, há um problema.

Todos os três hesitaram antes de Viktor dizer.

— Foi provavelmente Elizabeth quem brandiu a espada.

A Noiva de Lothaire foi quem o atacara? *Sinto sua dor, irmão.*

— Eu o ajudarei. — Trehan finalmente cuspiu. — Farei meu maldito dever por Dacia! — Ele nivelou seu olhar em cada um deles. — Mas quero poder voltar...

Capítulo 44

SEMANAS MAIS TARDE

— Nós completamos um círculo, não é? — Caspion disse baixinho. Ele e Bettina levaram suas bebidas para a sacada, exatamente como fizeram na noite anterior ao início do torneio.

Dali podiam ver os topos das árvores gigantes. Morcegos voavam diante da lua crescente. Mas esta noite o cenário não era romântico. Ao contrário, era sombrio.

Vendo aquelas árvores moonraker a lembravam da insensatez que compartilhara com Daciano, da perfeita aceitação e prazer. Ele fora o homem ideal para ela. Até que de repente, *não era mais.*



Mesmo assim, ela sentia falta daquele vampiro — com seus olhos como a floresta, olhos que podiam se tornar cor de ônix com desejo.

Ou com ira.

Agora que conhecera o amor verdadeiro — amor dolorido, cru, deslumbrante, espetacular — Bettina se perguntava como algum dia pensou que Cas era o homem certo para ela...

Ela tomou um grande gole de sua taça de vinho.

— Pode não parecer, mas preciso acreditar que estamos melhores agora do que estávamos antes. Embora ambos estejamos com o coração partido.

— Estamos melhores agora? — Cas disse. — Suponho que sim. Aquela noite antes do torneio eu estava convencido de que estava prestes a morrer, e você estava segura de que se casaria com um Cerunno. — Ele a encarou, sua bonita face sombria. — Mas, Tina, as coisas agora *estão* ruins para mim aqui.

Seu povo venerava força e feitos de batalhas; eles não ficaram felizes que o perdedor da batalha se tornou vencedor do torneio. Especialmente não devido a um detalhe técnico de magia antiga. Especialmente não quando havia rumores de um envenenamento.

Mais forte era igual a maior. Poderia fazer direito. Os Seres Mortais consideravam o Príncipe das Sombras seu rei.

Tão logo Cas se curou, ele seguiu com a "vitória" tempo suficiente para aceitar o medalhão de invocação de Bettina e a coroa de rei de Abaddon. Então devolvera ambos a ela — junto com qualquer reivindicação que tivesse do trono.

O medalhão estava pendurado por uma corrente no pescoço dela, bem ao lado de uma aliança de casamento de ouro simples.

Ela era a única rainha de direito. Mas sua coroa, que ela fundiu para parecer com chifres de demônio, repousava pesadamente em sua cabeça...

O envenenamento do vampiro abalou o reino, com quase todo mundo suspeitando de Cas. Apesar dela ter culpado os primos de Daciano,



sentiu-se na obrigação de perguntar a Cas e Raum se tiveram alguma relação com o incidente. Quando negaram, ela perguntou a Cas.

— Então qual era a fraqueza que você ia explorar?

— Sua arrogância, Bettina. Seu convencimento. Eu queria usar seu sangue-frio contra ele. Nem imaginava que se transformaria num animal.

Justamente como Morgana uma vez previu, Daciano se transformou num bruto irracional, selvagem.

Salem insinuou por aí que ele estava na trilha do real culpado pelo veneno:

— Atualização às onze. — Mas o silfo podia procurar o tanto que quisesse — ele nunca chegaria a Dacia. Ninguém nunca poderia.

Cas disse.

— Você sabe que não posso ficar em Abaddon por mais tempo.

Ela admitiu.

— Pensei mesmo que era sobre isso que você queria conversar. — Desde o momento que ele chegou esta noite, sentiu que ele partiria logo.

— Mas preciso de você aqui, Cas. Você é uma das poucas pessoas em quem confio completamente. — Ele era parte da ralé da família que ela tinha juntado, junto com Raum, Morgana e até Salem.

— Você não precisa de mim. Está fazendo um trabalho incrível.

— E se formos para a guerra?

Cas olhou para o céu.

— Você acha que os Vrekeners vão atacar?

Ela não sabia. Certamente já o teriam feito até agora. — Em todo caso, preciso de um general ao meu lado. — Raum recusara a posição, dizendo a ela.

— Eu vou te acomodar, minha menina, mas depois quero me aposentar. Talvez aprender *golfe*!

— Um General? — Cas ridicularizou. — Eles não me seguirão, Bettina. Mas seguirão você.

Apesar dela ter sido aceita como rainha, no princípio a recepção foi fria. Basicamente, todo o seu povo acreditava que fora desprezada por *dois* pretendentes.



Morgana não estivera lá para aconselhá-la — a feiticeira desaparecera, deixando somente uma mensagem: “A Dourada ascendeu. Tenha uma feliz acessão.” Então Bettina seguiu o exemplo da Morgana, mostrando-se a cada noite.

Raum foi fundamental em ajudá-la a organizar as festividades bêbadas. Apesar dele não ter conversado com ela sobre a situação — além de oferecer algumas rudes, mas bem-intencionadas trivialidades — ele se dedicou a reabilitar a imagem dela.

Ele tomou todo o cuidado pesado com as extravagâncias, deixando que ela providenciasse os toques finais e talentos sorceri. Ouro mais cor mais espetáculo era igual a demônios deslumbrados.

Agora enquanto passava pelas pessoas na rua, eles sorriam e a chamavam de “Boa Rainha Bett”.

A cada dia Bettina ficava mais confortável em seu papel como regente, exercendo seu poder de forma mais confiante. Os dias de Bettina o Capacho desapareceram, substituídos por Rainha Bettina, uma feiticeira (meio) corajosa. Como Morgana e sua patrocinadora, Bettina conseguiu o que queria.

Entretanto, a situação não melhorou para Cas.

— Tina, acredite, eu prefiria não ir. Eu odeio deixar você depois que ele... depois que Daciano... depois que você perdeu o macho com quem pensava que ia se casar.

O vampiro a humilhou e ao seu amigo mais antigo, mas ainda sentia sua falta de forma dolorosa. Esteve pra baixo e pra cima — amaldiçoando Daciano, e então ansiando por ele.

Hoje à noite farei de você minha esposa, ele dissera. Bettina eternitate, ele assegurou.

Como o vampiro poderia tê-la deixado para trás?

Logo antes de riscar para longe, ele disse:

— Você conseguiu o que sempre quis, feiticeira. — Ele achou que ela ainda queria Caspion em vez dele? Depois que entregou ao vampiro sua virgindade? Depois da noite que compartilharam?

Talvez o veneno tenha confundido seus pensamentos?



Entretanto, mesmo antes das finais, Daciano pareceu indisposto — cercado por aquela tensão afiada...

Tantas coisas no reino a lembravam dele. Pensava em Daciano toda vez que praticava seu poder ou trabalhava em sua loja, ou simplesmente caminhava sozinha pela cidade.

Meramente se deitar em sua cama fazia com que o desejasse de uma forma assustadora. Ela se revirava na cama, esperando que ele aparecesse.

Foi a cama *deles* — pelo menos por uma noite incrível.

Tinha tantos sentimentos presos dentro dela, sem escape. O que não daria para uma chance de conversar com ele!

Bettina sabia exatamente o que diria: *Trehan Daciano, errei feio. Pensei que você fosse morrer e agi para te salvar. Com certeza fui muito precipitada. Às vezes faço coisas tolas, especialmente se minha vida inteira está fora de ordem e estou lutando com emoções que nunca senti antes.*

Mas você... seu comportamento... como pôde se transformar num pesadelo?

Infelizmente não estava esperando se sentar com ele no futuro próximo. Ele poderia estar em qualquer lugar dos mundos.

Agora Cas assinalava.

— Você terá Salem para te fazer companhia quando eu partir.

Apesar de Bettina não poder fazer Salem voltar a ser um fantasma regular, ela revocou sua servidão para ela, derreteu seu sino de cobre e fez dele um parceiro. Ele era um empresário de pleno direito, agora mesmo estava fora negociando a próxima comissão dela.

— Para onde você vai, Cas?

— O Plano dos Anos Perdidos.

Aquele plano era uma dimensão do inferno com guerras contínuas onde o tempo se movia ainda mais lentamente que em Abaddon — porque os dias se esticavam sem fim no inferno.

— Você não iria para lá. Não pode.



Cas podia experimentar anos e anos lá, e então retornar no dia seguinte.

— Preciso ir trabalhar nisto. E ficar mais forte. — Muitos Abaddons iam para lá para matar e recolher mais poder.

— Entendo, mas tem que ser lá?

As mãos dele apertaram a caneca.

— Farei qualquer coisa — *qualquer coisa* — para nunca mais conhecer a derrota daquele jeito.

— Por favor, só dê algum tempo. — ela disse, mas sabia que ele não podia continuar do jeito que estava.

— As pessoas não me aceitam. *Eu* não me aceito. — Ele não estava exagerando; quando Cas passava pelos Abaddons, eles... cuspiam em seu caminho.

— Quando acharmos quem de verdade envenenou, eles cairão em si.

— Sinto muito, Tina, tenho que ir.

Não tinha maneira de fazer com que ele mudasse de ideia. Percebendo isso, os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Quando você retornará?

— Séculos, se for preciso. Então talvez um ano no tempo daqui. — Ele forçou um sorriso. — Deseje-me sorte, amiga.

Fungando, ela sussurrou.

— Boa sorte, Cas.

Ele pressionou um beijo cálido em sua testa por um longo momento, e então desapareceu.

Caspion estava se aventurando no inferno para arriscar sua vida repetidamente, tudo por causa de Daciano — o vampiro reservado, paciente que se tornou louco.

Apesar dela ter esperado que Cas partisse, ainda doía. E agora estava totalmente sozinha.

Sozinha na sacada, tão alta — *na escuridão?* Com um feitiço de bloqueio "imperfeito"?

Ela deu de ombros e tomou outra bebida. Desde que Daciano partiu, ela dominou sua ansiedade ainda mais. Ela se desafiava constantemente



e o domínio sobre ela continuava a minguar. Além disso, começou a acreditar em sua habilidade de derrotá-lo.

Grandeza residia dentro dela, afinal. Mas havia outro fator.

Estava de coração bem partido para sentir muita coisa além de tristeza, muito menos medo.

Trehan Daciano quebrara seu coração quando a deixara para trás para viver uma vida sem ela.

Depois disto, ela não se importava particularmente com o que acontecia com ela.

Sim, nestes dias a Rainha Bettina conseguia o que queria. Com exceção do que mais queria.

Meu vampiro.

Capítulo 45

Embora Trehan estivesse sentado em sua cadeira favorita com um livro na mão, ele não conseguia ler.

Então olhava fixamente para as chamas.

Do mesmo modo que antes, ele não encontrava prazer em nada. Uma sombra com uma existência entorpecida. Ao longo das últimas semanas, sua dor se provou tão incansável e penetrante que se tornou um tipo de dormência crua...

Por seu serviço em ajudar a salvar a vida de Lothaire, Trehan conseguira permissão de retornar a Dacia. Talvez nem devesse ter se incomodado. Longe de Bettina sua mente só piorara — concentração nula, razão e lógica ausentes.

Mas seu corpo eventualmente se recuperou, e ansiava por ela sem descanso.



Os sussurros entre os Daci retomaram. Todos sabiam que ele deixara o reino, encontrara sua Noiva forasteira — só para ser traído de alguma forma por ela — e então retornara.

Aqueles sussurros consideravam que ele era uma sombra ainda pior do que antes. E estavam certos. Sobre tudo.

— Tome outra fêmea. — Viktor o aconselhara, o que só confirmava que ele *não* fora sangrado. Senão saberia como isso soava ridículo.

Bettina acordara Trehan para experiências que ele nunca teria conhecido. Deu vida a ele.

Seu corpo era dela, sua semente era dela. Nunca poderia dar nenhum dos dois a outra fêmea.

Eles já foram reivindicados. *Ele* já fora reivindicado. E então descartado.

O que o deixou sozinho com um livro no colo, olhando fixamente para as chamas...

— Bom anoitecer, tio! — Kosmina disse quando riscou dentro da sala de estar. — Eu trago uma mensagem de Lothaire.

O recentemente coroado — e completamente enlouquecido — rei de Dacia.

Lothaire tinha resultado num ditador brutal, propenso à ira, com episódios alternados de loucura e lucidez — mais do último agora que tinha se reconciliado com sua Noiva. Realmente ela quase tinha decapitado Lothaire, por *acidente*.

Tinha levado semanas para que Lothaire percebesse isto. Antes daquela epifânia quando ele estava separado de sua Noiva, ele dera coices em seus primos, inclusive Trehan.

Em determinado ponto, Lothaire arrancara o próprio coração do peito e o enviara à Elizabeth numa caixa.

Trehan colocou seu livro de lado e se levantou.

— O que ele quer agora?

De todos os primos, Trehan era o que melhor entendia Lothaire — *porque eu mesmo estou dançando na borda da sanidade*. Kosmina, porém, gostava mais de Lothaire. Ela achava que ele era empolgante e mal-



compreendido e que seu caso amoroso com Elizabeth era material para uma lenda.

— Ele te convocou para a corte.

— Verdade? — *Como se fosse um assunto comum.* Ele se irritou. Duas vezes antes Trehan podia ter sido um rei. Agora se arrependia de não ter tomado o trono.

Kosmina acenou a cabeça vivamente.

— Eu disse a ele que te traria imediatamente.

Imediatamente? De repente Trehan se viu com humor para um demorado passeio.

— Você vai caminhando? — Ela perguntou. — Posso ir com você?

— Não acho que sou boa companhia, mas não faço objeção.

Assim que eles saíram da biblioteca e começaram a andar por uma enevoada rua em paralelepípedo, Kosmina disse.

— Espere até ver o castelo, tio. A rainha Elizabeth esteve ocupada!

— Sua sobrinha estava encantada por todas as mudanças no reino. Como ela dissera a Trehan "Nós não temos mais que nos odiar! Posso te visitar sem me preocupar se meu irmão tentará te matar por isso".

Por eras, o grande castelo negro esteve vazio com corredores fazendo eco. Não mais. Desde que Lothaire e Elizabeth se reconciliaram e começaram seu novo governo, esteve em um estado contínuo de agitação.

Assim que Trehan e Kosmina passaram pelas altas portas douradas do castelo, foram recepcionados pelo caos.

Servos esvoaçavam ao redor deles, riscando móveis e decorações. Um cão de aparência vira-lata os perseguia, latindo com impaciência. Uma árvore de Natal vivamente decorada estava situada em cada alcova.

— Elizabeth disse que teremos "Natal" o ano todo e decorado somente com os adornos mais exclusivos! — Kosmina explicou. — Não sei o que é Cracker Barrel⁸, mas seus produtos são de grande importância para nossa rainha.

⁸ Cadeia de lojas e restaurantes em todo EUA, especializada na cozinha sulina.



Enquanto Trehan assimilava a loucura que o rodeava, perguntou-se como Bettina visualizaria a cena. *O que ela veria? O que somente seus bonitos olhos poderiam entrever?*

Não havia nenhuma sensibilidade maior dentro de Trehan — precisava dela para isto.

— Você lamenta por ela. — Kosmina disse suavemente.

Ele enrijeceu.

— Eu te disse que não quero discutir isto com você.

Ela e Elizabeth o estavam pressionando para voltar para sua Noiva.

Ele não conseguira contar que Bettina amava outro, fora impossível pronunciar as palavras: *Minha Noiva escolheu um demônio em vez de mim. Minha Noiva quase acabou comigo com sua duplicidade. Minha mente não anda bem, e não sei como consertá-la.*

Num tom irônico, Kosmina disse.

— Eu te diria que nunca mais tocarei no assunto, tio, mas seria uma mentira.

— A situação é complicada. Um dia explicarei. — *Quando você tiver trezentos anos de idade.* Mudando de assunto, ele disse. — Alguma ideia do que Lothaire quer?

— Nenhuma. Mas ele está lúcido hoje. — ela disse contente.

A última vez que Lothaire parecera remotamente lúcido, Trehan tentara dar ao rei uma visão geral da família e as casas, resumindo os três últimos milênios de sua história secreta.

— *Cinco casas?* — Lothaire desdenhara, cortando Trehan. — Vocês todos vivem debaixo do mesmo teto agora. O meu. Porque sou o rei do castelo. — Então seus olhos vermelhos ficaram vagos e ele começou a murmurar sobre “a lingerie de Lizvetta”.

Trehan ficara... *desapontado* com o limiar de atenção do Inimigo do Antigo.

Agora Trehan disse para Kosmina.

— Até quando está lúcido, Lothaire não personifica exatamente as características de sua casa. — Ele era descendente da linha do rei, o mais antigo, conhecido por sua sabedoria.



Sabedoria? Lothaire não se incomodava em sequer *ouvir* sobre sua vangloriada casa.

— A cada dia ele melhora, tio! E adivinhe o que mais? Lothaire e Elizabeth querem que eu me aventure... lá fora.

— Como é?

— Ele quer que eu me encarregue de uma missão para o reino.

— Que tipo de missão?

— Devo me infiltrar em um covey⁹ de ninfas num lugar chamado Louisiana! — Ela disse em uma voz ofegante. — Não sei exatamente por que. Ele só disse que a tarefa abriria os olhos de alguém como eu.

Infiltrar em um covey? Por cima do meu cadáver. Kosmina pereceria de choque antes que a praga a tocasse.

Além de todas as suas culpas, seu novo rei tinha um senso de humor distorcido.

— Discutiremos isto mais tarde. — *Novamente, quando você tiver trezentos anos.* Sua voz deve ter saído áspera, porque ela empalideceu.

Raiva sempre pronta, Trehan? Esforçando-se por um tom de voz neutro, ele disse.

— Não há necessidade de se apressar nessas coisas, Kosmina. Uma mudança de cada vez, certo?

— Oh. Claro, tio. — Sabiamente, ela não insistiu no assunto.

Na entrada principal da corte ela deu a ele um aceno encorajador, e então riscou para longe.

Quando Trehan entrou no enorme espaço, Lothaire estava sentado em seu trono com Elizabeth em seu colo — ela raramente se sentava no dela, uma versão feminina do de Lothaire.

O novo rei se livrara dos antigos e reverenciados tronos de seus antepassados e projetara novos tronos. Cada um era decorado com crânios banhados a ouro, mas os crânios de Elizabeth eram "mais delicados".

Os dois regentes estavam doentemente apaixonados. Como sempre estavam imersos em conversa, tomando pouco conhecimento do mundo

⁹ Covey é bando.



ao seu redor; Lothaire acariciava o lábio inferior de Elizabeth com o polegar, enquanto ela tirava o cabelo claro dele da testa.

Não conseguem se tocar o suficiente. Trehan foi assim com Bettina.

Apesar de Lothaire ter se provado difícil, Elizabeth era inteligente, divertida e amigável. Ela já estava aprendendo Dacian e aceitara sua nova imortalidade facilmente. Também mantinha Lothaire comportado.

Ontem mesmo ele anunciou ao tribunal que gostaria de "matar algo. Qualquer coisa!"

Correndo seu dedo indicador pelo peito dele, Elizabeth ronronou em seu sotaque montanhês.

— Vamos matar o tempo, bebê. No nosso quarto.

Os olhos de Lothaire faiscaram vermelhos, e ele riscara para longe no mesmo instante.

Agora ele dizia a ela.

— A pergunta permanece... abriremos os portões de Dacia? — Ele ansiava em anunciar a presença de Dacia para o Lore. Em um de seus surtos de loucura, ele havia protestado. — Rei de um reino que ninguém sabe porra nenhuma! Sou a árvore na floresta que silenciosamente cai... quando ninguém está por perto para ser esmagado!

Lothaire envolveu ambos os braços ao redor dela, prendendo-a ainda mais próxima a ele.

— Eu quero sua opinião, Lizvetta.

— Você só está me perguntando por que tem medo que eu corte sua cabeça novamente.

— Pois é. Mas também gosto de como a sua engenhosa mente funciona.

— Acho que deveríamos ter uma abertura suave. — disse ela. — Sabe, como fazem com restaurantes chiques.

Ele bateu em seu queixo com uma garra negra.

— Abertura suave. Sim.

— Nós podíamos manter as pessoas, sei lá, em quarentena quando entrarem no reino. Certifique-se de que aquela praga de vampiros não pegue uma carona até aqui dentro.



Em um movimento que teria pulverizado Elizabeth como uma mortal, Lothaire a puxou ainda mais apertada contra seu peito.

— Minha sábia caipira durona.

— Cale a boca, Leo. — Era o apelido que ela dera a ele, um acrônimo para o seu nome. Ele era um dos demônios mais temidos em todo o Lore — e ainda assim ela o driblava com facilidade.

Lothaire, por sua vez, adorava.

Eles estavam para se beijar quando Trehan pigarreou.

— Ah, Primo Trehan. — Embora os olhos vermelhos de Lothaire estivessem estranhos, hoje ele parecia racional — e muito esperto.

— Deixarei vocês dois conversarem. — Elizabeth se desembaraçou de seus braços, recebendo um grunhido de desgosto. — E quando tiver terminado, Leo, vá lá pra cima me encontrar. — Ela piscou e começou a caminhar para a saída; como um macho possuído, Lothaire se ergueu para segui-la.

Então, fazendo um esforço visível para se conter, ele se sentou mais uma vez.

— Eu sei o que está pensando, Primo. *Lothaire a mantém sob rédea curta.* — disse ele, parecendo satisfeito consigo mesmo. — Realmente o faço.

Da antesala:

— Ah, por favor! Tenho você mais apertado que a bunda de um esquilo na temporada de inundação. E ambos sabemos disto!

Lothaire olhou com absoluto desejo em direção à Elizabeth antes de se virar para Trehan.

— Ela pagará por este comentário mais tarde.

— *Vamos ver, Leo.*

— Vamos ser rápidos com isso, Trehan, porque estou para, como minha amada Noiva gosta de dizer, transar. — Juntando os dedos, ele começou. — Sua ocupação por séculos tem sido a de localizar fugitivos de Dacian como o oficial assassino real, ou algo assim. Saiba que caso abrirmos o reino, sua posição será reduzida.

Como se Trehan ligasse para isso.



— É uma nova economia aqui no Reino de Sangue e Névoa. Algumas fortunas ascenderão, algumas cairão. Talvez você devesse reconsiderar sua liderança do trabalho de Abaddon?

— Não tenho nenhum interesse neste tópico. — Trehan disse friamente, perguntando-se como Lothaire descobrira sobre Abaddon. Provavelmente Stelian. — Existe mais alguma coisa que queira discutir?

— Sim, tem outro assunto. Você é relacionado a mim por sangue e, como eu, é um Dacian real.

— E daí?

— Daí que isto significa que seu comportamento ridículo reflete em mim.

— Sobre o que você está falando? O *meu* comportamento ridículo?

No curto tempo que Lothaire fora rei, ele já perdera um adivinho dentro do reino, destruíra a sala do conselho e dera coices em todos os primos, esmagando o crânio de Viktor num ataque feroz. Viktor ainda protestava contra o insulto.

E mais cedo, um dos assassinos de Trehan trouxe à tona que Lothaire poderia ter secretamente sequestrado o rei vampiro dos Forbearer, para acertar uma antiga *vendetta*.

Que os Deuses nos ajudem.

— Não fiz *nada* para merecer esta convocação, Lothaire. Fico na minha biblioteca... e sozinho.

— Exatamente. Você se senta em seu quarto e se acaricia lembrando de sua Noiva.

Trehan rangeu os dentes, incapaz de negar.

— E você tem *me* espionado?

— É claro. Espiono todo mundo. Por que você seria diferente? — Ele perguntou com toda seriedade. — Não que eu precise para saber o que você está atravessando. Estive nesta situação. Você está fraco em corpo e espírito, como se a mais insidiosa doença apodrecesse dentro de você. Não pode beber, não pode dormir. Seu peito dói como se tivesse sido arrancado até a espinha. E quando imagina o futuro sem sua Noiva, tudo o que vê é um monótono *nada*.



— Sim. — Trehan disse rouco com surpresa. — Sim, é precisamente isto.

Lothaire verdadeiramente era o descendente de sua casa, uma de sabedoria e história. A Casa do Antigo.

— Ah, primo, tem um motivo pelo qual eu arranquei meu coração e o enviei para Elizabeth. — Olhando além de Trehan, Lothaire disse mais para si mesmo. — Dói menos fora do meu peito. — Ele voltou sua atenção para a conversa. — Então passarei a você alguns conselhos que recebi. Talvez também te ajudem.

— Estou ouvindo. — Trehan disse depressa. Qualquer coisa para acabar com esta angústia.

— Pare de ser um marica e vá buscá-la.

Aí vai a *sabedoria*! As presas de Trehan se afiaram.

— Você não entende a dinâmica da minha situação!

— Explique-me. — Lothaire exigiu, começando a perder seu temperamento também. — O quanto pode ser ruim? Como seu rei, eu te ordeno responder. E você fez um juramento de lealdade a mim.

Trehan não tinha escolha a não ser responder.

— Minha Noiva me envenenou para que eu perdesse a partida contra o demônio que ela ama.

Lothaire levantou os ombros.

— E daí?

— Você não me ouviu? Ela jogou toxinas em minha taça de sangue, então a entregou para mim me persuadindo a beber. Então me desqualificou de um torneio que eu estava certo de ganhar. Ela se removeu do meu alcance para sempre. Para adicionar insulto à injúria, ela usou seu poder Sorceri — contra *mim* — para proteger o demônio.

E inclusive agora Trehan a desejava. *Como ara mea*. Acabou.

— Lizvetta quase me decapitou. E olhe como somos felizes.

— A rainha Elizabeth *acidentalmente* te atingiu com sua nova força imortal. Minha Noiva deliberadamente me enganou.

— Quem não tem briguinhas bobas durante o namoro? E daí?



— E daí que ela não me *quer*! — Pronto. As palavras ditas em voz alta.

Lothaire rugiu de volta.

— Ela não tem porra nenhuma a dizer sobre o assunto!

As sobrancelhas de Trehan se juntaram.

— O que você me aconselha... que eu a sequestre? Como você recentemente fez com o rei de Forbearer? E sua Noiva antes dele?

Lothaire estalou os dedos.

— Exatamente!

Ele não nega ter capturado o rei? No passado esta notícia teria abalado Trehan. Agora não podia pensar em nada exceto Bettina.

— Qual o seu interesse na minha vida, de qualquer forma? Você não dava a mínima para o resto de sua família.

— Sua Noiva é uma princesa de Dacia. Você vai permitir que um demônio se meta entre suas coxas? Não dá para suportar! Se você não colocar sua casa em ordem, juro que eu irei!

Casa? Lothaire disse num sentido geral? *Ou ele realmente esteve escutando?* Então suas outras palavras se processaram.

— Você pressiona demais, Inimigo do Antigo! Sede de sangue enfraqueceu seu cérebro...

— Olhe-se no espelho, primo. Olhe para seu rosto pálido e seus olhos negros com ira. O que me impressiona é que realmente se pergunta *por que* sua mente está declinando. Eu aposto que você não marcou o percoço de sua Noiva quando a reivindicou. Negou seu instinto, não é? Então se prepare para a punição.

Trehan caiu num antigo argumento.

— Dacians não bebem direto da carne. Nós não perfuramos outras criaturas! — Não importa o quanto a carne de Bettina tivesse sido sedutora, Trehan resistiu ao seu chamado.

Não importa o quanto *errado* parecia negar a si mesmo e sua Noiva — como se ele tivesse desapontando a ambos.

— Você é um Dacian sangrado em seu apogeu, mas acredita que esteja acima da maioria dos impulsos naturais que um vampiro pode ter?



— Lothaire sorriu afetadamente. — Acima de tais impulsos “selvagens”? É cômico que vocês Daci se esquivem da necessidade mais básica de um vampiro.

Aquela necessidade *tinha* parecido básica e natural — *e selvagem* — tudo ao mesmo tempo.

— Eu deveria me tornar um vampiro de olhos vermelhos como você?

— Como se você pudesse! Sabe quantos Loreans tive que encarar para ficar assim? A enorme variedade e quantidade te deixariam pasmo. Meramente bebericar sua Noiva gostosa não será o suficiente. — Lothaire revirou os olhos vermelhos. — Tolo, você *deve* marcá-la! Você *deve* beber dela!

Eu sei disso, eu senti isto!

— Se eu tiver que instruir cada um de meus primos como realmente viver como vampiro, então o farei. — Lothaire juntou seus dedos mais uma vez, seus olhos rolando vermelhos. — Sou o Inimigo do Antigo, da *Casa do Antigo* — ele adicionou com escárnio —, e meus parentes possuem cada um lições para aprender comigo.

Tanto para seu desapontante limiar de atenção.

— Marque minhas palavras, Trehan. Vocês todos aprenderão comigo, entretanto você não gostará de como passo meus ensinamentos. Agora coloque sua casa em ordem! — Sem um último olhar na direção de Trehan, ele riscou para longe.

Com a respiração curta, mente tumultuada, Trehan retornou à biblioteca, em pé em frente ao seu fogo solitário.

Talvez Caspion tivesse pressionado Bettina para envenenar o sangue. Talvez ela não *quisesse* traí-lo.

Não tem lógica. Ela tinha o veneno, entregou-lhe a taça, ofereceu-a para Trehan beber. *Ela não me quer.*

O que é muito ruim. Ele pegou seu talismã vidente. *Já que ela não tem uma maldita opinião no assunto.*

Trehan não mais se negaria o que desejava — sua fome selvagem não mais ficaria faminta. Ele se ergueria do chão como uma verdadeira sombra e capturaria a mulher que o assombrava...



Capítulo 46

— Duas Sorceri e um silfo caminhando pra dentro de um bar. — Bettina murmurou enquanto espiava através de uma vidraça quebrada no Erol's, um boteco no Lore.

Acompanhando-a hoje à noite estava Salem e Sabine: A Rainha das Ilusões, a consorte do Rei Demônio da Ira, e a estimada Patrocinadora de Bettina. Os três estavam bem na entrada deste barracão na Louisiana, preparando-se para entrar.

Bettina estreitou os olhos para ver o interior, mas uma cortina de teias de aranha pendia através do vidro imundo. O interior era enevoadado pela fumaça de charutos, cachimbos de ópio e impregnavam o ar intoxicante. *Não adiantou.* Ela se virou da janela.

Sabine sacudiu sua magnífica juba de cachos vermelhos sobre um ombro pálido, dizendo.

— Nunca fui alvo de uma piada que não tivesse... viscera! Contanto que fosse o final da piada. Entretanto, a noite ainda é uma criança. — Ela correu a ponta de uma de suas garras debaixo da luva na parede de tábua do bar.

Do colar de Bettina, Salem disse.

— Em primeiro lugar, Salem não caminha. Segundo, Gostaria realmente de entrar no bar em algum momento *desta noite*. Terceiro, prefiro ser o tema de uma poesia de rimas sujas, de preferência com as palavras *túnica erguida, pau e lambida*.

— Como podemos saber que estamos no lugar certo? — Bettina perguntou. As duas feiticeiras estavam em uma missão para encontrar a advinha Nix, a-que-tudo-sabe, que desapareceu de Abaddon sem um sussurro. Salem estava junto para encontrar com alguém de sua rede de



espiões fantasmas — atrás de uma pista sobre o caso de envenenamento.

Os três acabaram de ser riscados até aqui por um dos guardas de Runa, seu demônio designado para esta noite. Ele os aguardava no estacionamento de concha de ostra, fumando com outros motoristas.

Atrás de sua máscara de couro perversa, Sabine revirou os olhos amarelados.

— Claro, estamos no lugar certo. Nix está liderando as Vertas e este é um dos lugares que ela frequenta. — Ela ergueu seu rosto e delicadamente cheirou. — Você não pode sentir o cheiro da hipocrisia de todos aqueles bons samaritanos ali de dentro?

Sabine ter se juntado às Vertas por causa de seu adorado marido demônio, o Rei Rydstrom o Bom, não significava que ela estava muito feliz com isso.

— Como estou? — Bettina perguntou. Sabendo que poderia encontrar novos aliados, tomou cuidado com seu vestido, usando um top tomara-que-caia com fios de ouro, uma máscara de jade e um sarong combinando. Um par de sandálias com tiras de lâminas de ouro nos saltos — uma nova coleção! — completava o traje.

Como joia usava sua coroa, um colar, dois braceletes, uma braçadeira de coxa e uma tornozeleira. — todas dobrando como armas.

Este foi seu primeiro retorno ao reino mortal e estava preparada para qualquer coisa, seu poder pronto para causar paradas cardíacas...

Como uma tola, Bettina também usava aquele colar com o anel de casamento de Daciano enfiado em sua parte superior. Mas, infelizmente, Salem tomou a forma de seu medalhão de convocação transformado em sino de cobre derretido, isso terminou controlando-a para sempre.

Com o queixo levantado imperiosamente, Sabine disse.

— Você está razoável, embora não tão bem quanto eu. — A grande patrocinaadora de Bettina vestia uma minissaia preta, que combinava com suas botas até a altura da coxa e máscara. No topo dos seus cachos vermelhos repousava uma coroa azul de ouro cravejada de pedras



preciosas, um presente de Rydstrom. O bustiê de ouro maciço de Sabine foi gravado para parecer com escamas de dragão.

Não era um trabalho ruim, é o que digo a mim mesma. Bem, com exceção de um leve deslizar do tecido expondo os mamilos, ou dois. *Ou quatro.*

Sabine estreitou seus olhos.

— Embora eu seja a mais bela, você realmente está usando as melhores joias. É sábio ofuscar sua patrocinadora, Rainha dos Corações?

— Remexendo-se, ela ajeitou seu bustiê. — E vocês dois estão manipulando o preço desta peça.

— Ninguém está fazendo isso, Trixie. — Salem levava sua sociedade nos negócios *muito* a sério. — Nós demos a você um excelente negócio.

— Suponho que sim. Se você gostar de mamilos aparecendo. — Sabine suspirou. — E, vamos combinar, eu gosto.

Salem disse.

— Enquanto vocês pássaros estão discutindo quem é a mais bela de todas, só sei de uma coisa: eu sou. Eu e meu pau balançando faríamos vocês duas se envergonharem. Então se as damas terminaram se vestindo de forma promíscua... ?

— Você tem sorte que gosto de você — Sabine começou solenemente — seu silfo promíscuo, desbocado e manipulador de preços. Ah, sim, gosto mesmo destas coisas em você. — Com isso, ela abriu a porta.

Quando entraram todos os olhos se voltaram para eles: duas ex-simpatizantes de Pravus em plena regalia Sorceri e um silfo invisível.

As conversas interromperam no meio da frase. Até o velho jukebox saiu correndo dos aposentos naquele momento.

Grilos.

A altiva Sabine adentrou ainda mais; Bettina colocou seus ombros pra trás e a seguiu.

Assim que as conversas e a música recomeçaram, Bettina disse.

— Você sempre consegue esta reação aqui?

— Claro, é uma das razões pelo qual continuo a retornar. — Sabine disse por cima do ombro. — Penso nisso deste modo: eles olham



fixamente porque tem medo; eles têm medo porque respeitam.

Bettina olhou em torno do lugar, supondo que o Erol's tinha um certo charme. Outros Loreans pareciam estar se divertindo. Lá atrás um quarteto de fadas jogavam dardos a uns bons nove metros de distância, apontando para uma placa do diâmetro de uma caneca.

No bar, vários Lykae de vinte e poucos anos entornavam uísque. Suas roupas estavam manchadas com lama e sangue, e eles lançavam ao redor uma bola suja de rúgbi. Um Lykae bonito, ligeiramente mais velho terminou com a algazarra com um grunhido ameaçador.

Aquele jukebox não tocava música que Bettina normalmente apreciava, mas pelo menos estava fora do castelo para um feitiço — longe das coisas que a lembravam de Daciano.

Tipo, ah, *tudo*.

Quando passaram por uma mesa cheia de ninfas, Salem tomou conhecimento; o colar de Bettina começou a vibrar.

— Faz muito tempo desde que me deitei com alguém, estou ficando virgem novamente. — ele murmurou.

Ela esteve tentada a recolher mais sobre a difícil situação do reservado silfo. Pelos seus comentários espontâneos, ela começou a suspeitar que o fantasma ou foi pego roubando algo muito valioso — ou desprezou uma fêmea muito poderosa.

Ainda vibrando para as ninfas, ele disse.

— Se eu não tivesse negócios para atender, pularia mergulhando para um lugar na coxa e me aninharia em seu decote. Entretanto, isso seria errado. *Errado*. Inclusive depravado. Imoral...

Sufocando um sorriso, Bettina sondou procurando pela Valquíria de cabelos negros como um corvo.

— Não vejo Nix.

— Podemos pelo menos obter uma pista sobre seu paradeiro. — Sabine respondeu com seus olhos brilhando com propósito. Ela estava desesperada para salvar sua irmã Melanthe dos Vrekeners. Para tal fim, a feiticeira estava determinada a encontrar a adivinha, então poderia encontrar... Daciano.



A fofoca espalhou entre os Sorceri sobre o Príncipe das Sombras, o "Forbearer" que caçava Vrekeners "por diversão" e fez uma curta viagem para Skye Hall "em seu tempo livre". Quando Sabine traçava situações de resgate, elas sempre incluíam Trehan.

Bettina buscou a Valquíria por razões mais egoístas. Se aquela criatura de orelhas pontudas já tinha se intrometido em sua vida e nos assuntos de Abaddon, então Bettina queria saber por que ela tinha... parado.

Estive tão perto de uma vida com Daciano.

— Alguém aqui deve saber para onde Nix foi. — Sabine disse. — Se eles forem relutantes em compartilhar, podemos testar nossas armas em campo. — Ela piscou para a última coisa que Bettina fez: uma varinha desmontável infundida com uma injeção de poder de parar o coração.

— Oh, não, não. Você precisa se comportar melhor. Se seu marido descobre que você está aqui... — Bettina a lembrou, ajustando a máscara.

Sabine não estava escutando. Ela parou na frente de uma mesa com as sobancelhas levantadas, dizendo aos seus ocupantes demônio.

— Estou curiosa pra saber por que você está sentado na *minha* mesa.

Se Morgana era como uma hipnotizante serpente, um rei cobra gigante de poder incomensurável, então Sabine era como um elegante gato selvagem, fascinante, mas mortal. E ela tinha acabado de balançar sua cauda.

Os demônios eram corpulentos, cada um vestindo uma jaqueta preta estampada com ELIMINAÇÃO DE GHOULS DE NOVA ORLEANS — obviamente um trabalho duro e arriscado; ainda assim lutavam entre si numa disputa de cerveja arremessada para poder ficar longe de Sabine.

Como a Rainha das Ilusões, seu poder era igualado apenas por sua reputação letal.

Salem educadamente usou telecinese para escovar cascas de amendoim pra fora da mesa.

— Senhoras...

Enquanto eles se sentavam, Sabine disse.



— Rydstrom não vai nem saber que eu parti. Ele está escorando uma represa danificada hoje, abnegadamente resgatando vidas demônio.

Como deve ser maravilhoso — ter um rei quente e adorável em casa que estava ativamente envolvido em obras públicas. Bettina aprendeu que ser a única governante era desafiador; agora que Abaddon deu um salto no novo destino do Lore, a vida podia enlouquecer em torno do reino num instante.

Seria bom ter um parceiro...

— E, além disso — Sabine continuou com um olhar penetrante —, eu não teria que estar aqui se você não perseguisse aquele vampiro misterioso que sabe o caminho para Skye Hall.

Bettina nunca levaria isso adiante. Quando ela disse a Sabine — quem conhecia muito sobre vampiros — a visão geral de seu relacionamento com Trehan, a feiticeira ficara incrédula.

— Você permitiu que a reivindicasse, entretanto lhe negou sua mordida de vampiro?

Daciano ficou tão empenhado em dar prazer a Bettina, em acalmar seus medos, que concordou em esperar até que ela estivesse pronta.

Sabine continuou a explicar.

— Você lembra como se sentiu vazia sem seu poder? Bem, imagine que sofreu essa falta por toda sua existência, mas finalmente pode obtê-la de volta, pouco a pouco... do pescoço de seu companheiro. Lamentavelmente, ele não queria se expor. — Então ela adicionou o golpe de misericórdia: — Negar seu instinto de morder seria como você negar sua necessidade de criar. Não me admira que ele perdeu a cabeça e te abandonou.

Agora que Bettina entendia mais sobre a espécie dele, sua culpa aumentou — mesmo enquanto sentia uma faísca de esperança sobre seu futuro.

Então lembrou que ainda não podia *encontrá-lo*.

Uma garçonete shifter passou até a mesa.

— O que vocês duas querem?



— Certamente somos Sorceri. — Sabine apontou para sua resplandecência. — Logo, apreciaríamos um pouco de vinho Sorceri.

— Não tem.

Sabine arqueou uma sobrancelha ruiva.

— Não tem? Verifique com Erol, shifter. Ele terá uma garrafa de emergência para mim... Porque sempre que chego, é *uma emergência*. — Ela bateu suas garras juntas. Enquanto a shifter saía correndo, Sabine a aconselhou. — E nunca se oponha a mim novamente.

De volta aos negócios, Sabine perguntou a Bettina.

— Você ainda não tem nenhuma razão para esperar que seu vampiro retorne?

— Não sei. — *Nenhuma razão mesmo*. — Talvez? — *Nunca*.

Salem bufou.

— O vampiro basicamente disse a ela, "estou em um lugar estranho em minha vida agora, e preciso de um pouco de espaço". Claro que ele disse apontando uma espada ensanguentada para ela enquanto berrava, "eu abandono você!" na frente do reino inteiro.

Bettina abaixou o olhar para seu colar. Entretanto admitiu.

— Acho que eu meio que... o parti em pedaços. — Refletindo sobre aquela semana, ela começou a comparar Daciano a metal sob pressão. A falta de sangue e sono aplicara pressão e calor. Aparentemente, negar seu instinto de mordê-la foi a corrosão.

Seu apelo de misericórdia? O golpe de martelo de um ferreiro. *Quebrado*.

Ante o olhar aflito de Bettina, Sabine disse.

— Escute, Rydstrom e eu tivemos alguns obstáculos na estrada. Nosso romance inicial consistia em eu acorrentá-lo em um calabouço e atormentá-lo sexualmente. E nós ainda demos certo depois disso.

— Eles não fazem cartões para isto? — Salem riu.

— Mas Rydstrom não a deixou fora de sua vista até que estivessem vinculados. — Bettina assinalou. — Não posso nem localizar meu macho para resolver as coisas.



A garçonete voltou em seguida com uma garrafa de vinho e copos de cristal fino. Sua mão tremia enquanto servia. — Erol d-diz que este é por conta da casa.

Sabine piscou para ela.

— Alguma razão pra não ser? — Antes de fugir precipitadamente, a fêmea recuou três passos, como alguém faria para a realeza — o que Sabine era.

— E por falar *em casa* — disse Sabine levantando seu copo —, todas as minhas joias vão estar *livres* até que minha irmã esteja *livre*.

— Você quer que nosso novo empreendimento quebre? — Salem estalou. — Isto é chamado custo, sorceres ... — Ele se interrompeu. — Oi! Vejo meu contato. Vou ter apenas um rápido bate-papo.

Antes de Bettina poder perguntar mais, ele tremulou para longe.

— Eu gosto do seu curvado fantasma ganancioso. — Sabine disse sem um pinga de sarcasmo. — Um sujeito tão agradavelmente mercenário. — Ela esquadrinhou a sala mais uma vez, encontrando os olhos daquele lobo mais velho no bar.

O Lykae lançou a seus companheiros barulhentos um olhar de advertência, então começou a vir através da multidão em direção a ela.

Não é de surpreender. Sabine era magnética.

Mas alguns daqueles Lykae mais jovens inclusive levantaram seus copos para Bettina. Ela acenou e sorriu, meditando, *Por que eu não podia ter me apaixonado por um jovem escocês quente?*

Um filhote descomplicado que gostasse de ir buscar bolas de rúgbi?

Quando o Lykae alcançou a mesa e afundou sua imponente estrutura em uma cadeira ao lado de Sabine, a feiticeira apenas arqueou uma sobrancelha.

— Munro MacRieve, como vivo e respiro.

Ela conhecia este lobo magnífico? Ele era sombriamente atraente, com feições abertamente masculinas e olhos âmbar fundidos. Mas sua expressão era grave. Ele parecia tão preocupado quanto Cas esteve no dia que deixou Runa.

Munro inclinou a cabeça para Sabine.



— Feiticeira. — Então ele indicou Bettina com uma sexy erguida do seu queixo. — E você é?

— Rainha Bettina dos Seres Mortais. — Isso *nunca* ficava velho.

Munro lhe deu um aceno com a cabeça, então girou para Sabine.

— Você ainda não encontrou sua irmã? — Ele perguntou com um sotaque escocês acentuado.

Sim, Bettina precisava de um jovem escocês quente com um *sotaque*. E logo. A parte triste sobre descobrir o sexo? Desejá-lo constantemente, até quando não havia nenhuma chance de ter algum.

Ela decidiu que se recuperasse Daciano, colocaria suas manguinhas de fora.

Sabine deu uma leve sacudida de cabeça.

— Minha irmã ainda está desaparecida. — ela disse com um olhar aguçado em Bettina. — Estamos esperando uma ajuda de Nix.

— Boa sorte com isto. Eu a estou caçando de cima abaixo neste reino. Ouvi que há quilômetros de extensão ensanguentados inscritos em lâmina por ela. Não, realmente, deve ser mais de um quilômetro e meio de extensão.

— Você busca ajuda com seu gêmeo? — Sabine perguntou. *Um macho bonito daqueles tinha um gêmeo?* — Pelo que ouvi, Uilleam não está exatamente se recuperando de sua tortura.

Uma expressão de dor passou num flash pelo rosto do Lykae, seus olhos âmbar cintilando o mais claro azul.

— Não, ainda não se recuperou.

Bettina sabia que uma ordem de humanos malignos sequestrou e fez experiências com centenas de imortais antes de todos os seus prisioneiros escaparem. A irmã de Sabine, Melanthe, foi torturada também?

Sabine e Munro começaram a falar em um tom mais abafado sobre seus irmãos. Sentindo-se uma intrometida, Bettina girou sua cadeira para inspecionar os frequentadores do bar, membros do grande exército das Vertas. Havia tantas espécies interessantes ali dentro, tanta cor e divertimento.



Mas sua atenção foi atraída infalivelmente para os fundos, onde casais se agarravam em inúmeros sofás. Um demônio e uma ninfa estavam ficando particularmente ocupados com as mãos e longos e molhados beijos errantes.

Daciano tinha um beijo incrível com aqueles seus lábios firmes tão talentosos. Suspirou. Quem estava brincando? Não estava superando isso.

Estava desabando.

Como sempre, ela se perguntou o que ele estava fazendo. Teria tentado voltar à sua pátria? Ou faria o inverso e começaria uma vida completamente nova?

Nada o impedia de encontrar outra fêmea, de se *casar* com outra. Se pensava que era ciumenta com Caspion, a ideia de Daciano fazendo amor com alguma magnífica vampira fazia seu poder queimar incontrolavelmente.

Antes de Bettina poder frear, suas mãos se iluminaram. Ela mesma fazia um som de chocalho, *prrrr, prrrr*. Ótimo. Uso de feitiçaria não intencional no plano mortal.

— Sabine, precisamos começar a nos organizar aqui. — Bettina poderia estar preparada para enfrentar os Vrekeners se fosse necessário, mas preferia evitar. — Preciso voltar para Abaddon.

Até Sabine, que tinha guerreado com os Vrekeners por séculos, dava-lhes um amplo espaço. Ou pelo menos dera, antes de Lanthe ser tomada.

Munro virou para Bettina com um olhar apertado e um brilho de reconhecimento.

— Você disse *Abaddon*?

Oh, menino, posso adivinhar onde vai dar. Parecia que todo mundo no Lore ouviu falar sobre o torneio.

— Disse.

Ao mesmo tempo suas íris resplandeceram naquele estranho azul.

— Meu clã ouviu as histórias que se passam em sua demonarquia. — ele disse num tom áspero. — Um dos nossos foi decapitado lá, não? Um



que se transformou recentemente?

— Sim. — Bettina disse simplesmente, um hábito aprendido por um vampiro.

— Humano transformado ou não, ele possuía o Instinto. Isso o fez nosso irmão.

Com uma pontada, Bettina recordou a última palavra do Lykae: *Irmão*.

Munro cuspiu.

— Alguma razão para nós não retaliarmos contra Abaddon?

— Aquele macho firmou um contrato de sangue irrevogável. — Bettina disse em um tom firme, suas palmas começando a brilhar debaixo da mesa, poder de prontidão; Munro correu uma mão em cima do peito, sem dúvida se perguntando por que seu coração deu uma rateada. — Depois disso, não havia nada que pudéssemos fazer.

Sabine estava observando esta troca como um demônio em um lance kobold.

— Quem entrou nele? — Munro exigiu.

— Uma seita de bruxos chamados Aqueles que Devem ser Esquecidos. Não podia tirá-los do meu reino rápido o suficiente.

— Bruxos. — Seus lábios se curvaram com desgosto, revelando presas alongadas. Não era segredo que os Lykae desconfiavam de todas as coisas mágicas.

— Como demonstração de boa vontade entre meu reino e o seu — disse Bettina — darei a você as informações que reunimos deles. Parece que estão fazendo muitos mais de sua espécie transformando humanos, então os usando como escravos. Também temos sua localização.

— Escravos? — As garras escuras de Munro perfuraram a mesa. — Meu clã sabe como encontrar os Esquecidos.

— Ótimo. Então você pode "retaliar" contra aqueles que merecem. E isto é tudo que vou dizer sobre o assunto. — ela adicionou, só porque podia.

— Feliz caça. — disse Sabine quando Munro se alavancou sob seus pés, sua cadeira fazendo barulho atrás dele enquanto se movia.



Para o seu grupo no bar ele soltou palavras ásperas em gaélico. Soaram como ordens de partir.

Cada jovem Lykae reagiu com agressividade, seus olhos se transformando, uma imagem de uma criatura lupina piscando sobre ele.

Quando a matilha saiu do bar, Bettina pensou, *eu quase podia sentir pena por Aqueles que Devem ser Esquecidos...*

Sabine a encarou com uma sobrancelha levantada.

— Ah, Munro acabou de ligar do estacionamento mencionado algo sobre querer seus testículos de volta. O que deu em você?

Bettina deu de ombros.

— Você tem toda esta nova confiança e não tem mais medo de mim. O que suscita a questão: — Sabine a perscrutou atentamente — Estou perdendo meu toque? Ou você *finalmente* encontrou o seu?

— Talvez eu tenha encontrado. — *Encontrei completamente.* Ela se sentia mais confortável em sua própria pele, mais confiante com suas regras.

Mas o vazio doloroso que sentiu depois de perder seu poder foi apenas substituído pela perda do vampiro.

Ele foi seu primeiro amor verdadeiro. E seria o último.

Por que Trehan Daciano não poderia ser devotadamente seu rei quente, envolvendo-se com obras públicas e salvando a vida de demônios...

Bem diante de seus olhos, a névoa de fumaça do bar pareceu se transformar, mudando a consistência ao redor deles. Os Loreans ficaram mais desconfortáveis. Mais de um grupo se embaralhou, voou ou pulou em direção à saída.

— O que está acontecendo?— Sabine exigiu.

Bettina não podia mais ver a feiticeira através da névoa. Ela baixou o olhar para sua pele agora reluzente. *Fale do vampiro.*

— Ele está... aqui. — Ela se levantou de um salto, girando ao redor.

Daciano!

Sua pele estava ainda mais pálida agora, sua complexão mais esguia desde a última vez que o viu. Ele estava todo vestido de preto, como um



ceifeiro com um longo casaco de couro. Seus lábios estavam finos, seus olhos negros com emoção.

Raiva? Fome vampírica? Luxúria?

Tudo que sabia era que ele estava absolutamente prestes a agarrá-la. Um vampiro em seu apogeu veio por sua Noiva.

Ele desapareceu. *Não, espere...*

Seus braços fortes a envolveram por trás, embrulhando-a com seu cheiro e calor. Em sua orelha, ele disse rouco.

— *Sentiu minha falta, Noiva?*

Através da névoa Trehan olhou nela, uma visão em suas sedas e joias ousadas. Uma coroa de aparência demoníaca se situava no topo de suas tranças brilhantes. Uma máscara verde escura destacava seus olhos.

Ele admitiu relutantemente que ela estava ainda mais bonita do que quando a viu pela última vez.

A vida com Caspion deve estar dando certo para ela.

Ao pensar naquilo Trehan a apertou mais forte. *Agora ela está morna e trêmula em meus braços. Onde permanecerá.*

Pouco antes dele riscar de volta para Dacia, olhou por cima do ombro para sua companheira Sorceri. A fêmea dardejava seus olhos cegamente, incapaz de ver através da névoa, mas parecia encantada.

— Divirta-se, Bettina! Você dois me encontrem de volta aqui em uma hora...

Trehan franziu o cenho, então forçou sua Noiva de volta para sua casa.

Dentro de sua suíte, Bettina cambaleou ao encontro dele. Pela forma que ela estava olhando fixamente para seus olhos, ele soube que eles ainda estavam negros.

— Para onde você me levou? — Ela perscrutou ao redor da casa com uma expressão de crescente horror, então se apressou para a sacada



aberta. Quando contemplou a vista acima da cidade, ela se balançou.

— E-estou em Dacia.

— Sim.

Sem se voltar, ela chorou.

— *Por quê?*

— Fui aceito de volta. Minha Noiva também.

— C-como se atreve a me levar para este lugar!

Pela milionésima vez, ele imaginou o olhar em seu rosto enquanto ela lhe entregava aquela taça.

— Eu me atrevo facilmente. — Ele riscou para trás dela, inalando seu odor. — Você pertence a mim. E estava na hora de recolher meus pertences.

Capítulo 47

Na confusão do bar o vampiro foi capaz de laçar Bettina muito facilmente, arrancando-a como ouro de uma corrente impetuosa, em seguida a levando para... Dacia.

Um lugar onde forasteiros podiam entrar, mas *jamaís* sair. Sim, ela queria conversar com ele — mas não à custa de sua liberdade!

Mal empurrando abaixo seu choque crescente, ela se apressou atravessando o quarto espaçoso e dourado para uma sacada. No parapeito olhou pra fora com perplexidade, vendo tudo que Daciano descreveu de seu lar.

Cavernas nas alturas, tufos de névoa, edifícios esculpidos em pedras. Um cristal gigante acima de tudo brilhava com feixes de luz. Um castelo negro assustador permanecia de sentinela não muito distante.



O vampiro verdadeiramente a transportou para a lendária terra dos Daci.

Agitada, ela pinoteou ao redor, encontrando-se no nível do seu peito. Ele estava a meros centímetros de distância, tão perto que teve que esticar a cabeça para encontrar seu olhar.

Perto suficiente para que ela pudesse inalar seu odor viciante. Isso *ainda* mexia com sua concentração.

Ele abriu a boca para falar, em seguida a fechou, parecendo tão confuso e miserável quanto ela esteve se sentindo há semanas.

Seus pensamentos estavam confusos também?

Parte dela estava indignada por seu comportamento; e parte dela estava atordoada que estivessem juntos. *Estou com ele; ele está bem aqui.*

Não, ele a *sequestrou*. Claro que no fundo ela queria que ele viesse atrás dela — mas nunca imaginaria um reencontro como este. Por que não podia ter aparecido com um notório chapéu na mão, pedindo outra chance com ela? Nem mesmo chapéu na mão — e que tal apenas olhando para ela com um olhar firme, enquanto admitia que eles tinham algumas coisas para resolver?

Ela teria cedido rapidamente. Mas não, ele teve que raptá-la com um brilho enlouquecido nos olhos! E a levar para este reino com passagem só de ida? Justamente quando ela estava pegando o jeito de governar seu próprio reino?

— Se você acha que eu vou ficar presa aqui, pense novamente. Me risque de volta ou eu vou... — Ela foi parando, captando um brilho metálico pelo canto do olho. Sua vasta coleção de armas! — Ou eu vou ...

... levar cada uma dessas comigo?

Lanças, clavas, machados, espadas longas, escudos, lâminas. Armas classificadas em grupos, divididas por épocas. Brilhantes. Impecável trabalho de curadoria em casos de ouro. *Como um monumento ao rompimento do tecido*. Levaria dias para investigar todos os itens.

Quando ela pôde tirar o olhar da coleção, espiou ao redor dele para inspecionar o resto da casa. Uma cadeira solitária com livros empilhados



ao redor ficava de frente a uma grande lareira. Um fogo queimava preguiçosamente, iluminando um interior luxuoso. Obras de arte cobriam as paredes; pensou ter reconhecido algumas... de assaltos infames?

Um corredor se ramificava da área de estar, abrindo-se para uma ala com dezenas de estantes. Através de outro corredor ela vislumbrou um quarto — com uma cama de peles rente ao chão.

A biblioteca covil do vampiro.

— Investigue o quanto quiser. — ele disse a ela com uma voz áspera.
— Familiarize-se com seu novo ambiente. Temos todo o tempo do mundo...

Mesmo no meio desse tumulto, Trehan sentiu orgulho de sua casa, sobre os luxos que sua feiticeira tão obviamente apreciava.

Ele se sentiu mais valoroso, sabendo que ela estava impressionada. Antes, ele não trouxera nada para sua união — que não fosse um cristal cobiçado e uma espada de família. Daqui pra frente, eles apreciariam a riqueza que ele forneceria.

Agora que a raptou, este plano lhe pareceu brilhante. *Estranho que precisou um vampiro louco como Lothaire me ensinar que preciso ser um vampiro. Vagamente ele se perguntou: O que mais nós Dacianos teremos que aprender?*

— Então você e eu vamos conversar sobre o que aconteceu durante essa luta ou não? — Bettina exigiu, lançando seu longo cabelo pra trás, como se estivesse se preparando para lutar. — Você tem que saber por que fiz o que fiz.

— Você deixou isso extremamente claro!

— Nunca imaginei que você se livraria do veneno tão depressa. Seu queixo caiu. Ela estava admitindo descaradamente?

— Mas se eu estivesse na mesma situação, faria tudo de novo!



— *O quê?* — Ele rugiu, esmurrando a parede mais próxima. O edifício balançou.

Estranhamente, ela não se abalou, apenas o mediu com olhos reluzentes.

— Obviamente você ainda está indisposto. Não vou deixar você se sair melhor agora do que fiz na última vez que conversamos. Você precisa me levar para casa, Trehan.

— Eu não terminei com você, Noiva. — *Nunca terminarei com você.* — Como você uma vez me disse: renuncie.

— Não serei mantida aqui contra minha vontade.

Ele levantou suas sobrancelhas.

— E o que fará para me deter?

— Você esquece que tenho meu poder de volta. — Luz brilhava de suas palmas erguidas.

— Como eu poderia esquecer isso? — Ele marchou em sua direção, pairando sobre ela. — Faça isso, feiticeira! — Ele curvou seu peito contra suas mãos. — Pelo menos meu coração vai se sentir alterado pelo seu atual estado miserável. — *Coração parado, coração perdido.* E daí?

De queixo erguido, ela o empurrou com ambas as mãos. Ele sentiu calor subindo delas e ficou tenso contra a dor que vinha.

Mas ela não foi até o fim com isto, deixando as mãos cair com um som frustrado.

— Você hesita em usar seu poder para ajudar a si mesma? No entanto, você o empunhou tão prontamente para proteger aquele demônio.

— Claro que o protegi! Sempre o farei se puder.

Com as presas afiadas, Trehan jurou.

— Ele não pode te querer como eu... ninguém pode! Mesmo que você faça pior do que já fez, ainda assim irei atrás de você.



Antes de Bettina sequer poder reagir às suas palavras desconcertantes, Daciano a prendeu pela cintura e riscou com ela. Um instante depois ela percebeu peles debaixo dela. Ele a levou para sua cama?

— Vampiro, pare! Só pense sobre o que você está fazendo!

Sem abrandar, ele a seguiu pra baixo, prendendo seus braços acima da cabeça, estendendo seu corpo sobre o dela.

Quando ele roçou o lado de seu rosto no dela, parecendo respirar seu aroma, ela olhou além dele, para o teto abobadado.

Seu próprio cheiro a chamava — sua pele, sua *necessidade* — e ela se viu respondendo a ele. Deuses, ela sentiu tanta falta dele!

— E-eu não entendo o que está acontecendo. — Talvez se ela tivesse mais experiência com relacionamentos ou com sua espécie em geral, pudesse decifrar suas palavras, suas emoções selvagens. — Não entendo *nada* disso.

— Tudo o que você precisa entender é que nunca a deixarei partir.

Alguma parte fraca dela se emocionou com suas palavras. Mas...

— Você não pode simplesmente me manter aqui. Tenho um reino para governar.

— Não posso? Talvez eu não tivesse feito isso quando ainda tinha honra. Mas você me despiu até o osso, mulher. Até que não sou nada além de dor e necessidade. Uma sombra.

— Você me trouxe até aqui para me punir?

— Sim! *Não*. — Ele trabalhou os quadris entre suas coxas, embolando sua saia até a cintura. — Vou descobrir isso tudo quando estiver dentro de você.

Exatamente como aquela noite em sua tenda, ela pôde sentir sua ereção rígida apertada contra a calcinha. Contra sua vontade, seu sexo se preparou para aquela dureza, ficando úmido. — Não quero você... não *assim*.

Ele recuou de cima dela, mas manteve seus pulsos presos.



— Droga, Bettina! Com a mão livre, ele segurou a parte de trás de sua cabeça, procurando sua expressão. — Escolha-me acima dele! Queira-me.

Acima de Cas? Eu escolhi!

Mas antes que pudesse trabalhar uma réplica mordaz, o vampiro disse aos berros.

— O que eu tenho que fazer? Porra! Me diga. — Ele empurrou sua máscara, obscurecendo parcialmente sua visão.

— Solte minhas mãos! — Quando ele não o fez, ela esfregou seu ombro contra o canto da máscara para endireitá-la.

Ao mesmo tempo, uma mudança pareceu vir dele. Com suas íris cintilando de preto para verde e voltando, ele a soltou, carinhosamente endireitando a máscara para ela.

Então, com um gemido de miséria, ele enterrou o rosto no seu pescoço, esmurrando o palete várias vezes.

— Não posso machucar você. — ele disse áspero. — Inclusive agora, eu não posso.

— Mas você gostaria? — Ela disse em um estalo. Ela não merecia isso dele! Contudo ele não parecia sequer estar ouvindo-a.

Ele murmurou no seu ouvido.

— Antes de você, eu era um macho de pouca emoção. — Como se não conseguisse evitar, ele ergueu a cabeça até roçar seus lábios sobre sua bochecha. — Agora com você? Eu nunca lutei contra tal luxúria. Nunca senti tal ira. — Ele pontuou suas duras palavras com um beijo delicado em sua têmpora. — Eu nunca me magoei tão profundamente. — Um beijo no canto de seus lábios. — Ou amei tanto.

— Amor? — Daciano falou sobre destino e sangrar e Noivas. Mas nunca mencionou amor!

Seus olhos eram hipnotizantes quando capturaram os dela.

— Odeio o que você fez. E mesmo assim eu te amo. — Com um palavrão amargo, como se tivesse falado demais, ele se afastou dela. Virando para se sentar na beira do estrado, ele deixou a cabeça cair nas



mãos. — Eu não a deixarei ir, *dragã*. Você ficará neste submundo comigo até que sua outra vida não seja mais do que uma lembrança.

— Ficar com você? — Ela endireitou a roupa com movimentos irritados. — Depois de como você me tratou! — Ele a abandonou, depois a sequestrou, jamais explicando suas ações, nem permitindo a Bettina explicar as dela.

Sua cabeça oscilou.

— *Você está com raiva de mim? Você me traiu repetidamente! E então, no topo de tudo, usou seu poder em mim... em mim. Aparentemente eu fui o último a saber que você o recuperou!*

— Eu não tive escolha, senão usá-lo. E suas ações? Você me humilhou diante do meu povo! Sem mencionar o que fez para Caspion.

— *Você ousa pronunciar seu nome na minha casa? — A arrepiante malícia enlaçada em seu tom. — Eu o culpo pela sua traição. Ele conversou com você sobre isto. Você não teria me traído por vontade própria.*

— Ele não teve nada a ver com isto! Eu não sabia mais o que fazer! Estava apavorada com você.

A ficha caiu.

— Então você me *envenenou*?

— Eu tive que... espere. O quê?

— *Você me deu a porra daquela taça de sangue, a que continha o veneno do anel que você sempre usava.*

Ela ofegou.

— Vampiro, você acredita que *eu* fiz isto?

Capítulo 48

Quando Trehan registrou sua expressão estupefata, a esperança floresceu em seu peito.



Então a lógica lembrou a ele que ela e Caspion tiveram os meios, o motivo, a oportunidade. *Você alcança, porque a quer tanto.*

— Se não foi você e o demônio, então quem se atreveria?

Ela gritou.

— E quanto aos *seus primos*? Aqueles que estão sempre tentando te matar!

— Eles nunca fariam algo tão desonrado.

— Mas você acha que eu iria?

Em um tom monótono, Salem disse em seu ouvido:

— Ambos estão errados.

— Silfo! Você seguiu Bettina até aqui? E permaneceu? Quando eu estava prestes a tomá-la?

— Eu me transformei no seu colar um segundo antes de sua névoa chegar. Então quando percebi que você a prenderia, me agarrei junto para ter certeza que não a machucaria. — O ser tremeluzia ao redor do quarto como se estivesse excitado. — Você sabe quanto tempo estive querendo vir até aqui?

Bettina parecia tão confusa quanto Trehan se sentia.

— Salem, como nós dois estamos errados? Quem fez isso?

— O escudeiro do vampiro! Não faz nem vinte minutos, outro fantasma me disse que ouviu o jovem vampiro se gabar debochando sobre o jarro de sangue do Daciano. — Salem se dirigiu a Trehan enquanto dizia. — Parece que o senhor da Horda que você matou no corpo-a-corpo era seu pai. O pestinha não podia assassiná-lo fora do anel, mas poderia incapacitá-lo antes da partida, assim Caspion poderia tomar sua cabeça.

O maldito escudeiro me envenenou? Aquele vampiro que logo estaria morto?

Não foi Bettina então.

Os olhos de Trehan se arregalaram e seu coração começou a bater forte. Não foi Bettina!

— Esta notícia é... bem-vinda. — ele se engasgou no completo eufemismo. — Agora, vá embora daqui.



Salem gargalhou.

— Você está certo, seu doido. Iniciando meu tour pelo Reino de Sangue e Névoa...

— Eu não quis dizer *dentro do reino!*

Salem já tinha ido embora. E Trehan não podia ficar com raiva, não com todo o alívio que sentia.

Em voz baixa, Bettina disse.

— Você realmente pensou que eu poderia fazer algo assim com você?

Ele riscou para a beirada da cama, sentando-se ao lado dela, impedindo-se de arrastá-la pra cima do seu colo. — Bettina, sinto muito. Pensei que o demônio tinha influenciado você.

Ela puxou os joelhos contra o peito e se virou.

— Cas queria derrotá-lo sozinho. Ele acreditava que podia, até que você enlouqueceu.

Ela nunca vai perdoar isto.

— Eu... não sabia.

— Naquela noite eu tinha acabado de perceber que estava sentindo algo mais profundo por você do que jamais senti antes. — ela disse suavemente, triste, como se estivesse falando sobre algo que perdeu há muito tempo, e que nunca mais seria encontrado. — Vi que você foi envenenado e achava que estava salvando sua vida. — Ela deu uma risada sem graça. — Acreditei que *finalmente* poderia ajudar.

Ela só queria me salvar? Ele tentou falar através do nó em sua garganta. Não pôde.

— Reconheci que Cas não era nada além de meu melhor amigo, um que eu sempre estimarei. Aceitei que o que eu sentia por você era completamente diferente. Mas aí você se virou e humilhou a ambos, Cas e eu.

Então afinal nós conseguimos deixar o demônio no passado, e eu fodi minhas chances?

Ela continuou.

— Eu assinalei que estava prestes a conseguir tudo e pedi a você para não machucá-lo. Mas acho que a consideração que tinha por nós saiu



pela janela quando suspeitou que eu o envenenei.

Ele se encolheu.

— Minha coroação foi uma miséria. Todos te aceitaram como seu rei, então quando você me abandonou, eles pensaram que deveria haver um bom motivo!

Ela já se sentia como uma impostora em Abaddon, e ele tornou aquilo ainda pior para ela.

— Bettina... — Como explicar o que estava acontecendo em sua cabeça? Quando até mesmo agora ele mal podia pensar? O instinto o estava montando duro.

— Pude “reabilitar” minha imagem, mas Cas não teve tanta sorte. Ele foi evitado, forçado a partir. Foi para o plano dos Anos Perdidos.

Então ele foi para o inferno. *Eu definitivamente fodi minhas chances com ela.* Como fazer as pazes? Como...

Estreitando o olhar, Trehan alcançou o cristal ao redor do pescoço, arrancando-o.

— Isto será seu.

Ela o encarou.

— Perdão?

— Caspion é um rastreador? Considere isto uma reparação.

— Você faria isto? — Ela inclinou sua cabeça. — Quando ele passou pela sua casa? — Trehan tomou sua mão e colocou o cristal em sua palma, fechando os dedos delicados sobre ele.

Bettina olhou fixamente para o cristal, depois levantou o olhar para Daciano. Ela nunca viu um macho parecer tão angustiado, como se ele tivesse sido estripado e estivesse expirando lentamente.

— Vampiro, aprecio o gesto, mas não posso aceitá-lo. — disse ela, devolvendo-o para ele. — Por favor, coloque-o de volta.



Com as sobrancelhas arqueadas, ele o fez relutantemente, sua perplexidade parecendo aumentar — como se o rejeitasse de novo.

— Estou apenas dizendo que você deveria pensar sobre uma decisão como esta.

— Pensar? Bettina, *não posso* pensar. Desde meu sangramento, lógica e razão desapareceram. Como eu disse, tudo que posso fazer é sentir. E tenho muito pouca experiência em... sentir.

— O que aconteceu entre a manhã depois que fizemos amor e aquele crepúsculo na tenda?

— Não sei como me explicar, ou até mesmo se é possível.

— Tente.

— Durante o torneio, houve muita... pressão. — ele começou hesitante. — Isso continuou a crescer.

— Que tipo de pressão?

— Durante aquela semana experimentei seu ataque em primeira mão, e aquilo me encheu com ira inimaginável. Contudo, eu só podia assassinar e torturar seus inimigos uma vez. Era esperado que eu matasse Goürlav, mas não o ferisse. Acreditava que eu lutaria com Caspion até a morte, e que perderia você se eu sobrevivesse. Então quando fizemos amor, eu neguei... meus instintos.

Seu instinto de morder. Assim como Sabine dissera.

— Perdi sangue contra o primordial e continuei a me deteriorar ao longo do dia. Então você apareceu, e mostrou tanta preocupação com Caspion. Pensei que estava fazendo tudo certo para ganhar você dele, negando a mim mesmo, trabalhando para o futuro, tentando ganhar seu afeto.

Ela estava ciente do quanto ele trabalhou duro e todos os feitos milagrosos que realizou em tão pouco tempo. Ele esteve sob pressão suficiente para fazer vinte Dacians explodir. Inclusive agora ele não estava fisicamente bem, obviamente não bebera o suficiente para se sustentar.

— O ciúme me enlouqueceu. Você estava certa, eu não estava te escutando. Agora posso ver isso. Até a mera menção do nome dele me



enfurecia.

— Por quê? Pensei ter deixado claro que ele era meu amigo. E eu... eu fiz amor com você, Trehan. Certamente você entendeu como me sentia sobre você. Acreditei que nós estaríamos nos casando em horas.

— Vejo isto agora, mas porra, naquela hora eu não podia! O ciúme... sempre me lembrava de nossa primeira noite juntos. Estava sempre vendo como você seria com Caspion, podia ver exatamente o que ele desfrutaria se você fosse para ele. Aquilo me enlouqueceu... — Ele parou, apertando o maxilar.

Ela tentou imaginar o que ele passou. Como se sentiria se Trehan lhe desse as boas-vindas em sua cama, mas depois descobrisse que cada toque e beijo foi destinado a outra?

O ciúme a escaldou só de pensar.

— Então, durante a luta, quando percebi que fui envenenado me lembrei que você me deu aquela taça. Concluí que você estava em associação com Caspion. — Ele apertou a testa. — Acreditei que você iria se casar com ele e que a perdi para sempre. Queria puni-lo por ganhar você. Não podia lidar com a ideia de não ter você — ele disse, acrescentando em um murmúrio — como não posso agora.

— Se eu tivesse deixado você beber de mim, teria reagido de forma diferente?

— Isto *não é de forma alguma* sua culpa. Foi culpa minha.

— Mas você teria sofrido aquela confusão e agressividade?

— Não importa minha condição, como eu pude ter suspeitado de você?

Como? Ela suspirou. *Provavelmente porque eu tinha um anel com veneno, um arsenal de veneno, uma taça fumegante como arma em minha mão, e meu melhor amigo no anel com você.*

De repente sua mão disparou. A palma agarrando sua nuca.

— Bettina, eu pensei... eu realmente pensei que estava fazendo tudo certo. Quero apenas fazer tudo certo pra você.

E com aquelas palavras carregadas, Bettina reconheceu que isto não estava mais entre eles. Sua dor de perdê-lo começou a evaporar.



Ela começou a visualizar suas circunstâncias sob uma luz completamente nova. Cas estava vivo, Bettina era uma rainha livre por seus próprios méritos, habilitada em mais de uma maneira — e este Dacian magnífico e sexy parecia como se mal estivesse se contendo de puxá-la pra debaixo dele e beijá-la até que ela decidisse mantê-lo.

E ela o manteria.

Eu o quero acima de todas as coisas. Dessa vez, Bettina de Abaddon conseguiu o que queria.

Capítulo 49

Agarrando-a, Trehan? Pegando-a pela nuca?

Engolindo uma maldição, ele a soltou, virando-se para tentar raciocinar sobre isso. Para acalmar seus pensamentos frenéticos.

Só de olhar para seu rosto fazia seu instinto *gritar* dentro dele. Muito mais o convite de sereia de seu sensual pontinho de pulsação.

— Não posso ficar louca com você por suspeitar de mim. — Ela tocou suas costas, o contato o sacudindo com antecipação. — Assim como você duvidou de mim, duvidei de Cas e Raum. — Ele a ouviu suspirar.

Ele prendeu o fôlego.

— Não sou inocente, Trehan. Eu faria as coisas de modo diferente se eu pudesse. — Por cima do ombro ela balançava uma corrente, nela estava enfiado um...

Anel de ouro masculino.

Seus olhos deslizaram se fechando enquanto ele cerrava os punhos.

— Você fez isto? — Com a voz rouca, ele disse. — Para mim? — Ele o arrancou da corrente, não podia enfiá-lo no seu dedo rápido o suficiente.

— Sim. Na manhã depois que fizemos amor.

Ele deu meia volta para enfrentá-la.



— Então você pode me perdoar. — Tudo que ele desejou — família, amiga, amante, o grande amor da sua vida — estava tão, mas tão perto. *Meu amor espera com olhos arregalados...*

— Vampiro, você estava de um modo comigo no princípio, e então você mudou. Doeu tanto, como se tivesse perdido você duas vezes. Eu jamais poderia passar por algo assim novamente.

Ele cerrou os punhos para não agarrá-la mais uma vez.

— Eu juro a você — e juro pelo Lore — que nunca mais a tratarei daquela maneira novamente. Passarei o resto da minha vida mostrando aos Abaddons o quanto adoro você, se me der outra chance.

— Então está dada, Trehan. Porque você tentou fazer tudo certo. *Trabalhou* duro e se deu tanto. Se não fosse pelas ações do escudeiro, estaríamos em nossa cama agora.

Ele franziu a testa.

— Não, Bettina, mesmo sem o veneno, eu ainda... — Ele enfiou os dedos através do seu cabelo. — Minha cabeça não está bem. — Como exatamente deveria apresentar seu dilema para ela? *Preciso afundar minhas presas em seu pescoço enquanto estou dentro de você.* — Nós, os vampiros machos... precisamos... — Ele chegou mais perto dela, suas presas alongando.

Ela tinha que notá-las, mas não se afastou.

— Nós precisamos beber. Eu não posso negar o que sou.

Ela *assentiu*?

— Eu decidi te dar o meu sangue em nossa noite de núpcias. Eu me arrependi de não confiar em você para permitir uma mordida maravilhosa. Não devia ter me negado a você antes.

Mais uma vez, ela o chocou. Mais uma vez, ele se moveu pra mais perto. Ela se esgueirou mais perto também?

Se ela pudesse aceitá-lo, então nada permaneceria em seu caminho. O que significava que seu coração estaria inteiro, sua mente aliviada. Ele usaria ambos para apreciá-la, e todos estariam bem.

— Você pode aceitar minha natureza?

Ela piscou para ele.



— Eu já *aceitei*.

— Case-se comigo, Bett! O mais rápido possível. Quero que você seja minha rainha. Quero que nós governemos juntos.

— Você realmente voltaria para Abaddon? Desistiria de Dacia novamente?

— Para ter você? *Qualquer coisa*. Mas Dacia provavelmente abrirá suas portas, então visitar não está fora de cogitação.

Até agora, seus lábios estavam a centímetros de distância.

— Nós podíamos voltar e jogar com todas as suas armas? — Ela parecia ousada e ofegante — e feliz. Espirais de ar quente rodeavam seu corpo, sua magia espelhando suas emoções.

— *Nossas* armas. — Ele tirou sua máscara. — Como você quiser minha alegre feiticeira.

— Então me leve pra casa, Trehan, pra nossa cama.

Como aquelas palavras o afetavam! Ele a riscou diretamente pra lá, deitando-a de costas na seda.

Embalando seu rosto, ele se inclinou para seus lábios, levando-os embaixo dos seus. Com todo o fervor que sentia por dentro, ele a beijou.

Só que desta vez, nenhuma força o aguardava.

Como suas línguas entrelaçadas, ele e Bettina começaram a se livrar das roupas um do outro com uma pressa louca, as mãos se esbarrando em sua pressa para tocar a pele nua.

Assim que sua Noiva ficou, ele recuou para simplesmente admirá-la. Redemoinhos de luz emanavam de sua pele macia, seus olhos tão brilhantes. Magia esquentava as palmas quando o agarrou, as pontas dos dedos chiando quando ela os varreu sobre o tórax dele.

Uma feiticeira desejosa de seu macho.

Mergulhando a cabeça, ele aninhou seus lábios ao redor de um mamilo, então o outro, enquanto a mão passeava até suas coxas, subindo...

Ela rapidamente as espalhou como se impaciente pelo toque.

Com um gemido reverente, ele colocou a mão aberta sobre seu sexo úmido, acariciando-o, demonstrando o quanto a adorava com cada



movimento persistente...

— Trehan — ela começou com uma voz ofegante —, você pode... você realmente pode *esperar* muito mais tempo por isso?

Contra o seu peito, ele disse áspero.

— Deuses, adoro suas perguntas, mulher!— De um salto ele foi pra cima dela. Quando estava posicionado em sua entrada molhada, ela pôs as palmas macias em seu rosto.

Prendendo seu olhar, ela murmurou.

— Você sabe que pode fazer *qualquer coisa* comigo, Trehan. Sou sua, só sua. Eu sempre serei.

Afinal! As palavras de um sonho...

Ela puxou o cabelo brilhante por cima do ombro, desnudando a adorável coluna de seu pescoço.

— Qualquer coisa, vampiro.

Suas presas latejavam por aquela pele.

— Se soubesse o quanto eu ansiei por isso... não quero machucar você.

— Você não vai.

— É mais do que sede, *dragã*. Estou faminto por sua *alma*. Preciso misturá-la com a minha para sempre.

— Então tome.

Eu realmente vou mordê-la? Ela o queria. O aceitou em todos os sentidos. E ele passaria a eternidade provando a ela por que era certo.

Devo tornar isto agradável.

Embora ele tremesse com ânsia, cuidadosamente introduziu seu comprimento no sexo apertado — com um lento, quente e molhado deslizar até o punho. Ele soltou um grito com o choque de prazer, saboreando seu gemido gutural.

Acomodado tão profundamente dentro dela, abaixou sua cabeça, trazendo a boca para a pele tenra onde seu pescoço e ombro se encontravam. Ele a lambeu ali, preparando-a.

Para tomar seu sangue enquanto reivindicava seu corpo. Depois de séculos de espera, a fantasia se fez carne.



— Bett? — Ele murmurou rouco contra sua pele, ainda incrédulo.

— Agora, Trehan. Agora!

Quando ele abriu mais a mandíbula, suas presas alongaram ainda mais. Ele pressionou as pontas contra a pulsação...

A mordida violou a superfície da pele — novamente, com um lento, quente e molhado deslizar. A carne doce envolveu suas presas doloridas — um aperto que o fez estremecer em cima dela. Tão apertado que nenhum sangue jorrava.

Ele tinha que sugá-la, e a sensação era...

Tão fodidamente perfeita.

Ele deu um gemido miserável quando o sangue dela tocou sua língua. Com aquele primeiro contato, Trehan perdeu a cabeça.

Ou encontrou.

Debaixo de suas presas ela se contorcia, sua garganta pálida trabalhando conforme ela gritava.

— Trehan! Ah, Deuses, sim!

Os quadris começaram a balançar entre suas coxas enquanto ele puxava sua essência pra dentro dele — uma infusão rápida e escaldante que percorria cada veia.

Com cada gota, aquelas longas semanas de tristeza declinavam, seus anos de solidão desapareceram.

Sua fêmea tinha gosto de magia, calor e mistério. Feitiçaria impregnava seu sangue, agora dançando no seu, estimulando o corpo e a mente dele. *Bettina este viatã.*

Suas pálpebras se fecharam com felicidade enquanto empurrava selvagememente. Bebia profundamente. *Melhor que a fantasia!*

Mas seus olhos abriram numa piscada quando ele sentiu seu corpo se preparando para gozar, aqueles tremores começando como carícias ao redor do seu eixo...



Quando o vampiro aliviou as presas de dentro da sua carne, Bettina tremeu com choque.

Como marcas, eles a escaudou com um prazer incandescente. Como marcas, que a mudaram irrevogavelmente.

Sua mordida acabava com ela, satisfazendo-a tão completamente que soube que desejaria isto para sempre.

Enquanto ele chupava seu sangue com grunhidos estrondosos, êxtase brotava dentro dela. Cada uma de suas chamas ampliadas. Um grito escapou dos lábios, fazendo-o rosar em sua mordida.

Seu corpo enrijeceu debaixo dele — contorcendo, balançando, espiralando — o arrebatamento prestes a alcançá-la.

— Vampiro! *Mais!*

Apesar de sua boca e mordida serem gentis, os quadris começaram a oscilar entre suas pernas, golpeando seu membro grosso dentro dela, assim como ela precisava dele.

Suas mãos cobriram os seios, massageando-os possessivamente, enviando-a mais perto da borda. Ela arqueou em suas palmas, esfregando os mamilos doloridos na pele calosa.

Fricção. Pressão. *Suas presas...*

— Trehan, estou gozando! — O clímax a envolveu. Por sua vez, ele puxou mais ainda dela, intensificando os espasmos até que eles a atravessaram como uma corrente elétrica.

Ele continuou empurrando, mergulhando na umidade de seu orgasmo enquanto este continuava sem parar.

Ela ainda estava gozando quando ele dirigiu a ereção o mais fundo que pôde. Com suas presas e eixo enterrados dentro do seu corpo, ele se juntou a ela para o clímax, começando a bombear seu sêmen em seu ventre.

Ela se glorificou naquele primeiro jato escaldante de sêmen. Entretanto, ele teve que abandonar seu pescoço, suas costas se curvando pela intensidade da liberação.

Ele mostrou suas presas quando rugiu para o teto.



— *Bettina!* — Músculos devastados, ele se debatia em cima dela... repetidas vezes enchendo-a com calor abundante. — Você foi feita... só pra mim. *A mea, eternitate!*

Outro impulso frenético... e outro...

Com um gemido ofuscado final ele desmoronou sobre ela, a boca de volta ao seu pescoço para beijar a mordida, como se agradecendo. Quando suas exalações roucas sopraram sobre a marca ela estremeceu novamente, seus lábios se curvando.

— Você pôde me sentir, Trehan?

— Ah, amor, eu pude te sentir muito bem. — ele disse se deitando de costas, com seus braços envolvidos em torno dela. — E você gostou da minha mordida. — Ele poderia soar mais orgulhoso?

— Você *sabe* que sim. Então, morder é um jogo que podemos fazer diariamente? Ou está mais como, de hora em hora?

— Adoro suas perguntas, Bett.

Ela levantou a cabeça, colocando seus cotovelos no peito dele ainda arfante e inspecionou seu vampiro. A mudança nele era imediata — e profunda.

Notou a cor tingindo as maçãs do rosto salientes, seus músculos encorporaram conforme a força vital dela se tornava sua, a nitidez em seus olhos.

Verdes como a floresta de Abaddon.

E quando ele sorriu para ela, com seu cabelo preto despenteado caindo por cima da testa e seus olhos dançando, ele a fez perder o fôlego. Aquela tensão oprimindo... *desapareceu*.

Ele retirou uma trança de sua bochecha. Soando muito parecido com um macho bem satisfeito, ele disse rouco.

— Eu te amo, *dragã mea*.

— Eu também te amo. — Ela suspirou como uma patética, sabendo que estava olhando para ele com uma expressão sonhadora. — *Malvado*.

Ele lhe lançou um olhar que dizia que não havia entendido, em seguida seu sorriso se aprofundou. Com satisfação rolando pra fora dele em ondas, ele levantou sua mão de guerreiro para visualizar seu anel.



— Quero saber se sairão pontas disso.

— Só se você tentar tirá-lo.

Uma risada ressoou em seu peito.

— Sem chance. Eu te daria um anel também, mas nunca encontraria um que se equiparasse ao que você pode criar.

— Se você usar meu anel, vou usar sua mordida.

Ele afastou o cabelo do seu pescoço.

— Já está sumindo.

— Acho que você vai ter que me dar outra. — Ela sentiu seu eixo pulsar ante suas palavras.

— Com prazer. — disse em um tom rouco. — Mas primeiro, quero dizer que eu estava falando sério, Bett. Quero me casar com você o mais rápido possível. Hoje.

— Okay! Isso conta como *dois* benefícios... — Mas a seguir sua excitação diminuiu um pouco.

— O que é?

Ela mordeu a parte inferior de seu lábio.

— Você se lembra da mulher que estava comigo no bar? Ela é minha patrocinadora, Sabine. Esteve procurando por você. — Ao ver seu olhar interrogativo, Bettina disse. — A irmã dela foi levada pelos Vrekeners, e ela está muito interessada em saber como você chegou a Skye Hall.

— Entendo. Você quer que eu a ajude a encontrar sua irmã?

— Eu... talvez? Em todo caso, sinto que deveria te avisar, quanto mais olho para minha vida, mais complicada parece. Tem certeza que quer entrar nisso?

Parecendo muito feroz, ele disse numa voz áspera.

— Tente me impedir, Bett. — Ele a puxou pra baixo contra ele, a bochecha descansando contra seu coração forte.

Ele a segurou mais apertado com um braço musculoso e possessivo, aninhando o nariz no seu cabelo.

— Estou falando sério, vampiro. — disse ela, desenhando padrões nervosos em sua pele. — Você pode lidar com toda minha família desajustada reunida, um fantasma voyer sarcástico, viver no meio de



demônios mortais, e potencialmente uma intervenção no plano do inferno por um amigo? Oh, e possivelmente partir dentro de uma hora para planejar um resgate Sorceri?

Ela sentiu Daciano sorrindo contra seu cabelo e soube o que ele estava para dizer. E ela sabia que acreditaria nele.

— Sim. — seu vampiro disse simplesmente. — Meu amor, *sim*.

FIM

E agora, uma exclusiva olhadinha rápida em

De Kresley Cole
A PRINCESA ENVENENADA
Livro 1 da série Crônicas dos Arcanos

Contos pós-apocalípticos cheios de ação eletrizante, misticismo sombrio, e um romance de tirar o fôlego...



Os personagens das cartas de Tarô são reais.

O Caçador, o Bobo, a Morte, os Amantes... e outros dezoito Maiores Arcanos de todos que existem. Estes guerreiros, fêmeas fatais, mágicos e diabos, cada um têm poderes excepcionalmente letais.



E estão vindo por mim.

Para sobreviver terei que abraçar minhas próprias habilidades aterrorizantes — e me associar com o perigosamente bonito Jack Deveaux, uma das poucas pessoas que conheço que também sobreviveu ao Flash. Mas se Jack contemplar o que realmente sou, me abandonará ao meu destino...?

Dia 235 depois do Flash
Profundamente no Mississippi

— Você precisa ir mais devagar? — Jackson gritou por cima do ruído do vento.

Balancei minha cabeça, querendo continuar. Nós deixamos minha casa quase duas semanas atrás, e estava começando a temer que nós nunca sairíamos deste estado.

Bandanas sobre nossos rostos e óculos de sol no lugar, serpenteamos através de outra cidade deserta com uma tempestade de vento chicoteando ao nosso redor — e tremores debaixo de nossos pés.

Sorte para nós, as tempestades se tornaram mais esporádicas e menores, durando apenas uma hora ou duas por dia. Uma bênção, já que permanecíamos sem carro.

Mesmo se Jackson pudesse consertar um veículo, o tanque estaria vazio.

A pé, começamos a ver sobreviventes de bochechas esqueléticas de vez em quando, espiando atrás de janelas reforçadas. Para grande aborrecimento de Jackson eu sempre acenava vagamente para eles. Mas nenhum queria nada a ver conosco.

— Fique logo atrás de mim. — disse ele, agora avançando. Sempre andava na frente, bloqueando o vento para mim, insistindo em me colocar atrás dele.



Durante a pior parte das tempestades, eu enfiava meu dedo indicador em uma das presilhas de seu cinto, o que sempre parecia divertí-lo.

Fiz isso agora, em silêncio seguindo suas costas largas ainda descendo outra rua "principal". Durante o dia, Jackson normalmente tinha a espingarda na mão, com seu arco e bolsa jogados por cima dos ombros.

Hoje, ele também levava algo muito mais excitante...

Sem aviso, minha cabeça começou a martelar. Meu nariz coçou e em seguida começou a sangrar.

O que significava outra alucinação com Matthew, o autoproclamado carta do Bobo. O que ele queria falar comigo — telepaticamente — hoje?

Minha bandana estava continuamente ensanguentada do lado de dentro, cortesia de suas aparições. Jackson poderia manter as vozes em cheque, mas Matthew sempre se mostrava.

E a cada visita, eu me tornava mais convencida que ele estava de fato me *enviando* visões. Não acreditava que já fui clarividente. Ele era o único com aquele talento.

Agora o sangue começou a gotejar para meu lábio superior. Estas visões em movimento eram as piores. Aprendi a apenas continuar caminhando, mesmo quando Jackson desaparecia e tudo que eu podia ver ao meu redor era o porão de Matthew.

— *Encontre-me, amigo.*

Apertei meus lábios fechados, disposta a não falar alto. *Eu disse a você, tenho que encontrar minha avó primeiro. Onde está você, afinal?*

— *A caminho.*

Verdade? Em que cidade está?

— *Arcana quer revelar segredos; mantenha os nossos.*

— *Não estou entendendo. Se eu ganhasse uma lata de ravióli a cada vez que dissesse a Matthew que...*

— *Você viu a bruxa vermelha?*

Infelizmente sonho com ela o tempo todo. Ela está viva hoje?



— *Ela se levanta. Está vindo por você. A Imperatriz luta com a bruxa vermelha. Aprenda suas forças e fraquezas.*

Você espera que eu a enfrente?

— *Evie, você deve estar preparada.*

Aparentemente. Deus, por que tolero você?

— *Pela mesma razão que eu tolero você.*

Que é?

— *Nós somos amigos.*

Depois que ele se foi, furtivamente lavei o sangue com a água do meu cantil. Eu tinha acabado quando a tempestade diminuiu. Quando cinzas caíram sobre a cidade, a temperatura começou a subir na rua livre da sombra. O cheiro de lixo fervia do chão.

Baixei meu capuz e tirei a bandana, inspecionando a área. Eu podia ver muito mais ao meu redor. Não era necessariamente uma coisa boa.

Claro que havia corpos. Mas era pior do que isso...

Por cima do ombro, Jackson murmurou para mim.

— *Confusão.*

Eu estava começando a entender sua compulsão para resolver enigmas. A cada poucos metros um novo mistério zombava de mim.

Um veículo com rodas de aro dezoito estava *no topo* de uma casa. À minha direita, alguém pregou meticulosamente um vestido de noiva e véu na porta da frente. Uma manga suja acenava no vento.

À minha esquerda, um homem e um menino morto estavam posicionados em um jardim, como se tivessem feito anjos de neve nas cinza até o fim.

Ao lado de uma caçamba de lixo alguém pichou: *Olho de um furacão. Ouça a si mesmo agitar...* Tanto faz.

Eu lutava para atribuir significado às coisas, ler pistas. Mas o pós-flash fazia pouco sentido. Eu tinha que saber se Jackson poderia não estar certo, que talvez todo mundo fosse ruim agora. Ou pelo menos louco.

Mais adiante havia um bandido gemendo, acorrentado pelo pescoço a uma geladeira e rastejando no lugar, suas calças apodrecendo. Quem em



sã consciência pensaria que acorrentar um bandido era uma boa ideia?

Sua pele era mais macilenta do que aqueles que eu vi no pântano, e gemia mais alto.

Jackson parou diante dele, oferecendo-me sua besta.

— Atire.

Sacudi minha cabeça.

— Anda, vai te fazer bem levar um.

— Não, Jackson. — Eu achava que o bandido precisava viver? Nem um pouco. Mas não queria ser eu a despachá-lo. E se eu... *gostasse* de matá-lo?

A bruxa apreciava matar mais do que qualquer coisa. *Sou completamente pela vida.*

Com um cenho franzido para mim Jackson atirou na têmpera, então recuperou sua seta. Ótimo. Ele estava louco novamente.

Mas ele me surpreendeu um pouco mais tarde, quando tivemos que cortar a fuselagem que se abriu de um jato gigantesco. Ele pegou minha mão, ajudando-me por cima dos escombros. Fiz uma careta para os corpos ainda presos pelos cintos de segurança, ainda curvados em uma posição de impacto.

— Inferno na terra, não é? — Ele perguntou enquanto limpávamos.

Assenti tremulamente.

— É a única maneira de descrever isto.

— Sabe, a princípio, eu queria que visse estas coisas o tempo todo, então você ficaria mais dura.

Meu sargento adestrador.

— E agora?

— Agora gostaria que você nunca precisasse ficar mais dura. Mas isso só está começando a piorar. — ele disse, prosseguindo.

Eu acreditava nisso. Ficaria ainda mais desesperada pelas nossas circunstâncias, se não fosse pelo conhecimento que cada passo nos levava mais perto da Carolina do Norte — isto e minha crescente fascinação por Jackson.



Era incompreensível para mim que eu o tivesse conhecido na escola e nunca tivesse imaginado o quanto ele poderia ser notável.

Infelizmente, minha fascinação estava deslizando em direção a paixão. Disse a mim mesma que isso nunca funcionaria entre nós — melhor não complicar as coisas.

Então por que fiquei tão absolutamente emocionada quando Jackson começou a *carregar minha bolsa*?

Ontem à noite fomos forçados a ficar em uma biblioteca — uma daquelas com grandes saídas de incêndio — mas pelo menos estava trancada. Enquanto serpenteávamos através dos destroços com sua lanterna de carro, brinquei com ele.

— Você carregou minha bolsa hoje. Isso significa que gosta de mim, Jackson? Hein? Não é isso o que um *namorado* faz?

Seus ombros se enrijeceram ao meu tom.

— Ou talvez eu te ajude, porque caso contrário você me atrasaria.

— Oh. — eu disse, a ponto de ter meus sentimentos feridos. — Então tá. — Entretanto, me perguntei se talvez Jackson me deu um fora porque achei uma brecha em sua armadura manchada.

O que significava que gostava de mim, e pensava em si mesmo como meu namorado.

O que também explicava por que ficava tão puto sempre que meu estômago roncava. Um garoto como Jackson seria protetor com qualquer garota que ele pensasse que "pertencia" a ele, e se frustrava por não poder atender as necessidades dela.

Claro, isto era tudo especulação. O mais provável, como Jackson repetidamente me dizia, era que eu apenas não entendia nada de garotos.

Afinal, por que ele *gostaria* de mim? Eu ainda era a mesma velha Evie, que ele ridicularizava e amaldiçoava. Não era exatamente o recurso crítico da equipe. Na estrada, minha habilidade consistia em se preocupar excessivamente sobre quaisquer danos que ele sofresse, engolindo todas as queixas, e ocasionalmente falando francês com ele; o que parecia relaxá-lo.



Ele me considerava inútil antes do Flash. Quando me viu pela primeira vez logo depois, me resumiu com uma única palavra: *de pouille*. A palavra cajun para *confusão quente*. Não tinha nenhuma ilusão de que mudei sua opinião sobre mim.

Ainda assim, quando achei uma cópia de *Robinson Crusoe* nas prateleiras da biblioteca, secretamente a deslizei na minha mochila para dar a ele mais tarde.

— Atrás de mim, Evie! — Jackson estalou. Ele tinha sua arma apoiada no ombro, apontando em direção a uma casa. Não perguntei, só corri pra trás dele.

Um homem de meia idade estava de pé em uma varanda com seu próprio rifle apontado de volta para nós. Três meninos pré-adolescentes estavam encolhidos atrás dele. Tudo no porte do sujeito dizia, *Continuem caminhando, estranhos*.

Foi o que fizemos. Jackson aliviando os passos, comigo caminhando para trás. E então o olhar do homem dardejou da arma de Jackson... para mim, e ali permaneceu.

Imediatamente a fúria pareceu rolar dentro de Jackson.

— Baixe essa arma, velho, ou vou deixá-lo onde está.

O homem não concordou. Confrontou-o.

Então Jackson cuspiu.

— Seus meninos serão os próximos e não desperdiçarei balas com eles.

Ao ouvir a ameaça cruel, o homem engoliu em seco e olhou longamente para mim. Eventualmente, abaixou sua arma.

Mantendo-o em sua visão, Jackson foi me escoltando pra baixo da quadra de forma desesperadora. Outra. *Limpo*.

Só então relanceou um olhar pra mim, fazendo cara feia para o meu cabelo solto.

— Comece a procurar por um chapéu... ou uma tesoura.

Cortar meu cabelo? Apesar do calor, encolhi os ombros de volta em minha jaqueta, puxando o capuz pra cima da minha cabeça.



— Ele realmente pensou em tentar roubar você. — Jackson disse puto. — Roubar você *de mim*.

Estremeci. Algo me disse que o homem não estava procurando apenas uma babá.

Ambos caminhamos em silêncio. Jackson ainda estava fervendo e eu permaneci no limite. Nós tínhamos acabado de ver o que era, provavelmente, os últimos quatro sobreviventes nesta cidade.

Todos homens.

Às vezes eu pensava que estava sendo obstinadamente tola por acreditar que minha avó ainda estava viva. Mas então eu me lembrava que sobrevivi ao Flash e também minha mãe. Talvez houvesse algo em nossos genes que nos salvou?

E vovó saberia se abrigar, fazer quaisquer preparativos que pudesse.

Em meu coração, acreditava que ela vivia. O que significava que tinha que chegar até ela. Às vezes, nos últimos dias, eu olhava fixamente para a foto que minha mãe mantinha, lutando para me lembrar mais dos ensinamentos da vovó.

Lentamente, muito lentamente, eu estava remontando aquele último dia com ela. Recordei mais detalhes sobre todas as cartas que me fez estudar, mais especialmente da Morte.

Contra um fundo escarlate, o Ceifeiro estava vestido naquela armadura preta, foice na mão, montando seu cavalo pálido. Ele levava uma bandeira preta estampada com uma rosa branca. Suas vítimas — homem, mulher, e criança — estavam todos de joelhos diante dele, com suas mãos unidas num gesto de súplica.

Apesar da imagem ser assustadora, lembrei de ter me fascinado com aquela carta mais do que todas as outras — inclusive a minha. A que deixou a vovó... *nervosa?*

Quando me perguntou se aquela carta me assustou ou me deixou realmente com raiva, sacudi minha cabeça firmemente.

— Ela me deixou triste.

Vovó não gostou nada daquela resposta.

— Por que se sente assim, Evie? Ele é um vilão!



— Seu cavalo parece doente e ele não tem amigos...

Agora lancei minha mente de volta, cavando por mais. No entanto, parecia que quanto mais eu lutava para lembrar, mais aquelas memórias fugiam do meu alcance.

Uma coisa que recordei? A voz da vovó há muito tempo atrás:

— *Às vezes você tem que deixar as coisas acontecerem, Evie.*

Suspeitei que eu estivesse colocando pressão demais em mim mesma, bloqueando todos os meus esforços. Mas não sabia como parar...

Jackson disse curto.

— Olhe lá, Evie. — Empurrou seu queixo em direção a uma moto adiante, deitada de lado, sem cinzas.

— Jackson, cuidado.

— O piloto foi pro saco. — Ele assinalou para uma fileira seca de sangue e lodo denunciadora, conduzindo da moto até uma baía escura em um posto de bombeiros.

— Eles o arrastaram até ali, dentro das sombras para se alimentar.

— Com um dar de ombros, Jackson endireitou a moto em posição vertical, engatando o suporte. — Está com a chave.

Meus olhos dardejavam por trás dos óculos escuros.

— Vamos!

— Ahã, não sem esta moto. — Ele correu uma palma ao longo da armação, tão reverentemente quanto explorava minhas pinturas. — Tem alguma ideia do que é isto?

— Eu deveria me importar?

Como se estivesse falando com uma criança, ele disse.

— É uma *Ducati*.

— E daí?

Sua expressão disse que eu tinha acabado de blasfemar ou algo assim.

— Esta é a moto para acabar com todas as motos! — Suas palavras zumbiam com entusiasmo; ele era tão adolescente neste momento, lançando-se sobre a moto. — E encontrá-la hoje? É um sinal, Evie. As coisas estão mudando para nós. — Ele pulou nela, acionando-a.



Quando o motor disparou, seus lábios se curvaram.

— Ela também está com o tanque quase cheio.

— Não podemos colocar essa gasolina em um *carro*?

— Nenhum desses aqui está pronto. — Ele vasculhou nos compartimentos de armazenamento da moto, jogando fora sem piedade as lembranças e fotos do morto para alojar sua própria bolsa e arco dentro de fácil alcance. Tinha até um coldre de couro vazio para Jackson colocar a espingarda. — Ajuste perfeito. — Virou para mim. — Está pronta?

— Nunca montei numa moto antes.

— *Perdão?* Não ouvi direito.

— É verdade. Minha mãe nunca deixou. — Franzi o cenho para o pequeno espaço no banco que foi deixado para mim. — Humm, meu capuz vai sair e não quero cortar meu cabelo.

— Faremos uma exceção para este passeio. Vamos lá. — Quando pisei em cima dela ele agarrou meu capuz, empurrando-o pra trás da minha cabeça. — Você não está assustada, está?

Em resposta levantei meu queixo e subi desajeitadamente atrás dele. Nossos corpos agora tinham, tipo, quarenta pontos de contato. Examinei suas costas, perguntando-me onde eu poria minhas mãos.

Justamente quando percebi o quanto minha calça jeans se ajustava bem se esticando sobre minhas coxas, vi a cabeça dele mergulhar, seu olhar preso na minha coxa direita, só se movendo para relancear um olhar na minha coxa esquerda.

Ele deixou escapar um som estrangulado, então pôs sua grande, bronzeada e plana mão em meu joelho. Inclusive através do jeans, sua palma estava escaldante.

— Jackson!

Ele as enrolou em punhos até que os nós dos dedos ficaram brancos. A ideia que eu o afetava de uma forma tão física fez minhas respirações ficarem superficiais.

Sem aviso, ele estendeu o braço pra trás e me puxou ainda mais para perto dele, até que estava encostada contra seu corpo, de um dos meus



joelhos até o outro e até meu peito.

Então sua mão mergulhou de volta entre nós! Antes que eu pudesse estalar um protesto, ele agarrou seu frasco do bolso de trás. Empurrando-o em sua bota ele murmurou.

— Estava ficando no caminho.

Do que?

— É aqui onde você põe seus braços ao meu redor, *cher*.

— Talvez esta não seja uma boa ideia.

— Evie. Braços. *Agora*.

Revirei meus olhos. Depois de hesitar, finalmente estendi meus braços ao seu redor...

Justo quando ele se levantou para soltar o apoio.

Minhas mãos entrelaçadas roçaram sobre ele... *ali*.

Ele prendeu a respiração, seus músculos ficaram rígidos de tensão; meu rosto incendiou quando arranquei minhas mãos pra trás.

— Se você me tocar assim novamente, Evangeline — começou num tom rouco, caindo no seu assento mais uma vez —, no espaço de uma batida do coração, terei que desligar a moto e deitá-la sobre a superfície horizontal mais próxima. E não serei exigente.

Por cima do meu ofego, ele explicou.

— Estive sob pressão por dias, *bébé*.

Ele deve ter suspeitado que eu estava prestes a cair fora da moto como se estivesse pegando fogo — suas mãos, tão ásperas e calejadas, capturaram as minhas, colocando-as bem em cima da sua cintura.

— Só assim nos entendemos. — Então ele acelerou.

Sob pressão? O que exatamente eu deveria fazer com aquele conhecimento? Sentei-me rigidamente atrás dele à medida que ganhamos velocidade na estrada solitária, atravessando a cidade e além — passando por um playground abandonado, uma igreja de tábuas com as portas escancaradas, um campo com vestígios descorados de gado.

Mas a cada quilômetro, comecei a relaxar. Notei que sempre que Jackson e eu nos tocamos, as vozes ficavam em silêncio. Não apenas mudas. *Por quê?*



Suspirei, decidindo ponderar em outro momento. Por enquanto, estava apenas apreciando o silêncio. E o ar soprando era como estar no ar condicionado novamente. Tinha um cheiro quase *limpo*. Fechei os olhos e levantei o rosto.

— Você gosta disso?

Abri meus olhos para encontrá-lo me observando por cima do ombro. Mordi meu lábio e assenti.

Ele me deu aquele empurrão sexy do seu queixo, então engatou a marcha para ir mais rápido.

Adrenalina corria! Eu amava a velocidade, a sensação da moto, o jeito que ele podia fazê-la se mover tão facilmente.

— Mais rápido!

Ele levantou as sobrancelhas por cima dos óculos escuros.

— Segure-se mais apertado.

Assim que eu tranquei meus braços ao redor dele, acelerou o motor até que a roda dianteira por um instante deixou o chão. Eu berrei, então lancei minha cabeça para trás e ri.

Quanto tempo se passou desde que ri assim?

Nas esquinas, nós nos inclinávamos juntos. Quando ele abriu em uma reta, eu me abaixei com ele.

Mas logo fiquei menos interessada no passeio — e mais no piloto.

Enquanto seu cabelo muito longo chicoteava no vento, peguei vislumbres da pele bronzeada atrás de seu pescoço. Perguntei-me como seria beijá-lo ali, esfregar meus lábios contra aquela pele lisa.

Jackson era frequentemente tão rude, tão grosseiro, mas tudo aquilo podia ser esquecido quando pensava sobre o quanto ele era quente e forte contra mim. Ou quando me lembrava como ele era corajoso e inteligente.

Minha mãe me disse que eu poderia ter alguém muito pior que Jackson Deveaux.

Naquele momento concluí que ela tinha razão.

Como seria tê-lo como meu namorado? Quando tentei imaginar isto, suspirei, pressionando o lado do rosto contra suas costas, relaxando



completamente nele. Logo a exaustão me alcançou. O estrondo constante do motor me acalmava. Minhas pálpebras ficaram pesadas.

— Durma se quiser. — Novamente cobriu minhas mãos com uma das suas. — Estou te segurando.

Adorava quando ele dizia isso para mim.

— Tem certeza?

— Estou indo encontrar um lugar pra gente dormir hoje à noite. Será como nos bons e velhos tempos.

Apesar de estar curiosa sobre o que Jackson considerava "bons e velhos tempos", o sono me pegou...

Quando despertei a lua cheia estava alta no céu e Jackson estava só agora diminuindo a velocidade.

— Nós não paramos durante a noite! — Corri meu olhar ao redor. Parecíamos estar em uma subdivisão rica. — E os saqueadores?

— Não havia nenhum. — ele disse. — A noite está tão brilhante, talvez pensem que o sol ainda está aqui fora. Quem sabe? — Ele parecia *bêbado* enquanto diminuía a velocidade da moto para uma parada. Mas não cheirava a uísque — pelo menos não mais do que o normal. — Em todo caso, a estrada estava livre.

— Estrada para onde?

Ele baixou o suporte na frente do portão de uma garagem intimidante, com *lâmpadas* a gás acesas em cada lado.

— Acho melhor parar aqui. — ele disse, coçando a cabeça com um sorriso confuso. — Ei, olhe só a segurança deste lugar Evie. As cercas nos protegerão contra os saqueadores descerebrados. — Então ele murmurou. — Só não servirão contra nós.

Quando ele desceu da moto me deixou sentindo frio e com mal estar.

— Por que estas luzes estão acesas, Jackson? Parece uma armadilha. E por que nós passamos por aqui?



— Aposto que há muita comida lá dentro. — Ele já estava calçando sua besta entre os dois portões, usando-a como alavanca para abri-los. — Olhe e aprenda, *peekôn*¹⁰. — Com um clic, a fechadura fluorescente no centro abriu o portão balançando livre.

Ele voltou a me agarrar pela cintura e me colocou de pé.

— Vamos andando levando a moto daqui. — Depois que ele a empurrou passando pela cerca, empurrou o portão de volta, fechando-o atrás de nós. Outro clic soou quando os portões trancaram.

Quando a casa — uma mansão de tijolinhos gigantesca — surgiu, ele assobiou baixinho.

— Porra, Evie, você deve se sentir em casa aqui.

Estreitei meus olhos nas luzes dos jardins.

— Essas são *elétricas*.

— Provavelmente eles têm um gerador a gás.

— Um que teria que ter sido reabastecido recentemente, certo? Este lugar deve estar habitado.

Ele nem sequer diminuiu a velocidade.

— Ou talvez tenhamos sorte. E se o dono saiu para ir atrás de suprimentos e teve problemas? Ele pode ter sido atacado por um bandido em movimento. Como o piloto desta moto.

Esfreguei meus braços.

— Tenho um mau pressentimento sobre isso.

— A última vez que você teve um *bom*, nós perdemos tudo que tínhamos, quase foi escravizada e passamos a noite em um pântano imundo. Vou tentar a sorte aqui. — disse ele. — de qualquer maneira está muito tarde para encontrar outro lugar pra ficar. Se houver alguém aqui e ele for decente, trocaremos joias. Se não for decente, nós tomaremos. Nós os chutaremos daqui. —

— Você vai roubar uma casa de seu dono?

— Esta casa? — Ele sorriu. — *J'pourrais*. — Eu poderia.

¹⁰ Peekôn é a palavra cajun para espinho.



Depois que estacionamos a moto próxima à entrada lateral, ele examinou a casa com sua besta na mão, observando cada detalhe antes de abordar as portas duplas.

— Não foi arrombada. Ainda está trancada.

Com a extremidade do seu arco ele golpeou um dos vidros laterais que flanqueavam a porta, arrebatando um painel. O barulho pareceu surpreendentemente alto.

Em vez de entrar ele permaneceu imóvel, inclinando a cabeça. Depois de longos momentos ele estendeu a mão e abriu a porta, inalando profundamente. Cheirava a ar fresco. Nenhum bandido ao redor?

Com a arma levantada Jackson finalmente entrou na casa, comigo logo atrás.

— Isto é um erro. — sussurrei tentando recordar algo que Matthew tinha repetido em todos os seus murmúrios e divagações. Estava fazendo cócegas em meu cérebro. — Por que ficar aqui é tão importante pra você?

— Porque você vai gostar daqui. Uma garota suave como você pertence a um lugar como esse.

— Eu preferia o barco de pesca.

— Vou anotar.

Luminárias acesas de baixa intensidade iluminavam o interior o suficiente para revistarmos a casa ricamente decorada. Parecia que era de produtor de filme de Hollywood. Inclusive eu estava impressionada com a riqueza.

Cada quarto era ainda mais luxuoso que o anterior.

— Isto parece uma armadilha. — eu repeti.

— Confie em mim, Evie, este lugar será uma beleza. Lembra? Eu sinto essas coisas. E só pense que, se existe poder e um bem, existirá um chuveiro quente.

Eu quase gemi com a ideia da água bem quente. Mas quando uma brisa soprou dos ventiladores de teto, eu ainda disse.

— Por que este ocupante é tão esbanjador? Eventualmente o gás acabará.



— Ei.

— Por que *ei*?

— O gás já estava correndo antes do Flash. Mas aposto que cada quarto nessa grande e velha mansão estava frio como uma geladeira durante todo o verão.

— Esta situação é mais *grave*.

— Se você pensar que pode morrer amanhã, por que não aproveitar? Parte de mim admira o dono por isto.

Às vezes quando ele dizia coisas assim, eu me lembrava de como éramos diferentes. Como éramos fundamentalmente diferentes.

— Vamos ter que concordar em discordar...

Nós procuramos em ambas as alas, de cima e de baixo, encontrando ainda mais maravilhas. Os quartos tinham armários lotados de roupas de grife e sapatos. A garagem abrigava material de camping, equipamentos de sobrevivência de alta tecnologia — e um tanque de armazenamento colossal de gás.

No entanto, nenhum carro.

Na enorme cozinha Jackson abriu uma das duas geladeiras, que estava surpreendentemente bem abastecida com geleias, condimentos e bebidas.

Ele brevemente fechou os olhos ao sentir o ar frio, então disse.

— Ei, venha aqui. — Ele me empurrou na frente dele para que eu pudesse sentir isto também, então permaneceu atrás de mim com sua mão no meu ombro. — Admita. Isto valeu a pena só para sentir a geladeira.

Apesar de ainda estar cautelosa por estar aqui, lembrei-me que Jackson era o bicho-papão enquanto tivesse aquele arco. Fechei meus olhos também, e ficamos parados ali por longos momentos.

Então o senti me alcançando.

— Jesus, pescoços compridos *gelados*. Okay, é isso aí, estou à procura de três ursos. — Ele pegou duas garrafas, torcendo suas tampas. Pressionando uma cerveja em minha mão, ele me conduziu à maior despensa que já vi. — Encontre algo para comermos, mulher.



Arqueei uma sobancelha, mas inspecionei os produtos, o suficiente para duas pessoas aguentarem meses — alimentos enlatados e encaixotados, caixas de papelão e sacos hermeticamente fechados, sucos de frutas. Depois de apressadamente encher minha mochila com barras energéticas — só no caso de termos que fugir — examinei as prateleiras para o jantar.

Um frasco de cerejas ao marrasquino encheu minha boca de água. Eu os agarrei, bem como duas latas de azeitonas pretas, uma caixa de cookies e um saco gigante de pretzel, fazendo um piquenique na bancada.

Para o prato principal, nós apreciamos cerveja e pretzels. Para sobremesa, Jackson devorou os biscoitos, enquanto eu cavei no frasco de cereja. Quando soltei uma em minha boca meus olhos reviraram de prazer.

— Você gosta de *cerises*, hein? — Ele colocou uma mais perto de mim. — Tenho *inveja* de uma cereja. — Um desejo.

Insinuações Cajun, Jackson?

— Aqui. — Eu sorri docemente, segurando uma pelo talo para ele. — Aprecie a única cereja que você vai tirar de mim.

— Soa como um desafio. — Com um brilho malicioso em seus olhos, ele a beliscou de meus dedos com seus dentes brancos.

Aturdida, tomei um gole da minha cerveja. Mas ele pressionou o dedo no fundo da garrafa, inclinando-a até que eu a terminei com um engasgo.

— Você está tentando me embriagar? — Estava funcionando. Sempre fui um peso leve, e agora uma cerveja me deixava agradavelmente tonta.

— *Sans doute*. — Sem dúvida.

Certo, definitivamente ele estava me paquerando. Porque eu era a única disponível na cidade e ele estava... sob pressão? Tinha que ser. *Ainda a mesma velha Evie aqui.*

Ele terminou sua própria cerveja, bebendo num só gole.

— Vamos ver o que há lá fora. — Ele pegou o arco em uma das mãos e minha mão livre na outra, então me levou a uma linha de enormes portas francesas.



Saímos em um imenso jardim de inverno blindado que era como o país das maravilhas, com gazebos e uma cozinha ao ar livre. A lua estava completamente cheia, iluminando a área suavemente, até que pareceu intocada pelo apocalipse.

Escoltando-me mais distante, ele declarou.

— Nós estamos em *casa*, Evie Greene...

Ele caiu em silêncio à visão de uma piscina cintilando ao luar. Uma piscina *cheia*.

Água. Uma armadilha mortal.

— Cristo. — ele murmurou, olhando de um lado para o outro. — Lua ou não, por que não está fervilhando de bandidos?

Eu puxei a sua mão.

— Jackson, precisamos ir!

— Fique aqui. — Ele foi a passos largos em direção à piscina, abaixando para mergulhar um dedo. Depois de provar a água, ele se levantou com uma expressão emocionada. — É água salgada, *bébé*.

Sal?

— Então eles seriam repelidos, certo?

Ele acenou com a cabeça.

— E a água está *morna*.

— De onde veio tudo isso?

Escorando seu arco em uma espreguiçadeira, ele disse.

— Bem privado. Exatamente como você tinha no abrigo.

Mas nós não a desperdiçamos para nadar.

— Jackson, por favor. O dono pode retornar a qualquer minuto!

— Por que alguém estaria fora esta tarde se vai voltar? — Jackson tirou suas botas. — Achado não é roubado.

— Você não vai entrar!

Em resposta ele puxou a camisa por cima da cabeça, revelando planos e rígidos músculos. Sim, captei vislumbres dele sem camisa antes — mas esta foi a primeira vez que perdi totalmente meu fôlego olhando para ele.



Seu rosto e seu peito largo ainda estavam bronzeados, seus olhos parecendo arder ao luar. Aquele terço de ônix ao redor do pescoço refletia com seus movimentos.

Ele estava se desnudando diante de meus olhos, mas eu não conseguia afastar o olhar. Mordi meu lábio inferior. A qualquer minuto eu viraria minhas costas. Qualquer minuto...

Quando ele começou a desafivelar o cinto, os músculos de seu estômago ondularam.

Meus joelhos ficaram fracos. *A qualquer minuto.*

Quando ele alcançou o zíper, ele inclinou a cabeça e encontrou o meu olhar.

Eu estava congelada, não podia fazer nada além de olhar fixamente. Ele levantou suas sobrancelhas para mim em desafio, seus dedos abaixando o zíper.

Um segundo depois finalmente encontrei a presença de espírito para dar as costas, ouvi a fivela do cinto fazendo ping no chão de azulejo, o farfalhar de suas calças caindo. Com os olhos arregalados, eu estalei.

— Isto é tolice, Jackson...

No espaço de uma batida do coração, ele roubou a mochila das minhas costas, enrolando um braço ao redor da minha cintura — e nos arrastou a ambos para dentro da piscina.

Eu saí à superfície cuspiendo, empurrando água para fora do meu rosto.

— Você enlouqueceu? Ugh! Não vou nadar nua com você.

Em um tom escandalizado, Jackson disse.

— *Nadar nua?* Evangeline e sua mente suja. — Ele olhou para baixo. Eu podia ver que ele vestia uma cueca boxer escura.

— Oh. — Eu soei desapontada? — Mesmo assim, não me sinto bem com isso. Nós devíamos estar — como é que você chama isto? — prestando atenção na retaguarda.

— Então você me escuta de vez em quando? Quem imaginaria... Olha, não deixarei nada acontecer com você. Ouvirei alguém entrando bem a tempo.



Quando não fiquei convencida, ele disse.

— Falei para você, ninguém pode cair em cima de mim. Confia em mim?

Eu não tinha muita escolha.

— Você não podia ter me deixado tirar as botas? — Eu as tirei e também as minhas meias, lançando-as próximas ao seu arco.

— Você está certa. Eu deveria ter deixado você tirar sua roupa. — Então ele espirrou água no meu rosto.

Eu engasguei novamente, mas ele estava sorrindo. Não um sorrisinho — um sorriso *de verdade*. Enquanto olhava para seus lábios, achei os meus se curvando em resposta.

Apontei atrás dele.

— Oh, olhe! — Então espirrei água na parte de trás de sua cabeça.

Ele me encarou com seus olhos arregalados.

— Agora você conseguiu! Mexeu com o touro... — Ele me perseguiu em torno da parte rasa até que eu estava morrendo de rir.

Parecia incrível agir como garotos normais novamente. Paquerar e brincar.

As vozes estavam abençoadamente quietas.

Logo antes dele me capturar eu mergulhei, nadando ao redor dele e puxando seus tornozelos. Ele não podia ter sabido daquilo em outra vida, eu fui um terror na piscina.

Ele agiu como se eu tivesse tropeçado nele, afundando como uma pedra. Assim que ele veio à tona pareceu surpreso — e encantado — que eu estava brincando com ele.

Eu nunca tinha visto esse lado brincalhão e sorridente de Jackson antes, nunca o vi sem sua inquietude habitual. Reconheci então que eu nunca o testemunhei feliz até agora.

E, caramba, era bom de olhar.

— Você está sorrindo.

— Devo estar. — Seu cabelo molhado chicoteava sobre as bochechas.

— O melhor dia que eu tive em um longo, longo tempo. — Ele começou a



me levar para a borda da piscina e eu deixei. Riachos de água deslizavam seu peito abaixo e seu tronco duro como uma pedra.

Quero seguir aqueles fluxos com meus lábios... okay, então talvez Jackson não seja o único sob pressão.

— Humm, melhor dia? — Quando minhas costas encontraram a pedra, ele continuou chegando mais perto até que eu pude sentir o calor vindo de seu corpo. Tive que inclinar minha cabeça para encontrar seu olhar.

Seu sorriso se tornou presunçoso enquanto dizia.

— Você conseguiu uma moto nova para mim, uma joia de menina que é doce comigo e uma mansão para vivermos.

Então percebi que eu tinha um problema muito real — adicionar isso à minha lista. Jackson Deveaux era assim quase irresistível.

— Doce com você? Por favor.

— Eu posso dizer.

— Como?

— Você cheira como madressilvas quando está gostando do velho Jack.

Oh meu Deus. Justamente como eu teria dito, eu *cheirava* a flores. Não era de se espantar que todos continuassem me elogiando.

— Quando você está irritada — ele adicionou —, você cheira a rosas. Animada? Azeite de oliva doce. Ainda estou tentando descobrir o resto.

Até mesmo quando continuava a me aturdir com sua perspicácia, eu murmurei.

— I-isso é ridículo. — Como eu esconderia meus segredos até a Carolina do Norte?

— É mesmo? — Ele avançou ainda mais perto.

— Em todo caso, não é como se *você* fosse doce comigo.

— *C'est vrai.* — Isto é verdade. — Mas sei que há muito pouco pra escolher lá fora.

Eu o encarei incapaz de dizer se ele estava brincando.

— Derreta meu coração Cajun.

Ele avançou, apertando a borda da piscina em ambos os lados meus, aprisionando-me.



— O que está fazendo?

— Preparando-me para beijá-la pela primeira vez.

O coração parou. *Forme palavras, Evie.*

— V-você me disse algo assim na minha festa, mas as coisas não saíram muito bem naquela noite.

— Pra mim também não. Deus, eu queria prová-la. — Seu olhar cinza ardente estava trancado nos meus lábios.

Eu os molhei então, da mesma maneira que fiz daquela vez.

— Sabe quantas noites pensei que estava quase te beijando? Lembro-me de cada detalhe sobre você. Eu não podia dizer se seus olhos eram azuis ou verdes. Seus lábios estavam tão vermelhos, era sexy, mas eu não podia decidir se gostava disso. Porque não era você, não de verdade.

Esse quase-beijo não foi apenas um truque! Ele sentiu a mesma excitação e atração que eu senti.

— Evangeline, você é como... como um *peekôn dans ma patte*.

Um espinho em minha pata. Que apropriado. *Acho que é minha natureza, Jackson.*

— E não posso mudar isto. — Seus olhos estavam completamente hipnotizantes.

Pela primeira vez em meses eu queria desenhar — só para capturar aquele olhar para sempre.

— Vamos tirar isto, *cher*. — Quando ele agarrou a bainha do meu casaco com capuz encharcado, eu me vi levantando os braços para que ele pudesse puxá-lo, deixando-me com minha camiseta branca.

Que agora estava transparente. Eu poderia muito bem não estar vestindo nada.

Quando seu olhar mergulhou, suas pálpebras ficaram pesadas e seu pomo de adão ia pra cima e pra baixo. Com uma voz rouca, ele disse.

— Perdoe-me.

Ele nunca me olhou deste jeito, nunca estive totalmente certa que um garoto estava olhando para o meu corpo — enquanto imaginava quanto ele queria tocá-lo. Meu rosto e peito coraram de vergonha.



Justamente quando eu estava prestes a mergulhar de cabeça, ele disse.

— *Non*, deixe-me olhar. — Seu sotaque estava ficando mais espesso.
— Esperei *muito* tempo para ver você assim.

— Mas nós só estamos juntos há algumas semanas.

Ele roçou as costas dos dedos na minha face, como se meu rosto fosse feito de porcelana delicada.

— Uh-huh. — ele murmurou enquanto se inclinava para pressionar gentilmente seus lábios nos meus. Os seus eram tão firmes e quentes. Eu só podia sentir um leve gosto de uísque.

Ele era perfeito... o beijo, *certo*.

Separou seus lábios, persuadindo-me a fazer o mesmo. Assim que fiz, sua língua vagorosamente acariciou a minha... e de novo. Movimentos malvados e relaxados.

A energia me encheu, o prazer radiante. Isto era viciante — não havia palavras para descrever.

Nossas línguas se enredaram cada vez mais, até que não pude deter um gemido. Eu queria mais dele. Queria que isto nunca acabasse. Eu *precisava* de mais.

Estava perdendo o controle; por que ele não? Seu beijo era sensual, mas deliberado, como se tivesse todo o tempo do mundo.

Como se ele tivesse algo a provar?

Só quando aquele pensamento surgiu em meu cérebro nebuloso, ele recuou com um sorriso convencido.

— Aí. Agora, era sobre isso que eu estava falando. — Ele esfregou o polegar em cima da parte inferior do meu lábio. — Você não está rindo agora, você está...

— *Mais*. — Eu estendi minha mão pra cima, enfiando meus dedos por entre seu cabelo escuro, segurando, arrastando-o de volta para mim.

Ele disse com voz rouca.

— Evie? — Pouco antes de nossos lábios se encontrarem novamente, nossas línguas...



Corri minhas mãos abaixo por suas costas, sobre seus músculos flexionando. Não conseguia parar de tocá-lo, não podia impedir meu corpo de se mover contra o seu. A cada varredura de minhas palmas, ele aprofundava o beijo. Então fiz isso novamente. E mais uma vez.

Logo eu estava ofegando e ele estava gemendo. Suas mãos abertas em minha cintura, descendo para meus quadris que se contorciam. Ele os apertou, então alcançou minha bunda, agarrando-me com dedos abertos, torcendo meu corpo ainda mais perto do dele. Ele estava estremecendo contra mim?

Nada mais de controle para nenhum de nós.

Eu adorava seus gemidos abandonados, adorava que pudesse *senti-los* porque estávamos tão próximos. Exatamente como ele prometeu, estávamos respirando um ao outro — e mesmo assim eu não podia ter o suficiente.

Para mim, isto era um divisor de águas, uma linha na areia. Uma vida antes de nosso beijo; uma vida depois.

Ele embrulhou seus braços fortes ao meu redor, arrastando-me, esmagando-me em seu peito sólido. Mal percebi que meus pés não estavam mais tocando o fundo da piscina.

Ele se interrompeu para beijar meu pescoço, dizendo contra minha pele.

— *Tu me fais tourner la tête! Ton parfum sucré, tes segredos.*— Você me deixa louco! Seu aroma doce, seus segredos. Lambidas quentes se seguiram. — Ah, Evie, você tem um gosto tão bom quanto seu cheiro.

Suspirei.

— Jackson...

Ele se afastou, deixando-me deslizar pra baixo até ficar de pé sozinha. Sua voz estava crua enquanto dizia.

— Se você quiser que eu te beije novamente, me chame de Jack.

Eu não conseguia pensar. Fiz algum som de acordo.

— *Diga.*

Minha cabeça inclinou para trás e eu sussurrei.

— Jack.



Ele segurou meu rosto entre suas palmas calejadas, de forma que olhei diretamente em seus olhos. Havia algo de *possessivo* em sua expressão, algo masculino e... mais velho, que eu não fazia absolutamente nenhuma ideia de como decifrar — tudo que eu sabia era que o olhar atento em seu rosto fazia meu coração disparar.

— Você disse que queria mais?

De seu beijo?

— Deus, sim.

Ele exalou um fôlego reprimido.

— *Bien.* — Então me ergueu novamente, embalando-me em seus braços. Enquanto subia os degraus da piscina, esfregava os lábios pelo meu pescoço, mantendo-me em uma névoa de felicidade. Na minha orelha, ele disse rouco.

— *T'chauffes mon sang comme personne d'autre.* — Você aquece meu sangue como nenhuma outra.

Eu tremia de prazer, apenas vagamente me perguntando onde ele estava me levando. E talvez por que ele se abaixou para recolher seu jeans, junto com seu sempre presente arco.

Minhas costas encontraram almofadas. Gazebo? Poltrona reclinável para dois?

Ah, mais beijos! Ele lambeu o lóbulo da minha orelha me fazendo clamar, minhas costas arqueando. Esse era *meu* zíper?

Me senti leve por um momento, então ar frio refrescou minhas pernas úmidas, subindo até minha calcinha.

Ele silvou respirando fundo.

— *Ma belle fille.* — Minha menina bonita. Ele me seguiu abaixo, deitando metade em mim, metade na cadeira.

Quando mexeu em algo no bolso da sua calça jeans, eu murmurei.

— Jack?

Ele se levantou sobre mim com um braço esticado, piscando pra mim com aquele sorriso lupino, tão sexy que me roubou os pensamentos.

— Estou indo cuidar de você, *bébé.* — Ele tirou um preservativo do invólucro, segurando-o entre seus dentes brancos enquanto esfregava



uma palma quente por cima do meu torso, enrolando minha camiseta pra cima.

Ele parecia travesso e malvado e oh querido Deus, ele tinha um preservativo?

Para *mim*?

Legenda comentário Fidalga:

A= /	D= *	P= \$	V=]
E= //	F= +	Q= %	
I= ///	G= &	R= #	
O= \\	M= (	S=@	
U= \\	N=)	T= }	